

MOSAICO POETICO.

MOSAICO POETICO.

POESIAS BRASILEIRAS

ANTIGAS E MODERNAS, RARAS E INEDITAS,

acompanhadas de notas, noticias biographicas e criticas, e
de uma introduccão sobre a litteratura nacional,

PUBLICADO

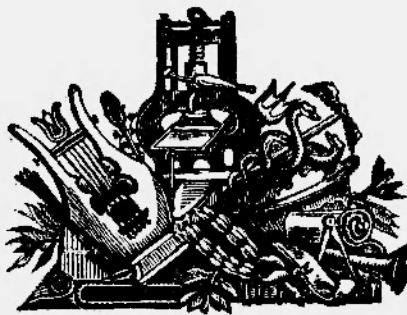
SOB OS AUSPICIOS DE UMA ASSOCIAÇÃO,

POR

Emilio Adet

E

Joaquim Norberto de Souza Silva.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE BERTHE E HARING, RUA DO OUVIDOR N. 123.—1844.



41.254
33

Nascida sob a influencia estrangeira, ou surgida de entre as crenças, usanças e costumes, tem todas as nações sua litteratura primitiva: as que porém se desenvolvem lentamente no seio das commoções de todos os povos, cheias de espirito cavalleiroso, de fé, de enthusiasmo e de amor, são sem duvida alguma muito mais ricas do que essas que avultam e se engrandecem no meio de uma civilisação prospera e crescente, como acontece com a do Brasil. É todavia para notar que não obstante possui o Brasil uma litteratura primitiva que prospera de dia em dia, inspirada o mais das vezes na luta do espirito nacional contra a metropole, ou sob a influencia do espirito de conquista e da civilisação, e igualmente desabrocha cheia de frescura e de alento, como uma flor agreste de suas matas em torno ao pomposo alardear dessa natureza dos tropicos, e sob o grandioso esplendor do azular do ceo.

Foi sempre em as mais adiantadas epochas que os povos reconheceram a necessidade que tinham de se embeber nos conhecimentos dos primeiros passos de sua infancia. Esta epocha, que não tardará, pois que o crepusculo desse dia começa de vislumbrar de entre as sombras de tão longa noite, graças aos ensaios e esforços estreados, não despontou ainda de todo para o Brasil; como porém não nos serão agradecidas as gerações do futuro, por não deixarmos se dispersarem e se perderem no volver do tempo, como em epochas em que não possuíamos a sublime arte de Guttenberg, tantas e tantas produções que, disseminadas e desamparadas á pocira dos annos, ali jazem como que condemnadas ao olvido, por parecerem não ter mais que uma limitada importancia, e que no entanto, reunidas que sejam, formarão o corpo de toda uma litteratura.

Hão todos os modernos povos reconhecido a necessidade de remontar á sua origem, aos primeiros dias de sua infancia, essa expressão primitiva de suas paixões e de seu sentir, para melhor explicarem o presente; é o systema de Vico e de Herder, é a philosophia da historia, pois que o pensamento humano é uma como cadêa infinita, cujo primeiro elo deriva de Deos, e cujo derradeiro remonta á sua origem, como symbolo da eternidade; cadêa que encerra em toda a sua extensão as phases da humanidade.

Colligio a Allemanha os mythos preciosos dos cantos dos Nibelungen, do Jivro dos herões (*Heldenbuch*), e os esparsos dos *minnesænger*, seus cantores de amor, nos quaes se resume toda a sua poesia cavalleirosa da idade media; possui a Hespanha de ha muito o seu *Romancero*, em que ressumbra a heroica altivez de seu character; recupera Portugal sua indole nacional que assoma nessas paginas do *Cancioneiro* e do *Romancero*, que recentemente viram a luz publica; conserva e procura a França, sem afan, os poemas de seus *trouvères*, esses cantos de amor da alma inspirado pelo christianismo; colleccionaram os povos do norte, especialmente a Inglaterra e a Dinamarca, as poesias de seus bardos, cujo brilhantismo, cuja louçania, cuja frescura são como raios do sol que adormecem sobre a neve, e que scintillam nas faces lapidadas e diaphanas dos montes gelados.

Pertence agora ao Brasil o ajuntar e colligir todas estas poesias, ora brilhantes, ora suaves, ora satyricas, ora donosas, ressumbrando de amor, que ahi passaram, que ahi passam desconhecidas e inapercebidas, e que por fim acabam por cahir no remoinhar do tempo, em cujo vortice desaparecem, como o ouro entre as mãos desses filhos de Tamandaré, esses mimosos de Tupá, que não conheciam o valor das riquezas que desdenhavam de possuir. E pois essa tarefa emprehendemo-la nós publicando o *Mosaico Poetico*, afim de que possuia tambem o quinto imperio o seu archivo onde consigne parte de sua gloria, litteraria, na qual mais se patentêa a nacionalidade de sua litteratura, pois que sempre nos trabalhos do pensamento esparsos, primitivos, espontaneos dos povos é que hemos de encontral-a. Conterá por conseguinte esta publicação as producções ineditas ou raras, as mais completas possiveis, dos poetas dos passados seculos, como tambem algumas vezes muitas das poesias modernas que perecer não devem para o edificio intellectual. Tencionavamos a principio fazer uma publicação com o titulo de *Bibliotheca Brasileira*; não lhe podiamos porém dar a mesma variedade que ao *Mosaico Poetico*, que não traz seguidas todas as producções dos autores, posto que sempre completas havendo no fim do livro um indice para classifical-as.

Uma introdução historica, rapida e concisa sobre a litteratura brasileira

precede as poesias, cujos autores e autoras montam ja a mais de cento e cincoenta; notas succinctas, e encerrando ás vezes alguma erudição, acompanharao essas producções; assim como se achará tambem breves noticias biographicas e criticas que darão a conhecer a vida desses Brasileiros illustres e suas obras.

Não será por ventura aos contemporaneos, que de passo aproveitamos para aqui o dizer, que iremos mendigar a recompensa de nosso trabalho; nem tão pouco se nos dá que mesmo em má conta nol-o levem, não comprehendendo em toda a sua extensão, pois que apenas lhe pedimos o apoio, porque tão somente as gerações futuras nol-o saberão agradecer, ja quando o Brasil houver decorrido parte do periodo litterario que hão todas as nações de percorrer para tocar o apogeo, ja quando enfim tiver raiado para elle uma dessas epochas que tudo sabe comprehender, sem nada excluir, e que merece o ser chamada — o grande seculo!

15 de maio de 1844.

E. A. e J. N. de S. S.

INTRODUÇÃO.

A história da litteratura é a história da humanidade. Sabida da mesma origem, nascente immensa e fecunda que produz torrentes, rios e regatos que dividem-se, subdividem-se, modificam-se, alteram-se, tomam a cor do ceo por onde passam, e depois se unem ao infinito para de novo dividirem-se, a litteratura, como a humanidade, é um circulo immenso que sempre engrandece-se, e cujo eixo unico, o ponto de intersecção, é Deos.

Perdem-se todas as origens humanas na treva do passado; nada vêem os homens senão atravez do veo espesso que estende a immensidade ante seus olhos; mas no que é lhes dado distinguir descobrem elles que todas as nações pesam sobre outras, que nenhuma epocha existe sem levar o cunho das antecedentes; pois tudo o que existe é o producto, a creação da creação anterior; e tudo o que é tomou a existencia do que foi.

Assim como o sanscrito é a fonte d'onde manam todas as linguas falladas pela creatura humana, da mesma maneira a mais alta antiguidade onde penetra a intelligencia é sobre os povos do Indastão, do Egypto, da Persia e da Judéa: o *Ramayana*, o *Mah.bharata*, a *Biblia*, eis-ahi as antigas epopéas colhidas no meio das tradições primitivas que desapparecem na luz da eterna divindade.

A India faz com que a sua influencia pese sobre a Grecia, a Grecia sobre Roma, Roma sobre as litteraturas da idade media; depois então as litteraturas modernas nascidas sob o influxo de todas as outras.

As litteraturas da idade media, a principio christans, creadas sob a influencia do Oriente, do amor divino revelado pela Biblia, perdem em breve este caracter, não de todo filho da epocha, porém sim da mais alta antiguidade,

parecendo a primeira revelação de Deos, e que as nações da Europa, principalmente a França e Allemanha, renovaram, e denominam renascimento. Sim, a litteratura que se poderia chamar oriental, e que renovára o christianismo, com um enthusiamo mais puro e mais santo, com uma idéa mais sublime e infinita, foi em breve abafada pela litteratura grega e latina. A Italia, a Hespanha e Portugal recebem sobretudo o influxo de Virgilio e de Horacio, os representantes de toda a poesia de Roma; a França, a Allemanha, a Inglaterra a de Homero, seio immenso que encerra o drama, isto é Eschyle, Sophocle, Euripides e Aristophane; que encerra a poesia lyrica, isto é Sapho, Anacreonte, Pindaro.

O Brasil por seu turno, colonia immensa de Portugal, debaixo de seu dominio, recebe a lingua, os costumes, os conhecimentos, e em fim a litteratura dos conquistadores portuguezes, que pouco e pouco se modifica, a principio pela differença do clima, depois pelos eventos politicos, pela alteração do caracter, pela influencia das litteraturas de todas as outras nações, trazidas pela liberdade do commercio e principalmente dos livros.

Essas tribus errantes que, ou dobraram o cerviz ao jugo da civilisação dos conquistadores, ou subtrahirem-se embrenhando-se pelas florestas em busca das solidões das feras; esses Tupinambás valentes e esforçados, esses Tomayos fortes e robustos, esses Caethés indomados e valerosos, esses Tupininquins pacíficos e hospitaleiros que habitavam o Brasil, cujo Deos era Tupá, essa excellencia, essa potencia espantosa, que lhes fallava pelo *tupaquununga*, que era o trovão; que se lhes revelava pelo *tupaberaba*, que era o relampago; cujo templo eram as magestosas florestas, e que pareciam

descender de uma só nação, como parece indicar a lingua tupica, dispersa em seus varios dialectos; elevavam-se acima dos povos americanos pela sua imaginação ardente e poetica: as encantadoras scenas, que em quadros portentosos offerece a natureza em todos os sitios, os inspirava, e de povos rudes e barbaros faziam-nos povos poetas. No seu estudo pois se encerram verdadeiramente as primeiras epochas de nossa historia litteraria, e que fôra curiosa indagar nesses monumentos que dizem existir nas velhas bibliothecas de alguns mosteiros, recolhidos pelos jesuitas, e trazel-os á luz do dia, que muito serviriam á philologia, pois nem os trabalhos especiaes de Vater e alguns missionarios jesuitas, nem o que se pôde colher do *Mithridates* de Adelung, das obras de Humbóldt, de Ayres de Casal, de Simão de Vasconcellos, do principe de Neuwied e do coronel Eschwege, pôde dar profundo conhecimento da lingua e dialectos brasilicos.

Tornado porém o paiz de outros possuidores, nova litteratura deveria nascer da nova lingua por elles imposta, apesar dos estudos que fizeram da tupica para melhor comprehenderem as nações indianas a que se alliaram, e apresentar deveria uma tal ou qual nacionalidade, inspirada pelas scenas encantadoras e assombrosas de uma natureza virgem e nova aos olhos dos conquistadores, porém o seculo decimo sexto se passara em porfiadas lutas, em conquista do paiz, em fundações de villas que prosperaram rapidamente, e na catechese e civilisação da mor parte das tribus, que de bom grado se sujeitaram á influencia do christianismo, cujo prestigio em si mesmo magestoso e mysterioso, cujo espirito de verdade, a infinita misericordia que delle ressumbra, os enlevava; aos jesuitas sobretudo se devem estas conquistas de paz e conciliação, onde a palavra do evangelho e da convicção substituia ao estampido do canhão dos conquistadores.

Com o decimo sexto seculo appareceram alguns genios, porém estreou dominada pela escola de Gongora e Marini, cuja influencia lavrara no meio dia da Europa. Bento Teixeira Pinto, o primeiro de nossos litteratos, segundo a ordem chronologica, é autor do *Dialogo das Grandezas do Brasil*, manuscripto nunca publicado; do poema *Prosopopéa*, dirigido a Jorge

de Albuquerque, e da *Relação do Naufragio* no qual tomou parte. De todas as suas obras apenas podemos ver esta ultima, e o unico merito que lhe damos é o ser ella producção do mais antigo litterato do Brasil. Gregorio de Mattos e seus irmãos dão-se ao cultivo da satyra, ridicularisam os costumes e usos da epocha, fazendo o povo rir-se a custa de si mesmo, quaes outros Juvenaes e Persios. Manoel Botelho de Oliveira e Bernardo Vieira Rivasco gozaram de muita popularidade na Bahia, e foram os predilectos do marinismo e gongorismo. O primeiro é o autor da *Musica do Parnaso*, onde ha muito a aproveitar; o segundo de varias poesias publicadas na *Phoenix renascida*. João Mendes da Silva, autor do *Christados*, poema em honra de Jesus Christo; de *Hero e Leandro*, adquire reputação de excellente poeta.

Do começo do decimo oitavo seculo até o meiado, o gongorismo e marinismo fazem ainda sentir seus effeitos, e as letras começam de renascer, e pouco e pouco se vai reconhecendo o erro do passado seculo. Apparecem alguns poetas, eximios oradores honram o pulpito, ve o Brasil a sua historia narrada por filhos de suas matas, e funda-se na Bahia a *Academia brasilica dos esquecidos*, sob os auspicios do vice-rei D. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, entusiasta das bellas letras. A essa academia pertencem distinctos Brasileiros, de entre os quaes gozam de credito de poetas João Brito de Lima, que de nossos autores é o que maior numero de obras apresenta, mas que nem todas se publicaram, nem seus assumptos foram bem escolhidos, e Gonçalo Soares da França, que entre todos os nossos poetas mais digno assumpto escolheira para a composição de sua epopea *Brasilia*, poema do descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral, do qual le o primeiro canto n'uma das sessões da academia, e muitos applausos obtem. Canello de Noronha, Rodrigues de Lacerda, Borges de Barros, instruido nas linguas latina, hespanhola e italiana, e José de Oliveira Serpa publicam varias poesias ligeiras, mysticas e profanas. Alexandre de Gusmão, que assaz isolou-se de todos esses autores, ja pelo seu talento, ja pelos seus conhecimentos, ja pelos seus escriptos, ja pela sua posição como minis-

tro do rei D. João V, e Antonio José, genio nãmiamente comico, adquirem grande reputação de eximios poetas. Baixa Alexandre de Gusmão ao tumule ralado de pezares, que com o terremoto de Lisboa não so perdeu sua mediocre fortuna, como consorte e filhinhos, e tambem seus manuscritos, que foram devorados pelas chammas. Feceto como Molière, appellidado o Plauto da lingua portugueza, é Antonio José arrastado ás fogueiras da inquisição, onde perece horriavelmente. Suas numerosas operas abundam em scenas comicas, o estylo é corrente e o dialogo mui bem sustentado, maneja o, variado e repleto de ditos picantes.

Do meiado ao fim do decimo oitavo seculo tudo progrede. O Brasil ja mais avançado na carreira da civilisação vê sahir de seu seio litteratos de nomeada. Claudio Manoel da Costa compõe muitos e mui bellos sonetos, elegantissimas cançonetas e a *Fundação de Villa Rica*, poema frio e algum tanto insipido, e em geral escripto em versos frouxos e prosaicos, e, ainda mal, rimados dous e dous. Gonzaga eternisa sua paixão ardente, mas candida, em bellas poesias. Basilio da Gama immortalisa-se com o seu *Uruguay*, a melhor de suas produções; o estylo é correcto, a dicção adequada, e os versos ora simples, ora sublimes e sempre apropriados ao objecto de que tratam. *O Quitubia*, *os Campos Elyseos*, *a Declamação tragica* são poemas que so tem por defeito a pouca extensão que deu-lhes. Alguns de seus sonetos são notaveis pela energia do estylo e pompa da versificação, algumas de suas odes são dignas de apreço. Antonio Caetano, seu irmão, igua'mente poeta de grande merito, deixa-nos entre estimaveis odes uma sobre a inauguração da estatua equestre de D. José I, assaz elegante. Alvarenga Peixoto compõe bellos sonetos, traduz a *Merope* de Maffei, e faz representar o drama em verso *Entas no Lacio*. Cordovil rima a *Poetica* de Horacio, e produz muitas poesias. Vidal de Barbosa cultiva com feliz successo a poesia lyrica, e não equivoccos testemunhos nos restam de tal nas suas odes. Silva Alvarenga prima na poesia erotica, rivalisa com Gonzaga, mas não o excede com sua *Glaura*, collecção de poesias eroticas. A fóra essas premicias de seus engenhos, possuímos bonitas odes, canções horacianas e um poema heroi-

comico, o *Desertor*, adornado de bonitos episodios. Seixas Brandão Silva da Costa assignala-se na carreira litteraria com composições insignes. Silva Mascarenhas, fecundo orador, eximio poeta, morre depois de tres annos de alienação, e d'ahi a perda de suas composições e traducções poeticas. Santa Rita Durão eleva á sua memoria monumento duravel, canta as romanesecas aventuras do celebre Caramura, possuido como Camões do mais santo amor da patria. A par de pessimas oitavas sobresaem harmonicos versos, oitavas escriptas com delicadeza excessiva, e muitos episodios que assaz o realçam.

No começo do seculo presente grandes poetas apparecem, mas ainda embebiados nas idéas do paganismo, e comtudo ja Caldas e S. Carlos reconhecem a necessidade da reforma da poesia brasileira; abalam-se a outra fonte mais pura e menos profanada a beber inspirações; e nos cantos de Tenreiro Aranha, de Mello Franco, de Fonseca e outros vislumbam a espacos os clarões que scintilla atravez da treva da tyrannia o facho da independencia da nação. S. Carlos arroja-se á poesia epica; vate prodigioso dos mysterios de sua religião, bebe inspirações na Biblia, onde colhe as flores com que paramenta sua grande epopéa, a *Assumpção da Virgem*, que recorda o inspirado de Pathmos, o Paraíso de Bante, o cantar cheio de amor divinal de Klopstock e do moderno Alexandre Seumet. Caldas, todo penetrado de Deos, todo inspirado por sua religião, eleva-se á esphera de nosso primeiro lyrico. Suas odes, suas cantatas sacras são cheias de sublimidade, e respiram um odor celeste que enleva. A cantata *Pygmalião*, e a ode o *homem selvagem* são composições de grande valia e primor. E este genio irmão de Lamartine, como elle vê Deos atravez de um prismo puro, santo e sublime. O conego Pereira da Silva compõe e tra-luz numerosas poesias satyricas e heroi-comicas, e neste genero temos o seu poema a *Estolaida*. Tenreiro Aranha é poeta em que vislumbam os raios da independencia nacional. Mello Franco compõe as suas melancolicas *Noites sem somno*, e escreve o bello poema heroi-comico o *Reino da Estupidez*. De Fonseca sobresahe o poemeto a *Victima da amizade*, que revela o seu talento.

Com a proclamação da independência, vasto campo se abre à pátria litteratura. Com a luz que derrama o pharol da liberdade lá se esvaecem as trevas da torva ignorancia; diffundem-se por todos os angulos do nascente imperio as sciencias, as artes e as letras, e em tempo de entusiasmo a poesia se eleva para cantar a independência da nação. Grandes e de nome são os poetas que florescem em annos de tanta gloria. José Bonifacio de Andrada e Silva é um dos que mais se assignalam; mas admira que não nos deixa cousa de maior valia que esses fragmentos de poesias, e essas tão bellas composições escriptas por ventura no estylo de Francisco Manoel, e cuja melancolia tem alguma cousa deste philosophismo mysterioso que caracteriza os Allemães, e que penetra tanto em Burger, Uhland e Kerner. José da Natividade Saldanha, que emparelha com Pindaro na hardidez, com Diniz na magestade e pompa da versificação, deixa-nos bellas odes, sonetos, dithyrambos e cantatas que encerram grande copia de bellezas poeticas. Alvarenga dá-se à poesia erotica, e deixa-nos mui bonitas cousas que correm impressas e traduzidas em francez e inglez. Em igual genero de poesia se distingue D. Maria Josepha Pereira Pinto Barreto. Luiz Paulino é poeta elegante e de algum merecimento; o soneto composto na hora da morte é rico de poesia e cheio de unção religiosa, recorda a ode de Gilbert, sublime, balbuciada tambem a alma prestes a exalar-se para o ceo. M. F. Araujo Guimarães, A. da Silva e Souza, que traduz a *Jerusalem libertada*, J. de Almeida Coelho, Bernardino Ribeiro e sobretudo Evaristo Ferreira da Veiga, são poetas de merecimento; assim como tambem os Srs. Borges de Barros, J. da Cunha Barbosa, autor do poema *Niethe-roy*; J. G. F. dos Santos Reis, Luiz dos Santos Titara, autor de *Paraguassú*; Eloi Ottoni, o de *Job*; J. G. Ledo, Castello Branco, Carvalho e Silva, Silva Pontes, Araujo Viana, Antonio Carlos, Montezuma, Alves Branco, Santos Barreto, D. Delphina, D. Beatriz, F. Moniz Barreto, Theodomiro dos Santos, Amaral, Araujo, Candido de Lima, e emfim o Sr. D. J. G. de Magalhães.

Ja madame de Stael e Chateaubriand ha-

viam creado a nova escola do christianismo: Lamartine se immortalisava com suas melancolicas e mysticas meditações; Victor Hugo com sua poesia cheia de orientalismo; e a moderna Allemanha trilhava os passos dos Schillers e Goethes; na Inglaterra Byron, na Hespanha Martinez de la Rosa, em Portugal Garrett e Feliciano de Castilho, na Italia Monti haviam dado o signal para a reforma, e forçoso era ao genio brasileiro erguer o estandarte da reforma, e pois nova epocha começa com o autor dos *Suspiros poeticos*, Antonio José, *O'giato* e *Confederação dos Tamoyos*, poemas de um bello colorido, e poesia donosa e bella. Porto Alegre é autor da *Voz da Natureza*, cantico sobre as ruinas de Cumas, e de algumas *brasilianas* que revelam o fogo de uma imaginação ardente. Odorico Mendes é poeta cujas composições encetam riqueza de linguagem; *Hymno á tarde*, *O meu retiro* são as suas melhores produções. Em numero são os autores que conta a nova escola; ineditas ou impressas, o publico aprecia as composições de Araujo Coutinho, Pinheiro Guimarães, Lemos Magalhães, Rodrigues Silva, Queiroga, Teixeira, Teixeira e Souza, Octaviano, Soydo, Andrada, Macedo. Albuquerque Maranhão, Dutra e Mello, Souza Silva, e Rio.

Eis o passado e o presente da poesia brasileira, e qual será o seu futuro? O seculo marcha, e com elle os povos; e a vós, mocidade brasileira, cumpre o marchar, que em vós reside a força, a constancia, a inspiração e o amor, sem as quaes fallecem as mais sublimes emprezas; vede que o edificio que se começa em um seculo não termina-se que em outro, para orgulhoso erguer-se no porvir; trazei pois a vossa pedra, que segundo seu valor e peso tereis nella quinhão de gloria, que será ella o vosso nome gravado nas paginas da eternidade; trabalhai sobretudo com fé e esperanza, sem descansar nem desalentar, tanto mais elevado será o edificio que tendes de transmittir às gerações futuras, tanto mais o verão alçar-se ao longe, collocado no presente, coroado pelos raios do horisonte de um lado, contemplando o passado do outro, divisando o futuro, e mais e mais se approximando de Deos!

MOSAICO POETICO.

POESIAS BRASILEIRAS

ANTIGAS E MODERNAS, RARAS E INEDITAS.

A'S ARTES.

POEMA. ¹

Já fugiram os dias horrorosos
De escuros nevoeiros, dias tristes,
Em que as artes gemeram desprezadas
Da nobre Lysia no fecundo seio.
Hoje cheias de gloria resuscitam
Até nestes confins do Novo Mundo.
Graças á mão augusta que as anima!
Vejo grave matrona meditando ²
Com os olhos no céu; a mão exacta
Dos planetas descreve o movimento;
Por justas leis calcula, pesa e mede
Forças, massas e espaços infinitos.
Dous genios voadores lhe apresentam
Movel eburneo globo, em que ella grava
Os limites do imperio lusitano.
Ella dirige sobre os vastos mares
Nadantes edificios que transportam
Os thesouros, e as armas de que treme
O último occaso, o primeiro oriente.
A par desta outra deosa move os passos ³
Da firme experiencia sustentada,
Ella conhece as causas e os effeitos;
Ella exerce, ella augmenta e diminue
Da natureza as forças; a luz pura
A travez do crystal separa os raios,
E mostra aquellas primitivas cores
Que formam a belleza do universo.
Por suas leis os differentes corpos
Se ajuntam e se movem; o tridente
Que levanta e que abate as negras ondas
Escuta a sua voz, e o mesmo Jove,
Se tropeja e fulmina, reconhece
Que ella o move, ella o rege, ella o desarma. ⁴

¹ Recitada na sociedade litteraria do Rio de Janeiro, em o dia dos annos da rainha D. Maria I.

² Mathematica.

³ Physica experimental.

⁴ As experiencias da materia electrica sobre o raio.

Funesta gloria, que custou a vida
Ao novo Prometheo, que impio roubara⁵
A subtil chamma do sagrado Olympo!
Por ella o nauta illustre e valoroso ⁶
Vendo abaixo dos pes as tempestades,
Vai sobre as nuvens visitar a esphera.

E tu, quem és, oh nympha, tu que ajuntas,
Indagas e descobres os thesouros
Que fecunda produz a natureza? ⁷
Recebe as tuas leis todo o vivente;
O nobre racional, o vil insecto,
O mudo peixe, as aves emplumadas,
As indomitas feras, e escamosas
Mortiferas serpentes, e os amphibios
Que respiram diversos elementos.
Dos vegetaes na immensa variedade
Tu conheces os sexos, e distingues
Quaes servem ao commercio, e quaes restauram
A perdida saude; tu nos mostras
A prata, o ouro, as pedras preciosas,
Com que opulenta a inelyta Lisboa
Valdosa sobre o Tejo se levanta:
A tua mão benefica, rasgando
Occultas véas d'asperos rochedos,
Arranca o ferro que revolve os campos,
Por quem o lavrador recolhe alegre
Do seu nobre suor o doces fructos.

E tu, que com poder quasi divino ⁸
Imitas portentosa, rica e bella
As produções da sabia natureza,
Vem, ensina aos mortaes como a materia,
De mil diversos modos combinada,

⁵ O desgraçado professor de Petersburgo Richman, que morreu experimentando o conductor da materia electrica.

⁶ Falla o autor de Pilâtre de Rosier, que considera como o primeiro aeronauta: porém nós reivindicamos a gloria para Bartholomeu Lourenço de Gusmão, natural de Santos, cidade da provincia de S. Paulo. Vid. *Memorias Academicas dos Srs. visconde de S. Leopoldo e F. Freire de Carvalho.*

⁷ Historia natural.

⁸ Chimica.

Forma infinitos mil corpos diversos ;
 Uns que respiram, outros que vegetam,
 Outros que nem vegetam nem respiram.
 Por tua mão laboriosa vejo
 Em pedra transformar-se a molle argila,
 Em crystal as arêas: tu desatas
 A união dos metaes, e ainda esperas
 Formar o ouro brilhante, que ennobrece
 Da inculta pátria minha os altos montes.
 E se eu tremo de horror, vendo-te armada
 Uma mão de mortíferos venenos,
 Agradecido e respeitoso beijo
 Outra mão, que benigna me prepara
 As riquezas e as forças que reprimem
 A pallida doença, rodeada
 Dos espectros da morte. . . Ah vem, ó bella
 Irman da natureza enfraquecida, ⁹
 Que provida conservas, que renovas
 Da humana vida a preciosa fonte.
 De que serve o valor e os cheios cofres
 De Midas ou de Cresso, se desmaiam
 Em languidez os membros, quando a febre
 E os correios da morte acelerados
 Do afflicto coração ás portas batem.
 Então cheia d'amor da humanidade
 (Misera humanidade!), pouco a pouco
 Tu a consolas e ergues d'entre as sombras
 E frio horror da negra sepultura.
 Estende, estende, ó deosa, a mão benigna
 Á fraca humanidade! E tu, que podes
 Unir os rotos lacerados membros, ¹⁰
 E com saudavel e polido ferro
 Afugentas a morte, e que conheces
 Todos os laços da structura humana,
 Entorna o doce balsamo da vida
 Sobre os tristes mortaes. Já reconheço
 Outra formosa nymphá, que descreve ¹¹
 Toda a extensão da terra, o mar, os rios,
 As famosas cidades e as montanhas,
 De polidas nações brandos costumes,
 E de barbaros povos fera usança.
 Sincera indaga, e cuidadosa exprime.
 Com ella vem bellissima donzella, ¹²
 Que com grave eloquencia narra os factos

⁹ Medicina.

¹⁰ Cirurgia.

¹¹ Geographia.

¹² Historia.

Que o mundo vio desde a primeira idade :
 Ella nos mostra em quadros differentes
 Os tempos, as nações, e a varia sorte
 De imperios elevados e abatidos,
 As allianças, a implacavel guerra,
 O progresso das artes, e a ruina.

Mas que illustre matrona entre as mais vejo
 De verdes louros coroada a frente ? ¹³
 Tem nas mãos plectro eburneo e lyra d'ouro,
 Que celebra os heróes, e que eternisa
 No templo da memoria o nome e a fama
 Dos inclytos monarchas; já das deosas,
 A companhia escuta; já repousam
 As nuyens sobre o cume das montanhas :
 O rouco mar, os ruidosos ventos,
 A fonte, o rio, os echos adormecem ;
 Reina o silencio ; em tanto solta aos ares
 Cal'iope divina a voz sonora.
 Os tyrannos da patria, assoladores
 Do povo desgraçado, são flagellos
 Que envia ao mundo a colera celeste ;
 São dos mortaes o horror, a infamia, o odio ,
 Mais cruéis do que a peste, a fome e a guerra.
 E seu dia natal é dia infausto,
 Dia de imprecação, epocha triste,
 De susto e de geral calamidade ;
 Mas o monarcha generoso e pio,
 Amor, delicias, esperanza e gloria
 Na nação venturosa que protege,
 É dom raro e magnifico que nasce
 Da eterna mão que volve os ceos e a terra.
 O dia, o feliz dia que primeiro
 O deu ao mundo, é dia assignalado,
 É dia de prazer ; o povo unido
 Levanta as mãos ao ceo ; os puros votos,
 Com as lagrimas de gosto misturados,
 São a publica voz e o testemunho
 De gratidão, de amor e de ternura.
 Tal é, rainha augusta, a vossa imagem ;
 Tal foi o inclyto rei, que teve a sorte
 De deixar á saudosa Lusitania
 A digna filha, generosa herdeira
 Do grande coração, do vasto imperio.
 Se elle invicto abateu com braço herculeo
 A horrivel hydra, os detestaveis monstros,
 Deixou tambem aos vossos firmes passos
 Da bella gloria abertos os caminhos.
 O coro illustre das reaes virtudes

¹³ Poesia.

Vos segue em toda a parte, e a esperança
Da nação venturosa junto ao throno,
Erguendo os olhos e alongando os braços,
De vós confia, e so de vós espera
Os bellos dons da paz e da abundancia.
Vejo por terra a estúpida e maligna
Cohorte da ignorancia, e se ainda restam
Vestigios da feroz barbaridade,
O tempo os vai tragando: assim as folhas
Murcha e aridas cahem pouco a pouco
Dos proprios ramos nas regiões d'Europa,
Quando, pesado, o triste e frio inverno
Sobre o carro de gelo açouta as Ursas
E fere as nuvens com aguda lança.
Chegam por vós aos mais remotos climas
Premiadas as artes; eu as vejo,
Eu as ouço que, juntas neste dia,
Entre os transportes de prazer entoam
Ao vosso amavel nome eternos hymnos.
Elles voam, levando ao ceo sereno
Nas brancas azas os mais ternos votos
De respeito e de amor que vos consagra
Rude, mas grato, povo americano.

Ja destes votos nasce e se derrama,
Como a neve dos Alpes, a torrente
Da vossa gloria, que de dia em dia,
Igual ao vosso nome, se levanta;
E os ultimos vindouros admirados
Inda a verão crescer no amor dos povos.

E tu, que triste e pensativo observas
Este de gloria eterno monumento,
O' fero tragador dos bronzes duros,
Arroja o curvo ensanguentado ferro,
E confundido e temeroso adora
Aos pes do regio throno lusitano
Da rainha immortal o nome augusto.

Silva Alvarenga.

À INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUES- TRE DO REI D. JOSÉ I.

ODE.

Aonde me arrebató?
A humana vista não se atreve a tanto!
Arqueja o coração como opprimido
Com a vasta alegria;

Ja se amolda o palpitar das véas;
São menores as forças que as idéas.

Ouçó quebrar nos ares
Os roucos echos do metal fundido;
Ja o purpureo veio cahio per terra,
E a respeitosa Almada,
Que vio brilhar primeiro o regio vulto,
Como o Gange que adora o sol que nasce,
Sobre as aguas do Tejo inclina a face.

Assim, quando a montanha que troveja,
Vio de um raio de gloria o rosto tinto
Do conductor das Tábuas,
Que marcha curvo e que não sente o piso,
Em roda se abalaram os outeiros,
E as penhas assustadas
Se embrulharam em densos nevoeiros.

Ornam o alegre povo
As cores com que a aurora as nuvens pinta;
Per entre as tranças negras vem cahindo
Em torto fio as p'rolas indianas;
Quanto o sol ao nascer e ao morrer cria
Brilhante pedraria;
Fere os olhos, voltêa o vento brando
Nos chapéos os cocares ondeando.

Gyram per toda a parte
Os quentes eixos das carroças leves,
Que mal tocam a arêa;
E as crespas crinas do andaluz cavallo
Turvam a vista do cocheiro dextro;
Tudo o que tem diante
Guida que é sonho o vago caminhante.

Tal emquanto reinou do pai guerreiro
O pacifico filho,
Vio ao redor de si ferver as praias,
E os muros opprimidos
Com o peso da gente estranha e fera
Que achava com seus olhos
Muito mais do que a fama lhe dissera.

Sagrado juramento,
Que nasceste no ceo e o ceo protege,
Voa das nossas bocas
E vai seguro e ufano
Sobre os degrãos do pedestal robusto
Tocar a mão do Tito lusitano.

Eterna causa, que os imperios mudas
 Las cidades abates e edifica,
 Conserva o grande rei que tu nos deste,
 E si, para alongar a sua vida,
 Querem os teus decretos soberanos
 Os nossos annos, dá-lhes os nossos annos.

A. Caetano de Almeida.

A CLORI.

Borboleta namorada,
 Que nas luzes abrasada,
 Quando expira nos incendios,
 Solicita o mesmo ardor:

Tal, oh Clori, me imagino;
 Pois parece que o destino
 Quer, por mais que tu me mates,
 Que appetite o teu rigor.

Antonio José.

CIUMES.

A leoa embravecida
 Ao se ver destituída
 Do filhinho tenro e caro
 Com furores e bramidos
 Rompe a terra e fere o ar:
 Assim eu em meus gemidos
 Bramo, peno e sinto e choro.
 Vendo, oh Deos, o qu'eu adoro
 N'outros braços descansar!

Antonio José.

ALEGRIA.

O navegante
 Que, combatido
 De uma tormenta,
 Logo experimenta
 Quietos o vento,
 Sereno o ceo,
 Tranquillo o mar;

Como eu nem tanto
 Se alegra vendo
 Que vai crescendo
 Minha ventura,
 E vai cessando
 De meu gemido
 O suspirar.

Antonio José

SONETO.

Adora as leis de amor, Tirse formosa!
 És imagem, meu bem, d'um paraíso;
 Sim, Jove, o mesmo Jove, perde o ciso,
 Delira ao ver-te a face portentosa! . .

E mais bello que Venus, mais mimosa! . .
 Que graças! que prodigios eu diviso
 Ao deslizar teus labios um sorriso,
 Soltando a voz suave e maviosa!

O nadador d'Abido, audaz e forte,
 A vaga retalhando embravecida,
 S'exporia por ti á mesma sorte.

Ouve a voz de minha alma enternecida:
 Viver sem te gozar é cruel morte,
 Em teus braços morrer é doce vida.

Albuquerque Maranhão.

PARECER AMOROSO.

EPIGRAMMA.

Visto que mal hão de ter,
 Se te virem so comigo,
 Dou-te, oh Marcia, um parecer:
 Nunca so me venhas ver,
 Traze amor sempre contigo.

M. de Paragvá.

Botelho de Oliveira.

Poeta cheio de encanto, de gosto e de doçura foi Botelho de Oliveira para a sua epocha, em que dominava a escola de Gongora e de Marini, com todo o seu cortejo de antitheses, de trocadilhos e de conceitetti; era o sol do inverno que então agradava, cujos raios, por debeis e calmos, tanto apreciámos, e enquanto que Gregorio de Mattos satyrisava e ridicularisava o seu seculo, campeava elle á frente da sua escola com a sua *Musica do Parnaso*.

Nascido na Bahia em 1636, concluiu os seus estudos em Coimbra, regressando depois á patria, onde, occupando-se na advocacia das causas forenses, amenisava o tédio da profissão com o entretenimento da poesia, compondo esses coros de rimas italianas, castelhanas, portuguezas e latinas, que depois formaram a *Musica do Parnaso*, que so tem por defeito o defeito do seculo.

Gozando de alguma popularidade, não so foi vereador do senado da Bahia, como capitão mor de uma de suas comarcas, todavia sua vida foi tranquillã e serena, até que della passou para outra existencia mais pura e amena, em janeiro 9 de 1711.

Sobresahem de entre os coros de sua *Musica do Parnaso* muitas poesias bonitas, nas quaes assaz se distingue a doçura de seus versos, e que como flores desabrocham no meio dos espinheiros. Não jazem ellas ahi por entre a alluviaõ de outras muitas sem merito algum para o gosto da actualidade? E entretanto essas flores ahi estiveram, sem que uma mão as colhesse, como estas flores agrestes de nossos ermos desconhecidas e perdidas.

SOBRE OS MALES ORIGINADOS PELO OURO.

CANÇÃO.

Os monarchas sustentam poderosos,
N'este metal prezado,
Imperios, se vio lentos, generosos;
Porém, tendo nos reis imperio amado,
Executando faccis vituperios,
Tem imperio nos reis, é rei de imperios.

A justiça corrompe verdadeira
No ministro imprudente,
Quebra as regras de justa, as leis de inteira;
Pois esta forma no interesse ardente,
Não com fiel, mas infiel desprezo
Da cobiça a balança, do ouro o peso.

Inferno, se padece lastimoso,
Não se logra ouro claro
Nas graves pretensões de cubicoso,
Nos obsequios sollicitos de avaro;
Um o procura, outro não goza delle,
Este Tantaló está, Sisypho aquelle!

Quando faltava d'ouro a gentileza,
A gente pobre e rica
Lograva idade de ouro na pobreza;
Mas quando n'esta idade se publica
Em contrarios motivos de impiedade,
De ferro idades fez, não de ouro idade.

Qual aspid que entre flores escondido,
Na florida belleza
Brota ao peito o veneno mal-sentido;
Assim pois na luzida gentileza
Mata o metal, matando brilhadores
Nos luzimentos um, outro nas flores.

Profanando de Danae a van pureza
Em chuvosos amores,
Apezar de engenhosa fortaleza,
Apezar dos cuidados guardadores,
Murchou na chuva de ouro rigorosa
O modesto jasmim, a virgem rosa!

Entre o logro da paz sollicitada
A guerra determina,
Bem que ouro brilha, engeita a paz dourada;
E quando marcias profusoes afina,
A paz compra, de sorte que na terra
Guerra se ve da paz, é paz da guerra.

A natureza em vêas escondidas
Crêa o metal occulto,
Quicá piedosa das mortaes feridas;
Mas quando o desentranha humano insulto,
Da mesma vêa d'onde nasce bello
Corre logo a ambição, mana o desvelo.

O rigor se arma, a guerra se refina,
A cubiça se apura,
A morte contra o peito se fulmina,
O engano contra o peito se conjura,
De sorte que accumula ao peito humano
Rigor, guerra, cubiça, morte, engano.

Canção, suspende já de Euterpe o metro.
Que em Philis tens para cantar no Pindo
De seu cabelo de ouro, ouro mais lindo!

Botelho de Oliveira.

A ANARDA.

Qual gyrasol por amante
Solicita o ingrato sol,
Tal meu peito gyrasol
O sol de Anarda brilhante;
E qual no estio flammante,
Quer zephyro e quer verdor
O prado, quer meu amor.
Abrasado na esquivaça,
O verdor de uma esperança,
O zephyro de um favor.

Qual o centro natural
Deseja o fogo nocivo,
Qual pretende o mar esquivo
Do rio ameno o crystal;
Tal busca em desejo igual
De Anarda no senhorio,
Que é centro de ardor impio.
Que é mar de crystaes brilhante,
De meu peito o fogo amante,
De meu pranto o largo rio.

Qual o monte sublimado,
Qual a planta envelhecida;
Esta de folhas despida,
Aquelle de cans nevado;
Querem n'um e n'outro estado
De abril o bello horizonte;
Taes querem de Anarda a frente,
Como abril de graça tanta,
De meu pensamento a planta,
De minha firmeza o monte.

Botelho de Oliveira.

A ROSA.

Na bella Anarda uma rosa
Brilhando desvanecida,
Padeceu por atrevida,
Menoscabos de formosa;
Po's que Anarda vergonhosa,
Com mais bella galhardia,
Do que era d'antes, se via,
Pois quando se envergonhava
Mais vermelha se jactava,
Mais formosa se coria.

Botelho de Oliveira.

O BOTÃO DE ROSA. ¹

Botão de rosa,
Mimosa flor,
És o retrato
De meu amor.

Se tu tens nas breves folhas
Suave, purpurea cor,
Nas pulchras faces de Lilia
Arde em chammas o rubor.

Botão de rosa,
Mimosa flor,
És o retrato
De meu amor.

Se o ar vizinhos perfuma
Com o teu suave odor,
De Lilia o virgineo bafo
Inspira e convida a amor.

Botão de rosa,
Mimosa flor,
És o retrato
De meu amor.

Tu abres o rubro seio
Ao formoso beijaflor,
Nos botões do seio della
Abre a vida o casto amor.

¹ Inedito,

Botão de rosa,
Mimosa flor,
És o retrato
De meu amor.

J. G. Ledo.

A' LIBERDADE.

ODE.

Vem, vem dos ceos, oh liberdade, oh deosa!
Tão sublime, qual és, te mostra aos homens,
Que do vulto a severa magestade
Os despotas assuste!

Da lei, na dextra, o código sagrado
Que aos fóros e ao dever demarca as raias,
Temp'rádo escudo, onde resvalam golpes
Da ambição sempre armada.

Qual na estiva estação a terra anhele
O orvalho em que revive a natureza,
Assim por ti suspiram os teus filhos,
Flagello de tyrannos.

Com que horrorosas cores se não pintam
Os perversos Mandões! Dizem que o crime
Anda após os teus passos, que pretendes
Destruir altar e thronos:

Que armado do nível queres se alinhem
Os bens, as condições, fingindo sonhos
De impostura igualdade, que derribe
Social, sublime escala.

Oh que mal te conhecem! Quanto póde
De abjecta servidão costume antigo;
Que as bocas vis de estupidos escravos
Teus sacros dons blasphemam!

Quantos se forjam tresdobrados ferros
Contra teus pulsos na officina astuta
De monarchas soberbos, que a capricho
Partilham o universo! ¹

¹ A santa alliança nos seus congressos liberticidas.

Mas tu zombando do aloucado arrojo,
Ris de seus planos, e rasgando a venda
Que a verdade encobria, patentéas
Ao homem seus direitos.

Por si o sabem: de um governo as formas
Tem só por fito a publica ventura;
O que a mal preza, e em sonhos devanêa,
Mentio aos seus deveres.

Republica se chame, imperio ou reino,
Se basea em tal maxima; eis, levantas
Ali patentes aras, e recebes
Incenso, sacrificios.

Emquanto co'o potente pé comprimes
O sagaz despotismo que se eleva,
Dissipas com a luz negros horrores
Da disforme anarchia.

Vem a nós! . . . Mas ja vejo-te nos lares
Da patria minha: ah nunca mais nos deixes!
Oha, na nossa America teus templos
Na base não vacillam!

Evaristo Ferreira da Veiga.

JONIO E OLINA. ¹

. . . . Se amor fôra crime,
O homem não fôra o reo;
Porém sim o sacro ceo;
Porque, sendo o seu autor,
O homem formou mais fraco,
Do que o doce e terno amor.

CALDAS BARBOSA.

Ao tempo em que surgia
La d'entre o oriente,
O pai do ameno dia,
O bello sol fulgente,

Um sabiã suave,
Com placido gorgoeio,
Prestava á natureza
Dulcissimo recreio.

¹ Inedito.

Jonio, que perto estava,
Chorando o seu destino
Às margens do saudavel
Cattete crystallino,

Depois de ter ouvido
O canto harmonioso,
Estas palavras solta
Ao musico plumoso :

« Ah ! quem gozar podêra
Tua felicidade,
Não conhecendo os tristes
Effeitos da saudade !

« Por todo o prado adejas,
Ora pousando em flores,
Que brilham matizadas
Com exquísitas cores ;

« Ora trinando alegre
Com tanta melodia,
Que aos passarinhos todos
Excedes na harmonia.

« Se chamas carinhoso
Tua gentil consorte,
Logo em seu gesto sentes
De amor vivo transporte.

« So eu em vão suspiro
Pela gentil Olina ;
Em vão seu nome invoco
Por toda esta campina ! »

Continuava Jonio
Desta arte o seu lamento,
Enchendo de queixumes
O prado, o bosque, o vento.

Eis que rapidamente
Olina lhe apparece,
E cheia de ternura
Seu coração lhe off'rece.

Amima-o junto ao peito
Com amoroso encanto ;
Meiga lhe beija a face,
E lhe mitiga o pranto.

E terna lhe consente
Mais tacitos favores. . . .
E quasi a vida exhala
Em soluços de amores ! . . .

J. A. de Silva Paz.

A D. IGNEZ DE CASTRO.

SONETO.

Debaixo desta pedra inculta e dura
Jaz de Pedro a consorte, Ignez formosa ;
Jazem tambem com ella em paz ditosa
A innocencia, a virtude, a formosura.

Não foi a causa dessa morte escura
Horrendo crime, culpa vergonhosa ;
Seu delicto foi ser de um rei esposa,
Ser amada e amar com fé tão pura.

As filhas do Mondego o caso infando
Longo tempo chorando memoraram
As madeixas subltis desentrançando.

O Mondego gemeu, os ceos troaram,
E os amores dos labios se apartando
As duras settas pallidos quebraram.

Natividade Saldanha.

A D. IGNEZ DE CASTRO.

Na Quinta das Lagrimas.

SONETO.

À sombra deste cedro venerando
Momentos mil gozaste encantadores ;
Aqui mesmo sentada entre os verdores
Te achou mil vezes Pedro suspirando.

Parece-me que estou inda escutando
Teus suspiros, teus ais e teus clamores
Parece-me que a fonte dos amores
Inda está de queixosa murmurando.

Aqui viveu Ignez! . . E reclinada
A bordo desta fonte clara e pura
Foi, que horriovel memoria, traspassada!

Mertaes, gemei de magoa e de ternura!
N'esta rara belleza não manchada,
Foi culpa o amar, foi crime a formosura!

Natividade Saldanha

A MENINA A LA MODA.

ENIGRAMMA. ¹

«—Ai, Maria! Vem depressa,
Desaperta este collete;
Eu me suffoco. . . ai, já temo
Estourar como um foguete!»

«—Nhanhazinha, está tão bella! . .
Mas enfim dá tantos ais. . . »
«—Oh espera! Estou bonita?
Pois então aperta mais.»

J. M. de Macedo.

A MORTE DO REI D. JOÃO V.

SONETOS.

É morto o fidelissimo monarcha,
De Lysia amado rei, quem tal diria!
É morto, pois já soa na Bahía
A perda que nos deu a cruel Parca.

A quanto o sol rodêa e o mar abarca,
Creio que a nossa magoa chegaria;
Dos olhos se ausentou, morreu no dia
De Santo Ignacio o grande patriarcha.

Porém morto o não quer ter a memoria
Por gozar de João a magestade,
A graça n'esta vida transitoria.

¹ Incognito.

Pois mostra a fê mais pia com verdade
Que elle vivo estará na eterna gloria,
Nós n'este mundo mortos de saudade.

J. Sodré Pereira.

Aquelle augusto rei, cuja grandeza
Nos âmbitos do mundo não cabia,
Quando a immortalidade merecia
Então paga o tributo à natureza.

Do orbe não bastava a redondeza
Para esphera de sua monarchia;
Porém hoje a um sepulcro a morte impia
Lechado o deixou de tanta alteza.

Foi la timosa acção, mas claro ingano
Padece a Parca em mal tão fementido
Contra o nosso monarcha lusitano.

Pois qual nos astros sempre o sol luzido
Se reproduz morrendo, o soberano
Fica em suas acções reproduzido.

J. Borges de Barros.

Lamenta Europa, America suspira,
Africa se estremece, Asia se assusta,
Quando o golpe cruel da Parca injusta
Contra o maior monarcha se conspira.

Tanto o seu grande nome o mundo admira,
Que de suas acções a fama Augusta
Ao pregão de immortal quando se ajusta
Esconde ao quinto João funesta pyra.

Mas no so sentimento se reporte,
Reprima-se o pezar, bem que profundo,
Porque o nosso rei goza melhor sorte.

Levou o para dar-lhe o ceo jocundo
Vila em que já não tem poder a morte,
Coroa que não tem igual o mundo.

J. de Oliveira Serpa.

Urna pequena, americano povo,
É para o rei dos homens a presente,
Porque é so mausoleo conveniente
O mundo todo, o velho e mais o novo.

A coberta que tem tambem reprovô,
Pois limitada a julgo e indecente
Que so o ceo azul e transparente
Por digna campa lhe consigno e approvo.

Essas tochas que luzem cento a cento
Poucas e escuras são, e so serviam
As estrellas que ves no firmamento.

Aguas que de tristeza os olhos criam
Pequenas gotas são, que em tal tormento
Ser lagrimas diluvios so podiam.

S. M. Itaparica.

Amado rei monarcha preeminente,¹
Principe augusto sempre idolatrado,
Por assombro no mundo respeitado,
Heroe que a fama louva dignamente.

Oh quanto se compara ao Etna ardente,
N'este egregio sepulcro illuminado
Meu peito em saudades abrasado
Mostrando em vossa morte a dor que sente!

Mas inda que da Parca o bravo insulto
De vossa vida me roubasse a gloria,
Nunca me ha de apartar de amante culto.

Terei mais, sabio rei, essa victoria,
Porque a morte não quebra o sacro indulto
De quem vive no eterno da memoria.

A. Ferreira Mendes.

A D. VASCO DA GAMA.

ODE.

Os bellicosos peitos,
De mil triumphos nunca satisfeitos,

¹ Prosopopea em que falla a cidade da Bahia personificada.

De que são testemunhas
Os illustres brasoes que estão pendentes
Nas elevadas frentes,
Vencendo o vento irado e o mar profundo,
Passam a dominar a todo o mundo.

Guerra o Tejo pregoa,
O som vehemente pelos ares soa,
E ve turbada e triste
Que maiores triumphos Lysia somma,
A populosa Roma.
Armas se ajuntam pelo reino inteiro,
Palpita alegre o coração guerreiro.

Ja branqueam as velas
O' jecto forte ás horridas procellas,
E o Tejo as crespas ondas
Vaidoso estende pelas longas praias,
Opprimida das faixas
Pa armada entrega o mando glorioso
O rei prudente ao Gama valoroso.

Ja vão soltando ao vento
As fortes náos do bellicoso accento
Dos castellos respondem
Sulphureas bocas treme a terra, e soa
Gloriosa Lisboa.
Movem-se as náos que os mares vão rompendo,
Mil triumphos a Lysia promettendo.

As flammulas nos ares
Voam, e descem a beijar os mares,
E o guerreiro valente,
Que os brancos pannos ve mover na praia,
Não se turba cu desmaia,
Antes jura fazer sempre notoria
Em toda a parte a lusitana gloria.

Vai-se a terra afastando,
E a grande armada as ondas apartando,
Quando na lusa praia
O sacro Tejo a frente levantando
Alegre e venerando
Endireitando o collo e a barba espessa,
Com grave accento assim dizer começa:

« O' fama generosa,
« Suspende um pouco a trompa harmoniosa,
« Com que por todo o mundo
« Gyras cantando o nome soberano

« Do Grego e do Troiano,
« Volta os olhos verás no mar sagrado
« Mais digno empenho a teu clarim dourado

« De Neptune opprimido
« Admira pelas praias o bramido,
« Verás fugir as ondas
« C'o temor de leão, que adorna a proa,
« Com a regia corôa,
« E os ventos esquecidos das procellas
« Firmar os hombros nas redondas velas.

« Verás que senhorêa
« Fe Africa inculta a costa negra e feia,
« Verás prostrar por terra
« As soberbas columnas do Thebano
« Com valor mais que humano,
« Ignotas regiões irão surcando,
« Rudes, barbaros povos subjugando.

« Verás com aspecto iroso
« Arrancar da cabeça o lauro honroso,
« Com que Licu se adorna,
« E verás illustrar as praias pobres
« Com edificios nobres,
« Da grande Asia opprimida a maior parte
« Farão turbar de horror a mesmo Marte.

« Esforça o nobre alento,
« Afina e muda as vozes do instrumento,
« Que na futura idade
« Serás ao som da trompa sonora
« De cantal-os vaidosa;
« Não duvides dos effeitos singulares,
« São Portuguezes os que ves nos mares!

Basilio da Gama.

A LISE.

Morpheo doces cadêças estendia
Com que os cansados membros me enlaçava,
E quanto mal o coração passava
Em sonhos me debuxa a phantasia.

Lise presente vi, Lise, que um dia
Todo o meu pensamento arrebatava,

Lise, que na minh'alma impressa stava.
Bem apezar de sua tyrannia.

Corro a prendel-a em amorosos laços
Buscando a sombra que apertar intento,
Nada vejo, ai de mim, perco os meus passos.

Então mais acreditto o fingimento,
Que ao ver, que Lise foge de meus braços,
A crê pelo costume o pensamento.

C. Manoel da Costa.

A NISE.

Não ves, Nise brincar este menino
Com aque la avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,
A condemna outra vez ao seu destino!

N'essa mesma figura eu imagino,
Fêis minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embarço,
Então me prende mais meu desatino.

Em um continuo gyro o pensamento,
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fôra menos mal esta aueia minha,
Se me faltasse, oh Nise, o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.

C. Manoel da Costa

A HARMONIA DA BELLEZA.

Sereia encantadora
Afaga o navegante,
Que intrepido nadante
Intenta triumphar;

Repara que a belleza
Contém tal harmonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar.

Antonio José.

DESPEDIDAS A UM FILHO.

SONETO. ¹

Filho, vem cá, escuta um pai amante
Que este ultimo adeos vem dar-te triste,
Que sempre te amei muito, tu o viste,
Que honrado te criei, isso é constante.

Hoje tomando a região distante
Que te mando estudar, tu já me ouviste;
Se tens empenho igual ao que me assiste,
Filho, vem cá, escuta um pai amante.

Vai, filho, estuda e fazê cuidadoso
Com que pagues a um pai, que antes ausente
Te quer ver do que ver-te em seu repouso.

Permitta enfim o cee omnipotente
Que os olhos que hoje arraso de saudoso,
Algum dia os arrase de contente,

A. G. Ferrão Castilho

EM RESPOSTA A SEU PAI.

SONETO.

Pai e senhor, se um filho teu amante
Pôde hoje achar-se alegremente triste,
Que me entristeço ao apartamento, viste,
Mas em obedecer-te estou contente.

Vou com effeito a região distante,
E que quero estudar, tu já me ouviste;
Empenho igual ao teu respeito as-iste,
Pai e senhor de um filho tão amante.

¹ Inedito, bem como o seguinte. Do autor deste soneto diz B. da Silva Lisboa na sua *Memoria das pessoas illustres da Bahia*, manuscripto do Instituto Historico e Geographico Brasileiro: «Em versos satyricos foi temível na força e energia de metter alguém a ridiculo; era dotado de estro poetico, e deixou mui bellos versos manuscripts de elegias e satyras.»

Prometto ir estudar, e cuidadoso
Farei por consolar o pai ausente
As letras dando todo o meu repouso.

Ao pai envuga o pranto, cee potente,
Que se hoje faço o pai de mim teu loço,
Em um dia o farei de mim contente.

P. G. Ferrão Castilho.

AOS VICIOS.

SATYRA. ¹

Eu sou aquelle que os passados annos
Cantei na minha lyra maldizente
Torpezas do Brasil, vicios e enganos.

E bem que os descantei bastantemente,
Canto segunda vez na mesma lyra
O mesmo assumpto em plectro differente.

Já sinto que me inflamma e que me inspira
Thalia, que anjo é da minha guarda
Des que Apollo mandou que me assistira.

Arda Bayona e todo o mundo arda,
Que a quem de profissão falta a verdade,
Nunca a dominga das verdades tarda.

Nem um tempo exceptua a christandade
Ao pobre pegureiro do Parnaso
Para fallar em sua liberdade.

A narração ha de igualar ao caso,
E se talvez ao caso não iguala,
Não tenham por poeta o que é pegaso.

De que pôde servir calar quem cala?
Nunca se ha de fallar o que se sente?
Sempre se ha de sentir o que se falla.

Qual homem pôde haver tão paciente
Que, vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire, e não lamente?

¹ Inedita.

Isto faz a discreta phantasia ;
Discorre em um e outro desconcerto,
Condemna o roubo, increpa a hypocrisia.

O nescio, o ignorante, o inexperto,
Que não elege o bom, nem máo reprova,
Por tudo passa deslumbrado e incerto.

E quando ve talvez na doce trova
Louvado o bem, e o mal vituperado,
A tudo faz focinbo e nada approva.

Diz logo prudentaço e repousado,
Fulano é um satyrico, é um louco
De lingua ma, de coração damnado.

Nescio, se disso entendes nada ou pouco,
Como mofas com risos e algazaras
Musas, que estimo ter, quando as invoco!

Se souberas fallar tambem falláras,
Tambem satyrisáras se souberas,
E se foras poeta poetisáras.

A ignorancia dos homens destas eras
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,
Que a mudez canonisa bestas feras.

Ha bons, por não poder ser insolentes,
Outros ha comedidos de medrosos,
Não mordem outros não por não ter dentes.

Quantos ha que os telhados tem vidrosos
E deixão de atirar sua pedrada,
E sua mesma telha receiesos.

Uma so natureza nos foi dada,
Não creou Deos os naturaes diversos,
Um so Adão creou, esse do nada.

Todas somos ruins, todos perversos.
So nos distingue o vicio e a virtude,
De que uns são comensaes, outros adversos:

Quem maior a tiver do que eu ter pude,
Esse so me censure, esse me note,
Calem-se os mais, chitao e haja saude.

Gregorio de Mattos.

A D. JOÃO DE ALEMCASTRO.¹

SONETO.

Quando Deos redemio da tyrannia
Da mão de Pharaó endurecido
Ao povo hebreu amado e esclarecido,
Paschoa ficou da redempção o dia.

Paschoa de flores, dia de alegria
A este povo foi tão affligido,
O dia que por Deos foi redemido,
O qual sois vós, senhor, deos da Bahia.

Pois mandado pela alta magestade
Nos remio de tão triste cativeiro,
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem ser pôde, senão um verdadeiro
Deos que veio estirpar desta cidade
Toda a afflicção do povo brasileiro!

Gregorio de Mattos.

Santa Maria Itaparica.

Educado nas sagradas e profanas letras, do-
tado de agudo e penetrante engenho, illustrado
pelo estudo da poesia, para a qual o formára
a natureza, abraçou Manoel de Santa Maria
Itaparica o Instituto Seraphico da provincia da
Bahia, em que nascera, no começo do decimo
oitavo seculo, onde foi amado e prezado pela
communhão de seus sabios, e entre os quaes
terminou pacificamente o viver deste mundo,
embalado pelas virtudes christans.

De entre as suas poesias avulsas, muitas das
quaes vamos publicando, sobresahe o bello
poema em oitavas rimas, dado á luz em Lisboa
sob o titulo de *Eustachidos*. Pena é porém
que obra tão apreciada e louvada tão de raro
appareça nas bibliothecas, todavia sabemos por

¹ Quando succedeu no governo da Bahia
a Antonio Luiz Gonçalves da Camara Conti-
nho. Este soneto é inédito.

informações authenticas, que o seu autographo e seus exemplares impressos se conservam na cidade da Bahia, sob a poeira do archivo de seu convento.

A MORTE DO REI D. JOÃO V.

CANÇÃO FUNEBRE.

Oh tu, grande cidade e populosa,
Que és do Brasil metropole florente,¹
Hontem tão festival e tão contente,
Hoje porém tão triste e tão saudosa;
Ja sei que te moveu a este pranto
E luto tanto,
A nova triste
Que bem ouviste,
Oh cruel sorte!
Da feliz morte
Do teu grande monarcha, que reinando
Te foi com novas glorias exaltando!....

Essa tua continua primavera,
Privilegio do clima em que nasceste,
Bem te posso dizer que hoje a perdeste:
Não é agora ja o que antes era:
Pouco importam ás arvores frondosas
E bem vistosas
Com muitas flores
De varias cores,
E as campinas
Com mil boninas,
Se toda essa frescura e essa belleza
Se confunde com pena e com tristeza.

Cruzando vão os paramos do vento
Sem festejar o sol com melodia,
Os seus habitantes que algum dia
Faziam coro e musico instrumento,
Algum tempo se ouvira a voz canora,
Porém agora
Os passarinhos
Nos seus raminhos
Não dão recreios
Com seus gorgeios,
E so no alto silencio gemem graves
Com vozes tristes as nocturnas aves.

¹ A cidade da Bahia.

Esses que do crystal com prisoes frias,
Ou de liquida prata com correntes,
Prendem de abril delicias florescentes,
Solam de Flora verdes al grias,
Todos correm ao mar de que nasceram,
Mas se poderam
Recolher a agua,
Que a triste magoa
Deste desgosto
Se traz ao rosto,

Grande parte da terra inundariam,
Porque grossas enchentes tomariam.

Correndo pelo bosque o tigre horrendo,
Da morte ao javali, que vai fugindo;
A voraz onça com furor bramindo
Ao cervo segue que ja está tremendo:
Mas todos esses animaes ferozes
Muito velozes
Tão matadores
E tragadores,
Ouvindo o pranto,
Que causa espanto,

As salerosas presas deixariam,
E para as suas covas fugiriam.

Tudo sem ordem e confuso assiste;
Palido o sol com nuvens se escurece;
E no occaso tambem não apparece
A alampada que alegra a noite triste;
So se ouvem os gemidos lastimosos
E dolorosos
Que o sentimento
Incita ao intento;
E todo o dia,
E noite fria.

Soam as vozes do metal fundido,
Retumba o bronze a espaços repetido!....

S. M. *Rapareira*.

A BACCIO E A AMOR.

DITHYRAMBO.

CORO.

A Baccio brindemos,
Brindemos a amor;

¹ Toada do hymno de Biego, cantado em Paris por Brasileiros e Hespanhoes.

Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

VOZ.

Em brodio festivo
Mil copos retinam,
Que a nós não nos minam
Remorsos crucis.
Em jubilo vivo
Juremos constantes
De ser, como d'antes
A patria lieis.

CORO.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

VOZ.

Consocios amados,
Se a patria affligida
Por nós clama e lida,
Pois longe nos ve;
Jamais humilhados
Ao vil despotismo,
No seio do abysmo
Fiquemos em pe.

CORO.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

VOZ.

Gritemos unidos
Em santa amizade:
« Salve, ó liberdade!
« E viva o Brasil! »
Sim, cessem gemidos,
Que a patria adorada
Veremos vingada
Do bando servil.

CORO.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

VOZ.

A não combatida
Da tormenta dura
Furores atura
Do rabido mar:
Ja quasi sumida,
Resurge, e boiando
La vai velejando,
Sem mais sossobrar!

CORO.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor,

VOZ.

Bem prestes, amigos,
Vereis vossos lares;
Tão tristes azares
Jamais voltarão.
Os vis inimigos
So colhem vergonha;
E negra peçonha
Distillam em vão.

CORO.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

VOZ.

Se a patria nos ama.
Amal-a sabemos;
Por ella estivemos
O sangue a verter.

Se a patria nos chama
Iremos contentes
Com peitos ardentes
Por ella morrer.

coro.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

voz.

Patricios honrados
Aos ternos meus braços
Em mutuos abraços
A unir-vos correi.
C'os copos alçados
De novo juremos,
Que amigos seremos....
Ja bebo, e bebei.

coro.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

voz.

A Venus fagucira,
A Baccho risonho,
Ninguém, por bisonho,
Se esqueça brindar:
Moafa ligeira
Tomemos agora;
Amigos, vão fóra
Tristeza e pezar.

coro.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

J. B. de Andrada e Silva.

A CLORI.

Ves, oh Cloti, a flor gigante
Que procura firme amante
Seguir sempre a luz do sol?

Desta sorte sem desmaios
Sol que gyram são teus raios,
E meu peito gyrasol.

Mas ah, Clori, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crysol.

Antonio José.

OS ENCANTOS DE AMOR.

Se amor é um encanto
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor;

De ver não me espanto
Um peito
Desfeito
A encantos de amor.

Antonio José.

SAUDAÇÃO À ARCADIA ULTRAMARINA.

ODE.

Emfim eu vos saúdo,
Oh campos delcitosos,
Vós, que á nascente Arcadia em grato estudo
Brotando estais os louros mais frondosos!
Eu vos vou descobrindo
Bellas estancias do pastor Termindo.

¹ Termindo Sipilio era o nome academico de J. Basilio da Gama na Arcadia de Roma.

Ja sinto que respira
 Uma aura em voz suave,
 Orpheo pulsa de novo a doce lyra,
 Ouve Thebas de novo o plectro grave,
 Seu numero é mais terno,
 Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que pastores tão novos
 São estes, que vos pisam,
 Como entre tristes e grosseiros povos,
 De nova gala os campos se matizam;
 Quem forma estas cadencias?
 Quem produz tão nímicas influencias?

Se os olhos me não mentem,
 Os venturosos nomes
 Gravados n'estes troncos ja se sentem,
 Tu, tempo gastador, os não consumes,
 Briario aqui diz este,
 Nímico diz outro, aqui diz outro Eureste.¹

Na mais copada faia
 Abrio o ferreo gume,
 O nome de Termino, o sol que raia,
 Aqui bate primeiro o claro lume,
 Elle o ve, elle inveja;
 Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah se da gloria vossa
 Pastores ca me vira
 Tão digno, que na bella Arcadia nossa
 Igualmente meu nome se insculpira.
 Entre a serie preclara
 De Glauceste² a memoria se guardára.

Mas onde irá sem pejo
 Collocar-se atrevido,
 Quem longe habita o sereno Tejo,
 Quem vive do Mondego dividido,
 E as auras não serenas
 Do patrio Ribeirão³ respira apenas?

¹ Poetas brasileiros, cujos nomes desconhecemos: do ultimo temos algumas poesias que iremos publicando.

² Glauceste Saturno, nome academico do autor.

³ O Ribeirão do Carmo em Marianna, cidade de Minas Geraes.

Sim, vosso caro abrigo,
 Pastores, pôde tanto,
 Que despertando do silencio antigo,
 Erguer bem posso sem vergonha o canto:
 Comvosco está Glauceste,
 Comvosco faz soar a flauta agreste.

Se não cantar os feitos
 Do bom pastor d'Anfriso,
 Se de Jove e de Marte entre os eleitos,
 Não espalhar cantando um doce riso;
 Saberei n'esta praia
 A Tytiro imitar junto da faia.

Em vós, oh campos, cresça
 A vegetante pompa:
 Cresça o verde esplendor; em vós floresça
 A murta, o louro, e na dourada trompa
 Bo monstro sempre errante,
 O nome de Termino se levante.

C. Manoel da Costa.

ADEOS À VIDA.

Adeos, minha vida.
 Vida sem prazer,
 Fruir-te não posso;
 Adeos, vou morrer!

Myrrhada doença
 O alento me prende,
 A pallida morte
 Seus braços me estende.

Revolve-se a terra,
 A cova se abrio,
 Meu corpo baixou,
 A lousa cahio.

Do mundo illusões
 Na campa findaram,
 Quaes flores viçosas
 Depressa murcharam.

¹ Inedito.

Adeos, minha vida,
Vida sem prazer,
Fruir-te não posso;
Adeos, vou morrer!

Começava o dia
De luzir agora,
Cobrio negra nuvem
O fulgor da aurora.

Tudo tem um termo
Mais remoto ou breve,
Meu corpo entreguemos,
Que á terra se deve.

Saudades!.... não deixo;
Prazeres não tive!
Virgem de paixões
Meu peito inda vive.

Amigos!.... qual delles
Comprova o que diz?....
Amores?.... quem ama
Um triste infeliz!

Familia!... meus pais!...
Lembrança cruel,
Por vós é que trago
Da saudade o fel.

Deixo-vos!.... mas ainda
Nos havemos de ver,
O ceo nos prepara
Tão grato prazer.

Oh eternidade,
As portas me abri;
Delicias celestes
Me guardam ahi!

Adeos, minha vida,
Vida sem prazer,
Fruir-te não posso;
Adeos, vou morrer!

F. Octaviano de A. R.

À RESTAURAÇÃO DO PORTO.

ODE.

Jam fulgor armorum fugaces
Terret equos, equitum que vultus,
Audire magnos jam videor duces
Non indecoro pulvere sordidos.

HORACIO.

Descei do Oympe, honrados Lusitanos,
O ferro vencedor tomai na dextra,
Correi aos patrios campos alagados
D'aluvião horrenda.

Tu, valente Sertorio, e Viriato,
Que as aguias triumphantes abatestes
Das romanas cohortes espalhadas
Por toda a redondeza;

Egas, Nunos, Corrêas, e Menezes,
E quantos vio a Hesperia sustentando
O throno portuguez nos fortes hombros,
Que nunca se acurvaram:

Vós, a quem vio Atlante temeroso
Banhar em sangue barbaro as arêas
De Arzilla, Mazagão, Tanger e Ceuta,
Da Mauritania freio;

Albuquerque, Almeida, Castros, Gamas,
Que fizestes tremer o Indo e o Ganges,
Saldanhas, Mascarenhas destemidos,
Assombros Pacheco;

Eia, vinde, acodi aos vossos lares:
Um Totila cruel, um Alarico,
Um Attila soberbo, um Odoacro,
Da Gallia se levanta:

Herulos, Codos, Hunos, Visigodos,
Menos barbaros eram que as phalanges
Do Corso, de conquistas mais sedente
Que o filho de Philippe.

Do polo de Callisto até o antarctico,
A feia Alecto espalha a guerra ardente,
Sacode Erynnis o funesto facho,
Convulsa a terra treme.

Traição, a vil traição, precede os passos
Do despota fatal, que o mundo abala,
Na boca a protecção, a paz no rosto,
No coração perfidia.

Ja profanado tem por vezes duas
Do Douro illustre as margens aguerridas,
Qual sanhudo leão, derriba, mata,
De presa não se farta.

Eia, vinde... Mas não; em paz tranquilla
Os prazeres gozai, que merecestes:
Inda brilha o valor, inda se alverga
Nos peitos portuguezes.

Em vossos netos vivem destemidos
Os valentes Miltiades. Os campos
De Marathonia ve tintos de sangue
O soberbo Dario,

Os fidos Espartanos, que trocaram
Por nome sempiterno a doce vida,
De Xerxes contra as forças assombrosas
Trezentos pelejando,

Que mais fizeram que os valentes Lusos,
Ao principe fieis, á patria firmes,
Do Cavado nas margens, e do Douro,
Os Gallos destroçando?

Posthumios Fabios, Manlios e Camillos,
Vede novos Tarquinius, novos Brennos,
Que aos Lusos as cadêas promettiam,
Mordendo a dura terra.

Zama de Scipião a gloria canta,
O Africano vencendo que no Trebia,
Em Cannas, em Tesino, em Trazimene,
As aguias abatera.

Machado, Bacellar, forte Silveira,
Impavidos encaram, vencem, matam
Os soberbos Francezes, que a victoria
Alistada traziao.

De Iena o vencedor altivo e fero,
Co'os triumphos pomposos fascinado,
O ferro portuguez provar não ousa,
Treme, recua e foge.

Milagres que outra vez vira o Salado,
Ourique, Aljubarrota, linhas d'Elyas.
Em nossos dias viram renovados
Do Minho os fertes campos.

Lima, Douro, Mondego, Tejo, e Zézere,
E tu tambem, illustre Guadiana,
Rivaes do Rheno e Tibre, correm tintos
Co'o sangue dos imigos.

Tambem o nome teu meus versos honre,
Generoso Wellesley, filho de Marte,
Vivam os teus Britannos defensores
Dos fidos Portuguezes.

Pesta arte o grande Affonso, soccorr do
Do Germano Guilherme, desbarata
Os filhos de Ismael, que irosos guardam
A famosa Lisboa.

Abate, ó Musa, voos atrevidos,
Que da patria soltou amor sincero.
Dos Lusos o louvor pertence a Phebo,
A fama á eternidade!

F. de Araujo Guimarães.

A VOLTA DO ESPOSO.

Vem a meus braços,
Prenda querida,
Prazer e gloria
De minha vida.

Meu triste pranto
Vem enxugar,
Minha saudade
Vem metigar.

Ah vem, não tardes!
Dá-me o transporte
De te abraçar,
Caro consorte.

Contra este peito
Angustiado
Da dura ausencia.
Tão maltratado,

Onde a saudade
Fez moradia,
Que de receios
Estremecia.

Da tyrannia
Bem recordado,
E de aflições
Tão magoado.

Mas, bem seguro
Do teu amor,
Tinha esperança,
Tinha valor.

Ben haja o ceo
Que te livrou
De tantos males,
E te aguardou.

D. Francisca V. S.

A MORTE DE RADCLIFF.

SONETO.

Quid mihi mors? Virtus post fata virescit,
Nec savi gladio perit illa tyranni.

RADCLIFF.

Elevado ao Zenonico transporte
Estoico coração, alma sublime
Sem que a vista do algoz o desanime.
Da morte encara afouto o ferreo corte.

De uma alma liberal, de um peito forte
A voz e os sentimentos não supprime,
Ja dest'arte gritando, alheio ao crime:
«Tyranno, que pezar me causa a morte?

«A virtude, que o peito me guarnece,
«Essa, por mim ha muito idolatrada,
«Depois de negros fados resplandece:

«Aos golpes feros da cruenta espada
«Não se curva, não murcha, não fenece,
«Antes surge de soez abrilhantada!»

Pinto Vedras.

A ESPERANÇA.

E tal a esperança
N'um peito amoroso,
Que o bem duvidoso
Alentos lhe dá.

Se em duvida o gosto
Suspende o gemido;
Um bem possuído
Que gloria será!

Antonio José.

INVOCÇÃO.

Se a Earca enforcada
Te usurpa a doce vida,
Te irá buscar esta alma
So para te animar.

Vem pois, amor querido,
Que o terno meu gemido
Ao teu cadaver frio
Alentos pôde dar.

Antonio José.

OS DOUS CONSORTES.

EPIGRAMMA.

«—Para que, ceos, desposci
Homem tão desenchavido?
Logo não vi que um pandorga
Não servia p'ra marido?»

«—Minha Eva, é so a raiva
Que te faz guinchar assim;
Se acaso eu fosse pandorga,
Não te agradavas de mim.»

«—Não se ufane por ter sido
O alvo de meu amor,
Todos sabem que a mulher
Pega sempre no peor.»

J. M. de Macedo.

A MARILIA.

Esses teus olhos, Marília,
 Não sei que attractivos tem;
 Quem quer que seja em te vendo
 Por força ha de querer bem,
 E até pede o coração
 Que não queira a mais ninguém.

Ninguém vive sem amar,
 E se ha mundo alguém,
 Que venha ver os teus olhos,
 Quero ver se não quer bem;
 E até pede o coração
 Que não queira a mais ninguém.

Alvarenga.

A CIVILISAÇÃO ERRANTE.

SONETO.

Foi nas margens do Nilo que primeiro
 Raiou aos homens a civil cultura,
 E na Lybica praia a mãe natura,
 Então seu ar desprio rude e grosseiro.

As terras de Asia, fado aventureiro
 As sciencias guiou; alli fulgura
 Tyro, Phenicia, e o Chaldeo procura
 Mundos de luz no espaço derradeiro.

Depois na Europa vem buscar abrigo
 Deixando as regiões da roxa aurora,
 A polidez que as artes traz comsigo.

Liga cruel jurou de a lançar fóra;
 Mas para a receber no seio amigo,
 A quarta parte nova surge agora.

Evaristo Ferreira da Veiga

A VOZ INTERCADENTE.¹

Compadece-te de mim,
 Rouca voz intercadente,

¹ Inedita.

Solta este som magoado,
 Para exprimir o que sente.

O quadro é so de miserias
 Intrincado labyrintho,
 Mortal, tu es o que eu fui,
 Mas não sentes o que eu sinto.

Não fujas, não desampares
 Um esqueleto ainda vivo;
 A compaixão é um preludio,
 Que offerece á dor linitivo.

Se a esperança de quem pede
 Tem a virtude por fim,
 Ah soccorre-me, não tardes,
 Compadece-te de mim!

Eloy Ottoni.

A AUSENCIA DE ARMIA.

RONDÓ.

O campo viçoso,
 De flores juncado,
 Em si esmaltado
 O riso trazia.
 Agora despido
 Sem fresca verdura,
 So pinta a amargura,
 Retrata a agonia.

Perguntas a causa?
 Ausentou-te Armia.

O rio engrossava
 Em agua abundante,
 Soberbo, arrogante
 Das margens sahia.
 Agora em segredo
 Molino ja corre,
 Parece que morre
 A sua alegria.

Perguntas a causa?
 Ausentou-se Armia.

O gado formoso
Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia.
Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando,
Pavor desafia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia,

As settas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Cnido
Mais ledo o não via.
Agora encerrado
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Zombava da sorte
Elmano diteso,
No seio mimoso
O prazer bebia.
Agora aos suspiros
Succedem os ais,
Em ancias fataes
Aborrece o dia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Ha pouco de um bem,
Que adora constante,
O bello semblante
O gosto infundia.
Agora em tormentos
Exhalando a vida,
A morte convida,
A morte tardia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

F. de A. Guimarães.

AO EXCELLENTISSIMO BARÃO DE CAXIAS.

ODE.

ESTROPHE 1.

É breve o adeos do heróe. A esposa chora,
A joven, bella esposa; as innocentes
Filhinhas, a quem tanto o pai adora,
Choram tambem, dos braços seus pendentes
Como dous anjes que prender intentam
As duas partes caras,
Que de amor puro, unidas, se alimentam.
Maranhão, Maranhão, tu as separas!
«Meu Rio de Janeiro, em ti eu deixo»
«Tudo que é meu, adeos! e não me queixo.»

ANTISTROPHE 1.

Vamos, contigo irei ao fim do mundo.
Ja fumeja o vapor no cavo lenho,
E luta contra o mar hirto, iracundo,
E contra o vento opposto ao nobre empenho.
Arribemos! Mas onde? Na Victoria!¹
Bom presagio, oh guerreiro!
Eia, partamos; la te acena a gloria.
Quebrou-se a quilha do veloz madeiro!²
Que importa! ja la vem o Guararapes!³
Onde os perigos a que não escapes?

LEPODO 1.

Quer Deos habituar-te
A mil perigos grandes,
Atém de que destarte

¹ Capital da provincia do Espirito Santo, onde arribámos depois de cinco dias de tormentosa viagem.

² Ao entrar no porto do Rio Grande do Norte deu a barca de vapor em que iamos contra um penedo occulto nas marés alias, e de grande perigo nas baixas, de modo que, fazendo um grande rombo na quilha, ficou impossibilitada de continuar a viagem.

³ Brigue escuna *Guararapes*, vindo de Pernambuco, escoltando uma embarcação de transporte com tropas para o Maranhão.

Tua alma se ennobreça,
Teu peito se endureça,
Teu nome á gloria mandes ;
E quando em qualquer parte
Teu nome repetirem
Que digam os que o ouvirem :
Foi grande, foi feliz,
Honrou o seu paiz.

ESTROPHE II.

Exulta, oh Maranhão, eu te saúdo,
Eis o teu salvador ! enxuga o pranto,
Tens por ti sua espada, e seu escudo :
Comigo entoa da victoria o canto,
Que a vil caterva, sanguinaria, infame,
Que os campos teus devasta,
Como de tigres esfaimado enxame,
Que em grei de ovelhas entre sangue pasta,
Ha de, ao luzir do ferro rutilante,
Dobrar humilde a fronte petulante.

ANTISTROPHE II.

Ves como alegre e cheio de esperança
Em torno delle o povo respeitoso
O contempla como astro de bonança
Que no abumbrado ceo surge radioso ?
Sua nobre presença tudo anima,
Os peitos se roboram,
So se repete um nome : « O Lima ! ó Lima ! »
E mil olhos parecem que o devoram.
Da governança o heroe as redeas toma,
E ao lado do valor justiça assoma.

EPODO II.

Não so a dextra forte
Sabe empunhar a espada,
E dardejar a morte
Em procellosa guerra.
A sua frente encerra
Uma alma sublimada,
Que dá-lhe ao rosto, ao porte
O nobre, grave aspecto
De homem sisudo e recto
De altivo coração,
E lucida razão.

ESTROPHE III.

A sua egregia voz chefes, soldados
Recobram a perdida disciplina :
Todos de novo brio electrizados
Se mostram ao heroe que os examina.
Eil-o ja no Munim ; ⁴ e assoberbando
O tempo pluvioso,
Em debil lenho o rio vai sulcando,
Que de Caxias desce pressuroso ;
Caxias, que entre ruinas se lastima
Que tão tarde viesse o forte Lima.

ANTISTROPHE III.

Por toda a parte o perfido inimigo
Que de rapinas vive, fuge errante,
E vendo de seus pes erguer-se o p'rigo,
Curvo se entrega á força triumphante.
La se restaura o Brejo ! Os mais astutos
Satellites do inferno,
Inda do proprio sangue mal enxutos,
Levam ao Piahy o horror do averno ;
Mas la do general o mando echoa,
E após a espuria raça a morte voa.

EPODO III.

Que nuvem tão sombria
Agora se levanta,
Escurecendo o dia
Em toda a Mirityba
Até o Parnahyba ?
O Maranhão se espanta,
E todo se arripia
Co' a nuvem negra e crassa,
Prevendo atroz desgraça ;
La vai o Lima audaz,
E a nuvem se desfaz.

ESTROPHE IV.

Eis o Itapucarú ⁵ cheio de orgulho

⁴ Rio Munim, em cuja margem direita está a villa do Icatú.

⁵ O Itapacurú oito vezes por nós atravessado ; suas margens são assaz povoadas, e n ellas se levantam as villas do Rosario, Itapacurá-mirim, Codó, e a Cidade de Caxias.

Vendo-o passar de novo em ferrea quilha,⁶
 Que as aguas rompe com feroz marulho,
 Qual nunca vira, estranha maravilha!
 A vista do igneo vaso fluminense
 As margens se povoam,
 E louvores do povo Maranhense
 A tão prestante heroe nos arês soam.
 A rapidez do bravo a todos move,
 E entre benções seu nome á gloria sobe.

ANTISTROPHE IV.

Eil-o na Vargem-Grande! Eil-o em Vianna!
 Eil-o em Caxias! Eil-o em toda a parte!
 Aqui a furia aplaca a intriga insana,
 Alli da guerra ensina as leis e arte.
 Quem o chama! Eil-o ja! Pos dos desertos,
 Raios do sol ardentes,
 Deleterios vapores, damnos certos,
 Estação pluvial, caudæes torrentes,
 Vós nao podeis desalentar seu peito,
 Eu, que 'o louvo, o segui no honroso feito.

EPODO IV.

Quem ja por ti fez tanto,
 Sangui-regada terra?
 Vós que escutais meu canto,
 Desfeitos os temores
 Não vistes os horrores
 Que eu vi da irada guerra.
 Sangue corria e pranto,
 O incendio crepitava,
 A morte audaz voava;
 O ceo se consternou:
 E o Lima a vós mandou.

ESTROPHE V.

Bem se ve que não é a vez primeira
 Que em marcio jogo os olhos teus lampejam
 Em frente da cohorte brasileira,
 Acendendo valor nos que pelejam:

⁶ Allude á barca de vapor *Fluminense*, fabricada no Rio de Janeiro, a primeira que atravessou os rios do Maranhão, excitando admiração e espanto aos habitantes do interior, muitos dos quaes se benzião ao vel-a passar.

Vio-te Montevideo, vio-te a Bahia
 Quando da independencia
 Os echos do Ypiranga repetia,
 E ferro appoz dos Lusos á inclemencia
 Sangue de heroes as véas te ennobrece,
 E entre heroes o teu nome resplandece.

ANTISTROPHE V.

Qual brilhante pharo!, que assoberbando
 O mar, que em vão minar-lhe a base intenta,
 Os escolhos e syrtis indicando,
 Em tempo de bonança e de tormenta
 Animo embebe em duvidosos lemes;
 Tai te contemplo, oh Lima!
 Nada te assusta, porque a Deos so temes.
 Esse gladio, a quem tanto a patria estima
 Eu tua mão pujante, não manchára
 O anjo da justiça se o empunhara.

EPODO V.

Ante mim appareça
 Quem diga: mente a musa.
 Consinto que pereça
 Meu nome e minha gloria,
 Se seu abono a historia
 Ao canto meu recusa.
 Nem mais do ceo mereça
 O vate ser ouvido.
 Oh! graças! desmentido
 Jamais, jamais serei;
 Verdades so cantei.

ESTROPHE VI.

Cheia de orgulho a lamina repousa,
 E a penna em tua mão bem vale a espada:
 Os teus preceitos affrontar não ousa
 Dos vicios a caterva amedrontada.
 Sublimes pensamentos esquecidos,
 Surgi do fundo d'alma,
 Acolhidos sereis e protegidos
 Por elle, que do justo empunha a palma;
 Novas galas os templos ostentando,
 Vão seu sacro fervor apregoando.

ANTISTROPHE VI.

Eu te agradeço, oh ceo, o dom sagrado
De a ti poder subir na voz canora
Dignos feitos de um filho teu amado
Credor d'epica tuba atroadora.
Contemplando prodigios singulares
Se arroba a minha idéa,
E vendo honrados meus paternos lares,
De gloria o immortal fogo em mim se atêa!
Mas tudo é pouco; do meu canto a cima
Muito assomas, Luiz Alves de Lima!

EPODO VI.

Complete este meu canto
A patria agradecida,
E mostre ao mundo o quanto
Alta virtude estima,
De quem com o meu Lima
Por ella offrece a vida
Com amor puro e santo.
Grande Lima, se a inveja
Ja contra ti braveja,
Ao grito seu em vão
Responda o Maranhão!

Magalhães.

O CRAVO. ¹

Se eu pudesse as tuas cores
Às de Lilia comparar,
Lindo cravo, eras sem preço,
Quanto te havia eu prezar!

O carmim de suas faces
É mais suave e mais brando,
Renova-se a todo o instante
Alento novo tomando.

Porém, como tu possues
Grato aroma que deleita,

¹ Inedito.

Busca a linda, a beila Lilia,
E seus cabellos enfeita.

Entre as tranças delicadas,
Onde amor tem seu thesouro,
Ostenta tua belleza,
Esmalta seus fios de ouro.

Alli, depois de existires
Quanto tu possas durar,
Morrerás, e a mão de Lilia
Teus restos vai conservar,

Ja murcho, secco e sem cores
Por ella serás guardado,
Gozarás os ternos beijos
Daquella a que fostes dado.

Oh quem me dera tambem
Em terna flor me mudar,
Para no seio de Lilia
Viver contente, e espirar!...

J. J. de S. S. Rio.

SONETO.

Achou Fabio um torrão de barro louro,
Que amassou de vagar muito a seu geito,
E delle fez um homem tão perfeito,
Que a todos parecia ser de ouro.

Ninguem se lhe atrevia em seu desdono,
Mas o tempo, que a nada tem respeito,
Na grande perfeição fez tanto effeito,
Que elle proprio lhe foi funesto agouro.

Olhou Fabio, que é justo, e então pondera
Que a vaidade deste homem, a que elle ama,
Contra o mesmo factor logo se altera,

Levanta o braço e contra o vicio exclama,
Derriba a mesma estatua que fizera,
E do estrago somente dura a fama.

Basilio da Gama.

SALIX E PHOLOE, OU A ORIGEM DO SALGUEIRO CHORÃO

METAMORPHOSE.

Amante de Pholoe, Salix formoso,
N'um fresco bosque um dia amor cantava.
A discreta Pholoe alli soia
Deixar vagar seu molle sobresalto:
Ora unido ao das aves o seu canto,
Ou pensativa á margem dos ribeiros;
Ora colhendo sem escolha flores,
Sem arte enfeitada a natural belleza,
Se encontra seu pastor gosta de vel-o,
Mas sem corar sorri, ama sem crime.
Á innocencia fiel, Salix unia
O respeito ao desejo, o medo á esperanza;
Té que o hymeneo loução tornar quizesse
Em consorte ditoso o terno amante.
Se amor zomba de ti, é razão fraca!
Quem contar pôde com teus vãos protestos!
Pholoe confia na ramage exclusiva,
E do banho á frescura se entregava.
Frendosos lotos recurvados n'agua,
Com verde manto seu pudor protegem.
A quieta soledade, e a dos bosques
Quasi luz, mais do qu'ella deleitosa,
Tudo lhe diz: « Por tí vela o mysterio;
« Nympha, não temas temerarias vistas.»

Para as aguas que tantas graças banham,
Salix, o crime não, conduz-te o acaso.
Foi zephyro que as folhas afastando,
Descobrio-te o segredo, a culpa é delle.
Ceos! que attractivos para amantes olhos!
Gentil juiz no Ida, tão absorto
Paris, não foi, com Juno sem adreço,
Sem voo Minerva, sem petrina Venus.
Atraíção o crystal de inquietas aguas,
D'eburneo seio alli, virginaes mimos,
La no liquido azul as tranças d'ouro;
E toda Venus ao surgir das ondas.
Salix é outro, e chamma seductora
Queima nas véas, e faisca aos olhos;
Quer fallar, falha a voz, e para o rio
Curvado, a vista fixa, o ouvido attento,
Teme que o halito, agitando os ramos,
Susurro delator assuste as aguas.
Pholoe la vem tomar na fallaz riba,
De tantas perfeições avaras faldas:

Ligeira marcha, e a cada movimento
Mostra um novo thesouro ás vistas avidas.
« Que fazes insensato? Que delirio?»
Parte, e grita: « Cruel ao menos pára!
« Os assaltos do ardor veos mal defendem,
« Eu morro se não cahes nua em meus braços!»
Ceos! foi o grito da surpresa virgem.
A voz do susto a onda ao longe brama,
La no profundo as Naiades tremeram,
Com murmurio queixoso o bosque geme.
Diana acode á voz, na dextra o arco,
Corre a honra vingar de seus dominios.
Deosa, o pudor salvaste, e inde te irrita
Não consummado ultrage? Salix foge,
Raivosa a Deosa a setta solta, e o fere,
O' prodigio! seus pes no chão se arreigam,
Tronco nodoso, quer correr, não pôde.
Lenhosa casca ja lhe envolve os membros:
Do rosto as rosas enverdecem, murcham;
No ar em ramos os cabellos brotam;
E os braços que supplice aos ceos erguia,
Symbolos do pezar, languidos cahem.
Salgueiro, as aguas busca, e as folhas pallidas,
Da amada ausente ainda a imagem buscam.

V. da Pedra-Branca.

Silva Alvarenga.

Vio a luz no meiado de seculo passado, na villa de S. João d'El-Rei, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que muito honrou as musas brasileiras.

Estudou na universidade de Coimbra, e la recebeu o grão de bacharel em jurisprudencia, e publicou, por occasião de sua reforma, o bello poema heroi-comico, *O Desertor das Letras*, que grangeou-lhe a estima dos contemporaneos, apezar de homem de cor, preconceito do tempo.

Regressando á patria, occupou-se no ensino publico de rhetorica e poetica, cuja cadeira alcançara; a musica e poesia foram o entretenimento de suas horas de vagar; e deixou algumas odes e canções horacianas, e outras poesias avulsas de merito, como um dos melhores poetas da Arcadia Ultramarina, sob o nome de Alcindo Palmireno.

Glaura, collecção de rondós e madrigaes de delicadeza e harmonia extrema, encerra versos elegantes; avultam ahí as imagens da patria, e oxalá a regularidade do metro não lhe dêsse tal ou qual monotonia que cansa.

A traducção de Anacreonte, em que tanto esmerara-se, e que ficou por imprimir, desapareceu no dia de sua morte, em primeiro de novembro de 1814.

Silva Alvarenga desceu o tumulto ralado de desgostos, de tão jovial e folgazão que era!

A GRUTA AMERICANA.

A BASILIO DA GAMA.

N'um valle estreito o patrio rio desce
De altissimos rochedos despenhado
Com ruido, que as feras ensurdece.

Aqui na vasta gruta socegado
O velho pai das nymphas tutelares
Vi sobre urna musgosa recostado;

Pedaços d'ouro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o ceo quiz derramar n'estes lugares.

Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphitheatro, onde respiram
No ardor da sesta as Dryades formosas.

Os Faunos petulantes, que deliram
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,
De tronco em tronco n'estes bosques gyram.

Mas que soberbo carro se apresenta?
Tigres e antas, fortissima Amazona
Rege do alto lugar em que se assenta.

Prostrado aos pes da intrepida matrona,
Verde, escamoso jacaré se humilha,
Amphibio habitador da ardente zona.

Quem és, do claro ceo inclyta filha?
Vistasas pennas de diversas cores
Vestem e adornam tanta maravilha.

Nova grinalda os genios e os amores
Lhe offerecem e espalham sobre a terra.
Rubius, saphyras, perolas e flores.

Juntam-se as nymphas que este valle encerra,
A deosa acena e falla: o monstro enorme
Sobre as mãos se levanta, e a aspera serra
Escuta, o rio pára, o vento dorme.

« Brilhante nuvem d'ouro,
« Realçada de branco, azul e verde,
« Nuncia de fausto agouro,
« Veloz sobe, e da terra a vista perde,
« Levando vencedor dos mortaes damnos
« O grande rei José d'entre os humanos.

« Quando ao tartareo açoute
« Gemem as portas do profundo averno,
« Igual á espessa noite
« Voa a infausta discordia ao ar superno,
« E sobre a lusa America se avança
« Cercada de terror, ira e vingança;

« E's a guerra terrivel
« Que abala, atemorisa e turba os povos,
« Erguendo escudo horrivel,
« Mostra Esphinge e Medusa e monstros novos;
« Arma de curvo ferro o iniquo braço:
« Tem o rosto de bronze, o peito d'ago.

« Pallida, surda e forte,
« Com vagaroso passo vem soberba
« A descarnada morte.
« Com a mesquinha triste fome acerba;
« E a negra peste, que o fatal veneno
« Exhala ao longe, e offusca o ar sereno.

« Ruge o leão ibero
« Desde Europa troando aos nossos mares,
« Tal o feroz Cerbero
« Latindo assusta o reino dos pezares
« E as vagas sombras ao trifauce grito
« Deixam medrosas o voraz Coccyto;

« Os montes escavados,
« Do vasto mar eternas atalaias,
« Vacillam assustados
« Ao ver tanto inimigo em nossas praias.
« E o pó sulphureo, que no bronze soa,
« O ceo, e a terra e o abysmo atroa.

« Os echos pavorosos
 « Ouviste, ó terra aurifera e fecunda,
 « E os peitos generosos
 « Que no seio da paz a gloria inunda,
 « Armados correm de uma e d'outra parte
 « Ao som primeiro do terrivel Marte.

« A hirsuta mantiqueira,
 « Que os longos campos abrasar presume,
 « Vio pela vez primeira
 « Arvoradas as quinas do alto cume,
 « E marchar as esquadras homicidas
 « Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.

« Mas, bh rainha augusta,
 « Digna filha do ceo justo e piedoso,
 « Respiro, e não me assusta
 « O estrepito e tumulto bellicoso,
 « Que tu lanças por terra n'um so dia
 « A discordia, que os povos opprimia.

« As horridas phalanges
 « Já não vivem d'estrageo e de ruína,
 « Deixam lanças e alfanges.
 « E o elmo triplicado e a malha fina;
 « Para lavar a terra o ferro torna
 « Ao vivo fogo e á rigida bigorna.

« Já cahem-sobre os montes
 « Fecundas gottas do celeste orvalho;
 « Mostram-se os horizontes,
 « Produz a terra os fructos sem trabalho;
 « E as nuas graças, e os Cupidos ternos
 « Cantam á doce paz hymnos eternos.

« Ide, sinceros votos,
 « Ide, e levai ao throno lusitano
 « D'estes climas remotos,
 « Que habita o forte e adusto Americano,
 « A pura gratidão e a lealdade,
 « O amor, o sangue, e a propria liberdade.»

Assim fallou a America ditosa,
 E os mosqueados tigres n'um momento
 Me roubaram a scena magestosa.

Ai, Termindo, rebelde o instrumento
 Não corresponde á mão, que já com gloria
 O fez subir ao estrellado accento.

Sabes do triste Alcindo a longa historia,
 Não cuides que os meus dias se serenam,
 Tu me guiaste ao templo da memoria;
 Torna-me ás musas, que de lá me acenam.

Silva Alvarenga,

AOS BAHIANOS.

ODE.

Na liberdade está a felicidade,
 e no valor a liberdade,

THUCYDIDES.

Altiua musa, ó tu que nunca insenso
 Queimaste em nobre altar ao despotismo,
 Nem insanos encomios proferiste
 De crueis demagogos.

Ambição de poder, orgulho e fausto
 Que os servís amam tanto, oh nunca, musa,
 Acenderam teu estro; a so virtude
 Soube inspirar louvores!

Na abobada do templo da memoria
 Nunca comprados cantos retumbaram:
 Ah! vem, ó musa, vem, na lyra d'ouro
 Não cantarei horrores,

Arbitraria fortuna! desprezível
 Mais que essas almas vis, que a ti se humilham
 Prosterne-se a teus pes o Brasil todo,
 Eu nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga, a mão que açouta,
 Escravos nados, sem saber, sem brio;
 Que o barbaro Tapuia, deslumbrado,
 O deos do mal adora.

Não, reduzir-me a pó, roubar-me tudo,
 Porém nunca aviltar-me póde o fado:
 Quem o morte não teme, nada teme;
 Eu nisto so confio.

Inchado de poder, de orgulho e sanha,
Treme o visir, se o grão-tenhor carrega,
Porque mal dirigio sobrolho iroso,
Ou mal dormio a sesta.

Embora nos degrãos do excelso throno
Rasteje a lesma, para ver se abate
A virtude que odia, so me alenta
Do que valho a certeza.

E vós tambem, Bahianos, desprezastes
Ameaças, carinhos; desfizestes
As cabala que perfidos urdiram
Inda no meu desterro.

Duas vezes, Bahianos, me escolhestes
Para a voz levantar a prol da patria,
Na assembléa geral; mas duas vezes
Foram baldados votos!....

Porém enquanto me animar o peito
Este sopro de vida que inda dura,
O nome da Bahia, agradecido,
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade e a independencia
Da doce cara patria, aqueim o Luso
Opprimia sem dó, com riso e mofa:
Eis o meu crime todo!

Cingida a fronte de sanguentos louros,
Horror jamais inspirará m. u nome;
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos;
Meu nome acabe, para sempre acabe,
Se para o libertar do eterno olvido
Forem precisos crimes!

Morrerei no desterro em terra estranha,
Que no Brasil so vis escravos medram.
Para mim o Brasil não he mais patria:
Pois faltou á justiça.

Valles e serras, altas matas, rios,
Nunca mais vos verei; sonhei outr'ora
Poderia entre vos morrer contente;
Mas não, monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave
Parar o acrio voo, e de mil flores
Roubar aromas, e brincar travessa
C'o tremulo raminho.

Oh paiz sem igual, palz mimoso!
Se habitassem em ti sabedoria,
Justiça, altivo brio, que ennobreceam
Dos homens a existencia....

De estranha emulação aceso o peito,
La me ia formando a phantasia,
Projectos mil para vencer vil ocio,
Para crear prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados,
Um novo Eden fariam.

Doces visões! fugi; ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra;
Ja vejo o genio da certa morte
Ir afiando a fouce.

Gallicana donzella lacrimosa,
Trajando roupas luctuosas longas,
Do meu pobre sepulero a tosca lousa
So cobrirá de flores.

Que o Brasil inclemente, ingrato ou fraco,
As minhas cinzas um buraco nega:
Talvez tempo virá que ainda pranteie
Por mim com dor pungente!....

Exulta, velha Europa, o novo império.
Obra prima do eco, por fado impio....
Não será mais o teu rival activo
Em commercio e marinha.

Aquelle que gigante ainda no berço
Se mostrava ás nações, no berço mesmo
É ja cadaver de cruéis harpias,
De malfazejas fúrias!

Como, ó Deos! que portento! a Urania, Venus
Ante mim se apresenta? Riso meigo
Banha-lhe a linda boca, que estyrece
Fino coral nas cores.

« Eu consultei os fados que não mentem, »
(Assim me falla a piedosa deosa)

« Das trevas surgirá sereno dia
« Para ti, para a patria.

« O constante varão que ama a virtude,
« C'os berros da borrasca não se assusta;
« Nem como folha de alemo fremente
« Treme á face dos males.

« Escapaste a cachopos mil occultos,
« Em que ha de naufragar, como até agora,
« Tanto aulico perverso. Em França, amigo,
« Foi teu desterro um porto.

« Os teus Bahianos, nobres e briosos,
« Gratos serão a quem lhes deu soccorro
« Contra o barbaro Luso, e a liberdade
« Metteu no solo escravo.

« Ha de emfim essa gente generosa
« As trevas dissipar, salvar o imperio;
« Por elles liberdade, paz, justiça
« Serão nervos do estado !

« Qual a palmeira que domina ufana
« Os altos topos da floresta espessa,
« Tal bem presto ha de ser no mundo novo
« O Brasil bem fadado.

« Em vão de paixões vis cruzados ramos
« Tentarão impedir do sol os raios;
« A luz vai penetrando a copa opaca,
« O chão brotará flores. »

Calou-se então; voou. E as soltas tranças
Em torno espalham mil sabeos perfumes,
E os zephyros, as azas adejando,
Vasão dos arcs rosas.

J. B. de Andrada e Silva.

Antonio Ferreira Mendes.

Antonio Ferreira Mendes, que viveu pelos primeiros annos do seculo decimo oitavo, seguiu a profissão ecclesiastica. Era de vasta comprehensão, tinha bastante queda para a

poesia, que cultivou com gosto em os momentos de vagar; mas tão de raro publicava as suas produções, que apenas apparecem as consagradas á morte do rei D. João V, o que nos inhabilita de dar um juizo de melhor critica sobre sua maneira de poetar.

SONETO.

Sagrada enanação da divindade,
Aqui do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos, com revezes mudo,
Fui teu votario, e sou, ó liberdade !

Póde a vida brutal ferocidade
Arrancar-me em tormento mais agudo;
Mas das furias do despota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incutir póde horror a um peito fero,
Que aos fracos tão somente a morte é dura.

Antonio Carlos R. de A.

AO REI D. JOÃO V.

SONETO.

São vossos annos sempre venturosos,
Fidelissimo rei, porque a virtude
Que vos prospera a temporal saude,
Quando os augmenta os faz tambem gloriosos.

E se quereis que sejam mais famosos,
Vosso heroico valor nunca se mude,
Esperando que o ceo propicio ajude
Vossos altos designios generosos.

Eternos durarão vossos estados,
Em premio das virtudes singulares
Que fazem vossos reinos respeitades.

K a Deos rendemos graças não vulgares
De sermos com justiça governados
Por um monarcha que merece altares.

F. X. de Santa Theresá.

ESCUTA-ME.

Porque furtas os teus labios
Aos beijos que os meus lhes dão?
Oh! que inda virgem de amores,
Não conheces a paixão;

Que se a paixão conheceras
E um so beijo meu fruiras,
Singela e linda menina,
Como então amor sentiras!...

A mão que avara me escondes
Uma vez deixa oscular;
No gelo da indiferença
Quero meu fogo apagar!

Quero.... mas es innocente,
Não devo ensinar-te a amar;
Fique em paz teu coração,
So o meu fique a penar!....

F. J. de Souza Silva.

IMITAÇÃO DE PARNY.

ELEGIA.

Como esquivos se foram! pressurosos
Passaram qual relampago os instantes
Doces e puros, languidos e bellos,
Em que nos labios teus bebi a vida!...
Então dos olhos no amoroso espelho
Eu lia minha sorte, eu lia o dita!
Hoje tudo mudou; se tu ve avistas,
Qual do raio ferido viandante,
Friste e muda as palavras desconheces!

* Inedito.

Se os joelhos te abraço às vezes terno,
Gelido riso teu o ardor me quebra;
Houve um tempo (talvez delle te olvides)
Em que deliciosa m'espargias
Sobre a existencia a taça dos prazeres.
Ai... tudo se mudou!... teu peito é outro;
Amor, delicias s'esgueiraram delle,
E a tetra mão da horrída lembrança
Veio nos olhos meus dar-lhes assento!

F. Octaviano de A. R.

A AVEZINHA.

Avezinha solitaria
Saudosa, amante e triste,
Sou, nos echos que repito,
De continuo a suspirar;
E no canto em que procura
Dar allivio a seu tormento,
Mais cresce o rigor violento,
Mais se augmenta o seu penar.

Antonio José.

A AFFONSO DE ALBUQUERQUE.

ODE.

Onde, musa, me levas inflammado?
Onde me guia teu furor divino?
Em transportes de gosto arrebatado,
A curva lyra afino.
D'Africa vejo os asperos lugares,
Vejo rasgados nunca vistos mares.

Ondeando as reaes altas bandeiras,
Vê o assustado Ganges, treme a terra
C'o rouco som das tubas pregoeiras

¹ Differe da publicada no *Parnaso Brasileiro* do Sr. Conego J. da Cunha Barbosa, e reproduzida no *Parnaso Brasileiro* do Sr. J. M. Pereira da Silva; seguimos a lição da *Collecção de poesias ineditas dos melhores autores portuguezes*.

Da turbulenta guerra;
 Eis que medroso ouvindo o oriente
 Treme assustado o Samorim potente.

E denso fumo envolto ardente em ira
 Vomita o bronze a sibilante bala,
 O triste horror por toda a parte gyra,
 Altos muros escala
 O invicto Affonso, e os naires bellicosos
 Do largo ferro fogem temerosos.

Parte da negra barba retorcida
 Sobre o espaçoso peito cabelludo
 Lhe ondea, com a vista enfurecida
 Erguendo o largo escudo,
 No punho aperta a rutilante espada,
 Asia ja nostra a face ensanguentada.

D'entre os espessos barbaros a'fanges
 Vejo arrancar os louros vencedores;
 Fogem cortadas timidas phalanges.
 D'entre mortaes clamores,
 Do guerreiro Albuquerque nome e gloria
 Vejo subir ao templo da memoria.

Volta o grande Orfação o rosto irado,
 A guerreira cidade vejo afflicta
 Cahir sobre seu sangue derramado,
 Domada a furia invicta,
 Aos pes do vencedor obediente
 O collo offerece á aspera corrente.

Mostra a terra nas costas fumegantes
 Boiando em sangue corpos exulados,
 Pernas e braços inda palpitantes,
 Nos mares descorados.
 Guerra, guerra ja ouço em toda a parte
 Bradando irado o lusitano Marte.

A tragadora chamma crepitante,
 Sobre as azas do fumo suspendida,
 Sobe a lambar os ares vacillante,
 Mas cahe enfraquecida
 Sentindo de Vulcano o duro effeito
 Volve no immundo po o afflicto peito.

Ja triste sobre as cinzas assentada
 No meio dos temores e agonias
 C'o a fria mão na face ensanguentada
 Chora os passados dias,

Ouvindo entre o rancor, o medo e o susto
 Do guerreiro Albuquerque o nome augusto.

O rico Ganges forte e celebrado
 Detem um pouco a tumida corrente,
 Eu o vejo entre sustos d'escorado
 Chegar obediente,
 Com vacillantes passos duvidoso
 A vencedora mão beijar medroso.

A decantada Ormuz sempre guerreira,
 Goa, Pangim, Malaca bellicosas
 Turbadas ceilem pela vez primeira
 A espada furiosa,
 E sobre seus estragos e ruinas
 Tremolar vejo as vencedoras quinas.

O guerreiro Albuquerque, a vossa historia,
 Por mais que corra a tragadora idade,
 D'Africa espanto, de Lusitania gloria,
 Vive na eternidade;
 E o vosso nome no sagrado templo
 Aos futuros heroes sirva de exemplo!

Vidal de Barbosa.

AO REI D. JOÃO V.

SONETO.

Grande rei, em que todo o mundo admira
 De virtudes ornada a magestade;
 Principe, em quem á sombra da piedade
 E da justiça Portugal respira;

Rei cujo aspecto magestoso inspira
 Temor, respeito, amor, fidelidade;
 Sol que para influir felicidade
 Ao seu imperio pelo imperio gyra;

Hoje com gosto tal vos felicito,
 Que vos auguro um throno luminoso,
 Um circulo de lustres infinito.

Meus votos ouça o Todo Poderoso,
 A quem por honra sua solicito
 Que vos conserve sempre glorioso!

F. X. de Santa Theresa.

AOS ANOS DE UMA MENINA.

SONETO. *

Era um sitio do rosas matizado,
Aonde amor depondo a prenhe aljava,
Da terna mãe nos braços descansava,
Deposta a venda, o arco desarmado.

Apezar da estação, risonho o prado,
Risonha toda a natureza estava,
Por lei de Jove o tempo respeitava
Um dia que era a Venus consagrado.

O mesmo travesso suspendia
Da boca o riso, quando a mãe formosa,
Afagando-o nos braços lhe dizia:

« Fez annos Carolina virtuosa,
« Vamos colher em honra deste dia
« Em Chypre a murta, em Amarantha a rosa.

Eloy Ottoni.

UM DESAFOGO. *

La beauté sans amour, dont les pas nous entraînent,
Femme aux yeux exercés
Dont la robe flottante est un piège où se prennent
Les pieds des insensés!

VICTOR HUGO.

Eu te amava cruel! e insensato
Fruia o prazer de ser amado
Um dia, quando a sorte menos barbara
Meus pezares lindasse, e satisfeita
Do damno meu, outro infeliz tomasse!
Oh! como eu me illudi! como imbecil,
Caprichoso pensei, como a criança!

* Inedito.

* Inedito.

Ser amado por ti, mulher sem alma!
Ser amado por ti, por ti, tyranna!
Por ti, que escondes nesses attractivos
Uma alma dura, indocil, sem affecto!
Tambem a flor mimosa, cujo cheiro
Cuja belleza, cuja cor encanta
Attrahe do enamorado plumoso
Inconstante amator vistas prefixas
E occulta traiçoeira muitas vezes,
Peçonhento reptil, que pensa astuto
No bote com que certo empolgue a presa.
Tal é tua belleza, assim teus dotes
Tão mimosos, tão caros, tão divinos,
Cautelosos escondem, acobertam
A fealdade de tua alma ingrata!
Triste do infeliz que, seduzido
Pelo encanto desses ternos olhos,
Pela belleza de teu lindo rosto,
Chegar a amar-te, pobre miseravel!
Seus ais, o pranto seu e seus suspiros
Irão em vão roçar em teus ouvidos
Com riso mofador, do orgulho altivo
Farto infallivel, simularas não vel-os!
Em troca desse afan, desse amor forte,
Colherá, inda mal, um desprezivel
Olhar que esmaga, qu'anniquila e mata
Aquelle que a fagir-lhe não sabera!
Ufana a fera, contente como tigre
Da carnagem e do sangue que espargira,
Se espejhará no estrago que fizera;
Se sois, humanos, do exemplo amigos,
Se vossos corações puros e virgens
Não soffreram ainda esses rigores
Da mais forte, mais barbara, mais terrivel
Das paixões do homem, fugi de vel-a!
Ah! seus encantos seduzem e cativam;
Seus olhos podem tanto, que até temo
Que os mesmos deoses cedam de vencidos!

O NOME DE OCARLINA.

MADRIGAL.

Furtivo beijo tímido da virgen:
C'o a mente erma de amores,
O brilhante matiz que a borboleta

Deixa nas azas ver por entre as flores,
O mystico clarão frouxo da estrella
Que no ceo se esvaece,
O hymno me'ancolico da pomba
Que os bosques enternere,
E da quebrada vaga os sons pausados
Nos rochedos magoados,
E de lyra romantica e divina
Os mais aereos sons, são menos doces
Que o nome de Ocarlina.

A. de Queiroga.

A ILLUSAO.

Feliz tempo dos meus primeiros annos!
Em qu'eu cuidava que a maior ventura
Era ser conhecido entre os humanos

Como um filho amado
Da madre natureza
Por Deos animado
De excelso talento
Da diva poesia,
A cujo alto accento
O mundo abalado,
Seguindo a harmonia,

Reconhecesse que quem targe a lyra
E um anjo entre os homens disfarçado,
Cuja augusta missão so Deos inspira.

Feliz tempo em que o sol se me antolhava
Como um astro sem mancha coruscante,
Luz eterna que nunca se eclipsava!

Eu nelle so via
Um carro radiante
Onde Deos vivia,
E sempre gyrando
Sem outro destino
Que ir tudo aclarando
De um fogo divino.

Tal eu cuidava ser do genio a sorte;
Então nodoads no sol não descobria;
Hoje sei que sujeito é tudo á morte.

Tudo o que existe, tudo o que respira
Tem principio e tem fim. Murcham as flores,
A luz se apaga, o universo expira.
Que vale a belleza,

Que valem amores,
Se em nada ha firmeza?
De que serve a gloria
Ganhada n'uma hora,
Se é tão transitoria?
Renóme e grandeza,
Tudo se evapora!
Mas contra as leis de Deos não murmuremos;
Imitemos, meu bem, a natureza,
E as venturas de amor juntos gozemos.

G. de Magalhães.

A D. THOMAZ JOSÉ DE MELLO, GOVERNADOR DE PERNAMBUCO.

SONETO.

Muito tempo não ha que o mar cobria
Este mesmo lugar onde hoje estamos,
Ainda agora a areia que pisamos
Mal secca está das aguas que vertia.

Quem cansado chegar de longa via
Escutando das aves os reclamos,
À sombra poderá de verdes ramos
Passar as horas do calmoso dia.

Se entre nós se celebra o grande Henrique
Porque fez este aterro, e a crer-me movo
Que ainda a sua memoria eterna fique.

Que dirá de Thomaz o grato povo?
De Thomaz, que não so renova o dique,
Mas que todo o Recife faz de novo?

F. de Sales.

A. C. Ferrão Castilho, e seu filho.

Primou na poesia satyrica Antonio Gomes Ferrão Castilho, morgado do Porto-da-folha, que na força e energia de manear o ridiculo rivalisou com Gregorio de Mattos.

Dotado de talento e cultivando-o desde a

infancia, juntando aos dotes da natureza os dotes da fortuna e a nobreza de seu nascimento, mereceu as sympathias das pessoas gradas da Bahia, d'onde era natural.

Herdeiro de seus titulos e de sua fortuna, não o menos digno se mostrou de seus talentos e seu filho Pedro Gomes Ferrão Castilho, em cuja educação tanto se esmerara.

Ambos viveram pelos annos do seculo passado.

A MEMORIA SAUDOSA DA IMPERATRIZ D. MARIA LEOPOLDINA.

Póde o imperio deixar afortunado,
Com denodo affrontar procellas, mares,
Para do grande Pedro unida ao lado
Benigna serenar nossos pezares;
Tornar nação a um povo agrilhado,
Que mal cumpre carpir-se nos seus lares
Póde.... que a fiel musa não se illude,
Carolina sem par, tua virtude.

Como do Olympo nume que baixara,
Em transportes de gosto recebida
Não desmente aos prestigios quanto obrara;
Emquanto o mundo passeára em vida;
Que o pranto d'infelizes qu'enxugára
Das garras da oppressão na triste lida
Com titulante esforço, é tal victoria
Que excede as expressões, deslumbra a historia.

De pais a filhos, netos, descendentes,
Se transmite o dever, amor não cessa;
Com indeleveis cifras permanentes,
Eterna gratidão n'alma se expressa;
S'assim ha de viver entre outras gentes,
S'assim da gloria o templo s'endereça,
Tem na fama gentil quem firme a escude
Da morte não soffreu o golpe rude.

Beneficencia cega, amor, ternura
Ao mundo inteiro sem orgulho ensina;
Seu amor maternal, sua candura
Não é d'humano ser por ser divina;
Entre os humes nova creatura

Tal se endeosa a rara Carolina!
Desta vida zombando transitoria,
Do saudoso Brasil vive em memoria.

Mas se á fragil materia sobranceira
N'alma se imprime sensação mais grata.
Se solta a vida da prisão rasteira
N'outro hemispherio eterna se dilata
A par da potestade justiceira,
Que essencias divinaes aguarda e acata
Vives... que espaço e tempo ao mundo allude,
Inda que o tempo morra, o tempo mude.

Bem como á nossa idade se passaram
Heroínas illustres que existiram,
Que em virtudes christãs se assignalaram
Ou em civicos dons se distinguiram,
Que mais duraveis que padrões que alçaram
Outros em breve typo se erigiram,
(Com surpresa do globo) a mais notoria
Ha de aos astros voar a tua gloria!

Tal qual foste p'ra nós que ser te prezes
Junto ao nume de quem benções tiveste:
Bem como a outras nações e aos Portuguezes
O faz real penhor que auxilios preste
Para a guardar de crueis revezes;
É este teu solar, teu povo é este,
Do teu Brasil primeira divindade
Tu és e tu serás em toda idade.

Mas que importa ao Brasil tamanha dita
Ter entre os numes tutelar vaidoso,
Se a cada instante a recordal-a o excita
O quadro da ternura o mais saudoso,
Nos tenros fructos d'união inclyta?
Perante quem se acurva carinhoso
Eis nos ternos penhores d'amizade
Monumentos de magoa e de saudade!

João José Vahia.

A SAUDADE MATERNA. ¹

De ti teus pais saudosos se despedem.
Neste funebre asylo

¹ Inedito.

Da paz e do silencio
Vertendo amargo pranto,
Da mais viva saudade retalhados,
Cruel saudade que jamais se extingue!

Adeos, Egydio!... adeos! E para sempre!...
Longe de teu sepulcro chorar vamos,
Por toda a nossa vida
Tua existencia tanto em flor cortada! ³

Este o penhor do amor e da amizade,
Que teus pais te consagram
Do amor e de amizade
▲ ti tambem devidos.

Um solido consolo
Sim ha de acompanhar nossa existencia:
(Graças á religião de teus maiores
Santa religião, de quem es filho.)
Por teus innumeraveis soffrimentos, ⁴
Por teus costumes sempre sãos e puros,
Por tua vida merencoria e justa,
Tua innocente vida,
E tua castidade,
Novo anjo dos ceos nos ceos habitas
Que parte'la es de Deos na eternidade!

Pelo que nos concerne neste mundo,
On te talvez mui pouco habitaremos,
Onde tu tens irmãos que te prantéam,
Onde parentes que te commemoram,
E honra-te as qualidades,

Um segundo consolo nos aguarde
Capaz de prolongar triste velhice!

Talvez por elles trasladados inda,
Inda possamos ver, beijar teus ossos
E regal-os co'o pranto da saudade,
Eterno pranto que jamais se extanca!
E então aonde nos tire o fado
Sobre os teus restos, venerandos restos,
Restos caros á dor e ao pranto e a magoa,
Entiados embora,
Consolados daremos
O agonioso..., derradeiro arranco!..

² Egydio José da Silva Freire, natural do Maranhão.

³ Viveu dezoito annos e oito mezes.

⁴ Alusão ao prolongado e doloroso padecimento de doze annos de enfermidade.

Adeos, Egídio! adeo!... E para sempre!...
Longe de teu sepulcro chorar vamos
Por toda a nossa vida
Tua existencia tanta em flor cortada!

D. Anna da Silva Freire.

À MONTE DE D. RODRIGO DE SOUZA COUTINHO, CONDE DE LINLARES,

EPICEDIO.

Non sibi, sed patriæ vixit, regique, suisque,
Quod daret, inde dives; felix numerare beatos.

HORACIO.

Assim aguia veloz, cortando as nuvens
Vai de Phebo libar o lume eterno,
E dos mortaes os olhos assombrados,
Seu trilho não rastejam

Assim por Boreas bafejado o lenho
O sa so campo de Neptuno lavra,
E deba'de a saudade mesta esprega
Vestigios de momento.

Maligna inveja, alçando a face horrenda,
Ora ent.e os immortaes procura o justo, ¹
Contra quem despedio com furia brava
A setta envenenada.

Coutinho sobre as azas da virtude,
T aspondo os astros, por vereda ignota
À sedenta ambição, ao ocio torpe,
Encara a eternidade.

Com suspiros saudosos Lysia expressa
Da p rda ingente o amargo sent mento,
E culpa em sua dor o ceo tyranno,
O ceo que lh'o roubara.

Fatal necessidade! Lei soberba,
Que os perversos e os bons baralha injusta!
Que não possa esquivar-se á urna ingrata
O nome de Coutinho!

¹ Muitos versos ha nesta composição que recordam as odes de Horacio.

Levanta o veo, ó mure luctuosa,
Deixa da sepultura as frias margens,
O heroe que merece os teus louvores
Da Parca tu defendes.

Deixa á morte os despojos mentirozos,
E em firme mansão deo que o tempo insulte,
La tua gratidão grava a luctuosa,
E do varão a gloria.

Ainda em verde annos escolava
Da sciencia os acaes mais sublimes,
Espantou-se o Mago o dos talentos
Do segundo Bernoulli.

O Pado ve do zelo m'leante,
E profundo sebar nobre caridos,
Enquanto das negros da patria amada
Os direitos sustenta.

O Pado e o Pado vivam ternos laços
Hymeneo apartar com fons auspicios,
E as chamas que acendem nos firmes peitos,
Jamais se entibiarão.

Ja de Lysia feliz ao vasto imperio
Encontra os hombros com valor prestante,
Qual o robusto Atlante o globo immenso
Sustenta denodado.

Caudaloso Amazonas Indo, Ganges,
Quantos o claro Tejo as leis recebem,
O cofo inclinam ao monarcha excelsos,
E o ministro respeitam.

Antrepida marinha arrostra os p'rigos,
Dehella os inimigos, vence Eolo,
E de João á dextra entregaria
De Neptuno o tridente.

Mas não bastava que de Pitt a estrada
Trilhasse gloriosa: novo Cesar,
Enquanto algum rival vencer lhe falta,
Nenhum vencido julga.

Colbert, Richelieu, fracos modelos
A sua imitação inda prestavam
O amigo do seu rei, mais que ministro,
Sully o seu exemplo.

Em fervidas procellas, entre escombros,
Por miseros naufragios infama los,
Guia o ufa o baixel seguro e forte,
As ondas não recêa.

Nuvem ligeira esconde agora o sabio,
Que b'ilhava, qual P. ebe entre as estrellas,
Aos livros volve, aos livros companheiros
Na muda soledade.

Assim de Roma nos viçosos dias
Pequeno campo cultivava o do
Ilustre seu dor, que as leis dictára
Ao or'e amedrontado.

No clima que elle prova, clima ingrato,
O amor da patria de envolve extremo,
Da inteireza e euado e da verdade,
Que o berço lhe embalaram

As sciencias que fozem de Mavorte
O sanguinoso estre, não se aligam
Do throno de Jove sob os auspicios,
No braço venturoso.

As vedadas prisoas quebra o commercio,
Salta barreiras que a ambigão defende:
Por vez primeira caudalosos rios
Sob a qui ha se curvam.

Minerva e Pallas, em abraço eterno
Juram da gloria transportar a tancia,
O ministro immortal que o bem do estado,
Não o proprio, desceia.

Mas onde, ó phantasia, onde te engolphas?
Onde da gratidão te eleva o fogo?
Ao pranto volve, ao pranto, que é devido
As cinzas de Continho.

Eu não temo p'isar aceras brzas,
Quando á virtude o elogio teço:
Recio, sim, que as vozes da amizade
Suspeitosas pareçam.

À inveja deixemos triste peso
E a sua confusão, do seu opprobrio,
O rubor que lhe tinge a face frente,
Louvor é mais seguro.

Aravjo Guizarm.

A UMA NÃO

OD. 3.

Cutres cantem as bellicas fadigas
 Dos vossos immortaes progenitores,
 E as victorias antigas
 De que são testemunhas
 As serpes de ouro e as azuladas unhas.

Que eu das vossas em rezas
 Lirci alto senhor a menor parte,
 E quero ao som da lyra
 Ajuntar mais um echo á vossa gloria
 Sem abrir os annaes da antiga historia.

Africa inculta e feia
 Que estende a varias partes
 Fertil de monstros a deserta areia,
 Ilustrada por vós de novos lumes
 Aprendeu menos asperos costumes.

Nós vemos restaurado o monumento
 La tropa militar, as ilhas gemem
 Co' peso de reguros edificios
 Que encerram no oceano
 Todos os raios que forjou Vulcano.

Admira o caminhante
 N's lugares virtuosos
 Os victorios caminheiros,
 Os jarrins o crifres e beijos,
 E os montes cercados de castellos.

Fei inimigos invultos não t' meenos,
 A vós é que se dá a segurança.
 Vós fazeis sem tardança
 Que as selvas nos n' avitin os lugares
 Lesçam dos montes a povoar os mares.

O robusto madeiro,
 Que nasceu n' stes e imas quasi eterno,
 Vai ver nos mares o primeiro inverno,
 E al' rido as velas brancas e re' ondas
 Passa a ser novo habitador das ondas.

Não mais á antiga idade
 C' l'bre a não guar' ira,
 Que se atreveu primeira,

Procurando diverso hori' entes,
 Perdeu de vista os montes.

Eu vi que o deos Neptuno se apparellha
 A sustentar nos hombros
 O edificio nublado, que adornado
 De pintadas madeiras p' r' guinas
 Affronta o mar c'o as lasitanas quinas

A augusta sonda do famoso tio,
 Que no n' c'lo de tanta invicta tropa
 Deu as paes á da opa,
 Ao ver nas vossas mãos todo o governo
 Fica valdosa no descanso eterno

O vosso Plastre irmão ao pé do throno,
 Na sob' r'ba Libon,
 A lan e da coroa,
 Nas suas mãos encerra
 O arbitrio dos estranhos e da guerra.

Mas vós tendes mais gloria,
 Pois qu' estes p' lo mar profundo
 Fazeis a um novo mundo
 Em tão remoto hemisph'rio,
 Alma real, dignissima de imperio.

Basilio da Gama.

Antonio Martins de Araujo
 Soares.

Antonio Martins de Araujo Soares, que fo
 tio bravo militar como ex'celente p' ti, sa-
 guando o d'cor de um biographo nacional,
 nas en' na cidade da Bahia e viveu p' os annos
 do com'ço ao n' c'ido do seculo passado.

Não sabemos n' q'nto p'ramos por uma
 ou outra pro' l'ção, desp' cadina do pre' como
 um a f' l'bo que se despega em seus pedicelos de
 um f'ondosa arvore, e que o vento arrasta
 de valle em valle e leva longe; todavia el' e pa-
 rece digno d' leu' ranga, pois combinou o re-
 posar da fadiga dos annos com o gastar horas
 pe'ccio ao sabor da poesia.

A elegante e riquissima n'ha *Serpente*
 que o au'or viu tangir ao mar no Rio de Ja-
 neiro, no vice-reinado do conde da Cunha.

AO AUSENTAR-SE DE UMA NETA.

SONETO. ¹

Fora preciso, a terminar meus dias,
Depois de onze lustros maldadados,
Que quiz ssem ainda, negros fados,
Le dores carregar-me e de agonias!

Não do túmulo me aterrorizam cinzas fias,
Nem lembrança dos ossos mal chamados;
Menos fat os tormentos ilicidos
Em de peito de humanas garantias.

De um Deus terrível, como se affigura,
Não temo as iras, não; elle é clemente,
Eu dele a mais perfeita creatura. ²

So me punge a saudade da innocente
Neta, roubada pela ser e dura
A quem a tem amado exte mamente.

Maximiano J. da Motta.

A EULINA.

A angelica figura
De Eulina a cantadoura. Eulina be la
A qualquer creatura
Faz o staco d'amor morrer por ella:
A qualquer creatura
De Eulina encanta a divinal figura.

Sempre la o amor
Sua alma existe cheia de brandura,
Seu rosto encantador
É retrato da mesma formosura:
Seu rosto encanta lor
Nos duros peitos faz gerar amor.

Seu genio sempre brando,
Seus engraçados olhos matadores,

¹ Inedito.

² Entende-se com os homens em geral,
como obra prima do Criador.

Etio de quando em quando
Aos brutos convi an ló a ter amores:
Estão de quan lo em quan o
Ferindo á gente o riso e o gesto brando.

Tão divinal figura
Cativa os cor ções mais insensíveis,
Morrerá de ternura
Quem ouvir suas fallas attentive s:
Morr rá de ternura
Quem ver de Eulina a angelica figura,

A. C. de Lima

SAUDADES DE ALCINO.

Chora saudoso
Seu caro bem.

DO AUTOR.

De Marília Alcino ausente
Mal'izia a triste sorte,
E achava mais doce a morte
Que a vida sem ver seu be n,
Porque ao lado de Marília
Somente alegria tem.

Na idéa gravada a t'nha
A todo o instante do dia!
E a noite em sonho so via
A imagem de seu bem.
Porque o nome de Marília
No peito gravado tem.

Seu lido, cruel saudade
R hiva o p ito do triste,
Mas elle sabe que existe
Na memoria de seu bem.
Porque o peito e Marília
Ternura e firmeza tem.

A lera aoura envenenando
Triste Alcino suspirava,

¹ Inedito.

E depois assim cantava
Com saudades de seu bem :
« Ninguém iguala a Marília,
Nada mais encantos tem.

« Seu rosto, seus lindos olhos
Tem a minha alma cativa,
E seréi, enquanto viva,
Firme escravo de meu bem,
Porque as graças de Marília
Meu peito vencido tem.

« Quando seus lábios beijava,
De prazer quasi morria;
So me lembra que existia
«Tando ao lado de meu bem;
Oh quanto é linda Marília!
Quantos attractivos tem!

« Quando sua voz divina
Te amor sonora cantava,
O prazer me arrebatava
Ouvindo cantar meu bem;
Que de cara tem Marília!
Que expre são tão terna tem!

« Oh quem me dera inda vel-a!
Que prazer não sentia!
De tudo me esqueceria
Tornando a ver o meu bem;
Pois quando vejo Marília
Não me lembra mais ninguém. »

J. J. de S. S. R'ô.

SONETO.

Certa moçoila da talularia
Ensaieva a burlesca galopada,
Produzindo medonha trovoadá
No assoalho por onde percorria.

Era noite; uma luz na mesa ardia,
Mas eis que mesa e luz cahé empurrada
Pela duma, que, dando uma topada,
Sem ter par que a fustesse a li cahia.

Inédito.

Oh desgraça! ... Já queima a luz tyrannica
O vestido cortado por Franceza,
E a moça arde também co'a roupa insana.

Quem deu as chaminas tão cru l prestez?
As anquinhas de folhas de banana,
Com que a dama ajudava a natureza!

J. M. de Macedo.

O ARREPENDIMENTO.

Ja te quiz bem,
Eu nao te nego;
Estava cego
Quando te quiz.
Se ora em teus olhos
Meus olhos posso,
Eu me envergonho
Do mal que fiz.

Alvarenga

SONETO.

Consaña a natureza, ou preguiçosa,
As suas perfeições nos escondia;
E o que de antigas be-las se dizia,
No mundo era uma his-oria fabulosa.

Eis que um dia se apresta gloriosa
A mostrar aos mortaes quanto podia:
Tu foste, sim, tu es, gentil Maria,
De seu p-der a prova preciosa.

Co'as virtudes, co'as graças de mãos dadas,
Em ti formou raris ima belleza,
Que vence as outras tanto exageradas:

Mas qual será da terra inda a pobreza,
Se outras bellas não vem por ti moldadas,
Que o teu molde quebrou a natureza!

Caldas Barbosa.

O CIUME.

Selvatica fera
Da brenha mais toska
Se encrespa, se enrosca,
Se encontra a consorte
Co'o amante rival.

Se o rustico instincto
De um bruto padece,
Desca para a terra
Uma alma não acada
Dos zelos no mar.

Antonio José.

AO SR. JOÃO NEPOMUCENO CASTRIOTO.

SONETO.

No cem-tal o diaz da illustre fama,
Que o nome d's heroes eterna entoa,
Tez feito, Castrioto, as az risoa,
Que a frente tua de laureis enrama.

Virtudes e valor teu peito inflamma
Quando em mavorrio campo o bronze atoa,
E quando a meiga paz branda revoa
Em ti, valor, virtude acende a flamma.

Dos negros antros do hediondo abysmo
Libertando o amigo, corajoso
Suspendiste o cutello ao despotismo.

Tão nobre acção tornou-te respeitoso
No chegar entraste do heroismo,
Teas no temp o da gloria eterno gozo!

Costa Leal.

PORQUE LHE APPARECE O SOL.

MADRIGAL.

Quando, Anarda, o somno brando
Quer suspender meus tormentos,

• Inedito.

• O Sr. M. J. da Motta.

Condenando os soffrimentos,
Os d'sceios embargando;
Lura pouco, porque quando
Cuido que em bello arrebol
Estou vendo teu pharol,
Foge o somno a cova fria,
Porque lhe amanhece o dia,
Porque lhe apparece o sol.

Botelho da Oliveira.

AO DESTROÇO DA ESQUADRA TURCA
EM 1827.

SONETO.

De sangue anciosos da opprimida gente,
Que a terra habita, aonde heroes viveram;
A treços amiga perfidos romperam
Os brisutes escravos do crescent.

O numero dos seus enormemente
Avulta co os que da Africa vieram,
Mas ao regrado, a to valor cederam
Da christan, bella armada trip-ten-to.

Te me em Byzancio o barbaro Ottomano,
Feroz blasphema o aicoran maldito,
E jura inda banhar-se em sangue humano.

A Grecia solta da esperanza o grito,
Parte um raio de luz, rasga-se o engano,
E o fanatismo atroz baixa ao Cocyto.

Evaristo Ferreira da Veiga.

J. Sodré Pereira.

Nascido na Bahia em os primeiros annos
do seculo decimo oitavo, de candante de no-
bre familia, cultivou Jeron mo Sodré Pereira
as bellas letras no regaço da paz e tranquilli-
dade de um existir ameno e tranquillo.

Entre as muitas poesias que compuzera
apenas raras se publicaram. A elegancia do
estyllo, a doçura da versificação formam todo o
seu merito.

AOS GREGOS.

OUE.

O 'musa do Brasil, tempera a lyra
 E dirige o canto meu, vem inspirar-me;
 Acenl-me na mente estro divino
 De heroico assumpto digno!

Se comigo choraste os negros males
 Que a saudosa cara patria opprimem,
 De Grecia rena ci'a altas fagulhas
 As lagrimas de quem.

Fe ao curvo alfanje, se ao paleuro ardente
 Publica malvada a Grecia vende;
 As lanchiras da cruz, da liberdade,
 Farpadas inda ondeao,

As baionetas, que os servis amestram,
 Canagum, fogo não assustem p'itos
 Que amam a liberdade, amam a patria,
 E de Helenos se prezam.

Como as gotas da chuva, o sangue en opa
 Arido po de cam'os de vastades;
 Como do funeral lugubre sino,
 Gemidos mil retumbam.

Criançinhas, matronas, virgens puras,
 Que á apostasia, que á deshonra vota
 O feroz Violemin, fillo de inferno!
 Como martyres morrem.

E consentis, ó Deos! que os tristes filhos
 Fa redemptora cruz, Araies. Tu cos
 Exterminem do solo ant'ro e santo
 Da abandonada Grecia?

Contra algozes os miseros combatem;
 Contra barbaros crus honra e justiça
 A Europa geme: so tyrannos frios
 Com taes horrores folgam.

R'ivalia tes, ambição, temores.
 Sujo interesse a i'rite e pa la prentem;
 E o sangue de christãos, que lagos forma,
 Um ai lhes não arranca!

Percecerás, ó Grecia, mas contigo
 Murcharão de Albion honra e renome:
 O sordido egoismo que a devora
 É ja do mundo espanto!

Não desmaies porém, a divindade
 Ruberará tu brago; e na memoria
 Gravará para exemplo os atos fritos
 Los ilustres passados.

Eis os mirrados ossos ja se animam
 De Milhados! ja da canja fila
 Ergue a cabeça; e grito dá trezendo
 Para acordar os netos.

Hellenos, Irada, ó vos pede divina,
 Basta de enraividio, não mais opprobrios!
 É tempo de qu'bra g'itao perato,
 E de vingar infamias.

Se arrasastes de Treia os altos muros
 Para o crime punir que am e enavára,
 Então porque soffreis a lazes annos
 Estupres e adulterios?

Força assento e herço ás dentas muros
 O sagrado Helcon, Parna o o Pindo:
 Mortal, salde oia Humanidade
 E z veejai a lyra!

Ante Hellénicos proas se acamava
 Euxino, e o m'ito e laros i'm
 Lavar antes e leis as m'ites plagas
 E da Libya e da Europa.

Um puñado de heroes estão p' di
 Pingir de sangue persa o vasto ponto!
 Montão de corpos i'da palpitantes
 Estrumavam os campos!

Ah porque não sereis o que ja fostes?
 Mud u-s'o o vesso co e o vesso solo?
 E não sta la la os m'smos e tes montes,
 Estes mares e portos?

Se Esparta am'iclosa, Athenas, Thebas
 O fratri da brço não tivessem
 Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
 Curvára e colto a Roma.

E se de Constantino a infame prole
Do fanatismo e go não houvera
Aguçado o punhal, ah nunca as luas
Tremularam ufanas!

Depois que festei, ó Grecia miseranda!
Ho despertas bruta e brutal escrava,
Em a esquerda o Koran, na dextra a espada
Barbarie prega o Turco.

Assaz sorveste já milhões de insultos;
Já longa esperas ao pagar teus crimes;
O ceo tem perdoado. Eiz, já cumpre
Ser Milhões, ser homens.

Eia, Gregos, jurai, mostrai ao mundo
Que sãis dignos de ser quaes fostes d'antes;
Eia, morrei de todo, ou sede livres!
A sim fallou, calou-se.

E qual leveira noiva sacudida
Pelo tufão do norte, a sua bra Augusta
D'supperce. A Grecia e de mada:
Ou liberdade ou morte!

J. D. de Andrade e Silva.

A TULIPA AO SOL.

IMITAÇÃO DE CORNEILLE.

O' Ph'o encantador, nítido e puro,
A quem d'vo meu ser e brilhantismo!
Ast'o mimo dos ceos, adorno e gloria,
E vida do universo.

Que ao meu esplendor e ás graças minhas
Tua immortalidade encantada at:
Assombrar tu verás o mundo inteiro
As cores que me a tornam.

Ah! seja o thono meu d' Tirse a frontê:
Se tão alto prazer eu conseguisse,
Então valdosa flor das bellas flores
Eu serei a rainha.

Albuquerque Maranhão

AO SR. JOÃO CAETANO DOS SANTOS

*Por occasião de haver de empenhado o
character de Antonio José.*

D'impia figurava pelo tempo extincta,
E um poeta tific as fias d'azas,
E um nome fiz surgir que a patria adorna:
Com isso l'vantei um monumento,
Uma estatua compo; dei-lhe a palavra.
E tu l'he d'este o movimento e a força.
Iguaes porções de gloria a nós pertencem;
E como esta obra a nós deve a existencia,
No futuro talvez nós l'ha devanemos.

N'arte sublime, que ás paixões dá vi'la,
Sempre mestre e discipulo de ti mesmo.
Os vo's de Talma, com quem tu sonhas
Ovante segue, encunhado a inveja
Que já nem ousa disputar teu genio.

Tu de xarás teu nome; avante, ó Jovent
Que a gloria que predilem teus amigos
Será pelo porvir sancionada.

Maga'lhaes.

A SRA. D. ESILLA SEZEFREDA,

*Por occasião de haver desempenhado o
character de Marianna.*

SONETO.

Tu que da scena vas colhendo as flores,
Calcando a f'na a via mal trilhada
Até qui pelo vulgo d'sprezada,
Que ainda não conhece seus fulgores.

Tu, que mostrando vas d'arte os p'inares,
Por um genio feliz sempre inspirada,
Avante, Estrella, na tão ardua estrada
Em que applausos recebes e louvores.

Não ha classes p'ra o genio quando a gloria
De perfum's o cobre, e o nome envia,
Para m'delo, ás paginas da Historia.

A par do mestre, que tens passos guia,
Conquistas, Estella, o templo da memoria,
E que delle e de ti se fa le um dia.

Maga hães.

A INDEPENDENCIA DO BRASIL.

SONETO.

Sinistro agouro de morte! qu' brando
No pavez andaluz erguia o brado:
O da Iber a leão, com as anhadu,
Rugio, estremeceu de horror d'espanto.

Perfidia e susto de dobrava o manto
Que envolve a aquelle a purpura e cajado,
O Tejo sobre a urna recostado
Com a mão no rosto via da Iberia o pranto.

Da virtude as primicias corrompendo,
Rápido impulso do contagio forte
Em Lysia faz que soe o grito horrendo,

O furor da explosão ribomba ao norte,
E o Brasil, por salvar-se, a voz erguendo,
Proclama o grito de Independencia ao morte!

Eloy Ottoni.

O ACALENTAR. *

É hora! O sol escondeu-se,
Ja não cantam os sarinhos,
Mas repousam nos seus ninhos
Que fabricam em tanto amor!

Vem dormir pois, minha filha,
Até quando dia for!

Sobre o hombro meu reclina
Esse semblante innocente,
Cerra os olhos docemente,
Goza do somno o langor!

Inédito.

Dorme, dorme, minha filha,
Até quando dia for!

Dorme! E a fada dos sonhos
Com seus encantos te afazne!
Dorme! e a Ilusão te embriague,
Que da vida estás no albor!

Dorme, dorme, minha filha,
Até quando dia for!

Amanhã, em o sol nascendo,
Amanhã, em vésperas findo,
Tu despara as gozando
Materias mimosas de amor!

Dorme pois, oh minha filha,
Até quando dia for!

M. Theresa da M. S.

ROMANCE.

Oh que amor meu peito encerra,
Amor que por ti se cova!
Ou não te vas desta terra,
Ou se te fores a e l'va...

Amar que teu peito encerra
Se p'ra mim has de guardar...
Ou me não vou desta terra
Ou se eu for hei te levar.

Minha patria largarei,
O que n'ella passu r,
Os parentes deixarei
Somente por te seguir.

Se a patria queres deixar,
E della o teu possuir,
Faço gosto em te levar,
Se fazes em me seguir.

Se arreceias meu amor,
Arreceias vão findar,
Porque sinto em meu ardor
Um amor que sabe amar.

Eu de amor não arreccio
Para arreccios formar,
Porque tu tens no teu seio
Um amor que sabe amar.

Não será tua esquivaça
Motivo para meu mal;
Nem será tua mudança
O prazer de uma rival.

Não será minha esquivaça
Motivo para teu mal;
Nem de mim uma mudança
O prazer de uma rival.

Se per minha formosura
Mal te cabem vis falsias,
Não mal andei se em ternura
Te dei o que merecias.

Se per tua formosura
Mal me cabe uma falsia,
Bem andaste se em ternura
Me deste o que eu me merecia.

Oh que galé será aquella
Que rasga as ondas do mar?
Oh que galé vai tão bella
Prestes a terra deixar!

Velejando empavesada
Sobre os mares se embalança,
Em a sua popa alçada
Brinca a bandeira da França.

Mar em fóra a velejar
Se parte a ga é franceza;
Ondas do salgado mar
La corta com ligeireza.

Traz ella se ve nadante
Linda turba de mulheres...
Navio, por um instante
Eu te supplico que esperes.

Tu levas Caramurú,
A vida do meu viver!...
Ou deixa Paraguassú,
Ou pára, e me ve morrer.

Se me não tinhas defeito,
Qual eu tinha, igual ardor,
Porque acendeste em meu peito
Incendio do meu amor?

Não tens dó do meu amor,
Nem dó do meu triste lim?
Matas minha alma de dor,
E me abandonas assim?!

Oh que ingrata creatura!
Que falsia tão estranha!
Oh que tamanha tristura!
Oh que esquivaça tamanha!

Como escrava ia servir
Servindo Caramuru...
Te seguira a não seguir
A infame Paraguassú!

Pois que não posso contigo
Ja viver vida de amor,
Fico sem ti, e contigo
Vou morrer morte de horror!

Vou-me p'ara morte me andando,
É minha hora chegada...
Mas porque morro te amando,
Vou da morte enamorada...

Disse: e ja pallida e fria
Se escorrega, e cabe do leme;
E da morte n'agonia
Estrebucha, morre, e geme.

N'isto as outras nadadoras
Em vão valel-a quizeram;
Porém não eram ja horas,
Que valel-la não poderam.

Elle não pôde valel-a,
Nem dar vida a tanto amor;
Sem chorar não pôde vel-a,
Nem vel-a morrer sem dor!

Quebrai-vos rochas de dores,
Chore o amor, a praia gema...
Campos, murchai; seccai flores,
Porque é morta Moema!

A. G. Teixeira e Souza.

AOS MANES DE MEU PAI, O SR. CIRURGIÃO-MOR JOAQUIM JOSÉ DA COSTA.

SONETO.

..... Se eu pudesse
Aqui ficar, como uma dura estatua,
Debruçado sobre esta sepultura
Em pedra convertido!

MAGALHÃES.

Oh! cinzas de meu pai que adoro tanto,
Recebe esta coroa entrelaçada
De saudades e suspiros, e regada
Continuamente d'um saudoso pranto!

Quem podéra quebrar o ferreo encanto
Desta da morte habitação sagrada,
Tornar-te ao corpo essa alma sublimada,
E assim remir-te d'um cruel quebranto!

Mas mortal como sou, n'este remanso,
So me cumpre chorar, e reverente
Rogar a Deos, senhor, por teu descanso.

Porém que voz escuto omnipotente!
« Este que choras, diz, eu t'o affianço,
« Vive n'outra morada eternamente! »

Narciso José da Costa.

AO REI D. JOSÉ I. PRIMEIRO *

ODE.

Os resplendores novos
A filha de Hyperion á terra envia,
E o sol brilhando aos portuguezes povos
Traz no adornado coche o claro dia,
Em que o lustre primeiro
Se completa, eis quando enchendo os ares
As vozes populares
Clamar-se ouviram pelo reino inteiro
Real, real, por D. José primeiro.

* Inédito.

* Quinto anniversaria de sua aclamação.

Ouvio o nome augusto
O rico Tejo, o fertil Douro undoso,
O minho fresco, o Guadiana adusto,
E o torcido Mondego vagaroso
A noticia levaram
Ao antigo oceano; e emquanto ouvia,
E os fados presidia,
Os indomitos ventos se calaram,
E as nymphas pelas grutas o escutaram.

Sobe principe digno,
Sobe ao throno paterno, e delle ampara
A tua Lusitania; o ceo benigno
Em ti o seu soccorro lhe prepara;
Se ao som do bravo Noto
Com inrespadas ondas o mar geme,
Não póde o grande leme
Regido ser por qualquer nauta indoto,
Mas so por sabio e provido piloto.

Os pallidos aspectos
Viram tremier a terra, e do alto cume
Prostrades pelo chão os nobres tectos
Da cidade abrasada em vivo lume,
Estende a poderosa
Mão á afflicta Lisboa o rei elemento,
E a face decadente
Levantará do estrago mais formosa,
Qual n'outro tempo a Thebas fabulosa.

Vive da patria tua,
Amado pai, que os deoses te offendem,
Por ti o reino indigno se destrua
Dos negros monstros que a discordia acendem
A ignorancia por terra
Se desterre e se expulsc como escrava
I o solio que occupava.
Tu restaura magnifico, e conserva
Os sagrados altares de Minerva.

Por ti em varias partes
Se costuma a fortuna a ter propicia
O mercador pelas lucrosas artes,
Que Mercurio ensinou aos de Phenicia:
Com a florida cabeça
A ti do alto ceo Astrea torne
Sempre o teu lado adorne,
E claras leis, co'as quaes o reino cresça
No candido regaço te offereça.

Farás cahir por terra
Da mão de Marte a espada que as memorias
Renovar quererá da dura guerra
Nos peitos esquecidos das victorias :
Tu resistes severo
Ao Hespanhol terrivel que se avança,
Nem soffras sem vingança
Que o pé ferrado do cavallo ibero
Tribhe a seara do lavrador sincero.

Não mais c'ò a mão no rosto
Poesia estarás triste e abatida
Com o solto cabello descomposto,
Quebrado o loiro, e a lyra entouquecida :
Olha como contentes
As Tagides mil aras te levantam,
E docemente cantam
Da Arcadia os brandos versos innocentes,
Dando-lhe assumpto acções tao excellentes.

E vós, nymphas do Douro,
Virá tempo em que n'este alegre dia
Tambem as crespas longas tranças d'ouro
Orneis da rama que o Parnaso cria :
Mostrareis com espanto
Que o Tejo não é so ás musas grato,
E n'um plausivel acto
Canções compondo dignas d'heroe tanto;
Começará a ouvir-se o vosso canto.

Basilio da Gama.

ASSUMPÇÃO.

TOEMA.

CANTO PRIMEIRO.

ARGUMENTO.

*Parte a Senhora de Epheso para o ceo. O
Padre Eterno ordena ao archanjo S. Miguel
que a va encontrar. Exclamações dos apos-
tolos vendo o sepulcro vazio. Descripção
do carro do triumpho. Entretanto desce a
embaixada celeste.*

Cantem alguns da illustre mãe do Eterno
A ventura de ser : outros do averno

Os tropheos que alcançou, mal que annuada.
Aquelles a virginea flor nevada,
E outros dons que a fizeram na carreira
Mortal unica ser, ou ser primeira ;
Que eu canto, por nutrir minha ternura
Sua assumção ditosa á etherea altara.

O' tu, grande signal, raro portento
Dos seculos e do ethereo firmamento ;
Nova idéa brilhante; a mais perfeita
Do archetypó exemplar ; e tão accita,
Que chegaste a ser delle, oh maravilha !
Doce mãe, linda esposa, cara filha,
Aspira os votos meus ; e que meu canto
Cause á terra prazer, ao orco espanto.
Aspira, ó Virgem, por que cante e diga
Quanto a verdade e a devoção obriga.

Pulchros celien tores, que os assentos
Occupais dos siderios aposentos ;
Rubis, d'onde rellucta a formosurá,
Desde o berço da luz, da luz mais pura :
Vós, que mil vezes n'esta santa empreza
Medistes-vos co'a barbara fereza
Do chaos ; e de seus monstros e tyrannos
Frustrastes as trações e negros planos ;
Se por mim celebrada se sublima
Vossa augusta princeza em doce rima,
Dai tambem novo ardor ao canto nosso
Que, sendo por quem é, tambem é vosso.

E tu, Igreja, tu nunca invocada.
Musa do ceo, de estrellas coroada ;
Nesta via escabrosa e tão confusa,
Ah ! digna-te de seres minha musa.
Os mysterios descobre ao vate altivos.
Que em cofres d'ouro guardam teus archivós:
Dize-lhe como pôde a tanta altura
Elevar-se a terrena creatura ;
Que louros recebeu, que recompensa
Da alta mão, que no premio é grata e immensa.
E é crível que essas furias lá do averno
Obstassem aos decretos do Ente Eterno,
Relutando atrevidas, que a ditosa
Virgem galgasse a esphera luminosa ?
Acaso sobre os bemaventurados
Tem inda um influxo estes malvados ?
Ou seu negro rancor, ou seus tormentos,
Os arrastam a taes atrevimentos ?
E tu, padre christifero, cocheiro
E carroça gentil do pregoeiro
Esquadrão da evangelica pobreza,
Nosso muro e brasão, nossa defesa ;

Tu que, em teus membros nunca profanador,
 Como em ouro, trazias engastados
 Os purpureos rubis do autor da vida,
 Estampa em seus ardores esculpida;
 Tu que, à inclyta mãe inda no mundo,
 Dêste provas de um culto o mais profundo,
 Vem, pois lhe foste em vida tão amigo,
 Romper o pego em meu baixel comigo.

E vós, martyres, virgens, confessores,
 Da immortal primavera immortaes flores;
 Vós, ó santos e santas, que tranquillos
 Nas praias do prazer certos asylos
 Já possuis; tocada a meta e o norte,
 So inquietos pela nossa sorte;
 A vós todos invoco: minha empreza
 Escudo em vós encontre, e alta defesa,
 Mostrai-nos de harmonia novos modos,
 Cantem todos o bem, que toca a todos.

O carro magestoso, obra traçada
 Por desenho dos anjos, destinada
 A fins tão venturosos, já mui finas
 Ia deixando as torres ephesinas.
 Resta na Asia-Menor esta cidade,
 Celeberrimo emporio n'outra idade,
 Colonia que, se o erro não impera,
 La das margens do Thanais viera.
 Antiga fundação dessas freeheiras
 Penthesileas, e outras mil guerreiras,
 Que em tuas aureas margens beber vias,
 Claro Thermodoonte, as aguas frias.
 Acerrima no oracão da impostura,
 Que cultos tributou á van figura
 Da trigemina dea, cujo templo,
 Sendo da arte e do gosto raro exemplo,
 E typo de um engenho alto e profundo,
 Um dos sete milagres foi do mundo.
 Mas tanto que o pharol da fé brillhara,
 E do erro infame as sombras espaneára,
 Attrahida adoptou-a com tal zelo,
 Que no berço da lei já foi modelo.
 Por discipulas tendo esclarecidas
 Sete igrejas fieis, recém-nascidas,
 Mas hoje em dia, oh dor! que a senhorêa
 Do impostor de Medina a vil cadêa,
 Perdeu seu nome, e tão det'riorada
 Se apresenta da fama já passada,
 Que é sombra do que foi, triste memoria
 Do antigo esplendor de sua gloria.
 Aqui deixára a Virgem estampadas
 Suas virgineas ultimas pegadas.

Aqui a doce sombra do outro filho
 Tocou a meta do seu auroo trilhho.
 Aqui os moradores lacrimosos
 Da boca fria e exangue os preciosos
 Derradeiros suspiros recolheram,
 E a seus despojos monumentos ergueram.
 Rematando o obeliseo desta gloria:
 Com grão capitel d'ouro por memoria:
 Pois vingaram depois os filhos seus
 Os direitos de ser a mãe de um Deos.

Era no tempo frigido e sereno,
 Em que ao nos-o hemispherio o riso ameno
 Já mostra a primavera: vida ganha
 O verdor dos jardins, e da campanha
 Ia o sol em Astrea quasi entrando,
 Seus raios inda frouxos dardejando.
 O torto cajueiro se adornava
 Das purpureas folhinhas, que brotava.
 Cobria-se de flores a mangueira,
 E o ar embalsamava a laranjeira.
 A sua fruta d'ouro, que em doçura
 Vence a Aristeo, cahia de madura.
 O terno sabiá buscando amores
 Já saudava por entre os mil verdores
 Do copado pomar, seu senhorio,
 A chegada das aguas e do estio.
 Das ursas o Pyrois se desviava,
 E ao capripedo termino voltava.
 Do polo aretico a parte toda escura
 Deixando, o eco da linda cynosura,
 O Lapão frio, a inculta Noruega,
 A quem natura quasi tudo nega.

No frio agosto pois, e desta illustre
 Cidade se apartava a pompa e o lustre,
 Quando na etherea casa soberana
 Do Olympo, onde se escreve a sorte humana,
 Aquelle que no ceo e fóra existe,
 A cujo alto poder nada resiste,
 Que traja a luz que em seraphins habita,
 E a comprehender-se emfim não se limita,
 Meios de honrar a santidade ordia,
 E fallando comsigo so dizia:
 « Pois que! Já mais o rosto e o casto peito
 « De meus justos tingio por meu respeito
 « Uma lagrima só, que o tal excesso
 « Não deixasse ver logo o cunho impresso
 « De minha grata mão; e ora apoucado
 « Tenho o meu braço immenso abreviado
 « Com quem comigo foi das creaturas,
 « A mais rica em finezas e ternuras?

« Ja nessa prisca idade que passara
 « Fiz meu nome atroar, e a minha vara;
 « Tremeu o chão por onde o Nilo mora,
 « Com os deoses sacrilegos que adora;
 « Ouvio-me a voz o mar, e mal que ouvio,
 « As phalanges de Memphis engolio:
 « Oito lustres o ceo, por meu mandado,
 « Regalou a Jacob, meu servo amado;
 « Vio o Nebo e o Sinai mudos de espantos,
 « E depois de prodigios taes, e-tantos,
 « Tenho hoje o coração tão pouco terno
 « Para a mãe coroar do Verbo Eterno?
 « E aonde está meu poder? aonde os meus
 « Brios? Não será assim: eu sou um Deos. »

Disse: e a natureza, que escutára
 A voz da força immensa que a creára,
 Com profundo respeito e fe sobeja,
 Respondeu de joelhos: « Assim seja. »

Então odor mais fino que a panchaia
 Por todo o santuario ja se espraia.
 Ribombam mil trovões, trisuleam raios,
 Pregões do seu furor e seus ensaios.
 Um arco de esmeraldas fulgurante
 Ja brilha mais que a filha do Taumante.
 E os vinte quatro santos anciões,
 Que estão de pe com harpas entre as mãos,
 Em respeito ao Senhor, que a Estyge aterra,
 Suas coroas d'ouro poem por terra.

Certo ja Michael da voz do Eterno:
 (Michael domador do negro inferno,
 E um dos sete que com zelo incrível
 Guardam do Immenso o throno inaccessível
 Forma elegante toma, e veste a idade
 Dos risos juvenis da puberdade.
 Apenas sobre o labio apparecia
 Superior, que a purpura tingia,
 O pubere signal, que o peregrino
 Semblante ser inculca masculino.
 Ja calça uns borzequins rubros; brilhantes
 De rica abotoadura de diamantes.
 Eis nascem das espadoas crystallinas,
 Com pontas d'ouro as azas argentinas.
 O peito de alabastro orna a couraça
 De escamagem de prata, dura moça.
 No elmo singular, que em parte encobre
 Loura crespa madeixa, se descobre
 Inclinada plumagem refulgente,
 Dos olhos illusão; nem sabe a mente
 Discernir se é topazio, ou diamante,
 Que assim varia as cores tremulante.

Empunha a mão direita o ferro, emblema
 Da sua intrepidez e força extrema.
 Brilhante franja d'ouro, que apanhava
 Um mui grosso rubi, parte mostrava
 Da columna de jaspe: e assim luzia,
 Que o pharol das espheras desmentia.
 Nunca a fabula vio a prole armando
 De Thetis ou de Venus, e lhes dando
 Vulcano bronze d'ouro entretecido,
 Guerreiro tão gentil, nem tão temido.
 Se ella o visse, diria por seus vates,
 Que armado era o fatal deos dos combates:
 Mas desarmado, longe dos horrores
 Da guerra, era o gentil deos dos amores.
 Pintava o aureo escudo por memoria
 As mais bellas acções de sua gloria.
 Alli sentindo estava o peso enorme
 Da planta angelical o drago informe.
 E a cauda com mil gyros enroscando,
 De estrellas terça parte ia arrastando,
 Estava todo o ceo pasmado e mudo
 Ao duello assistindo: e o sanhudo
 Cherubim desertor, que se cegara
 Das luzes que o Eterno lhe outorgara,
 Atrevido disputa ao proprio dono
 O imperio dos ceos, e o mesmo throno.

La vem rodando; e bate com soada
 Nas fomalhas do abysmo: na pancada
 Mugiram as cavernas do profundo.
 E o choque fez tremer a todo o mundo.
 E se apraz comparar com muito o pouco,
 Qual estampido fero, horrendo e rouco,
 Que o pedaço da rocha desunido
 Rolando faz, das aguas aluido:
 E o que encontra converte em vil poeira,
 Troncos, vimes, calhaos, herva rasteira:
 Té que batendo o plano, treme o plano;
 Tal baqueou Lushel la no Sumano.
 Fatal metamorphose! A grande estrella
 Ja vai se escurecendo: e eclipsa a bella
 Forma: toca a madeixa, e logo sente.
 Por douradas melenas, erista ingente.
 Olha depois as mãos, e as viperinas
 Mãos ja lhe mostram garras serpentinas.
 Como reptil no chão ve-se estendido,
 Marchando antes de pe, com garbo erguido.
 Novo monstro fatal, cerulea cobra,
 Que umas vezes se dobra, outras desdobra,
 Ja dá sylvos subtile: negras escamas
 Pelo indomito collo arrojam chammias.

Um moto ondulatorio vago e horrendo,
Pela espinha dorsal lhe anda correndo.
Enfim é a sobe-ha tão valente,
Que faz de um cherubim feia serpente.

Mais avante se via debuxado
O velho Synedrim, ja desprezado.
Que, quando a Synagoga foi princeza,
Della foi este principe a defesa.
Tambem se via a face alli gravada
De uma virgem gentil; mas carregada
No aspecto; a quem ornava roçagante
Manto de aureo lavor, obra importante.
Sostinha a mão direita um vaso d'ouro,
Aonde ante a materia leva o louro.
Dos extremos dos labios lhe sahia
Niveo circulo, que raios despedia,
A sinistra porém tinha abraçada
A victima do ceo a ara sagrada.
Pendentes traz ao cinto as chaves d'ouro
Que abrem da santa igreja o grão thesouro.
Olhos no ceo, chammias no peito, e a peça
Da coroa tieregna na cabeça.
Outros muitos brasões do illustre archanjo
Resumia o pavez em bello arranjo.
Por timbre, em letras d'ouro, que cegava,
« Quem como Deos? » de longe coruscava,
Qual o artista subtil que delinea
Com as ruivas conchinhas da alva arêa
Ramos, folhas, frutinhas, lindas flores,
Columnas, pedestaes, vasos, labores;
Té que apresenta em destra contextura
Um todo de formosa architectura;
Assim trajava, ornato por ornato,
O ministro do ceo sereno e grato.
Mas alem desta externa gentileza,
Inda era mais gentil por natureza.
Tal no lindo painel aurea moldura
Realça mais a graça da pintura.

Apenas elle estava revestido,
Quando coros do Olympo esclarecido,
Ledos querem seguir o chefe illustre,
Anhelando ter parte em tanto lustre.
« Tu, revelação, raio celeste
Da razão immortal, tu que desceste
Outr'ora sobre os vates soberanos,
A explicar-lhes do ceo altos arcanos,
Vem agora dizer-me que anjos erão
Que o cortejo da Virgem compuzeram.
Ensina-me seus nomes e excellencias,
Seus empregos, lugares, precedencias,

Que sem o teu soccorro em causa tanta
Não dá passo o mortal nada adianta.

Junto ao throno do Eterno estão presentes
Milhares de milhares destes entes
Que ao som das harpas d'ouro de continuo
Louvam as perfeições do Ser divino.
Intelligencias puras, sublimadas,
De argila crassa e vil jamais manchadas,
Dotadas da razão, de altos conselhos,
Das idéas archetypas espeihos,
Em ordem, natureza e qualidade
Mais perfeitas que a nossa humanidade.
Estrellas, que a luzir na ceo começaram,
Antes que os protoplastas appareçam;
Do mundo na primeira madrugada
Co'a a luz do Eterno a ellas emprestada.
Vem logo os seraphins altas bellezas:
Dos vales divinaes chammias acesas:
Que entoam sem cessar o doce canto
Do trisagio eternal, tres vezes santo.
E os que na fonte so da divindade
Bebem a grandes sorvos a verdade:
Pelos vates antigos inspirados
Lucidos cherubins denominados.
Espiritos de luz, astros brilhantes,
Em dotes ricos, em saber prestantes,
A cuja vista os sabios mais felizes,
Que atroam nos lyceos, são aprendizes.
Anjos enfim na graça os mais crescidos,
Se os primeiros não foram tão subidos.
As dominações altas que o Superno
Poder tem, vendo ser o empenho eterno
Tropheo da mão de um Deos, sua victoria;
Não quizeram roubar-se em tanta gloria.
Moveram-se os poderes cujas frentes
Cingem faxes de estrellas refulgentes.
E que tem de continuo as furias presas
Nas tartarcas fernalhas sempre acesas.
Vem os thronos depois, que o tratamento
Tem de serem do eterno throno e assento,
Em cujos peitos mostram-se gravados,
Em letras de diamante, os mais sagrados
Nomes do grande Jehovah terriveis,
A humana intelligencia incompreheensiveis.
De graça e de poder autorisados
Seguiam-se os sublimes principados,
Que, quaes principes altos e senhores,
As hierarchias regem inferiores.
Das roupas, que em brancura a neve excedem,
Raios de luz brilhantes se despedem.

Cobrinho os pés mimosos virginaes
 Fios de aljofar, rosas matinaes.
 Taes dos justos serão, ou mais formosos,
 No ceo um dia os corpos gloriosos.
 Tambem, virtudes, vós alli viestes,
 Distincta flor dos esquadrões celestes.
 Por quem na terra são os virtuosos
 Em obras e palavras poderosos.
 Vós dizeis: para incendio deixa a presa:
 Logo o incendio contem sua braveza.
 Por vós se torna a fluidez estavel,
 Cabe da parca a tesoura illacrimavel,
 Para na esphera o jornaleiro Eteno;
 E muda de lugar o valle e o monte.
 Não se esquecem de vós tambem meus versos,
 O' archanjos illustres, que diversos
 Em officios sois nuncios relevantes,
 Que as commissões encheis mais importantes.
 Enfim os anjos vem, que em tratamentos
 Mais inf'rictes são, e nos assentos:
 E que são dos terrenos viajeros
 Guardas, guias fideis e companheiros.

Nas planices celestes ha um templo,
 Obra no goso rara, e sem exemplo:
 Cujas cornijas são, cujas semalhas
 De ouro puro massiço: as ricas talhas,
 Onde a dedalea mão se esmera e apura,
 Outros tantos tropheos são da esculptura.
 He um mosaico formoso e bem lavrado
 Se mostra o pavimento matizado.
 Ve-se a riqueza com subtil engenho
 Acolá disputam'o o desempenho.
 Sustenta-se esta machina importante
 Sobre columnas altas de diamante.
 No fundo do edificio rico e immenso
 Ha um altar, chamado o altar do incenso,
 Onde gyram em torno as sempre ardentes
 Rogativas dos justos. Diferentes
 Estão em outro a parte, qual thesouro,
 Utensils mil sagrados, tudo de ouro.
 Candelabros, thuribulos, navetas,
 No risco e no lavor obras completas.
 E o fogo santo, nunca morto lume,
 E massas exquisitas de perfume,
 Com que o throno de Deos, e o ceo inteiro
 Rescendem sempre de suave cheiro.

Aqui pois os celestes se fornecem
 De quanto para o exito carecem.
 Mas o chefe gentil que os conduzia,
 Breve falla fazendo, lhes dizia:

« Eternos moradores do estrellado
 « Polo, já mais emprego tão honrado
 « Se nos encarregou: nem a memoria
 « Recordar-se de acção de tanta gloria.
 « Qualquer pois por si, e todos juntamente,
 « O meio arbitrem mais conveniente
 « De honrar a gran princeza desta côrte
 « Celestial, e honral-a de tal sorte,
 « Que mais obriguem nossos sacrificios
 « Da mãe o amor, do filho os beneficios.
 « Coragem que, se acaso não me engano,
 « Vem contra nós as forças do Sumano.
 « Bem conheceis que longe a sua manha,
 « Como se irrita, como enfim se assanha,
 « Se alguma acção brilhante o Eteno ordena,
 « Que a nós motive gloria, e a elles pena.
 « Quanto mais os perversos são batidos,
 « Tanto mais reproduzem-se atrevidos.
 « Elles conhecem bem sua desgraça,
 « Mas conhecem em vão: daqui não passa.
 « Podem do ceo propicio obter piedade,
 « Como se humilhem; nada de humildade.
 « No crime endurecidos e aviltados
 « Querem antes soffrer desesperados.
 « Tambem seu odio contra Deos não cansa:
 « Mas juro-vos que eu so com esta lança;
 « (Mostrando a lança) por vingar o Eteno,
 « Sou capaz de varar a todo o inferno. »
 Elle diz: e já todos diligentes
 Sahiram pelas portas refulgentes;
 Portas que ha muito havia aferrolhado
 Do primeiro mortal o crime ousado;
 Mas que se abriram, quando enfim voltara
 Aquelle que da morte triumphara.
 Não sabe com mais ardor, nem mais contente,
 O enxame dos pequenos innocente
 Do gymnasio das letras, procurando
 O lar nativo, e os passos apressando,
 Onde os chama a lembrança e amizade.
 Das mãis que tambem morrem de saudade;
 Como os anjos a pompa, que convinha
 À santa mãe de Deos, sua rainha.
 Mas enquanto estas cousas se passavam
 Dentro da sala eterna, os que choravam
 A morte da deipara ditosa,
 Por mitigar o pranto e dolorosa
 Idéa da saudade, que os magoa,
 Suspiram que alvoreça a tocha cõa.
 Apenas pela esphera o pintor louro
 Tingindo vinha as nuvens de cor d'ouro,

E no clarão do rubido horizonte
 Mascava os freios de diamante o Etonte,
 Quando prestes se ergueram do seu leito,
 Que aos amantes o somno é pouco acceito.
 Não longe do lugar um predio estava
 De um habil hortelão, que conservava
 Todo o tempo purpureas frescas rosas,
 Hervas de aromas, flores mil cheirosas
 Os aligeros coros das campinas
 Vem cedo aqui provar as vozes finas.
 N'este vergel ameno parecia
 Rirem duas auroras a porfia.
 Uma, que o ceo pintava de mil cores,
 Outra, que o retratava em suas flores,
 Tal o crystal brilhante e lisongeiro
 Espalha tudo em si, que tem fronteiro
 O sol, mal que nascia, visitava
 Este lugar das graças, que o encantava.
 E o rocio a dourar, novo thesouro
 Nas folhinhas ostenta em gottas d'ouro.
 Tal finge a fabula que auricorria;
 Tocando as mãos de Midas a agua fria.
 E a chuva, em que se Jove transformára
 Quando de Acrisio as torres violara.
 Alli verde alecrim sempre germinas,
 Exhalando de ti fragancias finas,
 Cujo raminho debil e florido
 E da provida abelha tão querido.
 Rasteira mangerona nos verdores
 Traçando mil debuxos e labores
 Alcatifa cheirosa alli tecia;
 Que n'isto as de Achemenia esta vencía.
 Com listras de carnim toda engraçada
 Branquejava a açucena que orvalhada
 Das matutinas lagrimas da aurora,
 Quanto mais se ve rir, tanto mais chora
 O eterno amarantho não recêa
 O raio abrasador da luz phebêa;
 Dizendo: flor nenhuma lhe excedia,
 Pois que vendo-as morrer, jamais morria.
 Pelas lisas columnas gyra em torno
 A debil trepadeira, novo adorno,
 Do qual, nobre Corintio, te esqueceste,
 Quando a ordem das tuas compozeste.
 Sobre o lucido tanque transparente
 Das aguas preguiçosas, fielmente.
 O narciso se via retratado,
 De sua propria sombra namorado.
 Aqui pois o saudoso ajuntamento
 Provisões ajuntava; e para o intento

Festões tecendo de purpureas flores,
 Vai o prazo abordar dos seus amores.
 Mas que sustos, oh ceos!, quando ja via
 De longe revolvida a campa fria!
 Que pasmo! Que silencio amargurado!
 Vendo perto o cofre espoliado
 Dos ossos virginaes, do seu thesouro!
 Pelo plano espalhados com desdouro
 Os pavorosos veos, com que a piedade
 Envolve os restos da mortalidade!
 Então madidos olhos alongando
 Pelo golfo estellifero, um alçando
 A voz entrecortada, e com o dedo
 Attentando no chão, rompe o segredo:
 « Este mundo, ó feliz, que por deçura
 « Te fez sorver so dozes de amargura;
 « Este mundo traidor, mundo de ferro,
 « Onde em perpetuo misero desterro,
 « Como escrava servil, somente magoas
 « Tinhas no coração, nos olhos aguas;
 « Contigo usando, quanto usar devia,
 « Inda assim mesmo não te merecia.
 « Não é por certo verdadeira,
 « Onde a sorte se chora de estrangeira.
 « Embora escondam pedras preciosas
 « Rotas fragas de serras escabrosas:
 « Que o seu natal paiz, se bem contemplo,
 « São diademas dos reis, joias do templo.
 « O ceo ha muitos dias murmurava
 « Por boca da saudade, e se queixava
 « De ver n'elle habitar tanto intervallo
 « De tempo, quem não era de habital-o.
 « Cesse agora a final, rainha augusta,
 « De tão piedosa queixa causa justa.
 « Deixa-o pois, voa a Deos, busca as estrellas,
 « Que são dignas de ti, tu digna dellas.
 « E do seio do filho, onde os agrados
 « Recolhes, destes ermos malfadados
 « Soffre, bemdita, soffra (que os gemidos
 « Nossos não envenenam teus ouvidos),
 « Soffre pois, que em segredo te digamos
 « Os tristes casos que ainda aqui choramos.
 « Não foi, não foi, ditosa creatura,
 « So por ti que subiste a tanta altura.
 « Acaso o throno illustre, donde imperas
 « Por mil virtudes inclytas que encheras,
 « Fixando-te no summo da grandeza,
 « Te fez degenerar tua nobreza?
 « Não, não: no peito, de honra abrigo.
 « Não muda a sorte nova o genio antigo.

« Olha pois... » Quer dizer, e mais não pôde,
Tolhendo a voz a dor, que ao peito acode.
Tal o roxo cantor da primavera,
Enchendo a mata espessa e a clara esphera
De seus doces requiebrs, não cuidando
No mal que o caçador lhe estava armando,
Estaca de repente no gorgoio,
Suspende a voz, supita-a de receio,
E sem finalisar vòta assustado
Do golpe que o não fere, e foi errado.

« O' marmore ditoso ! (outro dizia
Ao jazigo, que todo rescendia
(cheiro celeste) ó marmore ditoso,
« Tu so, tu so podeste venturoso,
« Entre milhares de cinzel brincados,
« Tocar tão santos membros delicados.
« Pyramides, columns, mausoleos
« Da vaidade e da morte iguaes tropheos,
« Onde mais a soberba ostenta o nada,
« Quanto se julga mais exalçada ;
« Aprendei deste tumulto o que é gloria,
« A morte expira aqui, perde a victoria.
« O' marmore, tu so no seio altivo
« Guardaste o ouro, throno de Deos vivo.
« Tu es o rico anel, onde engastado
« Foi singular diamante, unico achado.
« Guardam regios palacios com empenho
« As bellas produções do humano engenho ;
« Guarda a terra em seu seio, qual thesouro,
« Ricas véas de prata fina e d'ouro,
« Flammigeros rubis, rijos diamantes,
« E outras riquezas mais. Nas rebramantes
« Cavernas guarda o mar, além da massa,
« Que a Sabcia e a Panceia em cheiro passa ;
« Miudo aljofar, que a conchinha cria,
« E perolas mais grossas de valia.
« Guarda emfim toda a vasta redondeza
« Raridades de preço, e tal belleza,
« Que acendem a avidez do peito humano ;
« Mas guardar o despojo soberano
« Da Virgem, mãi de um Deos, tu so podeste :
« Tu so ventura tanta mereceste :
« Tu pois, ó pedra, vences em riqueza
« Palacios, mar e terra, e a natureza.
« Mas como consentiste que roubada
« A joia fosse em ti depositada ?
« Que desculpa darás ao mundo inteiro
« De teu descuido e zelo passageiro ?
« Não ves que a imparcial posteridade
« Pôde lançar-te em rosto esta maldade ?

« Ah ! nem sabes em ti quanto tiveste ;
« E nem eu explicar-te o que perdeste.
« Serás comtudo, sacro monumento,
« Digno de eterno culto : alto e opulento
« Tropheo de mil despojos adornado,
« Do estrangeiro fiel nunca ignorado.
« Não são assim de Babylonia os restos
« De mortíferas serpes sempre infestos.
« Em torno de ti pois para memoria
« Vegetem de prodigio e tanta gloria,
« Não do acypreste as ramas lacrimosas,
« Mas pudicos jasmins, virgineas rosas,
« E outras flores mimosas de alto porte,
« Como tropheos ganhados sobre a morte
« Dizendo, os que as ceifarem algum dia,
« São flores do sepulcro de Maria. »
Destarte os varões santos se expressavam,
E os lares já buscando, que habitavam,
Voltaram com remissos, frouxos passos,
Deixando os corações alli em pedaços.
As funereas exuvias carregando,
Que á princeza tocaram : reiterando
N'ellas osculos de amor, sagrados restos,
Mais ricos que os auríferos aprestos
Que ornam paços de reis ; e que a riqueza,
Que em si fermenta e peja a natureza.

Entretanto já o carro luminoso,
Altar portatil, throno venturoso
Da Virgem, tinha arado de seu passo
Grande parte do ceo : por todo o espaço
Raios a rutilar tão soberanos,
Que se Deos publicasse seus arcanos,
Teriam visto aquella madrugada
Novo signal no Olympo, da apartada
Terra o viajor ainda mal desperto ;
Do mar o nauta calejado e experto
Em chapas d'ouro fino alli se viam
Mil emblemas que a Virgem descreviam.
Um lirio entre os espinhos, consa estranha !
Em cativoiro a arca na campanha :
Um esgalho fatal, onde enroscada
Estava a verde serpe : a ensanguentada
Boca halitos de morte bafejando.
O fraudulento pomo ia mostrando.
Cuja cabeça indomita supplanta
Com masculino vigor virginal planta.
Todo o contexto emfim de sua vida,
Por diversos pedaços repartida.
Qual a magra pintora, a natureza,
Que a flor ornando com delicadeza

E no clarão do rubido horizonte
 Mascava os freios de diamante o Etonte,
 Quando prestes se ergueram do seu leito,
 Que aos amantes o somno é pouco accito.
 Não longe do lugar um predio estava
 De um habil hortelão, que conservava
 Todo o tempo purpureas frescas rosas,
 Hervas de aromas, llores mil cheirosas
 Os aligeros coros das campinas
 Vem cedo aqui provar as vozes finas.
 Neste vergel ameno parecia
 Rirem duas auroras a porfia.
 Uma, que o ceo pintava de mil cores,
 Outra, que o retratava em suas flores,
 Tal o crystal brilhante e lisongeiro
 Espalha tudo em si, que tem fronteiro
 O sol, mal que nascia, visitava
 Este lugar das graças, que o encantava.
 E o rocio a dourar, novo thesouro
 Nas folhinhas ostenta em gottas d'ouro.
 Tal finge a fabula que auricorria;
 Tocando as mãos de Midas a agua fria.
 E a chuva, em que se Jove transformara
 Quando de Acrisio as torres violara.
 Alli verde alecrim sempre germinas,
 Exhalando de ti fragancias finas,
 Cujo raminho debil e florido
 E da provida abelha tão querido.
 Rasteira mangerona nos verdores
 Traçando mil debuxos e labores
 Alcatifa cheirosa alli tecia;
 Que n'isto as de Achemenia esta venceia.
 Com listras de carmim toda engraçada
 Branquejava a açucena que orvalhada
 Das matutinas lagrimas da aurora,
 Quanto mais se ve rir, tanto mais chora
 O eterno amarantho não recêa
 O raio abrasador da luz phebêa;
 Dizendo: flor nenhuma lhe excedia,
 Pois que vendo-as morrer, jamais morria.
 Pelas lisas columnas gyra em torno
 A debil trepadeira, novo adorno,
 Do qual, nobre Corintho, te esqueceste,
 Quando a ordem das tuas compozeste.
 Sobre o lucido tanque transparente
 Das aguas preguiçosas, fielmente.
 O narciso se via retratado,
 De sua propria sombra namorado.
 Aqui pois o saudoso ajuntamento
 Provisões ajuntava; e para o intento

Festões tecendo de purpureas flores,
 Vai o prazo abordar dos seus amores.
 Mas que sustos, oh ceos!, quando ja via
 De longe revolvida a campã fria!
 Que pasmo! Que silencio amargurado!
 Vendo perto o cofre espoliado
 Dos ossos virginaes, do seu thesouro!
 Pelo plano espalhados com desdouro
 Os pavorosos veos, com que a piedade
 Envolve os restos da mortalidade!
 Então madidos olhos alongando
 Pelo golfo estellifero, um alçando
 A voz entercortada, e com o dedo
 Attentando no chão, rompe o segredo:
 « Este mundo, ó feliz, que por deçura
 « Te fez sorver so dozes de amargura;
 « Este mundo traidor, mundo de ferro,
 « Onde em perpetuo misero desterro,
 « Como escrava servil, somente magoas
 « Tinhas no coração, nos olhos aguas;
 « Comtigo usando, quanto usar devia,
 « Inda assim mesmo não te merecia.
 « Não é por certo verdadeira,
 « Onde a sorte se chora de estrangeira.
 « Embora escondam pedras preciosas
 « Rotas fragas de serras escabrosas:
 « Que o seu natal paiz, se bem contemplo,
 « São diademas dos reis, joias do templo.
 « O ceo ha muitos dias murmurava
 « Por boca da saudade, e se queixava
 « De ver n'elle habitar tanto intervallo
 « De tempo, quem não era de habitál-o.
 « Cesse agora a final, rainha Augusta,
 « De tão piedosa queixa causa justa.
 « Deixa-o pois, voa a Deos, busca as estrellas,
 « Que são dignas de ti, tu digna dellas.
 « E do seio do filho, onde os agrados
 « Recolhes, destes ermos malfadados
 « Soffre, bendita, soffra (que os gemidos
 « Nossos não envenenam teus ouvidos).
 « Soffre pois, que em segredo te digamos
 « Os tristes casos que ainda aqui choramos.
 « Não foi, não foi, ditosa creatura,
 « So por ti que subiste a tanta altura.
 « Acaso o throno illustre, donde imperas
 « Por mil virtudes inclytas que encheras,
 « Fixando-te no summo da grandeza,
 « Te fez degenerar tua nobreza?
 « Não, não: no peito, de honra abrigo.
 « Não muda a sorte nova o genio antigo.

« Olha pois... » Quer dizer, e mais não pôde,
Tolhendo a voz a dor, que ao peito acode.
Tal o roxo cantor da primavera,
Enchendo a mata espessa e a clara esphera
De seus doces requiebro, não cuidando
No mal que o caçador lhe estava armando,
Estaca de repente no gorgoeio,
Suspende a voz, supita-a de receio,
E sem finalisar vòta assustado
Do golpe que o não fere, e foi errado.

« O' marmore ditoso! (outro dizia
Ao jazigo, que todo rescendia
Cheiro celeste) ó marmore ditoso,
« Tu so, tu so podeste venturoso,
« Entre milhares de cinzel brincados,
« Tocar tão santos membros delicados.
« Pyramides, columnas, mausoleos
« Da vaidade e da morte iguaes tropheos,
« Onde mais a soberba ostenta o nada,
« Quanto se julga mais exalçada;
« Aprendei deste tumulto o que e gloria,
« A morte expira aqui, perde a victoria.
« O' marmore, tu so no seio altivo
« Guardaste o ouro, throno de Deos vivo.
« Tu es o rico annel, onde engastado
« Foi singular diamante, unico achado.
« Guardam regios palacios com empenho
« As bellas produções do humano engenho;
« Guarda a terra em seu seio, qual thesouro,
« Ricas vèas de prata fina e d'ouro,
« Flammigeros rubis, rijos diamantes,
« E outras riquezas mais. Nas rebramantes
« Cavernas guarda o mar, alcin da massa,
« Que a Sabeia e a Pancaia em cheiro passa;
« Miudo aljofar, que a conchinha cria,
« E perolas mais grossas de valia.
« Guarda enfim toda a vasta redondeza
« Raridades de preço, e tal belleza,
« Que acendem a avidez do peito humano;
« Mas guardar o despojo soberano
« Da Virgem, mãi de um Deos, tu so podeste:
« Tu so ventura tanta mereceste:
« Tu pois, ó pedra, vences em riqueza
« Palacios, mar e terra, e a natureza.
« Mas como consentiste que roubada
« A joia fosse em ti depositada?
« Que desculpa darás ao mundo inteiro
« De teu descuido e zelo passageiro?
« Não ves que a imparcial posteridade
« Pôde lançar-te em rosto esta maldade?

« Ah! nem sabes em ti quanto tiveste;
« E nem eu explicar-te o que perdeste.
« Serás comtudo, sacro monumento,
« Digno de eterno culto: alto e opulento
« Tropheo de mil despojos adornado,
« Do estrangeiro fiel nunca ignorado.
« Não são assim de Babylonia os restos
« De mortíferas serpes sempre infestos.
« Em torno de ti pois para memoria
« Vegetem de prodigio e tanta gloria,
« Não do acypriste as ramas lacrimosas,
« Mas pudicos jasmins, virgineas rosas,
« E outras flores mimosas de alto porte,
« Como tropheos ganhados sobre a morte
« Dizendo, os que as ceifarem algum dia,
« São flores do sepulcro de Maria. »
Dest'arte os varões santos se expressavam,
E os lares já buscando, que habitavam,
Voltaram com remissos, frouxos passos,
Deixando os corações alli em pedaços.
As funereas exuvias carregando,
Que á princeza tocaram: reiterando
N'ellas osculos de amor, sagrados restos,
Mais ricos que os auríferos aprestos
Que ornem paços de reis; e que a riqueza,
Que em si fermenta e peja a natureza.
Entretanto já o carro luminoso,
Altar portatil, throno venturoso
Da Virgem, tinha arado de seu passo
Grande parte do ceo: por todo o espaço
Raios a rutilar tão soberanos,
Que se Deos publicasse seus arcanos,
Teriam visto aquella madrugada
Novo signal no Olympo, da apartada
Terra o viajor ainda mal desperto;
Do mar o nauta calejado e experto
Em chapas d'ouro fino alli se viam
Mil emblemas que a Virgem descreviam.
Um lirio entre os espinhos, cousa estranha!
Em cativo a areia na campanha:
Um esgalho fatal, onde enroscada
Estava a verde serpe: a ensanguentada
Boca halitos de morte bafejando.
O fraudulento pomo ia mostrando.
Cujá cabeça indomita supplanta
Com masculino vigor virginal planta.
Todo o contexto enfim de sua vida,
Por diversos pedaços repartida.
Qual a magra pintora, a natureza,
Que a flor ornando com delicadeza.

Corrobora o pistillo enfraquecido,
Desenvolve o estame contrahido,
As antheras polvilha, e com primores
Do petalo purpureo aviva as cores;
Não de outra sorte o ceo fez lisongeiro
No thalamo da esposa do cordeiro.

A machina puxavam a porfia
Os cidadãos do reino da alegria.
Tendo por grão mercê da sua sorte,
Algun emprego ter n'este transporte.
E tanto se prezavam carregados.
Que o peso não sentiam de prezados.
Sobre um globo de estranha architectura
Ia a unica Phenix, virgem pura:

Leda no gesto, angelica, serena,
E da celeste unção tão rica e plena,
Que bem mostrava ser mimosa filha
Daquelle pai, que é todo maravilha.
Dos olhos columbinos, onde a graça
Thesouros ajuntara em nada escassa,
Mil reverberos vivos reflectiam,
Que do seu doce culto o orbe enchiam.
O zephyro, que alguma vez alçava
O veo avaro e rico que occultava
Da annellada madeixa os fios d'ouro,
Ria de gosto a expor tanto thesouro,

Fulgente tunica de cor incerta
Traz vestida, que rico cinto aperta.
Cinto digno de ver-se; obra e desenho
Do gosto angelical. No desempenho
Tecida estava, como por memoria,
Da revolta de Eden em breve a historia.
Via-se o par no pranto ja immergido,
Da graça nu, de folhas vis cingido.
Da floresta exulado da innocencia,
Victimas do afan, alvos da indigencia.
Eis d'ouro um cherubim mostrava alçada
Na dextra vingadora flammea espada,
Ameaçando os colonos aggressores
De vir colher no vacuo Eden as flores.
Em tanta desventura, em tantas penas
Virginea planta se divisa apenas
Conculcando o dragão; alta vingança!
Dos padres tão chorada na tardança.
Tinha no cinto a angelica destreza
Tambem bordado o Horeb; e na aspereza
Da escabrosa montanha afigurada
A silva, em labaredas não crestada.
Mais avante ancião de grão respeito,
Maduro na razão, grave no aspecto,

Que uma açucena empunha, venturoso
Guarda, que o nome tinha so de esposo.
Logo o nuncio na forma humana alada,
Que la do Olympo desce co'a embaixada;
Tambem se via a candida pombinha,
Emblema do Alto Espirito; que tinha
Do bico d'ouro um raio que tocava
Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava.
Sem que a prole do ceo, não vista empreza
Desbote a flor da virginal pureza,
Depois arido plano, que sequioso
Do rocio do ceo, um branco e airoso
Lirio offertava de novel frescura,
Como se blasonava de cultura.
Logo estrella fulgente, nos seus raios
Sem ter diminuição, sem ter desmaios;
E um vaso emfim de argila virgem, onde
O nectar, que orvalhara o ceo, se esconde.
Nobres tropheos, fatidica pintura
De polifica mãe, de virgem pura;
O resto serpeando com largueza
A' jofares, rubis, toda riqueza.
Emfim manto ceruleo sobretudo,
Brincando rosas d'ouro no velludo.

Nunca o prisma ante os olhos applicado
Em lindas cores foi tão variado;
Nunca do velho chaos a longa idade
Vio formosura tal, tal magestade;
Nem o trino poder a produzira,
Quando do nada as aguas extrahira;
Se é que ella não foi essa formosa
Matrona illustre, de astros luminosa
Que tu, aguia sublime, has desenhado,
La nas grutas de Pathmos exulando.

Mas vendo a Virgem neste acatamento
Dos anjos, que era nella todo o intento
Fazer brilhar do Eterno a magestade;
Deixando-se tocar desta humildade,
Que humilde o mais soberbo tornaria,
Para o ceo crystallino assim dizia:
« O' tu, pintor genti!, que tens pintado
« O ceo de estrellas, de matiz o prado;
« Substancia bemfazeja, essencia
« Se manifesta mais pela clemencia;
« Tu, ante quem os evo's vão passando,
« E em vez de te adorar vão te aggravando;
« Grava embora na argila vil a imprensa
« Do teu saber, da tua dextra immensa;
« Pinta o denso vapor, doura dos raios
« Desse sol que jamais soffre desmaios;

« Troveja, mostra em mim os teus poderes,
 « que quanto mais mostrares ou fizeres,
 « O prazer que minha alma e peito lava,
 « E merecer de ti ser tua escrava.
 « Oh! ditosos aquelles cujos peitos
 « Generosos enchendo os teus preceitos,
 « O período fecham felizmente
 « Do teu divino amor na pyra ardente
 « Sem a morte temer; a desprezal-a.
 « Longa a vida a fazer, com encurtal-a.
 « Sábios que as tuas leis investigaram,
 « E os mysterios da graça penetraram.
 « Que por ti, não por suas reflexões,
 « Calcan o mundo, zombam das paixões.
 « Será d'elles fôiz sempre a memoria;
 « Eterna a fama, e o nome, eterna a gloria.
 « Eternas massas subirão aos ceos,
 « Milagres d'arte, do saber tropheos:
 « Dos insultos do tempo eterno insulto,
 « Onde brilhe seu nome e impere o culto.
 « Virão de longe os povos concorrendo
 « Suas cinzas beijar e as recolhendo,
 « Ledos publicarão agradecidos
 « Os dons do ceo, por ellas recolhidos.
 « Virão os mesmos reis, virão princezas
 « Que os joelhos curvando das grandezas,
 « A face abutem de seus altares
 « Seus sceptros e seus dons mais singulares.
 « Mas que fundo de gloria lhes prepara
 « Tu, meu bemfazeja! Que preclara
 « Coroa! Que províncias, que thesouros!
 « Quantos tropheos sublimes, quantos honras!
 « Será com elles o prazer e a vida
 « Uma só cousa em ambas confundida.
 « Bem como com a brasa o ferro casa,
 « Que não parece feito, mas se brasa.
 « E por mais que blasonem e exercícios
 « De altas virtudes, de altos sacrificios,
 « Será sempre mais alta a recompensa:
 « Di-na de ti, e como tu immensa.
 « Fallou assim, e quando assim fallava,
 « O pejo as faces de rubor corava.
 « Tal a aurora, saindo vergonhosa,
 « Pintando vem o ceo de car de rosa.
 « Este discurso os anjos recolheram,
 « E em laminas de prata transcreveram,
 « Aturdidos de ver quanto a humidade
 « Desconhece seu prego; e na verdade
 « Quando assim ella os outros elogia,
 « Também se retratava, e não sabia.

Tal debuxa o crystal do tanque a albea
 Sombra, e a si jamais se delinda.

Entretanto o ministro sublimado,
 Nuncio do Deos altissimo enviado,
 Deixa o Empyreo, feliz lugar onde
 Jamais o Ser Eterno a face esconde,
 E onde os materiaes são diamantes.
 Ouro, perlas, e cousas semelhantes.
 Que estão compondo os paços sublimados
 Em que habitam os bemaventurados.
 Ja as estrellas atraz deixa brilhantes,
 Que são milhões de soes flammigerantes,
 Que em tanta longitude e tanta alteza
 Perdem a luz, e perdem a grandeza.
 Esquadrões de oradores, que publicam
 As obras do Senhor, e o glorificam.
 E do atheo a cegueira condemnando
 Contra o impio dos ceos estão pregando.
 Atravessa depois a cinta d'ouro,
 Fóra da qual não roda o denro leuro.
 Onde estão repartidas dore casas,
 Que tu, ardente Phebo, entrando abracas,
 Collecção de estrellinhas, claras, puras,
 Que o Egypto nomeou. Nestas alturas
 Desce para Saturno, a quem luzeiros
 Cinco gyrando estão, bem como archeiros:
 Vendo a fexa que o cinge rubra e ingente,
 Que o anel se appella valzarmemente.
 Bata os aros do novo, e n'um momento
 Atravessa de Jove o apesento.
 E as seus satelites, menor escolta,
 Que em torno deste centro dão a volta.
 Qual a não mercantil, que aydamente
 Vai demandar as costas do oriente.
 Por ensacar diamantes, e serhora
 Ser de mil produções que cria a aurora:
 Ja deixa de Bengala o vasto seio,
 Deixa Siam, e passa pelo meio
 De Sumatra, e dessa aurora Chersoneso.
 Que vio no hino marte o fogo acceso:
 Tal o nuncio do ceo vai progredindo
 Pastor de linda grei, elle mais lindo.
 Pescando mais um pouco ja da terra
 A orbita atravessa onde se encerra
 A lua alli sem phases; branca lua,
 Que brilha com a luz que não é sua:
 E que o manto de estrellas se desata.
 O mar, a terra e o ceo cobre de prata.
 Toca enfim nossa turbida atmosphera.
 Onde o raio se inflamma e a nave se giza.

Que em vapores da terra o sol attrahe,
E sobre a terra em agoa e fogo cahe.

Descansa por um pouco sobre o cume
Do Thabor, onde o sacro eterno lume
Em carne revelara a tres amantes
A hypostatica gloria; as crepitantes
Avas bate de novo demandando
Anatolia; de la de cima olhando
As ilhas e as cidades mais florentes,
Que estão juncando o mar e os continentes.
Ja deixa Ptolomaida arruinada;
Deixa a Phenicia e Tyro, que chamada
Foi rainha dos mares: tu, Carthago,
N'alli vens, que levaste a Roma o estrago:
Cujas praias ja foram conhecidas,
Do murice purpureo ennobrecidas.
Ja o Tyrreno mar se mostra ao lado
Da mão sinistra: mar tão decantado
Das viagens do Grego e do Troiano;
Um facundo e sagaz, e o outro humano.
Mar enfim que jamais estos conhece,
E de ilhas mil famosas se ennobrece.
Assim vinha o celicola buscando
A sacra pompa do cortejo, quando
Não a vendo a final nestes lugares
Sobe á esphera outra vez, e tenta os ares.

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO.

O principe das trevas, invejoso do triumpho da Virgem, ajunta um conciliabulo para o impedir. Entretanto os anjos vão levando a Senhora, narrando uns aos outros varias passagens illustres de sua vida. Arma-se uma temivel opposição por artificio diabolico. O archanjo S. Miguel chega n'esta occasião, e com a milicia celeste dissipa esta manobra infernal. Faz seu cortejo á Virgem. Determinam os anjos leval-a ao paraizo, onde estão Enoch e Elias.

Mas enquanto o celeste nuncio corta
As orbitas do ceo, a Estyge aborta
Infame ardil. O autor da má zizania
Arrebenta de inveja, arde de insania,
Como visse que a pompa ao ceo subia,
Invito seu poder e tyrannia.

N'uma horriavel prisão, que fez o Eterno

Na mais interna fuma la do inferno.
Onde em recto juiz sopra inflexivel
Contra os reprobos chamma inextinguivel.
Habita Lucifer, sentindo o peso
De Deos, que alli o supplanta em ira aceso.
E' um monstro medonho e tão disforme
Na massa colossal do vulto enorme,
Que se o doce repouso e a paz gozara,
Deitado duas geiras occupára.
De tão sombria e horrenda catadura,
Que faz pavor á mesma Estyge escura.
No reprobos semblante retractado
Ve-se todo o rancor d'um condemnado.
Os olhos aligram dous cometas
Que ardem entre duas nuvens pretas.
A boca era, se abria, internamente
Estuante fuma la. Quando ardente
Do p'ito o ar pestifero bafeja,
De vivas brasas turbilhões dardeja.
Assim do Etna o gigante, se respira,
Lavas de enxofre aceso a Jove atira:
Todo o monte convulso se a outro lado
Revira o enorme corpo, meio assado.
Não é tão feia, não, a noite umbrosa
Que apanha o viajor em mata idosa,
Perdido entre fúsis, raios frequentes,
Urros de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular e inervel,
Quasi sem forma, quasi indefinivel.
Se o cantor ulysséo vira este demo,
Diria ser gentil o Polyphemo.

Em torno delle gyram a milhares
Vãos espectros, nas formas singulares.
Do peccado e da morte infame raça
Que lhe faz côrte, que lhe faz a praça;
As Eumenides, fúrias tão medonhas,
De grifo armadas e fataes peçonhas;
A fera Erinix ou cruel Aleto,
De serpes engrenhada a corna e aspecto;
Carybdes, Scylla, esphinges desconformes,
E d'um so olho as Gorgonas enormes;
Equipedes Nubigenas monstruosos
Da leve nuvem partos vergonhosos;
Triformes Geriões, Janos bifrontes,
Os Alvidas altos mais que os montes;
Hydras de cem cabeças, mil serpentes
Na escama verdes e na crista ingentes;
Nas mãos com a tocha a anguifera Megera,
E com flagello horriavel; a chimera,
Que labareda em turbilhões vomita,

A blasphemia, que de continuo grita
Pelas furnas do chaos: « Guerra aos ministros
« Do rei do Emphyreo, sempre a nós sinistros. »
De forças taes os anjos se vestiram,
Des que rebeldes lá do sol cahiram.
Entre si estes monstros se aborrecem,
Debellam-se uns aos outros, não conhecem
A paz, nem união; antes se mordem
Colatroz rancor. Enfim tudo é desordem!

Certo já dos triumphos da divina
Mãe do seu Deos, blasphema e desatina.
E no throno, em que rege a infame praga.
Numa cobra enfaxada, que lhe afaga
Co a triplice lingua os lábios, fero e irado,
Dando forte punhada e rede brado,
Exclamou: « Onde está meu heroismo?
« De que me serve ser chefe do abysmo? »
Do brado o echo retumbou no averno,
E as furias, que exercitam lá no inferno
Nas almas condemnadas o supplicio,
Pararam de assustadas o exercicio.
« É crível (continua) que a donzella
« De Nazareth nascesse em tal estrella,
« Que calcando meu sceptro e minha furia,
« Otente a meu pezar ser minha injuria?
« Já no instante fatal, em que bafeja
« O habito da vida malfazeja,
« É na graça gerada: desprezados
« Meus terríveis grilhões, grilhões sagrados,
« Que sem reserva arrastam os humanos
« Sejam escravos, sejam soberanos:
« Vive pois, e vive sempre activa,
« De meus carinhos desdenhosa e esquivia:
« Surda á sagrada voz do meu preceito,
« Sem menor attenção a meu respeito:
« Morre a final, de si sempre senhora,
« Do mundo, e seus encantos vencedora:
« Victima de um rival, e o vituperio
« Dos poderes da morte, e meu imperio.
« E agora, por mais summa da desgraça,
« Sobre as azas dos anjos ao ceo passa
« A gozar de uma gloria nova e immensa,
« Tratando-me com tanta indifferença?
« E sou eu inda aquelle que por sorte
« Houve o reino das trevas e da morte?
« E quem crer pôde, vendo que não pude
« Domar uma mulher, que assim me illude?
« Quem humilde virá d'aqui em diante
« Prostrar-se a mim em ar de supplicante,
« Offerecer-me dons, victimas raras

« E perfumes queimar nas minhas aras?
« Mas tambem se largar de mão a empreza?
« Já não é mostra infame de fraqueza?
« Não farei tal; a honra nada cede;
« Um prompto desaggravo a injuria pede:
« Hei de me oppor; fatal, bravo transtorno
« Vou causar no triumpho estulto. Em torno
« Delle raios, trovões, nuvens, tormentas,
« Guerras de sangue, e horror sempre sed entas
« Tudo farei valer quer eu consiga
« Ou não, o bom successo desta intriga.
« Atacar é signal sempre de forte,
« Vencer algumas vezes é da sorte »

Como isto disse, chama o brado ingente
Um ministro infernal, seu confidente,
Por convocar as furias, que a milhares
Vagam por terra, e vagam pelos ares.
Era o tal confidente, seu correio,
Um monstro nunca visto, negro, feio:
De gibo, pontas, unhas, juba e pello,
Sem ser tigre, urso, boi, leão, camello,
Já mais a phantasia em voo errante
Compoz chimera tão extravagante.
Nem o enfermo febril, quando mal dorme,
Vio em sonhos visão mais desconforme.
Comtudo, por cumprir qualquer intento,
Fra rapido mais que o pensamento.
Por azas cartilagens estendidas
Usava, de unhas corneas guarnecidas;
Como as aves que fazem crebros gyros
Na escuridão dos sepulchros retiros.
Do infame rei do averno alto conceito
Gozava, e grande estima; e era aceito,
Por ter enchido com gentis destrezas
Muitas vezes do Tartaro as emprezas.

Ha quem diga que fôra embusteira
O moço principal, o autor primeiro
Do escandalo fatal do passio,
Quando inda alli folgava a paz e o riso:
E que depois, o mundo já avançado
Em annos, este monstro ao crime usado,
O vencedor vencera de Golias
Pela esposa gentil do honrado Urias:
E que enfim, lá na scena do Calvario,
No infando deicidio, temerario,
Insufflou quanto pôde, aconselhando
Esse aborto traidor, fructo execrando,
Escandalo fatal da humanidade,
Homem só na figura, o mais maldade?
Por estes altos feitos grão valia

Lograva em todo o abysmo, e precedia
Aos mais autorisados e mais velhos
Em lugar, em nobreza, e nos conselhos.
Mas do rei sobretudo era estimado,
Porque trazia o chaos sempre intrigado;
Que é este de ordinario o distinctivo
Nas grandes cortes de um valido ativo.

Ardendo ja na honra do monarcha
Bate o voo fatal, que o mundo abarca.
Em boca enorme tubo retorcido,
Cujó tremendo som foi logo ouvido.
Ouviu do polo austral a plaga fria;
A do Arcturo, em que é eterno o gelo, e o dia
Dura seis mezes; e os paizes onde
Fica o herço da aurora, e o sol se esconde.
Ao bosque as aves trepidas fugiram,
E á gruta as feras, que a trombeta ouviram.
Os pequenos de susto ao lar correram,
E nos maternos mantos se esconderam.
Tel o guincho varaz do aereo abutre,
Enquanto o estuque a revolver se nutre,
Clama a ave de Marte, que ha inimigo,
E a prole pelo instincto busca alrigo.

Com este horrendo en-aio principia
As commissões do Tartaro, que o envia.
Dando as ordens que teve, e convocando
Os monstros que na esphera andam gerando
Pestes, roubos, furtos, ou outros damnos,
Com que lezam os miseros humanos.
Desce depois á terra, e nella impree
Os que habitam n'alguma vil chameca.
E nos porticos velhos, detestados,
Por serem delles mesmos assembrados.
E aquelles que alta noite em ás escuras
Aterram os mosteiros com figuras
Phantasticas e espectros mil horrendos,
A que chamam vampiros, ou duendos.
Não lhe esquecem as furias, que os offeio.
Gozam de presidir aos feios vícios.
Tambem vos convidou, pais da impiedade,
Nos oraculos vãos da antiguidade.
Voa a Delphos, dali passa a Podona,
Onde o carvalho infame o erro abona.
Atravessa depois a Lybia ardente
Por servidas aréas; finalmente
Chega ao fano de Amon, tudo convida
O ministro infernal com dura lida.
Depois de ter enchido a infame emproza,
Volta outra vez aos lares da tristeza,
Deixando a terra livre da odiosa

Presença de uma furia tão damnosa.

Eis vem a chusma; as testas engrenhadas
De viberas, com sangue salpicadas.
Nunca foram do enfermo os varios soncos
Tanto para assustar, nem tão medonhos
Os Geriões triformes, nem tão fêas
As esphinges, arpias e serêas.
Nunca se viram, nunca, taes semblantes.
Nem tão fêas feições e extravagantes
Nos delubros pagãos, que ainda a historia
Nos conserva em traslados por memoria;
E se confiam por modelo aquelles
Que a arte prezam de Parrasio e Apelles.

Alguns affectam d'homens, mas disformes
Nos queixos e narizes; tão enormes,
Que quer tudo fugir, tudo é desgosto.
Ao ver tão altera e o humano rosto.
Quaes as laryas burlescas que na festa
Publica o vulgo inventa, pinta e apresta
De velhas e de velhos asquerosos,
Por dar medo a pequenos, riso a idosos.
Taes então, e mais fêas, as figuras
Daquellas enormissimas diabluras.
Jamais tantos exumes denegridos
Nos putrios estrumes com zunidos
Se condemnem de moscas, como as furias,
Que vão viagar do chaos falsas injurias.
Ja se introduzem pelo orco avaro
Em grão tumulto, e foram no Tenaro
Com gritos, guinchos, silvos e alaridos
Dos outros igualmente recebidos.

Pisando vão por um braseiro eterno,
Té chegar onde assiste o rei do inferno.
Vendo ao passar torturas inauditas,
Que alli soffrem as almas ja proscriptas.
As graves penas dos Hæphemadores,
Que contra o eco vomitam ingia horrores;
Dos ministros do altar de más condutas;
Das justicas venas de mãos corruptas;
As dos vates, em metro perigosos,
Que abuzaram da musa; os espantosos
Tormentos dos fatuos heresiarcas.
Que os povos seduziram, e os monarchas;
O erro a derramar, que novo encaenta,
Rasgando a tunica da Madre Santa;
Dos acontes também o som ouvido,
Que nos reos sem cessar estão zunido;
O tinir das algemas e cadêas,
Que alli se arrastam nas masmorras fêas;
E o alarido horrivel, que fazendo

Os reprobos estão, dentes rangendo,
E bradando na immensa escuridade:
O' vingança de um Deos! O' eternidade!

Viram das penas entre o rigorismo
Um impio, que exclamava em todo o abysmo:
« Tomai de mim, mortaes, tomai dos meus
« Damnos o ensino, e não zombeis de um Deos.»
Oh esteril pezar! oh tardo acerto!
Oh vozes de quem clama no deserto!
Viram tambem a pena, nunca ouvida,
Que alli padece o ingrato deicida.
Ai infeliz! seu mal é tão subido,
Que lhe fora melhor não ter nascido.
Todos elles padecem, não só o damno
Da privação de Deos, que é o soberano
Mal dos males; porém tambem a pena,
Que a soffrer nos sentidos os condemna.
Morrendo sem morrer, sempre fervendo
Em fogo que não morre; jamais tendo
Esperanças de allivio, pois no inferno
E' nulla a redempção, ja disse o Eterno.
N'um total abandono sepultados
Jamais, jamais de alguem serão lembrados.
Em vão chorem, em vão bradem chorando,
Que dos anjos e justos, que exultando
Vegetam em perpetuas alegrias,
Nenhum ouve seu pranto ou agonias.
Porque do condemnado que padece,
Ninguem se dóe, ninguem toma interesse.

Vão emfim outros males divisando,
Que estão os condemnados supportando.
Porquanto estes malditos, se padecem
Tambem supplicios mil, inda carecem
Das tartareas prisões. Pois so do mundo
La na conta final é que no fundo
Do abysmo elles serão por fim lançados,
Para sempre penar aferrolhados.
Debalde intentem da fornalha ardente
Fugir; presos serão eternamente.
Tal nos gyros dedaleos, que intrincára
Avido pescador na lymphá amara,
Entra o incauto aquicola, anhelando
O bocado traidor, mas farto quando
Quer ao largo tornar, por mais que lida,
Não acha mais nem porta, nem sahida.

Eis ja se se arranja a turba mal aceita,
Uns á esquerda e outros á direita.
Formando-se em coroa ou circo indino
O senado do chaos luciferino.
Uns assentam-se em lamínas ardentes,

Outros em vivas brasas rubescentes.
Arde na escura sala a ingrata massa
Do enxofre que no chaos por cheiro passa.

À vista desta turba amotinada
Satan de olhos no chão, face agastada,
O rosto sobre a mão, fingindo o geito
De uma interna afflicção, do negro peito
Arranca alto suspiro, ergue a viscera,
E á canatha fallou desta maneira.
« O' inclytos poderes que do inferno
« Comigo repartis o grão governo,
« Meus collegas fieis, caros amigos,
« E não menos recurso aos meus perigos;
« Que attentado foi este machinado
« Contra vosso poder, nunca violado?
« Como assim consentis de sangue frio
« Insultos taes no vosso senhorio?
« Como deixais agora impunemente
« Atravessar a esphera refulgente,
« E galgar as celestes hierarchias
« Essa pobre mulher, mãe do Messias?
« Sois vós acaso os principes do mundo,
« Os reitores das trevas do profundo,
« Oraculos fieis, cuja verdade
« Tão respeitada foi da antiguidade?
« Respondei: ah! estais em grande aperto;
« Degenerastes; não, não sois por certo.
« Que! esgotaram-se as fontes do recurso?
« Ja nada alcança mais vosso discurso?
« Ja não tend s um raio, ou um corisco,
« Que reduza a po tudo, a cinza e cisco?
« Ja vos não lembram mais no paraíso
« As ameaças? Foram brinco e riso?
« E se então ja nos quiz calcar o cello.
« Que esperais, se subir agora ao polo?
« Se a tenue sombra so, ou se sen nada
« Ja nos foi tão terrivel; assentada
« Agora a par do filho, manejando
« Com elle o grão poder, o sceptro e o mando,
« Julgais que em grão maior de autoridade
« Vos terá mais amor, mais amizade?
« Ah! sahi do lethargo somnolento,
« Onde vos vejo em fêo abatimento.
« Preveni a tantos males, taes abalos,
« Que é melhor prevenir do que choral-os.
« Tem inda o mal remedio, se começa.
« Não esperes que engrosse, nem que eresca.
« Porque depois que o incendio emfim se atea
« Ou tarde, ou nunca mais se remedia.
« Teméis que a vossa sorte seja infausta,

« E a coragem será por isso exausta ?
 « Atremai, que a feroz tenacidade
 « Foi sempre o mor signal da heroicidade.
 « Peior será se acaso em nós fraqueza
 « Sentir-se, ou n'enor sombra de surpresa :
 « Quando um chefe padece esta vil nota,
 « Assaz marchado tem para a derrota.
 « Supponhamos comtudo que a victoria
 « Não é por nós ; é ja pequena gloria
 « Alligires o ceo ? Que mor esbulho
 « Quer o vosso rancor, quer meu orgulho ?
 « Não prevedes tambem quantos dezares
 « Ja de longe ameaçam nossos lares ?
 « Quantos milhões de victimas roubadas
 « As lobregas prisões, nossas moradas ?
 « Sabei que uma mulher é compassiva
 « Por natureza ; tudo lhe motiva
 « Lagrimas ; e torada da ternura
 « Não pôde ver o pranto e a desventura.
 « Ora que impios serão para o futuro,
 « Que achando n'ella asylo tão seguro,
 « Venhão soffrer eternamente afflictos
 « O premio e o fructo dos seus mãos delictos ?
 « E que ousaria o filho enfim negar-lhe
 « No momento em que astuta ella mostrar-lhe
 « O seio carinhoso que a substancia
 « Nos dias lhe supprio a tenra infancia ?
 « Eis aqui quanto temo ; eis que me affronta ;
 « E que tambem temer deveis por conta
 « De vós mesmos. Taes são os meus receios,
 « Que por obstar em vós demandando os meios.
 « Ide pois, filhos meus, bravos soldados,
 « Temai os artificios mallogrados
 « Desse Empyreo infeliz, que miseravel
 « Ousa nosso rival ser implacavel.
 « Emquanto a mim, pelo meu sceptro juro,
 « Tantas almas vos dar no reino escuro,
 « Que n'ellas bem vingada a vossa offensa,
 « A vingança inda exceda a recompensa. »
 Fallou ; e foi incrível o odio occulto,
 Que essa arenga excitou pelo tumulto.
 « Vamos, se disse a turba detestavel,
 « Vamos, que é justo, e o tempo favoravel.
 « Quem do instante opportuno se assegura
 « Deve contar c'os premios da ventura.
 « Não esperam por nós, desprevenidos
 « Estão, seremos pois bem succedidos.
 « É um fraco poder, que sobe á gloria,
 « A quem não lisonjêa ja a victoria ? »
 Oh cegueira ! O Senhor de la da altura

Vio o projecto e rio-se da loucura.

Sem mais nada esperar, em um momento,
 Qual repellão do prematuro vento,
 Vão de tropel por um ferame augusto,
 Unica porta do solar do susto.
 Nunca em publicos fogos de festejos,
 Em que as povos em galas e cortejos,
 Solemnizam dos reis o natalicio,
 Voam tantos cometas de artificio ;
 Nem o Vesuvio aceso dardejara,
 Quando Herculana em cinzas suffocára
 Tantas lavas sulphureas, como o averno
 Bretou monstros fieis ao rei do inferno.

Mas enquanto esta trama se tecia
 La no reino da noite, a companhia
 Santa faustamente ia sobindo
 Amigo o ceo. Tal vai a esphera abrindo
 Igneo balão nocturno, que nos rastros
 Parece ir augmentar de novo os astros.
 No meio de um clarão ia a divina
 Filha do Eterno, qual a matutina
 Estrella d'alva, que toda engraçada
 Vem das gottas do mar inda molhada.
 Luzeiro o mais gentil que no ceo brilha,
 De Heperionia luz serena filha.
 Precursora da aurora, como a aurora
 É do sol a risonha percursora ;
 Que de fios de aljofar vem bordando
 As flores, seu matiz desabrochando.
 Ou qual tropheo do grão Celi-Tonante,
 Que estendido nos ceos tremula avante
 Dos batalhões angelicos ; e o adusto
 Chaos descora de o ver, treme de susto.

Os celites narravão mutuamente
 O que della sabiam, a eminente
 Virtude do pudor, sua humildade,
 E outras, de que não tem rivalidade.
 Tambem destes astrigeros formosos
 No virgineo cortejo officiosos,
 Se viam varios coros espalhados,
 Em diversos deveres occupados,
 Alguns os vegetaveis rescendentes
 Desfolhados, que em cores differentes
 As Thaumantêas tintas imitavam,
 De riquissimas urnas espalhavam.
 Alguns as lagrimas, que os troncos choram,
 Onde as hordes de Agar escrava moram,
 Em pyras d'ouro fino evaporando,
 Ião todo o ambiente perfumando.
 Alguns enfim, ao som de lyras d'oura,

Odes, hymnos, canções, rico thezouro,
Que o bipartido monte em estro esbala,
Soar faziam pela etherea salla.

Um d'elles, que da voz no doce enlelo
Escurece dos sisnes o gorgeio,
Trava do casco de uma tartaruga
De manchas d'ouro; lucida e sem ruga:
Lyra celestial, e nova peça
Ferindo a corda o plectro, eis que começa:
« Creou Deos no prencipio ceo e terra,
« Mas nem tudo, o que aquelle, e esta encerra.
« Por quanto a terra, em sombras era nua
« Do, que ora ostenta gentileza sua.
« Não serpeavam n'ella argenteas veas

De lynchphas perenaes, nem inda as cheas
« Alegavam cabannas e campinas.
« Ferteis de rosas, ricas e boninas:
« Uniforme, sem bosques, sem rochedos,
« Não coroavam montes e rochedos.
« O ar embaciado em triste e escura
« Nevoa se via, que galgava a altura.
« Não rolava na ecliptica o esplendente
« Luzeiro matinal; nem no nascente
« Se apavonava d'essas ruivas cores,
« Com que lista o horizonte, pinta as flores.
« Não estendia a noite no ceo puro
« De estrellas mil bordado o manto escuro.
« Era tudo embryão: tudo era feio:
« Mas tanto que imperou do eterno seio
« Voz creadora, tudo em fim se ordena:
« E a face, que ora ri, se riu serena. »

Cantou depois o Protoplasta, imagem
Do Eterno: e amenissima paragem,
Onde esposa lhe deo formosa, e leda.
Aqui affrouxa a voz; e rouco a queda
Do par novel cantou. Triste memoria!
Desdouro o mais fatal da humana gloria!
Mas logo erguendo-a entôa a destra cura
Celeste, que solou tanta fractura,
Em cujo ministerio, e maravilha
A Virgem eis que assoma, e assás já brilha.

Respira um pouco; e as cordas afinando
De novo á lyra, foi continuando
A inundação pasmosa, que afogara
Do globo a vasta face na agoa amara.
Despovoou-se a terra: não ha montes,
Nem mais rebanhos, casas, bosques, fontes.
Parecia de novo submergida
No antigo hácos, do qual fora extrahida.
Apenas pelo o ermo solitario

So volumoso cathaclismo aquario,
Arca, que o mundo peja, anda vagando:
Qual um monstro do mar, no mar boiando.
Cantou depois o germen tão fecundo,
Que povoou de novo o vacuo mundo.
O se'lo que seguiu logo de ferro,
O abandono de Deus, as aras do erro.
A vocação feliz do pae dos crentes,
Donde mil gestos vem, e a luz das gentes
E concluiu, que á antiga economia
Já mais brillhara sombra de valia,
Que não affigurasse, ou mãe ou filho,
Ou d'um e d'outro juntamento o brilho.
Qual acorde postura, que o mão destra
Na cythara dedelha, de que he mestra;
Aonde com voluveis, e abeis dedos
Ostenta a magica da arte, e seus segredos;
E o sistema dos sons tanto equilibra,
Que muitos fere, e quaze que um só vibra;
Ta' era a symetria, a ordem justa
Da pompa angelical, festiva e augusta.

Então, porque a preclara Virgem fosse
Mais honrada, e a derrota inda mais doce,
Gabriel, alto archanjo dos primeiros,
Circunstancias revela aos companheiros;
Gabriel, que é tambem dos sublimados
Nuncios, a grandes couzas destinados.
Festivo mensageiro do alto canto,
Que estancou do primeiro crime o pranto.

« Prefixo o tempo, disse a potesta le
« Sublime, que os Céos rege, á liberdade
« Querendo dir, e á Redempção começo,
« Poz-me a chave na mão de tanto prego.
« Por agouro feliz já tomo a idade.
« Do rizo, e fresca flor da puberdade.
« Em minhas faces brinca a neve e a rosa,
« E do cravo na boca a côr mimoza.
« Pelos hombros eburneos e palhados
« Fios d'ouro se encrepam: já dos lados
« Desce a chuva de prata, que brillhava
« E a quem cinto de perlas abrochava.
« Na mão esquerda o lyrio florescia.
« Tropheo d'aquella, a quem o Céu me envia.
« A direita apontava ao paraizo,
« D'onde a graça lhe vinha. O' triste rizo!
« O' farça tão fatal! O vão dezenho,
« Que ias quaze trahindo o desempenho!
« Assusta-se a menina vendo a estranha
« Forma gentil de um joven, que se estranha
« Nos sacros penetraes de seu re tiro;

« Fita os olhos no chão; alto suspiro
 « Exhala; ao coração desce o desgosto;
 « E o pudor virginal chamando ao rosto
 « A côr, afez tão bella, que se a vias,
 « De inveja, linda rosa, morrerias.
 « Mas enfim, serenada a tempestade
 « Descubro-lhe a feliz proximidade
 « Do gran Reparador: que nova aurora
 « Devia d'este sol ser precursora:
 « Que desabrocharia o mais virente
 « Calis este pestilo e finalmente
 « Que ella mesmo era a egregia creatura,
 « Unica preeleita á gran ventura.
 « E quando imaginava, que embaixada,
 « Nunca da natureza imaginada,
 « A derretesse em prantos de contente;
 « Tornou-me, que era virgem, indifferente.
 « Como se preferisse a virgindade
 « Ao dom da divinal maternidade.
 « Rara innocencia! pejo inda mais raro!
 « O' feito nunca visto! O' dom preclaro!
 « Em tal ponto de estima e de grandeza
 « Maria préza a virginal pureza.»

Tal o nuncio do Olympo concluía
 O breve conto: e a fausta companhia
 Como ter concluido ja notasse,
 De novo lhe rogava, que narrasse
 Outras mais aventuras; que o successo,
 Se bem que ignorem, sabem que é de preço.
 Annuio o celeste, e a voz fagueira
 Ordem nova seguiu desta maneira:

« He prodigio na humana natureza
 « Ser humilde no fôco da grandeza:
 « Assim que o homem toca a activa esphera
 « Só se lembra, quem é, mas não quem era.
 « Mal que se vê tropheo no ar alçado
 « Da ventura, ou seu monte sublimado;
 « Mal que lhe ri fortuna, e a gloria o exalta;
 « Eis se esquece o que foi, e o que lhe falta.
 « E por fado, que á lei se não coaduna,
 « Muda o genio, se muda de fortuna.
 « Mas não é que se visse este defeito
 « Da illustre Virgem mãe no illustre peito.
 « Apenas sente o tha'amo florido
 « Do ineffavel botão; tendo sabido
 « Que a senil consanguinea attrahira
 « Tambem do Céu favores; já suspira
 « Por gratular com ella o beneficio
 « Que a ambas outorgara o Céu propicio.
 « Já deixa o patrio lar, busca a parenta,

« E grande e humilde, a urbanidade ostenta.
 « Não lhe aterra o fantasma da jornada,
 « Nem do sexo a verdura delicada;
 « Não lhe sugere á mente o novo cargo.
 « Da filaucia cruel o fel amargo:
 « Dictando-lhe, que o fructo do cortejo.
 « Fora certo abater-se, e com sobejo.
 « Antes conhece, que não tem estima
 « O esplendor, se ao mortal a graça intima,
 « Que em circunstances taes, tal conjuntura,
 « Está a gloria em ceder do emprego a altura.

« Empenhe-se entre tanto a natureza
 « Em festejar os passos da Princeza:
 « Baixem do Olimpo turnas, e em seus braços
 « Tomando-a com prazer, poupem-lhe os passos.
 « Ah! não sejam as plantas magoadas
 « Da debil Virgem mãe nas argentadas
 « Abobadas do Céu o refulgente
 « Luzeiro Eome embote a setta ardente,
 « Por não lezar-se da solar quentura
 « A linda flor do Empyreó: da espessura
 « Aligeros Demódocos gorgeios
 « Trinando, lhe consagrem seus recreios;
 « E vós, vivos thurib'los das campinas,
 « Ephemeræ na vida, vós boninas
 « Pavimentae o solo, para quando
 « For a filha do Principe passando.

« Nos evos pois por vir, se affigurado
 « Houver habil pincel em quadro alçado
 « Um portico, marmorea escadaria,
 « Retab'los de jardins com symmetria;
 « Ao longe no horizonte serra erguida
 « De silvestre arvoredó; na sobida
 « Sobre o tópo Matrona idosa abrindo
 « A outra os braços que vae progredindo;
 « No atrio dois anciões, como á porfia,
 « Saudando-se com mostras de alegria;
 « Antolha-se ao vulgar que é um cortejo,
 « Mas que mysterios na pintura eu vejo!
 « Que senado já mais reunio a terra
 « Que tanta santidade illustre encerra!
 « Que assembléas de reis, ou que aureos tectos
 « Votaram em consulta mais projectos
 « A favor dos miserrimos humanos,
 « Que estes insontes lares soberanos?
 « Que germes, que penhores sublimados
 « Nos carceres maternos retardados?
 « O verbo, e seu correio, que meninos!
 « A que empregos chamados! Que destinos,
 « Que instrumentos deis nos deus consortes

« Da eterna salvação! Que doces sortes
 « Dos toros maternas! E que princezas
 « Idolos da fortuna, e das grandezas
 « Poderiam nos dons ser confrontadas
 « Com estas duas mães affortunadas?
 « Era o Céu palcherrimo da Igreja
 « Que assoma; e qual aurora o Céu alveja.
 « Ou antes era o Empyreo passeando
 « Pela terra, e encuberto a consagrando.
 « Era emfim a semente, que escondida
 « No seio do terrão, reproduzida
 « Irá abrolhando rebentões videntes,
 « Q' engrossando co' tempo, em coma ingentes,
 « Farão tal espessura, que me obrigo,
 « Que das aves do Céu sejam abrigo.

« Trabalha por transpor o claustro escuro
 « Tanto que pressentira do Céu puro
 « Seu pregoeiro o rei; e anticipado
 « Quer encher o preconio sublimado.
 « Então do immenso alternam maravilhas
 « Da levitica tribu as duas filhas.
 « A consorte ancian do taciturno,
 « Que do preclaro Abia rege o turno,
 « Sacerdote, tocada de almo zelo,
 « Co' a rival de louvor nutre um duello.
 « Mas quanta mais encomios lhe condona,
 « Tanto a virgem ao seu nada se abandona.
 « Se a faz milagre das terrenas filhas;
 « Responde-lhe, que o Céu faz maravilhas.
 « Se, por ser Mãe do Eterno, a louva, e gava;
 « Torna-lhe, que do Eterno é mera escrava.
 « Se diz, que Deus é prodigo em favores;
 « Toma-lhe o tom, e entoia a Deus louvores.
 « Taes nas sextas amenas lá do estio
 « Duas aves, em mutuo dezafio,
 « Trazem o prado, e os mesmos ares cheios
 « De seus doces reclamos, e gorgeios.
 « Então compéz Maria o immortal canto,
 « Da humildade tropheo, do orgulho espanto.»

D'esta arte o tempo os Anjos vão passando,
 Casos mil referindo ou escutando.

Alguns louvando vão sua coragem
 Sem par, e exemplo: quando na voragem
 Do sanguinoso mar de um Deus insonte
 A scena vio impavida no monte...

Es tu, barbaro Moria, a quem accuza
 Co' eternas menias laerimoza muza
 Porque notando a universal pintura,
 Extincto o sol, em lucto a etherea altura,
 Dezabando-se os montes: do almo templo

O véo por si rasgado sem exemplo;
 As rochas, por convulsas, escarpadas;
 E dos mortos as cinzas reanimadas:
 Ella-só junto á cruz em pé sustinha
 O ar, e a magestade de rainha.
 Seccos os olhos seus, sereno o rosto.
 Qual um rochedo ao mar, e ao vento exposto.
 Sendo que internamente a magoava
 Ferreo gume de dor, que a apunhalava.
 Tal de longe dos muros a cidade
 Mostra tranquilla estar: mas na verdade
 Dentro do seu recinto ferve tudo;
 Presente-se um murmurio vago, e rudo
 De artes, pleitos, commercio, e um gyro insano:
 Sem fallar nas paixões do peito humano.

Ha nos ermos do espaço um volumoso
 Planeta, de vapor sempre nublado.
 Onde os raios do sol pouco claream
 Pelas fumaças turbidas que ondeam
 Os volcões, que alli fervem. Tão ingentes
 Miasmas deitam, que da terra as gentes
 Tem padecido já, se o ar se empece
 Da putrida infecção, que d'alli desce.
 Aqui postam-se os dragos de emboscada,
 Por surprender a pompa descuidada.
 Assim no immenso mar pirata lorte
 Em silada espreitando; de Mavorte
 O ferro globo sibilante emprega
 Sobre incauto baixel que alli navega.
 Aqui extrahiram dos volcões ardentes
 De enxofre, cinza, e saes, ingredientes;
 E assim mexeram, e taes voltas lhe deram
 Os chimicos do cábo, que compozeram
 Este pó destructor, que tantos damnos
 Cauzado tem aos míseros humanos.
 E' de então, que se data no profundo,
 Quando uasceo segunda morte ao mundo.

Ja vão tentar nos bronzes instrumentos
 Os seus sulfureos, infernaes inventos
 Forjam enorme tubo, que acendido
 Com o pó extourou: o gran ruido
 Os fez rir: e d'esta arte nasce á terra
 A bombarda medonha em paz, e em guerra.
 Tentam depois panellas empregantes
 De metralha mortal, que crepitantes
 Vomitam na explozão milhões de mortes
 Por varias partes, por diversas sortes.
 Bocas de fogo mil são inventadas,
 Nas formas, e tamanhos variadas
 Feros trabucos, longas escopétas.

Acabado o cortejo, de concerto
Curtas clavinas, grossos bacamartes:
Mais fortes Egides dos bravos martes.
Invenções infernaes, artes guerreiras,
Da fera libitina mensageiras.

Quaes o cyclopes, que descendo, e alçando
Os malhos em calencia, iam malhanda
Nos metaes; a compor as armaduras,
Que Accidalia alcançou por mil ternuras
Do sordido marido, porque armado
Fosse o troiano heroe, seu enteado;
Taes estavam os monstros denegridos,
Em diversas manobras entretidos.
Um lima o bronze; aquelle puxa o folle:
Este do fogo o ferro embraza, e molle
Tira co' as mãos: estoutros na bigorna
Batem, reviram; molham n'agua morna.
Muitos estam c'os braços regaçados
Brequendo os cylindros torneados.
E d'esta sorte vazos mil fundiram
Ao pó fatal, que a pouco descobriram.

Ergueram além d'isto as magas artes
Do logar por defezabaluartes;
Grossas muralhas, torres, baterias
Gargantes de vulcano, artilherias.
D'elles depois os homens é, que houveram
Esta arte matadora, a quem pozeram
De tactica de fogo o honesto nome,
Que a humana geração cresta, e consome.
Tactica, que abraçando o campo, e os mares,
Vae devastando os homens a milhares;
Com tal furor, com sanha tão renhida,
Como se fôra longa a curta vida.
Por toda a sorte emfim de ardis, e enganos
Tentam opor-se aos choros soberanos.
Oh cegueira fatal! Oh teima estranha!
Como se contra Deus ha força, ou manha.
Dezertores do Olympo, astros cahidos,
Pelo orgulho, os exemplos aprendidos
A' custa de tão mísera experiencia,
Não vos domaram inda essa insolencia?
Mas tu, suberba, és tal, cousa pasmosa!
Que quanto mais calcada, mais teimosa.

Já das portas de bronze torreadas
Vão sahindo na marcha acceleradas
As cohortes do Estyx: tremem nos ares
Negras bandeiras: tubas militares
Fazem tudo atroar. Nunca se viram,
Quando os paúes Niloticos cobriram,
As dez pragas, de insectos mais enxames;

Que ora do Dite as legiões infames.
Já os eneas cylindros sulfurosos
Na explozam, e rugidos espantosos,
Nos celestes espaços ribombavam,
Das ignivomas bombas, que arrojavam.
Conheceram os Anjos, que a anarchia
Do inferno vinha aguar sua alegria.
Como se o seu destino fôra o effeito
De um solar, que não tem prazer perfeito.
Ou triste consequencia, e ferreo fructo
De um crime original, de um pai corrupto.

Bem podera, a querer, por tudo em terra
A Virgem, cujo acceno o Orco atterra.
Mas, ou porque intentava confundido
Ver o orgulho do inferno; e que vencido
Com todo o seu rancor, poder, e furia
Fosse dos poucos seu, que é mais injuria;
Ou porque já inspirada conhecia,
Que opportuno favor do Céu descia,
E que imprevisita emfim qualquer victoria
Dava aos Anjos mais graça, a Deus mais gloria:
O certo é, que indifferente olhava
A manobra infernal, que Pluto armava.

Julgam-se poucos, e com pouco abrigo
Os celestes á vista do inimigo,
« Divina guarda angelica, exclamaram,
« Cujos raios no abysmo já arrojaram
« Da suberba os dragões; se é esta empreza
« Tua, tua tambem seja a defeza.
« Salva o decôro teu, que esta victoria
« E' um sacro dever de tua gloria.
« Não diga por ludibrio o cáhos sanhudo,
« Que é o Deus dos Anjos? N'elle escudo
« Não tem; e assim teu nome tão sagrado
« Seja no Etxyx dos monstros blasfemado.»
Isto dito; eis se aprestam de concerto
As hostes repellir; quando no aperto,
Oh escudo do Céu, que nunca falha!
Antes de dar-se a horrisona batalha,
Chega o Nuncio do Olympo, o enviado
Michael, que o cáhos vendo em massa armado,
Aos collegas bradou: « Não ha perigo,
« Eis-me aqui, não temaes, vede o castigo:
« Vede como um agente só do Eterno
« Calca aos pés o rancor de todo o inferno.
« Deixai-me essas falanges revoltosas,
« Indoceis a mil quedas vergonhosas:
« Vulgo sem brio, sempre derrotado,
« Nem por tantas derrotas assizado.
« Deixae-me, pois que já por muitas partes

« Fiz arrastar o pó seus estandartes:
 Balas ardentes, ferreas palanquetas,
 « Qual fumo em vento, qual em fogo a herva.
 « Perante mim é tudo debil palha,
 « Que ao leve sôpro do tufão se espalha.
 « Se co' as aguas lustraes podem humanos
 « Atterral-os, nós entes Soberanos
 « Não poderemos mais? Nós escolhidos
 « Mensageiros do Eterno, e a elle unidos?
 « Podemos.» Disse: e bravo, e em chamma accezo
 Brande o ferro fatal, e com tal pezo
 Baquea no tartareo nevoeiro,
 Que elle só vale um batalhão inteiro.
 Os olhos eram fogo, ira o aspecto,
 Raios os braços dous, coragem o peito,
 E contra as furias do Orco embravecidas
 Leão, que atasalhando espavoridas
 Ovelhas vac. Já mais se vio na terra
 Tão destro militar na arte da guerra.
 Se os batalhões ferozes cá do mundo
 Experto elle mandara, e furibundo,
 Maior, que este Romano, ou Peno, assello,
 Que nunca fora Cezar, nem Marcello.

Segue o exemplo gentil, e assim fazia
 A milicia immortal, de que era guia.
 Subito dando sobre os scelerados,
 Que com golpes fataes sam conculcados.
 Fervem os dardos, chovem as lançadas,
 Cruas feridas, feras estocadas;
 É tudo confusão, tudo bravura,
 Tudo se encontra, tudo se mistura.
 Tal no tufão do vento repentino
 Batem portas, o pó gyra em contino.
 Entenebrece o Céu, em um instante
 Tolda-se o ar, ha pouco inda brilhante.
 Debanda-se o redil, fogem pastores.
 Bate a fructa no chão, rompem-se as flores,
 E das arvores sobem pelos ares
 Em turbilhões, as ramas a milhares.

« Fugi, sombras aerias, (exclamava
 O Anjo exterminador) fugi óh brava
 « Phlegetontea caterva, que o rugido
 « Do Leão de Judá tem já vencido.
 « Dizei ao vosso rei, que deixe o mundo,
 « E cuide só das trevas do profundo
 « Que a se prostituir foi a partilha,
 « Que ganhou-lhe a suberba sua filha.
 « Dizei, que aqui não vam as negras furias,
 « Que no cáhos soffrem seus grilhões, e injurias.
 « Que aprenda a se humilhar já desde agora

« A' mãe do seu Senhor, sua Senhora:
 « Cuja sombra em Eden, se só possível.
 « Lhe foi tatal; verá, que é mais terrível
 « O vivo Original: e que se abstenha,
 « Se é que a novas desgraças não se empenha.»
 Disse: e os monstros batidos evadindo,
 Como chuva no cáhos foram cahindo.
 Taes as nocturnas aves vam-se embora,
 Mal que assoma no Céu titonia aurora,
 Buscando a escuridão, e não soffrendo
 O pharol, que as deslumbra, e vem nascendo.
 Livre o campo, o jardim, o aprisco, tudo
 Do agudo guincho seu, do dente agudo.
 Ou taes nas salas fulgidas feneceem
 As trevas, quando os cirios amanhecem:
 Rutilos a brilhar lustres custosos,
 Das artes os tropheos mais orgulhosos;
 E tu, muda poesia, alta pintura,
 Queés da nivea parede a formozura.

Emfim pagando estão com mil supplicios
 Seus perversos ardis, seus artificios.
 Porque no lar do horror, e da desordem
 Estas furias se irritam, e se mordem,
 Como leões raivosos, e sedentos,
 Se abortam, ou naufragam seus intentos.
 Eis os premios aqui, e os condemnados,
 De que eram de seu amo esperanças,
 Em um golpe de vista se faz tudo:
 O ar se aliza, o vento ficou mudo:
 Dissiparam-se as nuvens, o Céu brilha:
 Torna a virginea paz, que é sua filha:
 Em throno azul celeste a calma desce,
 E a horrissona borrasca se evaee.
 Passa o bem ao pezar, que dissipado
 É' menor. que o prazer, o mal passado.
 Então e'o a Virgem o Nuncio reverente
 As commissões encheo do Omnipotente.

Saibam porém as gerações do mundo,
 Que depois que as estrellas no rotundo
 Estellifero polo tem o imperio
 Sobre as nocturnas sombras do emispherio,
 Depois que o matutino, e creceo etonte
 Puxa o carro, de aljofar no horizonte;
 E as sombras dissipados seus horrores
 Derretem-se em orvalho sobre as flores;
 Depois que a onda irada quebra a furia
 Na movediça arêa, sua injuria;
 E á voz se humilha, que lhe diz possante:
 « Para aqui, não escoes mais avante;»
 Nunca em Deus se adorou tanta bondade,

Nunca em mortal se viu tanta humildade.
 « Vereis já dispensar-se esta caterva,
 Assentaram os Anjos ser acerto
 Levaram a casta Mãe do alto Messias
 Ao lugar, onde estão Enoch, e Elias,
 Porque fossem co' a vista recreados
 Tão santos paes, varões tão sublimados.
 Pois que delonge tinham já previsto
 Nas figuras da lei a Mãe de Christo.
 Vissem tambem de perto e de passagem,
 O proprio original, depois da imagem.
 Agradou o conselho; felizmente
 Ninguém se oppoz, mas antes geralmente,
 Obtida a faculdade da Rainha,
 Para lá toda a pompa se encaminha.

Quanto é doce a virtude, quando alcança
 Tocar a meta, extincta já a esperanza!
 É nada a lucta antiga transitoria
 Em razão do prazer, que dá a victoria.
 Transmutam-se os espinhos, e os rigores
 Em mar de gostos, em vergeis de flores.
 Nesse instante risinho, extremo instante,
 Quizera mais perenne, e exuberante
 A tortura da mal fadada vida,
 Que coroa alcançou-lhe tão sobida.
 Então, qual folha secca, a realza
 Dos sceptros se lhe antolha; a van riqueza,
 Deosa de argila vil, que o cego adora,
 Por quem se avilta o avaro, o louco chora;
 A fortuna, seus risos, suas flores
 Com as palmas dos bravos vencedores,
 É tudo sonho vão, que se esvaece;
 Ella só fica, tudo o mais perece.
 O mesmo excelso Rei do ethereo assento
 Ordena selhe faça o acatamento:
 E seus ministros, immortaes bellezas,
 Sam os Nuncios fiéis de taes empreza.
 O' destino feliz! ó gran ventura!
 Digna da inveja na maior altura!
 O' virtude sublime! O' dons preclaros!
 Porém fatal cegueira! Se são raros,
 Os que o preço conhecem, que a sublima;
 Quanto é mais raro o numero, que a estima!

CANTO TERCEIRO.

ARGUMENTO.

Descrição do Paraíso, onde estão Enoc, e Elias. Um ligeiro esboço de sua missão.

Pratica, que teve o propheta Elias com a senhora, em que lhe prova sua isenção á culpa original. Elogio, que lhe fez o patriarcha Enoc. Enfin rogam-lhe, que lhe narre sua morte, e seu triumpho.

Ha no seio do immenso uma paragem
 Escondida aos mortaes; do Céu imagem
 Logar santo, ditoso, sem pezares,
 Onde os prazeres gyram a milhares.
 Habitação da paz, solar do riso,
 E com razão chamado paraíso.
 Acolá se entrelaça, como a héra
 Co' rico outono a olente primavera.
 Frescos sempre os matizes da campanha
 De perenne verdor, de graça estranha.
 Não adulam a vista n'estes prados
 Arvoredos por ordem alinhados:
 Nem marmoreas columnas soberanas
 De varias ordens gregas ou toscanas.
 Nem maquinas hydraulicas que as puras
 Aguas deitam por varias mil figuras;
 Só reina a natural simplicidade,
 Que excede sempre a arte em magestade.

O Muza, dá a meus versos a doçura
 Dos fructos, de que vou dar a pintura;
 A manga doce, e em cheiro soberana,
 Que imita o coração, no galho ufana,
 De um lado a érceca cor e fulva exalta,
 Do outro lado porém retrata aquella
 Que o pudor chama ás faces da donzella.
 Pendendo estão dos ramos verdejantes
 Os cajús, a saúde tão prestantes,
 Uns amarellos e outros encarnados,
 Das gostosas castanhas coroados,
 Talismans, que lhes deo a natureza,
 Por não se fascinar tanta belleza.
 Odoríferos jambos coroados
 Alvejam na vergonça apinhados.
 Negreja o liso abrunho, envolto em lucto
 O qual da Syria veio; e o debil fructo,
 Que lá de Cerasútha o nome toma,
 Por Lucullo trazido á velha Roma.
 Entre as folhas gigantes laceradas
 Dos bananaes espessos arrançadas
 Lourejam suas filhas, aguçando
 O appetite e os olhos afagando.
 Das folhudos festões estão pendentes
 Pelo tronco trepando, os reverentes
 Fructos da agreste flor, quadro imitante

Do martyrio, e paixão de um Deas amante,
Gemem enfim as arvores curvadas
Com o pezo das fructas sezonadas.
Do limão virginal, da aurea laranja,
Pomos d'ouro talvez, que em vossa granja
Hisperedes zelaveis: mas colhidos,
São por Tyrinthio a Euristheo trazidos.
No mesmo ramo encanta a formosura
Da fructa em flor, da verde ou já madura:
Mostrando a natureza aqui reunido,
Quanto n'outros sazões tem repartido.
Tal matrona fecunda em proles bellas
Nubeis tem, uma ao collo e outras puellas.
Assim n'um quadro so pinceis mui habeis
Dezenham mil objectos delectaveis.
Assim por San'João, no mez nevado,
Depois do esbulho teres supportado
De tuas ramas velhas, ó roseira,
Aos astros te apresentas lisongeira,
Quando as novas de rosas mil enxertas;
Humas inda em botão, outras já abertas.

Em vam nedeos racimos a encrespada
Vide, que com o oliveiro está casada
A' luz phebea expõem, tanta riqueza
Ai! da pompa é trophéo, é só belleza.
Aligero cantor da etherea estancia
Apenas prova parte da abundancia.
Tal era a sorte de outras muitas fructas,
Sempre das mãos intactas, e incorruptas,
Tal a da pinha, que trazida outrora
Do Eóo paiz, berço da aurora,
Com seu nectar suave torna escravos,
Abelhas do monte Hybla, vossos favos.
Tal a tua, ananáz, rasteiro e baixo:
Mas que tens por corôa alto penacho,
E vestido de escamas, qual guerreiro,
Um hálito hafejas lisongeiro.
Nem baixo te reputes deshonroso:
Tal de Carlos o pai, mas foi famoso.
E o bravo lá da Emathia, na estatura
Apoucado, foi raio da bravura.

Sem dar accesso á Phébo a intonsa coma,
Os bosquos todas sam troncos de aroma,
Seus ramos elevando aos áres puros,
Ao vento indocéis, ás borrascas duros:
Tudo, quanto perfuma o ambiente,
Balsamos, canella, incenso ardente,
E tu, cedro odorifero, que exhalas
Fragrancia, ardendo nas Circéas salas;
Quando do Ithaco os socios lá chegaram,

Que em ursos pela maga se voltaram.
A cynirea prole criminosa.
Do bello Adonis mãi, toda chorosa,
Lembrada inda do crime, ali goteja
A lagrima gelada, e bem fazeja.
Vegeta a rama, e a folha perfumante,
Com que Daphne roubou-se ao cego amante.

Negros picos, e fragas se avistavam
Que ao longe os ceos serenos topetavam;
Donde se despenhando crepitantes
Alveos de varias lymphas escumantes:
Vinhão dormir nas fraldas, e campinas
Sobre leitos de areas chrystallinas.
Tanques lordados do matiz de Flora,
Doce attractivo do cantor da aurora.
Prateados peixinhos agitando
As caudas, pelo fundo estão brincando.
Pelos prados floriferos serpeam,
Humectando o matiz, de que se arceiam,
Perennes aguas, fontes peregrinas,
Quaes liquidas riquezas argentinas.
Rolando vem com ellas pelo fundo
Folhetas d'ouro; e tudo, quanto o mundo
Em preço tem; o rígido diamante,
O rubi, que da brasa é semelhante;
A amathista, a chrysolita, a turqueza,
Lapidadas da propria natureza.

As margens dos ribeiros sam tegumes,
Que o ar incensam com snbtis perfumes.
Rasteira madresilva, hervas cheirosas,
Do fresco orvalho sem cessar chorosas.
Assim como na seda, ou rica tella.
A agulha brinca da gentil donzella;
Tecendo com mil fios, e mil cores
Primorosos padrões, varios labores;
Tal era d'estes prados a pintura.
Que das aguas recebem a frescura.

Alli, purpureo cravo, tu vegetas
Sem sentires do Sol ardentes settas.
Sempre fresco, e brilhante, sempre inteiro,
Eterna a tua côr, eterno o cheiro.
E tu, sol dos jardins, rosa engraçada,
Que já na Tyria côr, sublimada.
Ostentas, de Rainha côr a preminencia
A vegetar alli tanta excelencia
Ostentas que em belleza inda as mais bellas
Vences, como no Céu Phebe as estrellas.
Vecêja de Hiemen a estranha planta,
Cuja amendoa torrada o gosto encanta.
A flor, que desabroxa só nocturna,

E se agrava ao raiar a luz diurna.
 E a triste em côr também, que matizando
 De rouxo o prado, á Igreja está imitando
 No tempo, em que na cinza amargurada
 Chora do esposo a scena já passada.
 A magdonia thurierema, que incensa
 Do grão Temistitão a riba extensa:
 De quem a florecencia dáta os annos,
 E épocas memoraveis dos paizanos.
 O amarello Ipé, tão lisonjeiro
 Nas ribeiras do placido Janeiro:
 Prezado berço meu, que fez a sorte
 Do aurifero Brasil o centro e a Côte.
 Por cujas matas, solidões amenas
 Também correm Castalias: e as Camenas
 Ao som das citharas do Pythio louro
 Afinam vozes, cantam versos d'ouro.
 Também do alpestre Corcovado descem
 Perennes aguas, que não desmerecem
 As que borbulham sobre a arêa fina
 Do talco argenteo, lá na Caballina.
 Brilha enfim a familia toda em summa
 Da balsamica Flora, que perfuma.
 Diversa nas especies, e figuras,
 Grata nos cheiros, linda nas pinturas.
 Anemones, jasmims, goivos, acantos,
 Roxos lirios, perpetuos amarantos;
 Cujas faeces os Zefiros beljando,
 Vam lascivos o ar enbalsamando.
 Não menos brilha e ostenta, que o de Flora,
 O alado esquadrão, que ella namora.
 Pelas margens do lago, em passo lento,
 Procura a nivea garça o seu sustento.
 Gême a casta rolinha lá da ineulta
 Brenha, quando o calor do Sol avulta.
 Curvada com seu pezo, sobre a espiga
 Já loura do arrozal, a doce intriga
 Modula o coleirinho, e lá do ramo
 Da aroeira responde o gaturamo.
 Sobre um tronco despido o empavesado
 Pavão eis que escurece co' dourado
 Dos olhos do pastor e bellas pintas,
 Mensageira de Juno, as tuaz tintas.
 Cruzavam pelo ar, bem como flores
 Aligeras, alados de mil cores.
 Dirieis, que a brilhante primavera
 Deixando o prado, matizava a esphera.
 O pequeno colibrio, esta ave rara;
 Trophéo na pequenez da Mão, que a ornara,
 Ostenta o peito d'ouro; e esvoaçando

Com sussurro e tremor, anda libando
 O nectar, e dulcissimos sabores,
 Que encerra o calix das mellilluas flores.
 Pygmeo na esphera das gentis volantes,
 Se na esphera das aves ha gigantes.
 Ve-se o ninho co' bico o passariinho
 Tecer, só da consorte o alado arminho
 Soccorros tem; e na cruel fadiga
 Ser o peito o campo o instinto obriga.
 Porém nas dimensões com tal dèstresa
 Que não cède ao Geometra em certeza.

Aqui paixões não ha, não ha cuidados,
 Nem desejos de gloria illimitados.
 Nem ciumes de amor, e a van cobiça,
 Que o fogo da ambição ao peito atica.
 Não soam bronzes tristes e agoureiros,
 Das pompas Sepulcraes mil pregoeiros.
 Nem o rouco tambor bellico: a bandeira
 Não treme em batalhões; nem tu, guerreira
 Tuba, despertas com teu som tirano
 O povo a espediçar o sangue humano.
 Tange a virginea paz, balha a alegria,
 Ou se recolha o Sol, ou nasça o dia.
 Somente só a o gorgear das aves,
 Cujos reclamos são, e échos suaves.
 Dos Padres a harmonia em doces hymnos,
 Do ser interminavel metros dinos.
 Metros doces, grãdiloquos, alçados,
 Por elles concebidos e rimados;
 Que na gloria, em que exultam, não desprezam
 As filhas da memoria, antes se prezam
 De cultivar esta arte peregrina,
 Que com sublimes dons, com voz divina
 Eterniza a virtude, e Omnisciencia (encia.
 Do ser, que é mesmo a gloria, é mesmo a Si-
 O triste enchame das doencas magras,
 E as salutiferas potagens agras,
 Que tu pharmacia provida excogitas,
 Acolá não se encontram: taes desditas
 Dezertam deste clima venturoso,
 Lembre salubre, sempre vigoroso.
 Também ignora o innocente sólo
 A intriga da chicana, a fraude, e o dolo.
 A fêa ingratição, cuja torpeza
 Deshonraamente, e mancha a natureza.
 Ea fome, que aconselha sempre o crime;
 E outros, de que se o mundo nunca exime.
 Já mais alli se vio lá no horizonte
 Erguer-se a nuvem roxa atraz do monte:
 Que gera com estranha brevidade

Tricula chamma, horriovel tempestade.
 So bafeja um favonio meigo e brando,
 Que o ar alaga, e que de quando em quando
 Balçoso derrama das folhinhas,
 Em riquezas de a jofar mil gottinhas.
 Nada enfim ha de quanto allige e aterra,
 Sereno sempre o ar, serena a terra.

Não direi que no amago da annosa
 Fata se esconde driada formosa.
 Que os trave-sos capripedos dão saltos
 Na campina, alternando bailes altos.
 Que as napeas, brincando pelos prados,
 Seus risos lhes consagram, seus agrados.
 Sem que velho Sileno, honrando os velhos
 Dicta ao joven Thionco almos conselhos.
 Não, so pre-ilem anjos tutelares
 Que do lugar dissipam os pezares.

Nunca os jardins da fama celebrados
 Jamais foram com este equiparados.
 Aquelle entre os Pheaces applaudido,
 E do argolico cysne encarecido;
 Causa-se a musa, e fique enfim cansada
 Do cantor esmyrneo, a este é nada.
 E se outro, que ostentara a realza
 No soberbo festim, e a grão riqueza
 Do consorte de Esther, e houve a ca tura
 De mãos sceptrigeras; é van pintura.
 O Tempe de Thessalia, que escaldara
 Outr'ora o estro, dos que a lympha clara
 Beberam do Aganippe, e do Parnasso;
 Ao pe deste painel é vacuo prazo.
 Vós mesmo, que a pezar da grão carreira
 De sec'los desaseis, vista fagueira
 Ao Macedonio destes ó immensos
 Babylonios vergeis, no ar suspensos;
 Vós sois brinco infantil, sois mero riso,
 A' vista deste illustre paraíso
 Risco do architector que sem compasso
 Curva linha traçou no ethereo espaço.
 Feliz habitação, se cá no mundo,
 Ou se fóra do ceo, painel jocundo
 Podesse haver da bemaventurança;
 Tu fora a copia so, so semelhança.

Em grutas de alabastro, matizadas
 De rosas, por jasmims entrelaçadas.
 Habitam em perennes alegrias
 Os santos ancioes Enoc e Elias.
 Acolá não se ve ouro, ou diamantes,
 Nem lagrimas memnonias rutilantes,
 Nem tropheos de estructura alta e subida;

Que nisto não está o prazer da vida.
 Dourados tectos, pavilhoes eustosos.
 Tambem cobrem suspiros amargosos.
 Ornara a lapa a madre natureza
 De nobre gosto, mas com singeleza.
 Uma vida fecuada, alta e remosa,
 De lazi-lios pesos orgulhosa,
 Verdejante docel alli teria
 Impervio aos raios do fatal do dia.
 Aureas prisões pendentes não brilhavam
 De aligeros gentis, nem precisavam:
 Que na vide milhões destes cantores,
 Terendo ninhos, e nutrindo amores,
 Com perpetuos trinados dos raminhos
 Lisongião de cima os dous visinhos.

Alli plantada estranha arvore estava,
 Unica e singular que se chamava
 A arvore da innocencia; abastecida
 De folhas d'ouro, grossa, annosa e erguida.
 No atulado da copa alta e sombria,
 Qual frondosa jaqueira parecia.
 Nella se aninham leves e contentes
 Os dous que o ceo envia aos innocentes;
 Cujo gorgoeio vario e amigavel
 Soava a confusão, mas delectavel.
 Saltam por entre as folhas as riquezas
 Ineffaveis da graça, que as tristezas
 Costumam dissipar dos peitos justos.
 No receio de errar sempre entre sustos,
 Os sonhos rapidos, que em seus grosseiros
 Leitos duros adejam lisongeiros
 Trazendo-lhes de noite a phantasia,
 Quanto pensaram sobre o ceo de dia.
 Voão tambem as alegrias puras,
 Que os tornam insensíveis ás torturas:
 E os desejos celestes atrevidos,
 Na cor das azas rubros; os gemidos
 Do testemunho são da consciencia,
 Que é o brasão e a gloria da innocencia.
 E, sua filha, a paz, que acode ao rosto,
 E excede a todo vão terreno gosto.
 Perenne fonte mais risonha e clara
 Do que quantas a fabula sonhara,
 Alli está sempre, e sempre lacrimando,
 Por entre areas d'ouro sempeando.
 Quanto matiz reveste a vernal flora
 Que o povo alado de Aristheo namora.
 Com suave perfume e mil encantos,
 Thuriereando estão aos varões santos.
 Varões raros, varões assignalados.

Por Deos alli retidos e guardados
Para os fins que elle sabe, e estão à espera
Dos destinos, que o ceo delles fizera.

La no fim das idades, quando o mundo
Caduco e a delirar for n'um profundo
Abysmo de maldades submergido,
E o Senhor de mui poucos conhecido;
Quando o crime sem pejo, impune e velbo,
Surdo for da virtude ao são conselho,
E a vil degenerada humanidade
Reconhecer decoro e probidade;
Um monstro surgirá no meio disto,
Benominado a besta, ou Anti-Christo..
Celesto! Que blasphemio, e sem respeito
Ousará disputar todo o direito
So proprio do Eternal, como vapores
Nabatheos, templo, altar adoradores.
Seu imperio fatal será disperso
Nos dous polos, que abarca o universo.
Seus batalhões cruéis, quasi sem conto,
Como folhas do bosque, aguas do ponto,
Irão rapidamente assoberbando
Os incolos do globo; aos pes calcando
Os povos bareaes, aonde mora
A gente que primeira salva a aurora;
Os que Phebo no mar vem sepultado;
Aquelles onde sopra o congelado
Austro, e as inhospitas longinquas ilhas,
Da madre terra as engeitadas filhas.
O triste, que o ferrete e o nome infame
Do monstro em si negar, um novo enxame
De males soffrerá, tão espantosos
Quaes nunca viram sec'los desditosos.

Com esta hydra truculenta e fêa
Tem de sahir dos dous heroes a arêa.
Mas enquanto não chega, o voto ardente
Desafogam dizendo: «Oh! se decente
Fora ao fraco mortal chamar futuras
Desgraças, por tirar dellas venturas,
Quizeramos ja ver o fim fadado,
De nossos sacrificios coroados.
Todavia, cruel, se os nossos votos
Podem ja int'ressar tempos remotos;
Se nossas vozes candidas e puras
Ja romper ousam as barreiras duras
Do teu solio fatal, com ancia incrível
Nós te imploramos, sem que o mais terrivel
Traces de exquisitissimos tormentos,
Cruzes, rodas, punhaes, braseiros lentos,
Ou peiores ainda; mas que a vida

Não cures suffocar logo na lida.
Sê ao menos connosco nisto humano,
Que esta graça é do genio d'um tyranno.
Pois no largo penar, na longa calma
Se te cresce o rancor, nos cresce a palma.

Era o primeiro um velho agigantado
De membros, que mostrava ter gozado
Do mundo antigo a força tão crescida.
No diluvio depois enfraquecida.
Eram suas feições, se bem que idosas,
Na cor e symetria magestosas.
Os membros bem talhados, a figura
Perfeitissima, emfim toda a postura
Mui regular; por quanto inda a maldade
Não havia estragado a humanidade.
Se o dextro Phidias outra vez quizeria
Traçar com magestade a effigie vera
Em marmore de Jove, sem desvelo
Tinha neste ancião nobre modelo.
Porém Jove piedoso, terno, brando,
Não em furor, ou raios dardejando.
Não, se sabe a materia que trajava
Se era lan, ou se linho; descansava
Sobre um bastão de noz, tão grande
Que sem encarecer afirmar posso
Que um mancebo d'agora, o mais relaxado,
Não o movia, sem mover com custo.
Tinha outro porte o vate do Carmelo,
Cingindo os rins de sedas de camello,
A barba intonsa e crespa até ao peito
Felpudo, fresco o rosto; mas o aspecto
Um tanto carregado, e parecia
Que inda o fogo do ceo descera.

Nos momentos que aos extasis restavam,
Scientificas materias dissertavam
O genio tutelar do paraíso,
Ornando a mente, enriquecendo o siso,
Que é do grato saber tão doce o enleio,
Que até nos divos serve de recreio!
A' sombra de uma faia alta e frondosa
Nutriam a conversa deleitosa.
Ao pe assentados de uma crystallina
Fonte, que murmurando ia à campina.
A' pressa de uma penha derivada
Sempre de orvalho, e verde musgo ornada.
Logrando n'um so ver toda a belleza
Que não costuma unir a natureza.
Lymphas que fogem, aves mil fagueiras,
Frutas à vista, e flores lisongeiras
Ao olfacto, e mil objectos divertidos

Que apraz a mente, e enlevam os sentidos.

Alli da sempre provida natura
Revelava o celeste a formosura;
Seus segredos, seus dons, suas riquezas.
Que escapam inda a humanas subtilezas.
Bem como a reunião do corpo e alma,
Seu matuo influxo nas paixões, ou calma.
Das asserções zombando extravagantes,
Que deliram, ou sonham arrogantes
Philosophos sublis; nome que allude
A quem mais rixa o vulgo ignaro e rude.
Descobrimo aos prophetas que o tangente
Do orgão visual era somente
Dos seres a extenção multiplicada,
Em varia cor, ou formas terminada.
Que as essencias das cousas, que as naturas
Eram inda noções vagas e escuras.
Que dos quatro elementos confundidos
Se combinam os corpos conhecidos.
Falsa a materia prima decantada,
Nem tal, nem qual, nem quanta. O que? só nada!

Depois bellos discursos accrescenta
Sobre o fluxo e refluxo que apresenta
O tridente infiel, cujos segredos
Natura inda nos fecha em seus enredos.
Segredos que fadigas não pequenas
Por decifrar tem dado a doudas pennas.
Sendo os caprichos tantos e os avisos,
Quantos são dos que pensam os juizes;
Tambem á scena veio a tão renhida
Questão da cor infame e denegrida,
Que ao travez das idades succedentes,
Tingindo vem a tez das afraes gentes.

Mas no ramo prolifico e frondoso
Do reino vegetal, que o poderoso
Dedo eternal brincara de primores;
É onde mais se espriam os louvores.
« De certo assombra o anjo proseguiu,
« Como uma cousa so tanta energia
« Produz em tão multiplices sujeitos,
« Tão diversos phenomenos e effeitos
« A virtude matriz se communica
« Por milhões de canaes que ramifica
« O pervio tronco, erguida ao mais alçado
« Botão desde a raiz que o tem brotado.
« Aqui é uma flor, alli novinho
« Rebentam, que se torna em um ramiuho.
« Acolá uma fruta saborosa,
« Que a cor vem pespontando d'ouro ou rosa.
« Mais além uma folha, ou a cortiça

« Do tronco que se engrossa ou que se enriça.
« Tal por arte sagaz do jardineiro
« O vergel vai regando todo inteiro
« De uma so fontezinha a lymphá pura,
« A orvalhar por sulcos a verdura.

« Na estação hyemal quasi que estanca
« O bemfazejo humor; e mal que arranca
« A barreira fatal, que maravilhas!
« Que novas raças vem de verdes filhas!
« Rico outono, vaidosa primavera,
« Patentea os thesouros com que impera
« A pingue mesa lauta e o apparatus,
« Que á donzella e altar serve de ornato.
« Que riquezas, que dons, que formosura,
« Que tanto esmalta a universal pintura!
« Novos ceos eis assomam, nova terra,
« Que o humido vapor de vós desterra.
« Tristes vestigios, restos que imprimira
« O pe brumal ao sol quando fugira.
« Brilha o olho do ceo puro e sereno:
« Rutilo o ar, risinho o prado ameno.
« O verde e vegetal velludo flores
« Traja, como atavios de mil cores,
« A pudica puella, que modrosa
« Ao pubero offerece a mão de esposa.
« Ri-se a relva do valle, ri-se a fonte,
« Ri-se ao longe tambem musgoso monte.
« Vem alados insectos susurrantes
« Roubar os succos mellicos fragrantos.
« Soa das aves nova symphonia,
« É das graças o tempo, é d'alegria,
« E tudo fausto agouro da riqueza,
« Que ostentará no outono a natureza,
« Quando as massas offerte, ja guisadas,
« Nos cheiros e sabores variadas.
« Em cujo gosto e madurez trabalha
« Não pouco o astro que de noite falha.

« Foi de certo em taes dias que o morgado
« Do predio universal se vio creado
« Entre flores e fructos, bafejando
« Do suave galerno o sopro brando;
« Antes de repartir co'a immensa raça,
« Em retalhos da terra a immensa massa.
« Foi então que luziram as estrellas
« Pela primeira vez no polo, e as bellas
« Tochas d'outros luzeiros la do Olympo,
« Ditosa a terra, o ceo sereno e limpo.»
Assim passavam rapidos momentos
Os inoclos dos grãos aposentos,
Quando chegam enfim os conductores

Da puerpera diva, e os dous cultores,
Como a vissem chegada, a vassallagem
Vão render a tão alta personagem.

Vio-se então o lugar, de si mimoso,
Co'a presença da virgem mais formoso.
Não troavam as bocas de Vulcano
Equivoco prazer, som deshumano.
Pois não tinha inda o orco revelado
Do po desolador o infausto achado.
Não tinham das grimpas retangidos
Os bronzes festivaes, nem estendidos
Se avistavam tapizes recamados
De labores, no Hydaspe trabalhados.
Nem baluartes de sulphureas massas,
Agouros quasi sempre de desgraças.
So marmuravam mais as claras fontes,
Ja no fundo dos valles, ja nos montes.
Os gorgeios das aves recresciam,
Que os angelicos echos repetiam.
Os prados, as florestas perfumavam
Mais grato aroma que té li incensavam.
Retiniam nos bosques e nos ares
Os vivas e os applausos a milhares.
Ja mais nas manhans frigidias de agosto
Assoma a aurora com tão ledo rosto,
Bordando as flores e dourando a esphera,
No retorno gentil do primavera.
Nestes jubilos pois, e neste riso,
Entrava a pompa pelo paraíso.

Esse, que ao mundo veio, antes que o mundo
Fosse tragado pelo mar profundo,
Ferido de clarão tao desusado,
Extasiou-se, mas o illuminado
Vidente da Iduméa, que de perto
Vira um raio da gloria no deserto.
Reverente curvou-se; e desta sorte
Obrigou-lhe a romper o seu transporte:
«Oh Deos! Oh grande Deos! sempre estarpado
« Nas obras de teu braço, onde em traslado,
« Ou ellas sejam grandes ou pequenas,
« Nellas descrevem ineffaveis pennas,
« Em hieroglyphicos a sacra historia
« De teu nome e poder, de tua gloria.
« Na rocha colossal certo ar grosseiro
« Vejo, mas nisto mesmo um dom fagueiro.
« A gruta solitaria, a inculta brenha
« Tua mão poderosa me desenhia.
« O verme d'ouro e vil que o po revolve,
« Tambem mysterios tem, tamem envolve
« Graças mil, como a linda pregoeira

« Que do ceo preconisa a luz primeira,
« E assoalhando a terra e os mares d'outra,
« De Pataras acorda o numen louro.
« Porém se cousas taes são so brinquedo,
« De teu rico pincel, quaes os segredos
« Serão do nunca visto desempenho.
« Onde estala o trovão de teu desenho?
« Tecem as aves delicados ninhos
« Aes pennugentos languidos filhinhos,
« Urde o verme delgados rios fios
« Por fugir ao rigor dos ares frios;
« So se geram nas conchas prateadas
« As lagrimas da aurora congeladas;
« Throno d'estro e de gemma preciosas
« Para si se adereça o rei vaidoso;
« E tu do rei, da perla, da ave insecto
« Senhor, serás tão pobre ou tão abjecto
« Que um asylo não busques mais prestado
« Que a seda, o ouro, a perola ou diamante?
« Que mais florido thalamo fizeas,
« Quando em pompa de esposo descendes
« Dos paços paternaes por humilhar-te.
« E á natureza escrava desposar-te?
« Que mysterios de premios, de grandeza
« Nelle desperdiçados? Que requenza?
« Mas ah! que o tal portento está presente.
« Deslumbra os olhos meus, deslumbra a mente.
« Que se na solidão não vissem parte
« Já do lume que aos divos se reparte:
« Hesitariam nesta conjuntura,
« Se era Deos, o que vem, se creatura.»
Como isto disse, a face fez voltada
Para a Virgem (que esteve transportada
Até li contemplando dous humanos,
Quasi eternaes nos seus longevos annos).
« Filhas dos patriarchas, disse, ó germe
« Do propheta real, que impubre e inermes
« Já rompia leões, teu valimento
« Não foge ao meu pensar: n'outro momento
« Eu te vi nuvem fertil que, desleita,
« A' terra a sede mata, e verde a enfeita.
« Vio Carmelo tambem, Soumer o sente,
« Que em flagellos do ceo ardia a gente.
« Mas vio-se por ventura o que ora veio?
« A virgindade mai, fecunda o pejo?
« Quiz-lo assim o pintor da azul esphera,
« Quem lhe ha de perguntar porque quizera?
« Tal da velha raiz, ja carecomida,
« Brota o pomo feliz, pomo da vida.
« Tal no leão, ja morto, encontra o bravo

« Terror dos Philisteos mellifluo favo.
 « Oh que distancia vai ! Oh quanta altura
 « Do vivo original á copia escura !
 « Esse ar de magestade que dardeja
 « Teu rosto divinal, faz que se veja
 « Em teu porte, eu não sei que soberana
 « Graça mais que terrena, mais que humana.
 « És filha, sim, es filha do primeiro
 « Que a prole degradou e o mundo inteiro.
 « Mas herdando-lhe o sangue e a natureza,
 « As pensões não lhe herdaste da fraqueza,
 « Por quanto o Eternal, já condoído
 « Do flebil reo, decreta ao desvalido
 « Remedio prompto dar : e assim procura
 « Por ministra fiel apta creatura
 « Mãe do Deos que nas trevas enlutado
 « Acudir-lhe viesse, o braço irado
 « Desarmando, que la do alto fulmina
 « O raio vingador, e que commina
 « Eterna pena á culpa, e a face volta
 « Ao colono de Eden, que se revolta.
 « Já nos golphos da universal belleza
 « Do archetypo exemplar, que a profundeza
 « Do eterno saber no seio encobre,
 « Rara idéa gentil eis que desabre.
 « Nos olhos virginaes tão pura e santa,
 « Que aos mesmos olhos do exemplar encanta.
 « És tu, que d'entre as nuvens eos frequentes
 « Horrisonos trovões, raios rubentes
 « Da escura noite do delicto enorme,
 « Em que o proscripto par sem pejo dorme,
 « Assomas, qual aurora auri-raiando,
 « Do crime as negras trevas dissipando.
 « Vieste mais por ser a maravilha
 « Da graça e nosso ser, que flebil filha
 « Do grão prev'ricadora, mais por salva o
 « Do naufragio fatal, que tanto abalo
 « Ia causar á vasta redondeza,
 « Que por participar sua fraqueza :
 « Mais por mãe do Redemptor sublime,
 « Que por herdar do protopiasta o crime.
 « Vieste medicar-lhe a peçonhenta
 « Ulcera, na gangrena tão violenta,
 « Que recursos achara o triste enfermo
 « Se no amor que em recursos não tem termo.
 « Vieste pois seccar o nosso pranto,
 « Ser da E-tyge fatal, fatal espanto.
 « Sim, vieste por ser nossa vigança,
 « Doce bem, clara luz, certa esperança.
 « De outra sorte seria despojada

« De ti a natura, ó joia sublimada.
 « Nesse mar do poder inexaurível
 « Toda engolphada, apenas so possível.
 « Aos olhos dos mortaes sempre escondida,
 « So do que tudo sabe, enfim sabida. »
 Isto dizendo, ergueu-se diligente
 A ceifar as boninas que o ambiente
 Estavam perfumando e entretecendo
 Presca grinalda do que foi colhendo ;
 Ao carro sobe, e desmentindo os annos,
 Da Virgem coroando, disse « Humanos,
 « Não deveis estranhar-me a liberdade,
 « Se, esquecido ao dever das cans e idade,
 « De flores cinto a frente de uma filha,
 « Raio do chaos, dos ceos a maravilha,
 « Filha que acaba de vencer a morte,
 « Que não pôde da terra o heroe mais forte.
 « Sou raiz desta flor, que não consente
 « Que um instante o prazer me escale a mente »
 « Vendo a mãe de seu Deos, nossa ventura,
 « Meu sangue honrar toda a natura !
 « E que causas mais tem, ou que motivos
 « As nações, por poderem os altivos
 « Guerreiros coroar de lauro e flores,
 « Que voltam das campanhas vencedores !
 « Dem-me a disparidade da proposta,
 « Que se vencido for, cedo á resposta.
 Sorriu-se então a Virge, e com festejos
 Receber do bom velho os bons cortejos.
 Admirando a feliz simplicidade
 Dos homens que nasciam n'outra idade.
 Mas a grinalda, dizem que saltara
 Pelos ventos ao reo, e se tornara
 Constellação de estrellas, mais brilhante
 Que a coroa de Ariadne rutilante,
 Ou qual de Berenice a loura coma,
 Que aos astros elevada, o lugar toma
 Junto á cauda do bruto da neméa
 Silva, e com sete alampadas clarea.
 Nossa metamorphose acontecida
 Foi, segundo a razão mais applaudida,
 Mui longe ; pois que a vista a não alcança,
 Sem luto de alcançar tem esperança.
 Neste tempo voltava de seu raptó
 O santo velho Enoc. Qual mentecapto
 Chorava e ria e a neta elogiava,
 Segundo o que a ternura lhe dictava.
 Cantando-lhe que la nessa primeva
 Idade a lacrimosa infeliz Eva,
 Nas tregoas de seu pranto, já havia

Por ella algumas gottas de alegria ;
 Que ja abrasadas ancias, que mil votos
 Lhe acenavam de tempos tão remotos ;
 Que os lauros, que do virulento drago
 Alcançara de Eden depois do estrago,
 No seio das familias conservada,
 Era a victoria em fe não alterada.
 Que as matronas coevas, que gozavam
 Dos primitivos ares, ja a chamavam
 Porta d'ouro do ceo, morte da morte ;
 Louvando a signa, e lhe invejando a sorte.
 Ecom razão : « Porque, ditosa filha,
 « (Accrescenta) entre nós se é maravilha,
 « Luzeiros germinarem das mulheres,
 « Genios de voo audaz, altos saberes ;
 « Que prodigio não é do teu materno
 « Seio a prole abrolhar do proprio Eterno !
 « De sublimes heroes ser mãe, confesso
 « Que é sorte de invejar, que é excelso prego,
 « Que é aquelle brasão, aquella gloria
 « Que atroa o mundo e que embelleza a hi-toria,
 « Mas o que é que isso tem de novidade ?
 « Transpoem acaso as leis da humanidade ?
 « Porém que uma terrena, uma menina
 « Seja a mãe de seu Deos, sem ser divina ;
 « Isto sim, quanto a mim, é grão mysterio,
 « Que da mortal razão transcende o imperio.
 « Curem vós debalde ennobrecer-te,
 « E de titulos vão enriquecer-te ;
 « Chamem-te estrella, chamem-te ornamento
 « Do coro angelical, do ethereo assento ;
 « Chamem-te os homens gloria soberana
 « Da progenie de Adão, da raça humana ;
 « Lisongeem-se as virgens da ventura
 « De serem do seu sexo creatura ;
 « Chame-te o peccador seu forte escudo ;
 « Tu es a mãe de um Deos ; nisto está tudo.
 « Mas se deosas não ha, antes a idéa
 « De deosas a eternal noção afêa,
 « Donde vens ? Ou que tens de afinidade,
 « Para ser mãe de um Deos, co' a divindade ?
 « Procurar-te exemplar inutil fora ;
 « Es unica, e de ti só imitadora ;
 « Nem antes, nem depois tens concorrente ;
 « Deos nascido não nasce novamente.
 « Esta ventura pois, esta alegria
 « So te pertence. « O velho isto dizia
 Todo convulso, fixo no cajado,
 De pasmo e de um prazer doce inundado.
 E o pranto, que de gesto está brotando,

A crespa barba e algida molhando,
 (Bem como um debil, mas perenne rio)
 De gotta em gotta vai de fio em fio.

Depois deste cortejo tão luzido,
 A estes dous mortaes só permittido ;
 Fizeram á Senhora os anciões
 Repetidas propostas, mil questões
 Sobre a vida innocente, sobre o advento
 Do Messias, da lei termo e ornamento.
 E a estrella de Jacob, como foi presa,
 Sendo o arbitro e Deos da natureza ?
 E o leão de Judá por que revezes
 Tragou no Moria tão amargas fezes.
 E o sello enfim que á liberdade humana
 Pozera a misericordia scherana !
 « Conta-nos, O' filha (accrescentaram),
 « Os casos mais notaveis que passaram,
 « Teu brilhante triumpho, tua morte,
 « Pois té nos trouxe aqui tão doce sorte.
 « Ja se calau as aves por te ouvirem ;
 « Abrem-se as flores para te applaudirem ;
 « Emmudece o favonio, dorme a esphera,
 « Troncos, fructos, ribeiros, tudo espera
 « Com profundo silencio e ancia louca,
 « Ouvir noticias taes de tua boca. »
 Não se pôde negar a Virgem santa
 A tantas rogativas, a ancias tanta.
 Rogativas de illustres personagens,
 Que ja do filho tinham sido imagens.
 Rogativas de avós, que mereciam
 Por mil outras razões o que pediam.

CANTO QUARTO.

ORGUMENTO.

Narra a santa Virgem a pregação dos apostolos. Suscita-se na Igreja de Epheso a primeira perseguição contra os fieis, por intriga de um ourives por nome Demetrio. Caridade de S. João Evangelista com um chefe de salteadores. Progressos do Evangelho.

Agora, santa Igreja, tu me inspira
 A narração da Virgem, minha lyra
 Não invoca outra mousa, nem procura
 Do Helicon beber a lympha pura.
 Precede-me em vereda tão fragosa,
 Que sem a tua faza luminosa
 Eu não posso atinar, nem ir seguro
 Por entre as densas trevas deste escuro.

Assim do claro fillo ella te alcance
 Novo grupo de herces quete afiance
 Altas virtudes, leitos não vulgares,
 E sejam ostropheos de teus altares.
 Heroes de quem tu digas sem receio
 Nas vaidades das cauz: «Este á luz veio
 « N'um berço d'ouro e ostro a quem ventura
 « Befejou logo ao vir; mas la d'altura
 « Desta gloria fallaz todo despreza
 « Honras, cargo, fortunas e nobreza,
 « Porque na patria dos contentes herde
 « O bem que herdado nunca mais se perde.
 « Aquelle era gentil, um nobre porte,
 « Um lisongeiro ar lhe coube em sorte.
 « A tuda nupcial sua aspiraram
 « Puellares votos; mas em vão tentaram
 « Que do niveo pudor ao forte abrigo
 « Da gangrena geral fuge o perigo.
 « Este o sceptro calçou, este diamantes,
 « Aquelle o sangue illustre, ou mil prestantes
 « Destinos, affectando de pequenos
 « Nos aureos tectos, nos festins terrenos,
 « Para serem um dia poderosos;
 « Socios dos immortaes, com Deos ditosos. »

Eis vem a dea, eis vem! E minha musa,
 Que ao meu clamor e votos não se escusa.
 Oh quanto es santa e bella! Oh quanto e filha
 Do ceo, e do ceo rara maravilha!
 Dos hombros virginaes lhe está cahindo
 De estrellas d'ouro um veo; seu roseo e lindo
 Semblante angelical, seus puros olhos,
 Onde o pudor fez ninhos, por antolhos
 Tem o plano do chão. Tanto é verdade
 Que nella brilha a fe, brilha a humildade!
 Sobre o peito lhe vibra o raio ardente,
 Signal do armor com Deos; traz refulgente
 Na dextra uma aurea cruz; arrhaz que o esposo
 Nas nupcias lhe prendou, Jesus mimoso.
 E ella a interprete da voz divina,
 Quem me aponta a vereda, quem me ensina.
 Ja me sinto em furor, della uma chamma
 Desce a meu peito, e ja meu peito inflamma.

Fugi do canto divinal, sublime,
 Vós, ó fabulas vans, fugi, que é crime
 Manchar-o da fallaz mythologia,
 Com que a filha do chaos, a idolatria,
 Banida ja das terras e dos mares,
 Proscripta sem mais templos nem altares,
 Inda quer ostentar de magestade
 Nas inhospitas aras da verdade.

Não se esperem de mim turbidos ventos
 Clausurados em odre, nem portentos
 De cavallos enormes de madeiras,
 Que pejaram em si tropas guerreiras.
 Nem gigantes membrudos denegridos,
 Em cabos tormentorios convertidos.
 Nem matas encantadas, cujas ramas
 Feridas da bipene, arrojam chammas.
 Hippocrene, Aganippe, vós, ó fontes
 Da Beecia, seccai em vossos montes;
 Que em vós não beberei as aguas puras
 De arcanos tão profundos. Tacs pinturas
 Não finge o sacro vate, e veja a terra,
 Que os successos da Igreja, e quanto encerra
 Na pureza do culto de desvelos,
 Sem pedir emprestado os sonhos bellos
 Dos pagões, tambem luxo, arte e valia
 Tem nas graças e risos da poesia.

Ja calado estavam, anciosos
 Os prophetas de ouvirem os famosos
 Feitos da Virgem mai, e as venturas
 De seus santos trabalhos; quando as puras
 Pupillas levantando ao crystallino
 Ceo, como a lhe implorar favor divino,
 Com voz pudica, nobre e lisongeira
 Começa enfim, e foi a desta maneira:
 « Depois que o immenso rei da etherea altura,
 Do esplendor paternal, verbo e figura,
 Concatenando a morte, o atro averno,
 Marcou a redempção do sello eterno;
 Depois que com o sacro ajuntamento,
 Producto do seu sangue, em um momento
 Subio azul abebada estrellante,
 Impassivel, feliz, formoso e ovante;
 O mundo, caros pais, para meus olhos
 Foi triste solidão, terra de abrolhos.
 Victima so de um pranto infatigavel
 (Não sei se viva ou morte), inconsolavel
 Passava os dias, como em noite escura,
 Sem prazer, sem repouso, sem ventura:
 Tal era o meu viver, tal meu estado,
 Depois que o ceo galgara meu amado.
 Se na terra se póde chamar vida
 Pena tão lenta, morte tão comprida.
 Mas ja por este tempo a aurea busina
 Do Evangelho atroava a Palestina.
 E vendo o almo scenado pregoeiro,
 Que era curto o terreno, o globo inteiro
 Reparte, por que houvessem os athletas
 Mas vasta arêa, mais longinquas metas.

« Estes são os varões tão conhecidos
Pelo nome de apóstolos subidos,
Genios raros, predestinados justos
Para fins pelo Eterno os mais augustos,
Que assombraram de feitos singulares
D'Africa, Europa e Asia, a terra e os mares.
E a santa Igreja, nossa mãe, fundaram.
Que de heroicos exemplos sublimaram.
Humanos d'outra raça e d'outra especie,
Que por seus altos feitos bem parece
Dignos de repartir c'o Verbo as glórias
De seus rudes combates; das victorias
Da cruz apologistas, pregociros
Da salvação geral; filhos e herdeiros
Desse divino amor, e em seus ardores.
Entre os maiores santos os maiores.

« Soffre tudo o mortal, menos se tocam
Em sua creança, e a duvida revocam.
É cicatriz que dóe, mal que tocada.
Nos penetraes do peito radicada.
Das informes noções, que abrolha a infancia
Ao raiar a razão, mais importancia
Tem, e peso as da fé que o embalaram,
Mysterios que seu berço iniciaram.
Concentram-se com tanta profundez,
Que parecem surgir da natureza.
Menor duvida pois no innato culto
Seria um sacrilegio, ou grave insulto.
De sorte que, se vem com ellas erro,
É custoso extripar-se o seu aferro.
Era Deus em Judéa conhecido
Samente, o resto em trevas submergido
Da idolatria, a qual, como c'os annos
Engrossasse, era o culto dos humanos.
Nos lyceos, nos estoas apurada,
Na egide das leis sempre escudada.
Culto emfim dos senhores e pequenos,
De todas as nações, todos terrenos.
Tambem autorisava a iniquidade,
Que aborta a mais atroz perversidade.
E era tal de seus nunes o appetite,
Que ignorava o pudor freio, ou limite,
Não so deusas do Olympo violavam.
Mas as mesmas mortaes idolatravam.
Baixas metamorphoses inventando
Por haver das paixões o fructo infando.
Desta arte os caracteres tão sublimes
Da divindade a denegrir com crimes.
Mestre á prole de Acrisio as gottas d'ouro,
E tu, que á Europa deste nome, o touro

Pois por quem se ultrajaram mil bellezas,
Ou que premios houveram das fraquezas?
Fallam por pejo mais que maravilha.
Do cysne Leda, e Io da novilha.

« Que scenas mais pueris e extravagantes,
Que os deoses ver correndo dos gigantes.
Vagar aqui e alli, sempre assustados;
Nas grutas e nas brenhas eclipsados?
Em ridiculas feras convertidos.
Por não serem dos monstros percebidos?
O mesmo Jove, que do Olympo atroa,
Com a prole bastarda so povoa
De deoses ceo, de semi-deoses terra;
Feito, que a idéa divinal desterra;
Elle foi, por lascivo, chuva d'ouro,
Carneiro, cysne e aguiá, emfim foi touro.
Era o orgulho decoro; gentileza
Immolar o rival, honra e nobreza
Praticar os horrores da vingança,
Ou ter em cinza a brasa da esperança,
Eis a tua moral, polytheismo.
Que tinha de extipar o heroismo
Destes claros varões assignalados;
Pregociros de Deos do ceo mandadas.
Ja qualquer com denodo avança o norte.
Que apontou-lhe o destino, ou teve em sorte.

« Este golpe fatal buio o ferro
Do meu longo esperar. Ja em meu desterro
Da saudade voraz a sede occulta
Em novas fragoas meu amor sepulta.
Ja do peso terrestre desprender-se
Quer minha alma, e qual chamma, ao entre ar
Crebro votos de fogo aos ceos voavam, / quer-se,
Que, a meu ver, surdo bronze retratavam.
Redobram-se-me as ancias, cresce o espanto,
Ja não tem tregoa a dor, e no meu pranto
Chorando sem cessar me parecia
Que o bem, por quem chorava, mais fugia.

« Entretanto o anciao que aos mais precede,
Dos Syros a metropole por séde
Arroga-se, onde aquelles que adoptaram
De Christo a fe, christiados chamaram.
Brasão de que a romulea primasia
Não te litiga, ó celebre Antiochia.
É este aquelle Cephas atrevido,
Dos asseclas do Verbo o mais subido;
Cujos atrevimentos e bravura
Foram filhas do zelo, e se da altura
Se despenhou, ergueu-se mais ditoso
Por mil tropheos, que erguen de lacrimosa

Feliz! que revelara a divindade
De seu prezado mestre; alta verdade,
Ao sangue e á carne impervia; e em conse-
quencia

So podia inspirar-lhe a trina essencia.
Confissão mais que humana! Fe sobeja!
Que obteve as chaves da nascente Igreja.

Didimo, cuja crença mal segura
Tactea o vencedor da morte escura,
Didimo, anjo veloz, ja voa aos mares
Eóos, e annuncia entre os palmares.
Por onde soa o Indo e o Ganges mora,
Aureo- berços do sol, terras da aurora.
O Araxis e o Oxa, cujas fontes
Burbulham do alto dos armenios montes,
O Euphrates, que c'o Tigris se mistura,
E no persico mar tem sepultura,
Ouvem o som da tuba sublimada.
Que por Bartholomeo fora embocada.
As gentes, que debaixo do ceo crescem.
Onde do Hespero os raios resplandecem;
E os colonos que Phebo sepultar-se
Vem nas ondas do Atlante, e os que banhar-se
Usão na aerifera corrente fria
Do occidente Ibero, tem por guia
O filho do trovão, filho mais velho,
Titulo que adquirio por seu conselho.
Aquelle que ao traidor collega avaro
Succedeu no lugar com zelo raro,
Fez da graça troar as maravilhas
Nas plagas que lhe houveram por partilhas.
... O' colchida, que outr'ora o grão thesouro
Guardaste do lanigero veo d'ouro.

A quem por conquistar, neutas primeiros
Su'cam do Euxino o golpho; aventureiros;
Que emprestaram a vida a fraco leão
Com ferreo peito, e nunca visto empenho:
Tu, ingrata, por premio da doutrina
Tragico fim lhe deste. Em Palestina
A palmifera Edom, tão detestada
Dos Hebreos pela crença adulterada.
Berço infame e natal, terra maldita
Do tigre usurpador Ascalonita;
E as tres Arabias onde torna a vida
A Phenix dos aromas renascida,
A Petrea, a feliz com a deserta
Ouviram de Thadeo a nova certa.
O lavrador do campo precioso,
Por onde corre o Nilo paludoso,
O Nilo, que gigantes da arte banha,

Quando alaga de Memphis a campanha;
E os que moram na adusta Mauritania,
Fertil em Tigres, como a bruta Hyrcania,
Receberam a lei do christianismo
De Simão com as aguas do baptismo.

Philippe, a quem o Verbo assim prezava,
Que, como c'um amigo, concertava
O soccorro efficaz, e o meio certo
Da multidão nutrir la no deserto;
Philippe á Troade a verdade aclara
Que este foi o paiz que lhe tocara,
Malfadado paiz, que em cinzas viram
Argivos batalhões; onde luziram
De Priamo os alcaçares Mourrados,
Hoje terrenos da charrua arados!

Que direi eu de ti, Tarcense illustre,
Va o d'ouro e da fe fulgente lustre?
Nos-ceo a grandes sorvos os acaenos
Bebeste, e não da boca dos profanos.
Regaram de antemão a nós teus olhos
Epheso, então cerrada so de abrolhos.
Que nação, que paiz, que mar ou ilha,
Que, sendo de teu fogo cara filha,
Deixou de ouvir de tua boca d'ouro
O Evangelho da paz, do ceo thosonro?
Mas que premio valeo teu ministerio,
Para o qual fraco premio era um imperio?
Ah! que duros grillhões ennobreceram
Teus pes evangelistas? Que soffreram
De golpes alcivosos e insolentes
Os teus virgineos membros? Que vehementes
Afflicções devoraste? Quanto choro
Por sustentar a Igreja em seu decoro!
Mas emquanto ella alçar marmoreos templos,
Cujas cupolas troem dos exemplos
Do Verbo: emquanto a ceifa de escolhidos
Fizer entre a ervilhaca confundidos;
Emquanto confessar de accorde assenso
Uma fe, um baptismo; um Deos immenso;
Restarão sempre impressos na memoria
Teus trabalhos, teu nome, tua gloria.

O mais moço Thiago cinge a frente
Primeiro, que os collegas da luzente
Grinalda do martyrio na cidade,
Que a urna negra encheu da iniquidade.
O trilho aponta audaz, marcha adiante,
E ao paiz das estellas sobe ovante.
Pastor santo, e tão santo, que sem custo
Os povos indicavam: *Eis o justo.*
Mas de Cephas o irmão, que o exercicio

Rematou no humilhante sacrificio
 D'uma aspa dolorosa, a luz espraia
 Por toda a região da nova Achaia.
 Os que pescam nas agoas Eritrheas
 Do ramoso coral as ricas veas,
 Onde restam depois mais de mil annos
 (Dizem) triste lição dos soberanos !
 Do rei de Taphne perfido as carroças
 Embebidas na areia ; e as vis palhoças
 De Auxuma, sobre as trevas assentadas,
 Foram pelo Levi regeneradas.
 Enquanto a mim, segui por tudo o trilho
 Que foi traçando meu recente filho ;
 Foi ultima vontade, e assim testado
 D'outro filho no ceo ja descansado
 E por tudo dizer, as preciosas
 Perolas de seus olhos, que as piedosas
 Faces iam tingindo, e os seus suores
 Regaram de Anatolia os moradores.

Partimos pois da terra deicida,
 Onde eu nasci, oh sorte denegrida !
 Para serem meus olhos fontes puras
 De um pranto assiduo, de mil desventuras.
 E o que sem culpa as penas me causava
 Menos por filho, que por Deos chorava.
 Porque posto ser mai, toda a ternura
 Não me cegava o ser de creatura.
 Fugimos pois das lugubres moradas
 De solima, que as mãos inda banhadas
 No sangue tinha o ferro parricida,
 Com que a vida attentou do autor da vida.
 Abordamos enfim na grão cidade
 De Epheso, centro e asylo da impiedade.
 Onde o solio assentara, e altivo inspira
 O foco do erro, o sceptro da mentira.
 Alli se viam inda os bellos restos
 De um peristilo, infame dos infestos
 Incensos tributados á figura
 Da triforme, real so na impostura.
 Aonde o luxo da Asia amontoava
 Columnas, e columnas ; e ostentava
 Primores de piedade e de riquezas,
 Sem perdoar fadigas nem despesas.
 Mas era por chorar que, em muitas partes,
 Vendo-se estes tropheos de engenho e artes,
 Quando se demandava o sacro vulto,
 Alvo das devoções, do seio occulto
 Do sanctuario se divisa ufano
 Um bruto, um monstro, um corpo meio humano :
 Ou algum feio e immundo crocodilo

Gerado em charcos do septenfluo Nilo.
 O touro, que na relva o jugo arava,
 E a quem o camponez aguilhaava,
 Dahi a pouco ja divinizado
 Recolhia, de flores enramado,
 Do mesmo camponez sabeo incenso.
 Com magoa e opprobrio da razão e seaso.
 Tal era o Deos, e taes os sacrificios
 De tão sublimes aras e edificios.

Por zelo deste templo decantado
 O caso aconteceu tão desastrado
 Aos primeiros fieis da nova Igreja,
 Por obra de Satan, ou sua inveja.
 Este antigo homicida, que tyranno
 Protestou sempre ser do fraco humano.
 Não podendo tocar na augusta alteza
 Trina que o doma, vai sua braveza
 Nas sombras exercer da humana raça.
 Com quem mais vale, e não vale a graça
 Evoca a si do chaos as negras furias,
 Prestes sempre a vingar suas injurias.
 Satellites fieis de sua intriga,
 Dos miseros mortaes raça inimiga.

Eis ja vem a vingança, espadanando
 Com agudo punhal sangue execrando ;
 E a ira sua irmãa que blasphemava,
 E com furor os dentes se ferrava.
 Vem a libertinagem com sorriso
 De fel amargo, e sem rubor e siso
 Motejando de tudo, seja humano,
 Seja divino, seja enfim profano.
 Vem tambem a calumnia de cem bocas,
 Que ainda pareciam-lhe ser poucas,
 Di'acerando a honra, armando enredos.
 Ja com publica voz, ja com segredos.
 Monstro por linguas tantas tão enorme,
 Como por braços de Briareo informe.
 Seguiu-se a inveja, de magreza morta :
 Tumido o ventre, a boca negra, e torta :
 Os olhos vesgos, por madeixas finas
 Grenha usava de bichas serpentinas.
 Ja mais Tisiphones, ja mais Megeras,
 C'os flagellos nas mãos, que foram tão feras,
 Nunca o abysmo gerou furia mais feia,
 Cujo dente mordaz a gloria alheia
 De continuo tritura : fatal fome !
 Que mais faminta a faz, quanto mais come.
 Aparece o ciume depois disto
 Dos assumados carcereis ; malquistos
 Sempre a si mesmo ; insomne, sem socorro.

Tendo a vaga suspeita por emprego ;
Cujas entranhas roe, e nellas pasce
Um verme, que não morre, antes renasce ;
E que arguindo os ceos, e a dura sorte
Em vão em seu soccorro implora a morte.
Vem outras mil de horrendas cataduras,
Varias no officio, varias nas figuras.

Mas de toda esta raça adulterada
Somente a hypocrisia é o quem lhe'agrada.
A hypocrisia, monstro horrendo infando,
Mao agouro do culto venerando ;
Eumenide a mais vil que vira Phebo,
Das irmans que abortara a noite e o Erebo.
Protheo da santa lei, que toma e larga,
Ja com face risonha, ja co' amarga
Tantas formas e gestos, tantas cores
Quantas ve que convem a seus horrores ;
Que no peito traz fel, na boca favos,
A quem perjuros são fieis escravos,
Pois nega a mente infame, quanto jura
A sacrilega boca, a boza impura.
Obra de ferro vil com casca d'ouro,
E tendo so o verniz, finge um thesouro
Das virtudes, censora da maldade,
Mas dentro apologista da impiedade.

Ja la no reino escuro a mensageira
Do despota infernal parte ligeira ;
E por onde passava ia deixando
Ar de peste, que tudo vai matando.
Perdeo o claro sol a luz risonha.
Assombrado de furia tão medonha
Seccam os ramos, murcha a relva fria,
Cabe pelo chão a fruta que pendia,
Morre nos ares a ave melindrosa,
Busca a fera o escondrijo de medrosa,
E as flores, ornamentos da campina,
Perdem o cheiro e a cor mimosa e fina.
Qual cometa sanguineo e o cabelludo,
Que no espaço do ceo, que cobre tudo.
Se apparece, é signal de peste ou guerra,
E outros males com que se o vulgo aterra ;
Tal a furia infernal, feia odiosa ;
Ao prado, ao mar, á esphera tão damnosa ;
Por toda a parte enfim, por onde corre ;
Cresta tudo e invenena, e tudo morre.
Então na terra um certo artista havia,
Escravo da averseza, que fundia
Nichos de argento á dea, e como o rude
Vulgo a superstição arrasta e illude,
Com elles o fervor da plebe atica,

Se bem que era seu zelo so cobiça.
Mas ja por este tempo o Evangelho
Invectivava o erroneo culto, e o velho
Pagão sem mais lucrar, com sanha dura,
Communa raios, e vingar-se jura ;
Occultando o veneno da maldade
Debaixo do verniz da piedade.
Então a hypocrisia, qual co brii ha
Subtilmente no seio se aninha ;
E depois de enroscar-se mansamente
Pelo mirrado corpo mortalmente
Vai pelas veias, entranhas e pulmões,
Derramando a peçonha a borbotões.

Meditando ja meios de vingança,
Busca o leito perverso em que descansa,
E os negros dolos, que pensou de dia,
Traz-lhe em sonhos de noite a phantasia.
Era ja madrugada, quando o somno
Mais suave exercita de seu throno,
N'uma parte do globo, outro hemispherio,
Sobre os lassos mortaes seu doce imperio.
Toldava a noite o ar da sombra escura ;
Inda a porta rachada e mal segura,
Que o inimigo nocturno não recêa,
Não tinha aberto o rustico na aldêa.
Ao longe sobre o monte ia assomando
A fria estrella d'alva, lacrimando
Fresco orvalho nas flores ; e o brilhante
Clarão dourava a onda tremulante.
Batia ao longe o mar, silencio havia
Profundo em tudo, tudo enfim dormia,
Somente as sintinellas prateadas
Da casa etherea velão acordadas
Era o tempo dos sonhos agradaveis
Mas para os mãos são sempre detestaveis.

Sonhava pois Demetrio (este era o nome
Do ourives, que de inveja se consome)
Ver dispersas n'um campo armas divinas,
Um arco, um carcaz d'ouro, settas finas:
N'um ribeiro brincando descuidada,
De suas nymphas Trivia acompanhada ;
Trivia, que um caçador fera arguia,
Que alli veio sem dolo ; e tanto ardia
Em rancor e vingança a dea insana,
Que em cervo converteu-lhe a forma humana.
Eis contra seu senhor ja se enfurecem
Os rabidos mastins que o desconhecem.
Qual no dorso lhe ferra, qual nos braços,
Este ligeiro atraz lhe tolhe os possos ;
Aquelle fila a orelha ; e em ira aceso,

Se mais sacode-o a fera, está mais preso :
 Outros pela fadiga apresentando
 A rubra lingua estavam arquejando.
 Dando em vão Acteon tristes gemidos
 Entre o estridor confuso dos latidos,
 Vendo as mãos já fendidas e pesada
 A testa da cornigera galhada.

« Eis aqui, ó Demetrio, como eu trato
 « (Diz Diana) o que insulta meu recato.
 « E assim farei contigo, como o culto.
 « Meu não cuides zelar. E quem, estulto
 « Quem te deslumbra a vista, que não veja
 « Os males, que me attrahe a nova Igreja ?
 « É crível que um punhado so de atheos
 « Insinuem no mundo um novo deos
 « Estrangeiro, sem nome e differente,
 « Dos que brilham no Olympo refugente ?
 « Não sabes que na crença a novidade
 « É por si criminosa, é já maldade ?
 « Depois de tantos evos que em paz gozo
 « O amor dos Ephesios, tão ditoso
 « Socego vem uns perfidos roubar-me ?
 « E eu hei de sofrer e não vingar-me ?
 « Se os Gaulizes, porque somente a casa
 « Sonharam esbulhar, onde se abrasa
 « Incenso a meu irmão, o lindo Apollo ;
 « Elle eclipsou-se, fez tremer o solo
 « De Cecropia, e o deos Pan enfurecido
 « Deitou calhaos de um peso tão subido,
 « Que os sacrilegos tanto se aterraram,
 « Que poucos ao natal paiz voltaram ;
 « Eu que la do Acheronte sou rainha,
 « Eu esposa do Rei, sua sobrinha,
 « Hei de aturar com animo indulgente
 « Uma ousadia tal ? Não certamente.
 « Dos oraculos da lei terás ouvido
 « Que de hymeneo aos thalamos presido ;
 « Que posso, se me apraz, esses penhores.
 « Soffocar ao nascer de seus amores.
 « Se pois meu templo santo, o que não creio,
 « For ultrajado, juro sem receio
 « Pelas aguas do Estyx (ah juramento
 « Que os deoses faz tremer do ethereo assento)
 « Juro tomar dos berços tal vigança,
 « Que o destroço menor seja a matança.
 Dice e já neste tempo à luz phébêa,
 Que a estellifera cinta aurea rodêa,
 Pelo horisonte nitido corria
 Em alizares d'ouro os veos ao dia.
 Desperta então o idolatra aterrado,

Be frigido suor mortal banhado,
 Julgando que da deosa os rastos vira,
 Quando aos paços do Olympo se partira ;
 E que ainda sentia a grata e fina
 Fragrancia, não da terra, mas divina.
 Já narra á plebe o sonho que o enganava,
 E a plebe a narração amotinava.
 Brada logo o tumulto sublevado
 Pela afronta do templo profanado.
 Geme a superstição, queixam-se as aras
 Do oraculo as respostas são avaras,
 Murmura o erro, ferve a impiedade,
 Amotina-se enfim toda a cidade.
 Eis pedras, páos e ferro, armas que apanha
 O povo, quando indomito se assanha,
 Contra os novos fies subito chovem
 Que causam compaixão, e á pena movem.

Nesta moção fatal vio-se envolvido
 Um mancebo inda imberbe, já instruido
 Nos mysterios da lei, e de tal sorte,
 Que não temeu por ella exper-se á morte.
 Então o anjo tutelar da Igreja
 Emboca a trompa curva, e a voz sobeja
 Que com tumida boca vai soprando,
 Pelos ares retumba opregoando
 Que um mancebo christão ia á verdade
 Da sua crença dar na flor da idade
 Testemunho attestando a primazia
 Do novo culto sobre a idolatria.
 E assentado depois sobre a mais alta
 Grimpa do templo o som da tuba axalta,
 Porque exerce o melhor a novidade.
 Já se espalha o rumor pela cidade,
 E immensos olhos para ver convida
 O santo joven, que despreza a vida.
 Aquella que lha deu corre apressada,
 Tanto que soube, livida e assustada,
 Afim de o desviar pela ternura
 De uma acção que julgava desventura
 E com esta expressão e singeleza,
 Que em casos taes inspira a natureza,
 Mais lacrimoza e triste que eloquente,
 Desta arte falla ao santo adolescente.

« Meu filho, porque arriscas uma vida,
 « Que tambem me pertence, e que perdida
 « Não poderei jamais sobreviver-te
 « Pela força da magoa de perder-te ?
 « Inda mal poderia consolar-me
 « Se a razão que tu tens para deixar-me
 « Fosse nos seus motivos justa e pura :

« Mas ah, que é o summo extracto da loucura.
 « Que! tu deixas as aras da verdade
 « Por um vago rumor da novidade?
 « Delirio de uma seita mal nascida
 « Apenas sobre a terra apparecida?
 « Ousas aventurar tu carreira,
 « Que agourava brilhante e lizongeira
 « Por bens futuros, premios escondidos,
 « Que ninguem vê, que fogem aos sentidos?
 « Desertas de uma lei, que soberana
 « Marcha ao travez dos seculos, sempre ufana,
 « Recebida e adorada por verdade
 « Por todos e por tudo, e em toda idade
 « Por outra, cujo autor desconhecido
 « Dizem que pereceu n'um lenho erguido?
 « E cumpre a esse Deos, que na orphandade
 « Fique a mãe, e miserrima saudade?
 « E é justa lei, a lei que assim condemna,
 « A victima innocente á eterna pena?
 « Não soffre a natureza que aos peahores
 « Sobrevivam os pais de seus amores.
 « Talvez por lhe poupar a dura sina
 « Que a magoa da saudade e amor commina.
 « Assim por suas leis e altos conselhos
 « Descem primeiro ao tumulo os mais velhos;
 » E a prevenir-me o fim, tens a leveza
 » De desmentir a voz da natureza?
 » Ah! se de tua lei tudo isto emana,
 » Maldize a lei, ó filho, que te engana.
 » Não sentencies logo, ouve o conselho
 » Do amigo fiel, do experto velho,
 » Ve que da sorte eterna a segurança
 » Deve estrilhar-se em solida esperança.
 » Em materias de peso não vulgares,
 » Pesa o que fazes, faze o que pesares. »
 Outras palavras taes dizia a triste
 Mãe, e o santo mancebo que reziste.
 Qual rocha ao mar em furia, lhe tornava
 Que o mais negro pezar que o acompanhava.
 Era ver que a deixando inda existia
 No tenebroso chaos da idolatria.
 » Mas aquelle (acrescenta) por quem morro,
 » Espero te dê luzes e soccorro.
 » E sabe enfim que a vida que se rende
 » Por elle, se não dura mais se estende. »
 Tanto da nova lei era o conceito,
 Que a graça havia impresso no seu peito!
 Vendo um tal desengano a mãe turbada
 Redobra o pranto, e diz-lhe mais magoada:
 » Eis-aqui no que param os desvelos

» De tua criação, e os nimios zelos
 » Daquelle ardente amor na tua infancia;
 » Ai! quando nos meus peitos a substancia
 » Nutria, por nutrir-te do alimento.
 » Sempre entre insonios, sem socego e alento.»
 (Isto dizendo, afflicta e soluçando,
 O seio femenil foi-lhe apontando.)
 » Desconheces, ingrato, ella accrescentã,
 » As penas que a mulher experimenta
 » Ao dar o fructo á luz, que traz comsigo,
 » E de a sua perder o igual perigo?
 » Acaso de meus olhos te apartavas
 » Descontente, se a graça me rogavas?
 » Gemeste alguma vez, que eu não gemesse,
 » Ou soffre-te tambem, que eu não soffresse?
 » E agora com espinhos e cruezas
 » Coroas tanto amor, tantas finezas!
 » Oh seio desditozo! e quem pensava,
 » Que nelle um frio gelo vegetava?
 » Ah! se por te criar te confiara
 » A mãos alheias, certo confessara
 » Que com o leite tu bebestes a insania
 » Da mais raivosa tigre la da Hircania:
 » Ou toxicos de alguma atra serpente
 » Do frio Caucasos, ou da Lybia ardente.
 » Pois bem; se nada mais valho em teu con-
 ceito.
 » E é tão grande o furor, tanto o respeito
 » Que esse Deos te merece, eu te conjuro
 » Pelo que ha mais sagrado, santo é puro,
 » Que me deixes morrer primeiramente
 » Ao menos, pois não tardô, e então contente
 » Sacrifica mil vidas, se tiveres,
 » Pela lei, pelo Deos que tu quizeres. »
 Nisto os golpes redobram os algozes,
 Cahe o martyr, inda a ouvir as tristes vozes
 Da mãe, que pela dor desfallecida
 Em braços a seu lar foi condazida.
 Venturoso menino, se na idade
 De annos tão juvenis a piedade
 Ouvir tanto fervor e esforço tanto,
 Não poderá conter nos olhos pranto.
 Flores espalhará sobre o jazigo,
 De tuas cinzas virginaes abrigo.
 Teus louros, teus tropheos, teu peito forte,
 Foram della invejada a tua sorte.
 Imprimirá seus labios de ter-ura
 Nos teus quadros, prodigios da pintura.
 Assim na sombra o amor santo illudido,
 Que ao vivo original e so devido.

E em tanto que brilhar culto e verdade
Nas aras do Evangelho, em toda idade
O teu busto gravado em auros templos
Será tropheo da fe, será de exemplos

Foi então que Aristarco e o nobre Caio,
Terríveis um e outro como um raio,
Contra a impostura a prova mais solida
Derão de sua fe e apego á Igreja.
Vingadores da lei, a vossa gloria
Co tempo avultará na sacra historia.
Tal o rio no berço e fraco e pobre,
Não tem nome famoso, não é nobre;
Mas depois que do alvio se alongando,
E de alheios caudales vai-se engrossando;
Depois que immensa mata e mil campinas
Fertilisa das aguas crystallinas,
E os gratos camponeses e pastores
O carregam de benções e louvores:
Então é um grande monarcha apotestado:
E se ao grande Oceano fero e irado
A vassalagem tumido tributa,
E novo mar que a outro mar disputa.

Não pouos dos fieis neste tumulto,
Ou tragem a morte, ou novo insulto.
Nas victimas não ha rumor nem queixas;
Não altercam razões, não soam reixas;
Antes co' o peito impavido e silentes
Olham a morte, tão indifferentes
Como se foram bronzes na dureza;
Ou d'outra raça, ou d'outra natureza.
Ja corre d'entre os ossos as entranhas
Das victimas christiferas, que estranhas.
Flagellações tornavam descarnados,
Purpurinos de sangue, em vez de albados.
Estes seus membros na catasta ardente
Vem aos poucos tornar-se? outro innocente

As livias e paduas laceradas
Por mil unhas de ferro assicaladas
Não poucos deslocadas as juntas
Sobre equileos crueis; ja das cinturas
Arrancam das bípenes d'aço fino,
Os que por bom tem feito tão indino.
Cae a victima e assim triumpho exangue
Co' a palma dupla da verdade e sangue.
« Feiz persiguição, sangue bem quisto,
Premicias do martyrio dado a Christo,
Presagio ja seguro, fausto agouro
Dos triumphos da lei, em telas d'ouro
Tu começas tingir as pudibundas
Flores niveas, e as rosas rubicundas,

Que as roupas bordaram da esposa amante,
Quando seus louros e triumphos cante.
Qual desta vida amara e descontento
Passa a gozar d'alegre eternamente!
Qual do ferro do algoz marcado fica,
E a marca mais que um sceptro glorifica!
Qual sem poder erguer as mãos, que atadas
Atraz estão, apenas orvalhadas
Ergue as pupilas para o ceo propicio.
Para ao ceo offerter seu sacrificio!

« Tal é da Igreja a sorte, a raiva e as furias
Do chaos se lhe sazonom em venturas.
Assim no mar a rocha que sustenta
Dos procellos Euros a tormenta.
Pasada a tempestade, enriquecida
De perolas se ve que a embravecida
Onda a lutar co' as ondas arrancara
Das entranhas do mar, e lhe arrojara.
E' um tronco immortal e germinante,
Cujo verdor, se com subtil trinchante
Decepa o agricultor elle de novo
De gormes substitue um tenro povo.
Sua força se engrossa nos tormentos.
Qual o mar, que empola com os ventos.
As rudes tentações a glorificam,
E' ouro enfim que as chammas purificam.

« Qual viagem feliz, que em segurança,
Vento em poupa a favor, mar em bonança,
Leva ao hospito porto o fragil lenho.
Onde o caloso nauta traz o empenho:
Ou quaes viçosas rusticas lavouras,
Que animadas de chuvas creadoras,
Firmam do campones as esperanças.
A' mente a lhe trazer meigas lembranças;
Tal era do paiz a maza vista,
Monumento immortal do Evangelista.
Paiz que ha pouco inhospito mostrava
Ser de lobos vorazes mata brava,
Ja da Igreja do ceo era a pintura,
Tapisado de flores e verdura.
Ja se ouviam louvores a milhares
Da voz que assusta o chaos e enfrea os mares:
E sendo de si mesma o desaggravo,
Foi victima de amor por seu escravo.
Nas thurieremas aras arvorado
Ve Sardes ja o signal do ceo amado
A cruz, outrora infame e aborrecida;
Ora fonte de luz, norma da vida.
Sardes voluptuosa, cujo solo
Ditam de aréas de ouro Hemo e Pactolo.

Mas se foi denegrida dos prazeres,
 Hoje adopta a virtude e os seus deveres.
 O' Esmyna, que a gruta venturosa
 Mostras do Cysne, cuja vos maviosa,
 A quem deste em teu seio alento e berço,
 Atrahio dos seus cantos o universo,
 Agora es mais feliz, porque apprendeste
 Os echos entoar da voz celeste,
 Discipula fiel da nova Igreja
 Com submissa cerviz, com te sob ja.
 Em Philadelphia a Biblia succedia
 Aos dilirios da van mythologia.
 Mentirosa moral, sonhos chimeras,
 Com que tu, doce metro, ainda inperas.
 Ja sacrilego incenso não queimava
 Nas aras Tiatira, e o culto dava
 Ao vero nume dos Christãos, manchado
 Pelas gentes, em tantos variado.
 Em Laodicea viram-se proscriptos
 C' os sacerdotes, os antigos ritos.
 Lithurgia sem Deos, vão sacerdocio,
 Do erro apologistas, filhos do ocio,
 Pergamo ja adotava com fe pura
 O escandolo da cruz; verdade dura
 Ao vapor e saber do humano engenho:
 Morrer um Deos feito homem sobre um lenho.

Desta sorte ia vendo o bem amado
 Discipulo seu fructo abençoado,
 Subindo pela mão da caridade
 Ao sacro alcaçar da immortalidade.
 Tu, sublime virtude, parecias
 Que do berço infantil o conduziás.
 Tu, de teu peito debíl arrancaste
 Seus primeiros suspiros tu firmaste
 Seus passos vacillantes mal seguros;
 Tu lhe inspiraste os sons ainda obscuros,
 Com que a lingua pueril balbuciante
 Começou por chamar o ceo elemento.
 Tu foste em fim o movel alma e vida
 De sua longa rota, e nesta lida
 Elle tanto amoldou-se com teu trato.
 Que transformado em ti foi teu retrato.
 Qual aguia, que sublime ad-ja, e erra
 Pelo ceo puro, desprezando a terra,
 Deixando após de si nos elevados
 Vãos a plebe dos Orpheos alados;
 Assim elle tambem, como corrido
 De aqui tratar com Deos, galga atrevido
 O Empyreo, e do seio sempiterno
 Descreve a geração do verbo eterno,

Então troou no globo esta verdade,
 Abysmada no mar da eternidade.

» Sem principio era o Verbo, e o Verbo estava
 » Em Deos, e Deos o Verbo se chamava.
 » Assumio nossa forma e natureza,
 » E com nosco tratou: nossa baixeza
 » Contemplou sua gloria; gloria e estado,
 » Bem como de um filho unico gerado
 » Ab-eterno do pai no eterno seio,
 » Cheio de graça e de verdade cheio. »

Não cumpre aqui calar uma victoria,
 Que tanto lhe sublima em preço a gloria.
 Que bem publica, que lhe ardia o peito
 No divino furor. Illustre feito,

Que com typos lavrado ser devera
 Das rutilas saphiras la da esphera,
 Conhecendo que um jovem que educara,
 Qual estrella do ceo se despenhara,
 Gastando o tempo em que estivera ausente
 Em roubos e assassinios derepente
 Exclama o justo em lagrimas banhado:

» Oh! destino fatal! Oh! mal fadado
 » Fructo desse primeiro atrevimento!
 » Não é seguro o homem um momento
 » Assim somos formados; o mal dura,
 » Não medra o bem, se medra não atura.
 » Mostrai-me aonde o infame exerce o emprego
 » Impervio à salvação, e á luz tão cego.
 » Mostrai-me, quero ver, se por ventura
 » Roubo a preza das garras ja segura
 » Do dragão infernal; de sangue frio
 » Não posso ver o mal; eu me glorio
 » De ter por mestre quem morreu de amores
 » Por salvar os seus proprios matadores.
 » Resta em minha lembrança o sanguinario
 » Sacrificio e painel la do calvario,
 » Que com tintas de sangue e de amargura
 » Seu pincel debuxara da ternura.
 » É dever do pastor, elle aconselha,
 » Aventurar a vida pela ovelha. »

Como isto disse, corre atropelado
 Aos trivios, onde errava o desgraçado,
 Que assim que o ve fugio, e de tal sorte,
 Como se fuge ao damno, ou mesmo á morte.
 « O' filho exclama a aguia que o seguia.
 « Filho caro, de um pai a companhia,
 « Tu foges? Pensas que hei degenerado
 « Do primeiro desvelo em ti empregado?
 « Ah! não antes recresce co'amargura
 « De victima te ver da desventura.

« Não corras pois, que é feio a um moço forte
 « Correr de um velho que so espera a morte.
 « Se foges por fugir-me, é inutil tudo :
 « Pois qual gamo fugaz, que o ferro agudo,
 « Que o arco despedio, leva consigo
 « Tal fugindo eu irei tambem contigo.
 « Pára pois triumphemos n'esta lida,
 « Tu de meu pranto, e eu dessa fugida.
 « Attende a tantas lagrimas peniveis;
 « Molhando rugas, ah! são attendiveis.
 « Equivocas serão n'alguns pezares,
 « Ou orvalhando rosas puellares;
 « Mas nos olhos do ja franzido rosto,
 « São provas só de dor, só do desgosto;
 « Se a tantos tens sabido dar a morte,
 « Sabe tambem matar tua vil sorte.
 « Eu te venho ajudar nesta ardua empreza,
 « Que, longe de ser crime, é gentileza.
 « E se te assusta o horror dos teus delictos,
 « Delictos, que o remorso accusa em gritos.
 « Ah! não temas, Deos é tão namorado
 « De ti, que por ti fez-se um desgraçado.
 « Vem pois a mim, thesouro precioso,
 « Serei contigo rico e venturoso :
 « Vem a meus braços, filho suspirado,
 « Vem consolar um velho amargurado.
 « Antes que eu morra da-me esta alegria :
 « Talvez chores por mim em vão um dia.
 « Attende, ó filho, attende ao que te digo,
 « Ouve a voz do pastor, do pai, do amigo.
 « Olha, que a tudo deu remedio Christo:
 « Não creas em mais nada, cre so nisto. »

Cahio por terra o monte enfim tocado
 Pelo raio da voz do seu amado :
 Voz efficaz, trovão da caridade,
 Que illumina a razão, força a vontade.
 Emmudeceram ambos co'a vehemente
 Dor : nos braços se estreitam mutuamente.
 Fallam lagrimas so de fio em fio ;
 E junto estava um rio de outro rio.
 Vive depois, chorando de continuo,
 A lembrança fatal de seu destino.
 E dizem que acabou sua existencia
 Com lagrimas de dor, com penitencia.
 Oh feito illustre e digno de memoria !
 Oh caso singular na sacra historia !
 Em vão se afinem da mortal ternura
 Altos excessos que a eloquencia apura.
 Em vão prodigios de amizade e estima
 Sublime a fama que taes dons sublima.

Este feito me causa mais espanto,
 E nem por David Jonathas fez tanto.
 Aquelle por quem Andes se ennobrece
 E o patrio Mincio a ouvir ledo adormece
 E o Tibre entumecido com tal filho,
 Tropheos borbulha de mais alto brilho ;
 O raro amor na tuba altisonante
 De Eurialo e de Niso affine e cante :
 Que esta acção para mim tem maior prego
 Nem sei que amigo algum fez tanto excesso.

Ja do martyrio o sangue, a mais fecunda
 Semente dos fieis, qual rio inunda
 Campos, villas, aldeas, e cidades,
 Lavando-as de seus crimes e maldades.
 Pois que tendo manchado todo o mundo
 Do vão polytheismo o rito immundo ;
 Ja mais ovante entrara a lei sagrada,
 Não sendo a terra assim toda expiada.
 A medida que a fe se propagava,
 Da mentira o paiz se desolava.
 Taes á face da aurora se desviam
 As sombras do hemispherio em que dormião
 E se vão pouco e pouco esvaecendo.
 A proporção que vai o sol nascendo.
 Mas quando da carreira o meio parte,
 Perseguindo-as vai por toda parte,
 Nem ao menos as deixa estar seguras
 No valle humilde, ou solidões escuras.
 Assim tu, tenra Igreja, ora pequena,
 Cansada enfim a lei que te condemna,
 De um mar a outro mar, de rio a rio
 Um dia estenderás teu senhorio,
 E sem mais ver altares contra altares,
 Nem nos pontos da fe novos desares,
 Como filha do ceo, sem pena ou risco,
 Terás um so pastor, um so aprisco.
 Sempre a unica so sempre formosa,
 Fiel, invariavel, vigorosa ;
 Por entre gerações, por entre idades,
 Dona dos tempos, mestra das verdades.
 Semelhante a uma não grossa e possante,
 Que audaz a demandar plaga distante,
 Com a soberba quilha cortadora
 Sulca os mares em furia vencedora.

CANTO QUINTO.

ARGUMENTO.

Continua a santa Virgem com a narração. Saudades que ella tem a respeito de seu filho; circumstancias de sua morte os extasis e revelações que teve antes de morrer. Explica os dotes gloriosos que recebeu depois de resuscitada e acaba a narração com uma especie de acção de graças.

Mas entretanto como já disperso
Visse o clarão da fé pelo universo,
Julgava nelle inutil a existencia
De meus cansados dias e assistencia;
Sem valor e sem fructo, e já proscriptos
Dos cordeiros o sangue, e os legaes ritos;
A este sangue esteril e infecundo,
Incapaz de expiar o crime e o mundo,
A hostia succedendo, hostia infinita,
Que todo antigo culto em si limita;
De cujo fructo o justo vive e pasce,
Aonde morre a lei e a graça nasce.
Enfim ja sobre a terra era chegado
O reino do Messias tão chamado.
Que espectaculos pois, ou que alegrias
Podiam prometter-se mais meus dias?
Que viriam meus olhos desditosos
Mais nos ermos dos valles lacrimosos?
Que occupação enfim, ou que exercicio
Devera inda aguçar meu sacrificio?
« O flor, então dizia, preciosa,
« Germinada em meu seio! O' radiosa
« Estre la dos meus olhos, puro espelho,
« Onde do Eterno adoro o alto conselho!
« O' porção de mim mesma e de minha alma!
« Meu prazer, meu thesouro, minha palma
« Até quanto de mim irão fugindo
« Teus olhos divinaes? O' doce e lindo,
« Como assim tu dilatas o desterro,
« A quem por merecel-o não fez erro?
« Impavida me achaste aos sofrimentos,
« A par de ti, a par de teus tormentos,
« Comtigo o amargo caliz esgotando
« Aqui prova do susto, ali chorando;
« E depois desta luta transitoria
« Não repartes co'a escrava tua gloria?
« O' tu, que o peito lês mais recatado,
« Se heguei merecer teu desagrado

« Por motivo de falta, ou mesmo engano,
« Que as vezes foge ao fraco peito humano,
« Ah! culpa foi de amor, força de culto,
« E não proprio querer, ou visto insulto.
« Vem pois o' da innocencia doce riso,
« Cordeiro que és a luz do paraizo,
« Vem depressa aclarar a noite escura
« Em que vivo morrendo sem ventura,
« Vede meu pranto, attende a tanta rixa,
« Vem acudir-me em morte tão profixa.
« Sim da-me a vida, o' Filho, acode e corre,
« Que quem vive sem ti não vive, morre. »
Assim fallava, e o pranto, que pulava
Dos olhos, minhas queixas me vingava.

Entretanto repousos passageiros
Davam-me em sonho instantes lisonjeiros.
Este doce impostor dos desgraçados,
Que nos phantasmas seus os deslumbrados
Torna de escravos filhos predilectos
Da fortuna e da gloria, e em seus aspectos
Illude o triste reo, lhe adoga a sorte
Depositando-lhe, antes que pereça,
Sceptra na mão, corôa na cabeça,
Até que enfim chorando, e já desperto,
Vê que e tudo illusão, e seu fim certo;
O somno, como disse me augurava
Venturas mil, e então não me enganava.
Não sei se era o desejo, ou vaticinio
De que estava a acabar meu exterminio;
Sonhava algumas vezes que sobia
Sobre a primeira esphera, e de lá via
Rolar os grandes corpos luminosos
Debaixo de meus pés, já venturosos.
Solta da terra enfim, que se mostrava
Qual atomo, que aos olhos escapava;
Esse abysmo que a cerca, e que é chamado
Soberbamente o immenso mar salgado,
Uma gottinha vil me parecia,
Desmentindo do nome a ufania.
Outras vezes, que errava por campinas
Por mim desconhecidas de boninas
Matizadas e flores tão brilhantes,
Quaes nunca vi na terra semelhantes;
Campos afortunados dos prazeres,
Onde a morte não tem jamais poderes;
Da mais brilhante corte acompanhada,
Prompta em lisongear-me, e empenhada
Em render-me taes mostras de corte
Que excediam meus votos e desejo
Outras enfim, que á discri-

Navegava, e de mares turbulentos,
 Por vêr se encontro o centro e doce objecto,
 Por quem meu coração gyra inquieto.
 Em portos abordando, e vendo estranhas
 Gentes, varios lugares, novas manhas;
 Até que enfim achava o meu amado
 N'um paiz estrangeiro: «O'suspirado
 «Filho meu, lhe dizia de contente,
 «Onde estives'te tanto tempo ausente?
 «Tenho vivido em alternados gyros
 «Até aqui de saudades e suspiros,
 «Sabia o sol do mar, no mar entrava,
 «E eu por ti a chamar, em vão chamava.»
 Quando fallava assim, era meu peito
 Para tanta alegria vaso estreito;
 Ia abraçal-o de prazer chorando,
 Famintos beijos em seu rosto dando;
 Ah! fuge o somno, e sinto, já acordada
 Em vão a face de chorar molhada.

Nesta fadiga andava, quando um dia
 Uma voz quasi ouvi, que me dizia:
 «Já não é tempo mais de amargarar-te;
 «Refreá o pranto, cessa de queixar-te;
 «Que bem cedo verás teu rosto unido
 «Ao rosto que teu peito traz ferido.
 «Já o inverno escabroso não impera,
 «Veio o rizo da eterna primavera,
 «Finalisa-se a dor, acaba a lida,
 «A porta vai-se abrir da immortal vida.

Qual depois da prolixa tempestade,
 No fim do mez lunar, toda humidade
 Da terra enxuta, e os putridos vapores,
 Recobra o céu de novo seus fulgores,
 E apparece no fim da etherea scena
 A lua nova fina, mas serena,
 Tal a imagem raioi-me deleitosa
 Do dia em que cessei de ser chorosa;
 Dia que me empossou todo o respeito
 Do meu grande destino, e que o direito
 Com o cunho marcou do sello eterno
 Do alto e divinal meu grão materno.
 Dita, de que não sei porque desdita,
 Entre os mortaes vivi sempre proscripta.
 Dia de meus desejos suspirado,
 Que mil vezes saudei, em vão saudado.
 Que dos duros grilhões quebrou-me os ferros
 Que arrastei, com a escrava em mil desterros;
 Dia, que me enxugou meus turvos olhos,
 Que só phantasmas falia por antolhos,
 E o summo bem me trouxe em dote e sorte:

Tal foi o dia emfim de minha morte.

Oh! e quanto ella é doce e linda, Oh quanto
 Para o triste, que a chamanna neste pranto;
 Da mortal digressão porta dourada
 De favores de perolas brineada,
 Que ao tocar-se na meta transitoria
 Patentêa do Eterno o rosto e a gloria.
 Em vão n'um carro a pintem arrastada
 De esqueletos myrthados, tendo armada
 A mão do curvo ferro illacrimavel,
 Que tudo sacrifica inexoravel.
 Cega ao pranto da esposa desganhada,
 Surda ás queixas da orphã desolada;
 De continuo sobre ella esvoaçando
 De pallidas doenças teiro bando;
 Os gemidos, os ais, os leves sonhos,
 Não terrificas formas tão medonhos;
 Febres de azas de fogo, a vil mazoeza,
 E a importuna vigília de olho acesa.
 Em vão do escuro throno pavoroso
 Ar ferino lhe dem, ar desdenhoso,
 Sobre as honras da terra as mais preclaras,
 Purpuras, togas, sceptros e tiaras.
 Enfim a julgue a humana natureza
 Seu ultrage fatal, sua baixeza;
 A que o triste mortal liga e condemna
 Da primeira revolta a dura pena.
 Para mim, direi sempre que foi bella:
 Alto dom do Senhor, risonha estrella,
 Mensageira do céu, guia segura,
 Que me arrancou das mãos da desventura.

Mas como já meu peito presentia
 Pular-me o coração d'alma alegria,
 O cantico entoci da liberdade
 Sobre os destroços da mortalidade,
 Assim o niveo cysne a voz sublima,
 Quando sente que a morte se approxima
 E as margens do Caistro, que rolando
 Aréas d'ouro traz, o collo alçando,
 Faz do canto soar saudoso e altivo,
 Suas exequias celebrando vivo.
 E haverá quem me increpe do transporte
 Que meu peito alterou, propingua a morte?
 Que? alegra-se o guerreiro com o esbulho
 Dos ganhados trophéos; um nobre orgulho
 As feridas prefere á immortal gloria,
 Que derrama a lembrança da victoria;
 Banhado de prazer o nauta duro
 Beija a arêa natal, o voto puro
 Lido a cumprir no olvido dos perigos,

Que tragara nos golphos inimigos;
 E só eu restaria indifferente
 Conseguindo um laurel tão eminente?
 Sem de alvoroço dar signaes sobejos
 A' estrella polar de meus desejos?
 Vendo a gloria que instava, o céu aberto,
 Salto dos ferros, livre do deserto;
 Das ceírolas turmas á porfia
 Ansiosos por dar-me a primasia;
 O Deos rico nas dadiyas abriado
 A mim inexorável, repartindo
 Comigo os seus tropheos, as nobres palmas,
 Bem merecidos dons das fortes armas?
 Ah! que pensar assim é não pensar,
 O que é morrer em Deos, e a Deos gozaes.

Mas já por este tempo ia gastando
 O aro nobre celeste o aento brando
 Da d'bil força que inda em mim havia,
 De momento em momento, cada da.
 Qual a bella nos canticos cantada,
 Que em, effumes e poeiras reclinada,
 Languia de suspiros, eu de amores
 Supportava o punhal e iguaes rigores.
 Do arco d'ouro do divino amante
 Sibila setta aguda auricortante,
 Que meu languido pe to traspassando,
 Por pedaços a vida foi roubando.
 Tal pela noite velha em sala interna,
 Tristonha e moribunda enea lucerna
 Vai afracando a luz, e amortecida
 Redobra seu clarão e perde a vida.
 Os poucos que do leito em torno estavam,
 Sobre mim sem medida pranteavam.
 A fim de os consolar eu lhes dizia
 Que tudo quanto a mim sobrevivia
 Já mais era mortal pois é patente
 Morrer uma só vez mortal vivente.
 Que se pela saude é que carpiam,
 Bem depressa comigo se uniriam.
 Que eu marchava adiante a abrir as portas
 Da patria das estrellas, nunca mortas.
 A implorar ao Eterno, que apressasse
 Seus dias, e de gloria os coroasse;
 Que a morte era espantosa e desabrida
 So a quem idolatra o mundo e a vida;
 Que a do justo, por mais ludibriosa
 Sempre aos olhos do Eterno era formosa;
 Que o triste humano que no mundo nasce,
 Se este certo tributo não pagasse,
 Attendidas que soffre as desventuras,

Era a mais infeliz das creaturas;
 Que ser eterno em lacrimosos valles
 Era do inferno retratar os males;
 Que a vida, sendo prova dolorosa,
 Se breve for será menos penosa;
 Que no mundo o viver, sendo um degredo,
 Deve-se desejar que acabe cedo;
 Que enfim era da morte o fausto dia
 Termo do pranto, porta da alegria.
 Entretanto minha alma se abysmava
 Pela gloria que já presagiava
 Nas delicias de Deos, nella riqueza
 Que abysma o céu, a terra e a natureza.
 A fe que em mim do berço residia,
 Qual nevoa da manhã se desfazia,
 A medida que a morte e a eternidade
 Corria o voo ao rosto da verdade.
 So crescia a esperanza na alegria,
 Mas era por morrer que ella crescia;
 Pois do bem, que na terra foi seu norte,
 Vindo a posse igualmente vem-lhe a morte.
 Tal o amor maternal todo insoffrido
 Suspira ver o feto já nascido;
 Porém succede as vezes nesta lida
 Que, dando á luz o fructo, perde a vida
 Não es assim, fervente claridade,
 Porção do juizo, symbolo da amizade,
 Qua é de tua partilha tal a sorte
 Que encendrada resurges com a morte.

Morre a flor na campina; morre o fructo
 Ou agro, ou já maduro; morre o bruto
 Em forças sup'rior; morre na esphera
 A cantora gentil da primavera;
 Morre nas farpas de ferrinho adunco
 Faminto aquicola, suspenso ao juoco;
 Morre tudo, e esta lei igual condemna
 O monarca e o vassallo á mesma pena.
 Cessam linguas tambem e prophecias;
 Passa o tempo, e com ella os breves dias
 Acabarão as artes e os inventos;
 Por terra cahirão os monumentos,
 Orgulhosos tropheos dos soberanos;
 Falhará mesmo a raça dos humanos;
 Mas tu, que da luz vive sempiterna,
 Tu serás immortal, serás eterna.

Então extasis crebros alienavam
 Meus sentidos, ao passo que aportavam
 Os instantes finaes. Me parecia
 Que ao presago futuro o veo corria
 Um celite, que impervios aos profanos

Me conduzia a ver altos arcanos.
 Vi um pastor em lobo transformado
 Roubando minha gloria, e o tão alçado
 Nome de mãe de um Deus; querendo nisto
 Que so me appellidasse mãe de Christo.
 Já lá das sédes do orbe se ajuntavam.
 Illustres vingadores que marcavam
 Do immortal scello a minha dignidade.
 Vi banhar-se em prazer uma cidade.
 E as portas da assembléa impacientes
 Matronas fervorosas, com ardentes
 Círios nas mãos queimando em preciosas
 Piras de prata essencias odorosas;
 Que a seus lares triumphantes conduziam
 Os padres, que o mysterio definiam,
 Logo femineo coro está patente
 Ante meus olhos, coroada a frente:
 Na dextra palmas, no regaço lírios
 E julgando sonhava só de irios;
 Decifrou-me o celeste: « São aquellas
 « Intactas virgens, inclytas puellas
 « Que os teus jasmins virgíneos imitando,
 « Irão teu nome no porvir alçando. »
 Vi tambem pela terra ao céo erguidos
 Templos mil a meu culto dirigidos,
 Assim que n'um só anno não havia
 Mez algum, nem no mez já m'is um dia,
 Que não prestasse ritos á memoria
 De meu nome immortal. Por minha gloria
 Corporações augustas se alistavam
 Sob estandartes meus, que so cuidavam
 Celebrar com perenne voz erguida
 As mais bellas acções de minha vida.
 Depois me pareceu que pelos ares
 O anjo me levava, e além dos mares
 Via outro mundo e neste mundo occulto
 Tambem meu nome tendo já seu culto.

Estas e outras visões de varia sorte
 Em raptos me pintava a instante morte,
 Quando enfim chega o prazo decisivo
 Para todo o mortal. De mim esquivo
 O tempo escapa, escapa a flor do mundo.
 Abre os thesouros seus o céo jucundo.
 Já está batendo a porta a eternidade;
 Já por mim não ha dias nem idade.
 Então sem os aculeos penetrantes,
 Com que a muitos affligem taes instantes;
 Sem esse horror que afeia esta passagem,
 Fructo do crime e sua triste imagem;
 Tranquilla como quem adormecia

Entre os braços serenos da alegria;
 Fexei os debeis olhos c'um sorriso,
 E abraçada me achei no paraíso
 Com meu doce Jesus. Oh novo estado?
 Nunca por mim bendito e assaz louvado!
 Oh morte! Oh lance doce e lisongeiro!
 Oh dia do meu ser dia primeiro!
 E a que tornei achar meu desejado;
 Meu filho, meu senhor, meu bem amado.

Não ha pinceis, ó pais, nem ha talento
 Que pinte ou louve o meu contentamento;
 Não ha palavra nem se faz conceito
 Do que então se passara no meu peito;
 Vós mesmos, de algum modo já immortaes,
 Vos mesmos não sabeis, não o pensaes.
 Se eu disser que de um ermo despertada
 Achei-me de repente em sala ornada
 Entre os montões dos bens appetecidos
 Que enchem o peito, adulam os sentidos;
 Não é bem acabada esta figura;
 Não vale o simil a mendaz pintura.
 Se eu di-zer que de um carcere escapando,
 Em que andara grilhões mil arrastando,
 Derrepente cantei minha soltura
 No mimoso regaço da ventura;
 E' com effeito liado este desenho;
 Mas toda não me serve ao desempenho.
 Se eu disser que passei de atra cegueira
 Innata a ver a luz tão lisongeira,
 Que abrindo as portas do puniceo Etanto,
 Doura o mar, pinta a flor, faz rir a fonte;
 Toda assim esta imagem degenera,
 Não é original não é sincera.
 Se eu disser a final que renascida
 Vi-me n'outros paizes, n'outra vida,
 Na posse da ventura mais ditosa,
 Immortal impassivel, gloriosa;
 Digo-vos que esta idéa tem seu geito,
 Mas podeis fazer vós todo o conceito?

Oh! se o céo se dignasse pôr patentes
 Os seus dons, e thesouros! Quantas gentes
 Que ás cegas andam, foram medicadas
 Da magia, que as arrasta fascinadas!
 Quantos thoros brillhantes e floridos
 Seriam dos mortaes aborrecidos!
 Que risos de fortuna desprezados,
 Que nauseas para o mundo e seus agrados?
 Que desprezo, que horror, para a riqueza,
 Essa Circe da humana natureza,
 Essa bella que a todos enamora,

Idolo que em altar o cego adora!
 E o que pôde offerter esta falsaria
 Além de uma fortuna imaginaria?
 Eu vi o rico afflicto, e sem ventura,
 Estendido n'um leito de amargura
 Exhalando suspiros e gemidos,
 Como o mais infeliz dos desvalidos.
 Sobre seu pavilhão d'ouro adejando
 Cruéis remorsos, que lhe estão cravando
 Sobre o peito um punhal sem que a riqueza
 Lhe podesse valer nem ser defesa.
 Não é no leito assim do pobre justo
 Cuja san consciencia ignora o susto;
 E na dor que padece, só lhe pena
 Para o céu merecer ser tão pequena.
 Enfim não pôde a mísera mesquinha
 Trazer a formosura a quem não tinha;
 A honra, o brio, os bellos sentimentos
 Nobres acções, heroicos pensamentos,
 Altas virtudes, dotes de valia,
 O valor (e o que é mais), sabedoria.

Mas porque raciocínios indiscretos?
 Não é Deus immutavel nos decretos
 Não basta que elle o diga, e desta sorte
 Chegue o merito as portas té da morte?
 Porque razão, ó homem, cegamente
 Te deixas arrastar do que é presente?
 Porque, como uma fera embrutecido,
 Adoras so o que fere o teu sentido?
 Ah! que és louco e tenaz, tudo te culpa,
 Não mereces perdão, não tens desculpa.

Quiz então o Senhor, que a primavera
 Se anticipasse em mim, que a carne espera.
 Pois sendo de mim parte já ditosa
 No meu Jesus, não era gloriosa
 Acção restar exposta outra ametade
 Aos insultos da vil mortalidade.
 Inda a aurora o horizonte não tingia
 De rosa, e nem co' a rosa ella se ria;
 Fulgurava no céu a estrella acesa,
 Mudo o hemispherio, em somno a natureza,
 Quando para o sepulchro me transporto
 A animar meu cadaver frio e morto.
 Oh maravilha! Oh caso de estranheza!
 Outro ser, outra nova natureza
 Trazendo-me o vigor e antigo alento,
 Me veio remogar em um momento.
 Tal a flor da grinalda maltratada
 Revive se do orvalho é rociada.
 Eis o calor vital ardentes brios

Vai espalhando pelos membros frios.
 A idade juvenil já pinta o riso
 Na arrugada feição e o rosto liso,
 Orvalhado das gottas da frescura,
 Cobra de novo a antiga formosura.
 As graças pueris, as pudibundas
 Rosas do pejo, cores tão jucundas,
 Vem-me as faces corar desfalecidas,
 Da pallidez mortal amortecidas.
 Os olhos frouxos, debeis e embaçados
 Tornam-se estrellas, b' ilham engraçados.
 Assim da primavera a gentileza
 Novo verniz trazendo á natureza,
 O secco tronco aviva dos verdores
 Vestindo-o de mil folhas e mil flores.
 Assim nedia crysalida dourada,
 Depois de estar um tempo c'ausurada
 No seu tenue casulo, rompe a leve
 Sepultura, onde quazimorta esteve
 E ostenta viva e cheia de altiveza
 As debeis azas d'ouro á natureza.
 Tal da phenix, se diz que renascida
 Da cinza, dos perfumes reduzida;
 Deserta da Sabeia, patrio assento,
 Que testemunha fora do portentoso;
 E as cores vai mostrar das suas pennas
 As campanhes niloticas serenas.

Tambem meu corpo já não tem mais prezo
 Os voos de minha alma com seu pezo.
 Zomba da solidéz; inda sem furos
 Ousa compenetrar volumes duros.
 Não ha de diamante, ou bronze, rijos
 Ohstaculos nem duros escondrijos,
 Nem muralha de pedra forte e grossa,
 Que a mim a entrada disputar-me possa.
 Trazei-me se é possível um penedo,
 Ou de todos formai um so rochedo,
 Que tudo passarei n'uma carreira
 Sem prejuizo meu nem da barreira
 Nada pôde igualar minha presteza,
 Nem comigo apostar a ligeireza;
 Phebo mesmo, que o céu gyra n'um dia,
 Se a tanto se atrevesse perderia.
 Como o trisuleo lume que no instante
 Abre no oeste, aclara no levante;
 Reina em mim certo dom de agilidade
 Que julgarieis dar-me immensidade.
 Além desta espantosa subtiliza,
 Nova luz, como vedes, sempre acesa
 Crystallisa meu corpo e é tão fulgente
 Como a tocha do sol no céu patente.

Se acaso lá na esfera acontecesse
Que este Eio luzeiro percesse,
As trevas enlutando a face inteia
Do gab; nestas trevas e cegueira,
Do antigo chaos retrato eu so seria
Novo sol, nova luz, nova a egria.
Bem a nosso pezar vemos no mundo
Ser o corpo mortal, campo fecundo
De misérias; e em tanta desventura,
Que cede ao tronco inerte, e á pedra dura.
E le marcha pesado, e sempre exposto
A's sensações, que causão-lhe desgostos
Alvo de mil molestias: da sendenta
Febre, nunca da morte, se vê violenta
Di solve-se, e arruína-se, bem como
A flor, que marcha, ou já passado pomo;
A quem o verme surdamente rala
E inda vivas infecções crueis exhala
O corpo estranha, que seus órgãos tange,
E só quanto elle sabe, Não abrange
O que é seu, e nem entra em lar allicio,
Vedada a porta, prova do perigo
Perpetuo, ch' grão mysterio! é no abrigo
Da gloria, subtil, agil, impassivel,
E um grão de luz consegue, tão incrível,
Que a azul safira, a perola fulgente,
A neve, o leite, o niveo eburneo dente
Já mais disputarão o radioso
Do corpo, que é immortal, que é glorioso,
De sorte que parece ter passado
A estado espiritual, do terreo estado.

Em fim, presado pai, (fallando a Elias)
Aquelles claros dotes, regalias,
Que viste rutilar no monte santo
Sob o verbo; e de lephas foi o encanto
Comigo á proporção se repartiram,
E tambem cos heroes, que a Deos serviram.
Quando da morte renascendo um dia,
Da morte insultaram a tyrannia
Pois não quer o Senhor, que o corpo sendo
Socio das lutas d'alma, e que bebendo
Com ella os mesmos transes, defraudado,
Venha a ficar o fructo suspirado.
Assim que por taes feitos, tão subidos
E por toda concordia com que unidos
Se estreitaram na terra, gloria immensa
Receberam a final na recompensa.

Mas apenas do tumulto surgia,
Quando os nuncios das novas da alegria,
Tração p.r. decorar-me a bella imagem

Peste carro triumphal para a passagem.
Certo na architectura havendo posto,
Que o luxo tem de preça a arte de gosto.
Mas não contente o Deos brioso, e forte,
Escem outros de novo, que o transporte
Viessem retocar, d'ella enviados
Em dom sublimes, em dever alçados,
Atto que em fim com hymnos de alegria
Aqui me trovou a fausta companhia
Para o praser vos darem de me vezes,
E a mim, de vós tambem, iguaes praseres.

Vede agora se accaso tanto altera á
Merecia subir minha baixosa
Que meritas eu tinha que elles feitas
Para colher taes loiros e respeito?
Euas foram as acções, quaes os diavellos?
Quaes as lagrimas puras, quaes os selos,
Qual em fim o espantoso sacrificio
Por ser comigo grato, e tão proprio?
Ah! que é rico, e fatal nos premios seus
Por tudo ab'azonar em fim, que e Deus.
Salta pois de prazer, e adora em tudo
Meu coração o Deos, que he meu escudo.
Do alto de seu Solio, cravejado
De estrellas, quaes safiras, derramado
Houve em mim doces vistas de ternura?
E fez-me a nobre inveja da ventura.
Por maravilhas taes, nunca pensadas,
Apenas só comigo executadas,
Exaltarão as raças minha dita,
Chamando-me feliz. Santa e bemdita.
Que prodigios não tem por mim obrado
Seu braço fulminante? Que mudado
De decretos por mim? Que de inviolaveis
Leis pelo meu rei respeito revogaveis?
Seja o seu nome o nome da grandeza.
Seja, seja: e o publique a redondeza.
Transpoz esse Romuleo Capitolio,
E olhando com desdem seu aureo solio.
A pro'e regeitou dos vencedores
Bravos da terra, e d'ella então senhores.
Vio tambem com horror os máos dictames
Dos paços do Idumeo; paços in'ames
Por mil scenas crueis; e avante passa,
Detestando de intruso a impia raça.
Deixa as filhas emfim do optimates,
E arrancando-me ao pó dos meus penates,
Confidente elegio-me dos projectos.
Que elle ia trovejar, grandes, e rectos.
Fecundo em dotes, rico em formozuras,

Se quiz reproduzir nas creaturas.
 Extraíndo dos entes os milhares,
 Sô de suas idéas exemplares
 No meio da recente natureza
 Um ser appareceu de tal belleza,
 De tantas perfeições e lindos modos,
 Que bem mostrava ser o rei de todos.
 Tal era o Pai primeiro, nesta idade,
 Que é risonha estação da puberdade,
 Houve o dom da pulavra articulando
 Os sons, que vão as faces exalando.
 Dádiva singular; cuja riqueza
 Negou-se á belluina robuteza.
 É certo que com esta rica herança
 Elle soube livrar, quando a lembrança
 Tere de retratar com mil figuras
 As noções de seu peito, as mais escuras.
 Ouzando transmittir aos fins da terre
 Os segredos occultos, que elle encerra.
 Tambem porção, Celeste luminosa
 Da eterna razão, forma garboza,
 Resta por ver o Ceo, ja nelle brilha,
 Ao resto avantajando-se em partilha.
 Senhor de si, senhor dos appetites,
 A vontade, e razão nos seus limites,
 Desta animada estatua e extremidade
 O ápice fexou da saulidade.
 Avança a mais do Eterno a grão ternura;
 Qual sollicita Mãe, que a creatura
 Antes que aos olhos dê, já está cuidando
 No infantil enxoval; mimoso, e brando;
 Dest'arte elle tambem tem construido
 Um pavilhão de estellas embutido.
 Porque quando o ditoso for fechado
 Ache tudo a seu gosto, Eis que postado
 Apparece o feliz n'um predio accito,
 Das delicias do Ceo quadro perfeito,
 Mimoso em fructos de jasmims cerrado,
 Da innocencia, e da paz solar prezado;
 Troféo, onde a destreza Eterna falla,
 A quem nenhum troféo d'arte se iguala.
 Por estas alamedas tão serenas,
 Pelas margens das fontes quatro amenas,
 Por aquellas florestas venturosas,
 Orlada a frente de purpureas rozas.
 Marchava o Protoplasta rico, e ufano,
 Como quem de tdo era soberano.
 Elle afagava as feras, que o entendião,
 E a seu mando, e voz obedecião.
 Ja dos Leões as jubas entranchava

De tecidos de flores; e brincava
 C'os tigres mosqueados, e guerreiros,
 Como se forão tímidos cordeiros
 Debaixo de seus pés lião nascendo
 Man-jos de boninas, recendendo;
 Prestando a terra humilde de seu seio
 A seu Rei, e senhor todo recheio.
 Os ricos passarinhos, e tão ricos
 Que já maissemeorão, com os bicos
 D'ouro, ou murice rubro, sobrivinhão
 Roubar-lhe o fruto, que seus labios tenham
 A par delle marchava a virgem bella.
 Brilhante, e linda qual polar estrella.
 Ao consorte mostrando um riso ameno,
 Como si para terra o Ceo sereno.
 De mil virtude novas a dornada,
 Qual a reza purpurea, aljofarada
 Das galas matinaes. Graça a vestia.
 De sorte que a nudez não offendia.
 Apenas flores ornão-lhe os cabellos
 Colidos em anéis, loiros e bellos.
 Quando do Sol os raios os feiãõ,
 Erão dois astros, qué se respondiãõ.
 Não é tão bella o abobada azulada,
 Das rolantes safras semeada,
 Nem a Tilonia aurora matutina,
 Portando as filhas da vernal campina,
 Na floresta a bonina se curava
 Por lhe beijar os pez, quando passava
 O prado ameno, a fonte a relva fria;
 Tudo ria de gosto, assim que a via.
 Vinhão os anjos ser espectadores
 De seus risinhos virginaes amores,
 Ditosa paz? Ditoza companhia!
 Se nunca a invenenara a rebeldia
 Tal era deste humano o berço, e aurora,
 Quando uma vóz fatal, e seductora
 Solta do Cão, envolta em pestilento
 Fumo, fez tudo um sonho vão. que mente,
 E avinagrando aquelle saulo riso,
 Converteo em inferno o Paraizo
 Oh! desgraça! a belleza nobre e solta
 Contra o seu bemfeitor ja se revolta.
 E dando fé, e ouvidos á mentira,
 Cahio na indignação de sua ira.
 Esta queda é a causa da tristeza.
 De que se vê enlutada a natureza,
 Da qui nascem as guerras assanhadas
 Pelas medrosas mãis tão detestadas.
 Da qui a ingratição, mal ião sublime,

Que excede a todo mal, o todo crime.
Da qui a fome, as dores, a doença,
É a alluvião de males tão extensa
Que innudou nossos Pais, que a nós innunda
E vai tudo innundando em dor profunda.
Da qui o peccado, e o negro cáos do inferno,
Com que ao reo ameaça a Ley do Eterno,
E se o louco mortal attenção presta
Acaso tão fatal, nada o molesta.
Nem lhe parece cousa muito enorme,
Mas antes quasi um sonho de quem dorme.

O homem pois a pouco tão mimoso,
Anjo em carne, na graça venturoso,
Ja marcha nú, de feno vil cingido,
E pobre e desditoso, e desvalido.
Oh! se elle conservasse na memoria
Da sua fatal queda a negra historia!
Veria com horror as aureas gallas,
Mais proprias de chorar do que adoral-as.
O ouro, o bisso, a purpura que o cobre,
Inculcam a nudez de um ente pobre.
Se o primitivo ornato não perdera
Ea original justiça não fizera
Novos reparos vão, com que procura
Fugir dos ares a inclemencia dura;
Roubando a lã da ovelha, e com incrível
Arte tecendo o feno desprezível,
Fazendo com vaidade, pouco seria
Ostentação da propria vil miseria.
E quantas vezes, quantas? asquerosas
Ulceras ornam tel-as preciosas?
O' filauia do humano pensamento!
O' culpa original! O' louco intento!

Victima triste da immortal vingança,
Murchou pela raiz toda esperanza?
Não ha recurso? Comerás nas dores
Eternas, como os anjos desertores?
Mas ah! o que é que eu ouço? Oh ceo sensível!
Oh ternura de um Deos incomprehensível!
Ja nova traça inventa ja descobre
De soccorrer ao lermoso. O' nobre
E doce culpa! O crime, feliz crime,
Que um vingador hovesse tão subl.me!
Alviçmas, mortal; enxuga o pranto,
Que tanto ao Verbo mereceste. Ah tanto!
Do seio do sacratio inaccessible
Eu escuto uma voz, voz quasi incrível,
Voz doce mais que o mel; encantadora
Mais que da cythra o som: «Cante, o que chora,
« Ella diz, ó mortal, de amor interno

« Amo-te, qual a mim meu pai eterno.
« Escravo me farei por teu respeito,
« Como sejas tu Deos, e a Deos accito,»
Isto dizendo, as duas naturezas
Na pessoa divina ficam presas.
Tem pois Deos feito homem soffrimento
E o homem feito Deos merecimento.
Logo, se o Eterno irado pela offensa
Exigir igual paga, se compensa
Pelo ineffável vinclo e desta sorte
Nossa quebra se torna inda mais forte.
Mas oh! eu insensata, que di-serto,
Ante quem sabe os factos mais de perto!
Porem, como do Eterno são favoráveis
E' doce os repetir, são seus louvores.

Então por mim commuta a especie humana
A condição servil em soberana.
Pois por minha feliz maternidade
Chegou a aparentar-se á divindade.
Em attenção a tanta maravilha,
Do seu alto poder sómente filha,
Abre os thesouros seus, mostrando a sua
Ineffável ternura; e continua
Como atravez dos seculos corre e passa,
De pais a filhos e de raça em raça.
Mas o monte de orgulho altivo e ousado
Por sua planta enorme é supplantado;
Então os aureos sceptros se quebraram,
Purpuras pelo pó se conculcaram,
E de sua presença os reis espalha,
Qual tufão que arrebatá a debil palha.
Mas o pobre humilhado que gemia,
Beijando a mão occulta que o feria,
De repente se viu rico, abastado.
Feliz seu thoro, illustre o seu estado.
O pastor que por tecto d'ouro o feno
Tinha, e por leito a relva do terreno,
Veste a opa real, de gloria exulta;
E o rei ingrato inglorio a campá occulta.

Tambem os que dos bens e das herdades
Abusaram por fim de iniquidades;
E aquelles que do ceo dons alcançaram,
E contra o ceo com elles se irritaram;
Per castigo de tão negra insolencia,
Atufados ficaram na indigencia;
Arastando os grilhoes desta desgraça
Seus filhos, vil, e-cura e infame raça.
Enfim de suas bençãos a riqueza
Choveu com profusão, com mais franqueza
Sobre o santo Israel, seu povo amado,

Seu povo, já de longe abençoado.
De sua estirpe illustre, e descendentes
Sahio o desejado, a luz das gentes:
O cordeiro que o pacto sempiterno
Rubricou de seu sangue em preço eterno.
Autor da graça, fonte da innocencia,
E victima do ceo por excellencia.
Germinaram os dogmas e a doutrina
Do evangelho que os povos illumina;
O novo culto, os sete Sacramentos;
Fontes que lavam, e da mancha izentos
Deixam os reos. ahiram os primeiros.
Da nova lei sublimes pregoeiros;
Economos da graça bemfazeja
Sabio em fim a nossa mãe, a Igreja.»

Desta sorte a exemplar das virgens puras
Acabou suas santas aventuras.
Deixando os circumstantes venturosos
Banhados de prazer, inda anciosos
De muito mais ouvir. se mais tornara
De novo a repetir o que centara.
Louvavam entre si o magestoso
Ar com que referira e o som gracioso,
O montão de successos tam diversos
Pelo texto seguidos ou dispersos;
Um e outro com gosto memorava
Aquelle que impressão mais lhe causava;
Ora a perseguição que foi tramada
Pelos ourives d'Efeso: ora a alçada
Cegueira e tão nefanda idolatria,
Com que se este lugar prostituia;
Ora os incendios da aguiá que deixando
A terra voa ao ceo, e penetrando
Impavido de Deos o seio interno,
A geração teceo do Verbo Eterno.
Ora em fim outros casos, que da historia
Inda impressos retinham na memoria.

Nas planices do ceo, entre sombrio;
Arvoredo copado, ha um desvio.
E' um grato retiro affortunado,
Somente pelos anjos frequentado.
Que alli vão varias vezes de passeio
Por mudar ou de sitio ou de recreio.
Aqui de fino jaspe antiga gruta
Existe uma fonte nunca enxuta;
Que desce murmurando crystallina
Por areas de prata. Aqui domina
A taciturna imagem do segredo.
Já mais de Orpheos aligeros o enredo
Doce gorgeia; não susurra o vento,

Nem range, ou bate porta de aposento.
Não soa ao longe lá da torre enorme
O relógio fiel que nunca dorme;
Nem a voz da atalaia, que desperta
Gritando ao camarada: alerta! alerta!
Não freme o duro quicio ao carro preso.
A força estranha a resistir do peso;
Nem late o cão fiel ao vão ruído,
Guardando a grei do armento espavorido.
Está tudo em silencio, eternas flores
Matizam o lugar e os seus verdores.
É propriamente a lapa, e os taes matizes.
Habitação dos extasis felizes
Que alli moram, e estão sempre suspensos
A contemplar do Eterno os dons immensos.
Azas d'ouro elles tem por seu emprego,
Posto que vivam n'um feliz socego;
Com que fendem o ar, e em torno gyiam
Dos justos que da terra ao ceo suspiram.
Rápidos voam lá do ethereo assento,
E descem sobre a Virgem cento e cento.
Que de louvar a Deos já inebria e acesa,
Ora delles restou inda mais presa.
Mas como a vissem os prophetas santos
Extatica e entregue a seus encantos,
Aproveitam o tempo sem demora,
Que lhes concede o rapto da Senhora.
Por se informar co'o nuncio do alto imperio
Da gloria, sobre os sensos e mysterio
Que encerravam as tarjas esculpidas
No carro, por emblemas repartidas

CANTO SEXTO.

ARGUMENTO.

Em quanto a Senhora esteve extasiada, o archanjo S. Miguel explicou aos prophetas os emblemas do carro, que descreviam varias passagens da mesma Senhora. Havia mais um emblema, e era uma descripção do Rio de Janeiro, cidade muito devota da Virgem pelo culto do terço. Emfim exclamações do propheta Elias ao retirar-se a comitiva.

O' tu, Igreja santa, linda esposa
Do cordeiro de Deos, minha mimosa
Clara musa gentil, que por capellas
Brilhantes cercaduras tens de estrellas;
Tu que por tua mão me tens guiado

Até qui por caminho não trilhado,
 Respira um pouco, toma novo alento;
 Descansa da fadiga algum momento,
 Que inda temos de ondar outra jornada,
 Não menos trabalhosa que a passada.
 Annue aos votos, ri aos innocentes,
 Os emblemas decifra, põe patentes;
 Aclara, ó dea, aos padres a verdade,
 Pois é digna de escusa esta vaidade

Logo ao principio os olhos descubriam
 Uma lamina de ouro em que luziam,
 Por destreza gentil do ferro experto,
 As ruinas de um portico deserto.
 Alli no debil feno reclinado
 Se via, por dous brutos adorado,
 O tenro amor Jesus, recém-nascido,
 Tritando ao ar, em faxas envolvido.
 A phenix unica, da graça filha,
 Concha argentea da perla, maravilha
 Do Empyreo, alli taes raios reverbera,
 Que bem se deixa ver mãi de quem era:
 Ora com roseos beijos afagando
 O celeste penhor, ora o chegando
 Às fontes virginaes que o lindo-fosse
 Nutrido do seu nectar casto e doce.
 Pasmou a natureza de tal vista;
 Tudo se reanimou, e o destro artista
 O segredo encontrou maravilhoso,
 Que faz seu atrevido, seu garboso.
 E tu, das artes todas que és princeza,
 Muda eloquencia, maga gentileza,
 Pintura, teus pinceis sanctificaste,
 Quando a primeira vez delineaste
 Um Deos tingindo os labios na doçura
 Do seio de uma debil creatura.

Por entre os velhos restos que existiam
 Do esculpado portal, quasi se ouviam
 Dos celites concertos, mais que humanos,
 Que davam gloria o Deos, paz aos mundanos.
 Do visinho reconcavo os cajados,
 Pelo nuncio do Olympo convocados,
 Adorar pareciam de tumulto
 O tenro Deos, no veo terreno occulto.
 Cada qual offeritando o que apromptara:
 Qual a ovelha que á triste mãi roubara,
 Qual o par de pompinhos tenros, novos;
 Qual na cesta de vime os brancos ovos;
 Qual o favo mellifluo da colméa;
 Qual o coração so que o amor atéa.

Vizinho a este quadro outro importante

Insculpido se vê; no ar brilhante
 Insolito planeta fulgurava
 Formosa luz que o velho lar banhava.
 Guia fiel, que vinha conduzindo,
 Dos montes Nabatheos que o sol sahindo
 Dourando logo vêm, tres potentados
 N'arte de ler os astros consummados.
 A luz da nova estrella, que assomara
 La nos ermos do ceo, a nova e clara
 Estrella de Jacob, tão suspirada
 Buscam de um vate seu preconizada,
 Eis aborda já o portico aluido
 Da gran eavalgadura o gran ruido.
 Enormes elephantes corajosos,
 Dromedarios ligeiros e os gibosos
 Camellos de alto collo tão erguidos.
 C'o peso dos volumes opprimidos.
 Abrem os cofres, tiram a presada
 Massa do metal rico, e a congelada
 Lagryma que evapora preciosa
 De Cinyras a filha incestuosa.
 E a crystallina, que ao Sabeo goteja,
 Com que o templo e o altar cheiros bafeja.
 Os dons ao infante Deos apresentavam,
 Que mysterios sublimes eclipsavam,
 Pois de longe prometterem, se bem penso,
 Mirra a morto, ouro a rei, á Deos incenso.

Mais avante traçara o ferro fino
 Templo vasto, no gosto peregrino
 De arrogante fachada e de desenho
 Que honra a Pallas e ao dedaleo engenho.
 Nelle arrugado ancião, que o venerando
 Sacro penhor nos braços reclinando,
 Avidos olhos turvos lhe encarava,
 E encarando com elle prophetava.
 Logo senil matrona, encanecida
 Nas virtudes, a um lado era esculpida;
 Em ar de que ao Infantinho repetia
 Ternas caricias que a ternura ordia;
 Matrona que esperava ardentemente
 O gran libertador da hebreia gente.

« O' que painel sombrio e tão medonho
 (Exclamaram os dous) a tam rizonho
 « Succede! nelle ve-se afigurado!
 « Um fero drago humano coroado!
 « Elle goteja sangue, elle descreve
 « O cum'lo da desgraça em ponto breve!»
 Este painel sombrio e turbulento
 (O archanjo lhes tornou) de paz isento,
 Pinta o paço fatal e o triste asylo

D'um Phalaris, d'um Nabis, d'um Perito,
 Ou de outros despotas com que tu podes
 Vangloriar-te, ó Roma! O nome, Herodes.
 Se pelos ambitos do tecto augusto
 Vedes pintada a morte, o horror e o susto,
 E que n'elles adejam, quaes cardumes
 De aves nocturnas, os crucis ciumes.
 Se pelas salas tristes fluctuando
 Correm ondas de sangue inda fumando,
 São os tragicos fins e as duras mortes
 Dos caros filhos, das gentis consortes.
 Os olhos do tyranno ameaçadoras,
 Que a tudo vibram iras e terrores,

São rubidos, ferozes, inquietos.
 Como a quem inquietavam mil projectos.
 A boca, tal que do Acheronte o boca,
 So mortes proferia com voz rouca.
 Era o rumor de um rei, de pouco nado
 Quem perplexo o tem feito. Do malvado
 A negra consciencia em grito o insulta.
 Dictando-lhe: que estranha mão occulta
 Lhe rouba o sceptro, lhe derruba o throno,
 Be que era usurpador, e não o dono:
 Eis ja se agasta o somno com seus olhos;
 Ja nas flores do sceptro colhe abrolhos;
 Cuidando so no crime, so no engano,
 Que são sempre os cuidados d'um tyranno.

Troveja a regia voz; ja parte o forte
 Satellite fatal, raio da morte.
 Ja toda tetrarchia da Judéa,
 Côrte, cidades, villas, pobre aldéa,
 Retinem c'os soluços e vagido
 Das mãs que perdem do penhor perdido.
 Eis alli os corpinhos mutilados,
 Em tanto amor nascidos e gerados;
 Porém mais bellos que os numismas d'ouro.
 Que o avaro amontoa em seu thesouro.
 Cordeirinhos devidos ao cordeiro,
 Que em Moria se immolou, Deos verdadeiro.
 Victimias simples que no altar estando
 C'o as palmas e seu sangue estão brincando.
 Qual da floresta o plano, que juncado
 Tem de alheio matiz o noto irado
 Quando em rijo tufão, que não se espera,
 Rouba os iris da nova primavera:
 Taes estavam por terra, a cor perdida,
 Os santos martyrzinhos ja sem vida.

A puerpera, a quem o amor e o susto
 Perturba, ao triste morticínio injusto
 Fugindo está, sem mais outra assistencia

Que esconder no regaço a providencia.
 Salvando por debaixo das palmeiras,
 E egypcios labirinthos as primeiras
 Esperanças da fé, nossa alegria
 Do sacrilego rei que o perseguia.

Logo n'um tano o celite apontava
 O joven Deos em ar que dissertava.
 Era o senado dos espectadores,
 Os escribas da Lei e os seus doutores;
 Confusos de ter tal sabedoria,
 Quem mal tres olympiadas teria.
 No calor da disputa eis que assomava
 A mãe, que os puros olhos enxugava
 Do pranto que causou-lhe o sentimento
 Da prematura ausencia. O' violento
 Punhal de penas! Por gentis finezas
 Parece que colhia so estranhezas.
 Seu rosto angelico, da dor magoado,
 Era um formoso ceo, meio nublado:
 Chorava pois, e a magoa era bem justa;
 Que achar um Deos perdido é raro e custa.

Depois desta gravura os padres viam
 Outras scenas mais gratas, que fingiam
 Esplendido festim, perfeita idéa
 Do hymeneo em Caia de Galilea.
 Gravara a destra mão nas ricas telas
 Exquisito manjar, aureas baixellas;
 Via-se a noiva ricamente ornada.
 A madeixa de perolas brincada;
 Em tropel quasi o lar, e parecia
 Soar o reboliço da alegria.
 Por uma e outra parte estão sentados
 Os parentes e convivas honrados.
 Que aos noivos alternavam ditos finos,
 Dos Syros velha usança e Palestinos
 N'um distincto lugar mais eminente,
 Depois de recusar urbanamente,
 Brilhava o Redemtor, que ja no aspeito
 E ar mostrova ser varão perfeito.
 O rosto e os olhos lindos dardejando
 Uns visos divinaes de quando em quando.
 Assim da opaca nuvem sol ardente
 Vibra as vezes um raio d'ouro ingente.
 La estava tambem o architriclino,
 Increpando o copeiro, que sem tino
 A gota reservara mais mimosa
 Para o fim. Mas constou, cousa pasmosa!
 Que em attenção á mãe, Jesus mudara
 Em mosto generoso a lymphá clara.
 De sorte que a primeira maravilha

Até qui por caminho não trilhado,
 Respira um pouco, toma novo alento,
 Descansa da fadiga algum momento,
 Que inda temos de ondar outra jornada,
 Não menos trabalhosa que a passada.
 Annue aos votos, ri aos innocentes,
 Os emblemas decifra, põe patentes;
 Aclara, o dea, aos padres a verdade,
 Pois é digna de escusa esta vaidade

Logo ao principio os olhos descubriam
 Uma lamina de ouro em que luziam,
 Por destreza gentil do ferro experto,
 As ruinas de um portico deserto.
 Alli no debil feno reclinado
 Se via, por dous brutos adorado,
 O tenro amor Jesus, recém-nascido,
 Tritando ao ar, em faxas envolvido.
 A phenix unica, da graça filha,
 Concha argentea da perla, maravilha
 Do Empyreo, alli taes raios reverbera,
 Que bem se deixa ver mãi de quem era:
 Ora com roseos beijos afagando
 O celeste penhor, ora o chegando
 Às fontes virginaes que o lindo-fosse
 Nutrido do seu nectar casto e doce.
 Pasmou a natureza de tal vista;
 Tudo se reanimou, e o destro artista
 O segredo encontrou maravilhoso,
 Que faz seu atrevido, seu garboso.
 E tu, das artes todas que és princeza,
 Muda eloquencia, maga gentileza,
 Pintura, teus pinceis sanctificaste,
 Quando a primeira vez delineaste
 Um Deos tingindo os labios na doçura
 Do seio de uma debil creatura.

Por entre os velhos restos que existiam
 Do escarpado portal, quasi se ouviam
 Dos celites concertos, mais que humanos,
 Que davam gloria o Deos, paz aos mundanos.
 Do visinho reconcavo os cajados,
 Pelo nuncio do Olympo convocados,
 Adorar pareciam de tumulto
 O tenro Deos, no veo terreno occulto.
 Cada qual offeritando o que apromptara:
 Qual a ovelha que á triste mãi roubara,
 Qual o par de pompinhos tenros, novos;
 Qual na testa de vine os brancos ovos;
 Qual o favo mellifluo da colméa;
 Qual o coração so que o amor atéa.

Viziinho a este quadro outro importante

Insculpido se vê; no ar brilhante
 Insolito planeta fulgurava
 Formosa luz que o velho lar banhava.
 Guia fiel, que vinha conduzindo,
 Dos montes Nabatheos que o sol sahindo
 Dourando logo vêm, tres potentados
 N'arte de ler os astros consummados.
 À luz da nova estrella, que assomara
 La nos ermos do ceo, a nova e clara
 Estrella de Jacob, tão suspirada
 Buscam de um vate seu preconizada,
 Eis aborda já o portico aluido
 Da grau cavalgadura o gran ruido.
 Enormes elephantos corajosos,
 Dromedarios ligeiros e os gibosos
 Camellos de alto collo tão erguidos,
 C'o peso dos volumes opprimidos.
 Abrem os cofres, tiram a presada
 Massa do metal rico, e a congelada
 Lagryma que evapora preciosa
 De Cinyras a filha incestuosa.
 E a crystallina, que ao Sabeo goteja.
 Com que o templo e o altar cheiros bafja.
 Os dons ao infante Deos apresentavam,
 Que mysterios sublimes eclipsavam,
 Pois de longe promettem, se bem penso,
 Mirra a morto, ouro a rei, á Deos incenso.

Mais avante traçara o ferro fino
 Templo vasto, no gosto peregrino
 De arrogante fachada e de desenho
 Que honra a Pallas e ao dedaleo engenho.
 Nelle arrugado ancião, que o venerando
 Sacro penhor nos braços reclinando,
 Avidos olhos turvos lhe encarava,
 E encarando com elle prophetava.
 Logo senil matrona, encanecida
 Nas virtudes, a um lado era esculpida;
 Em ar de que ao Infantinho repetia
 Ternas caricias que a ternura ordia;
 Matrona que esperava ardentemente
 O gran libertador da hebreia gente.

« O' que painel sombrio e tao medonho
 (Exclamaram os dous) a tam rizonho
 « Succede! nelle ve-se afigurado!
 « Um fero drago humano coroado!
 « Elle goteja sangue, elle descreve
 « O cum'lo da desgraça em ponto breve!
 Este painel sombrio e turbulento
 (O archanjo lhes tornou) de paz isento,
 Pinta o paço fatal e o triste asylo

D'um Phalaris, d'um Nabis, d'um Perilo,
Ou de outros despotas com que tu podes
Vangloriar-te, o Roma! O nome, Herodes
Se pelos ambitos do tecto augusto
Vedes pintada a morte, o horror e o susto,
E que n'elles adejam, quaes cardumes
De aves nocturnas, os cruéis ciúmes.
Se pelas salas tristes fluctuando
Correm ondas de sangue inda fumando,
São os tragicos fins e as duras mortes
Dos caros filhos, das gentis consortes.
Os olhos do tyranno ameaçadoras,
Que a tudo vibram iras e terrores,

São rubidos, ferozes, inquietos.
Como a quem inquietavam mil projectos.
A boca, tal que do Acheronte o bora,
No mortes proferia com voz rouca.
Era o rumor de um rei, de pouco nado
Quem perplexo o tem feito. Do malvado
A negra consciencia em grito o insulta,
Dictando-lhe: que estranha mão occulta
Lhe rouba o sceptro, lhe derruba o throno,
Be que era usurpador, e não o deno:
Eis ja se agasta o somno com seus olhos;
Ja nas flores do sceptro colhe abrolhos;
Cuidando so no crime, so no engano,
Que são sempre os cuidados d'um tyranno.

Troveja a regia voz; ja parte o forte
Satellite fatal, raio da morte.
Ja toda tetrarchia da Judéa,
Côrte, cidades, villas, pobre aldéa,
Retinem e os soluços e vagido
Das mãs que perdem do penhor perdido.
Eis alli os corpinhos mutilados,
Em tanto amor nascidos e gerados;
Porém mais bellos que os numismas d'ouro.
Que o avaro amontoa em seu thesouro.
Cordeirinhos devidos ao cordeiro,
Que em Moria se immolou. Deos verdadeiro.
Victimas simples que no altar estando
C'o as palmas e seu sangue estão brincando.
Qual da floresta o plano, que juncado
Tem de alheio matiz o noto irado
Quando em rijo tufão, que não se espera,
Rouba os iris da nova primavera:
Taes estavam por terra, a cor perdida,
Os santos martyrzinhos ja sem vida.

A puerpera, a quem o amor e o susto
Perturba, ao triste morticínio injusto
Fugindo esta, sem mais outra assistencia

Que esconder no regaço a providencia.
Salvando por debaixo das palmeiras,
E egypcios labirintos as princieiras
Esperanças da fé, nossa alegria
Do sacrilego rei que o perseguia.

Logo n'um plano o celite apontava
O joven Deos em ar que dissertava.
Era o senado dos espectadores,
Os escribas da Lei e os seus doutores;
Confusos de ter tal sabedoria,
Quem mal tres olympiadas teria.
No calor da disputa eis que assomava
A mãi, que os puros olhos enxugava
Do pranto que causou-lhe o sentimento
Da prematura ausencia. O violento
Punhal de penas! Por gentis finezas
Parece que colhia so estranhezas.
Seu rosto angelico, da dor magoado,
Era um formoso ceo, meio nublado.
Chorava pois, e a magoa era bem justa;
Que achar um Deos perdido é raro e custa.

Depois desta gravura os padres viam
Outras scenas mais gratas, que fingiam
Esplendido festim, perfeita idea
Do hymeneo em Caia de Galilea.
Gravara a destra mão nas ricas telas
Exquisito manjar, aureas baixellas;
Via-se a noiva ricamente ornada,
A madeixa de perolas brincada;
Em tropel quasi o lar, e parecia
Soar o reboliço da alegria.
Por uma e outra parte estão sentados
Os parentes e convivas honrados.
Que aos noivos alternavam ditos finos,
Dos Syros velha usança e Palestinos
N'um distincto lugar mais eminente.
Depois de recusar urbanamente,
Brilhava o Redemtor, que ja no aspeito
E ar mostrava ser varão perfeito.
O rosto e os olhos lindos dardejando
Uns visos divinals de quando em quando.
Assim da opaca nuvem sol ardente
Vibra as vezes um raio d'ouro ingente.
La estava tambem o architriclino,
Increpando o copeiro, que sem tino
A gota reservara mais mimosa
Para o fim. Mas constou, cousa pasmosa:
Que em attenção á mãi, Jesus mudara
Em mosto generoso a lymphá clara.
De sorte que a primeira maravilha

Com que se distinguio, foi mera filha
Do culto filial, do acatamento
Que sempre lhe prestou; certo argumento.
De que o filho á mãe tinha obediencia,
E a mãe no filho emfim muita ascendencia.

Outros muitos emblemas explicando
Ta o nuncio c'os nobres vates quando
Entre as mais se divisa uma gravura
Estranha, nova e de entender-se dura.
« Mas que quadro é est'outro (perguntava
O thesbite ao celeste que explicava)?
« Ou que mysterio aqui está afigurado?
« Juro que assaz me tem maravilhado.
« Alem dos mares vejo, alem das ilhas
« Ah que immenso paiz! que maravilhas!
« Vejo um novo hemispherio, novos ares,
« Outros ceos, outros bosques, outros mares;
« Aves estranhas, flores nos matizes
« Diversas, das que vi nos meus paizes.
« Pelo longo da costa demandando
« As regiões austraes, debaixo estando
« Do semi-capro peixe, que é patente
« Meta meridional do sol ardente;
« Num braço do oceano que alli morre,
« Pulcherrima cidade; logo occorre
« De nobres edificios, torreada
« De bronze e revelins a augusta entrada.
« Inda mais vejo alli, si não me engana
« Em painel tam escuro á mente humana,
« Que pela praça vai a generosa
« Peipara em triumpho, e populosa
« Companhia com tochas mil acesas
« Parece celebrar suas grandezas.
« Dizei-nos, nobre archanjo, o que isto intima.
« Para mim é mysterio, é tudo enigma,
« Tudo sombras escuras e tão densas
« Que as azas da razão me tem suspensas. »

O vasto continente, que afigura
(Diz o nuncio do Eterna) esta gravura,
E um grande paiz quasi deserto;
No trato ao mundo antigo inda encoberto,
Mas emfim por um genio denodado
Será das densas trevas arrancado
C'o soccorro da agulha e do astrolabio,
Novo invento subtil do engenho sabio.
O Ligure immortal, nesta ardua empreza
Tornas-te a abrir a porta á natureza,
E obrigaste adorar do mundo a gente,
Como de novo a mão do Omnipotente.

Que cythara tam doce ou que profundo

Engenho poderio neste mundo
Uma parte cantar de tua gloria!
Não mais, não mais blasone a antiga historia
As proesas do Grego ou do Troiano;
Nem a fabula desse tão ufano
Pelos doze trabalhos. Os seus feitos
Com os teus confrontados são defeitos.
Ou antes um pigmeu ou uma aranha
Á vista do gigante ou da montanha.
Por ti um grau de gloria soberana
Recebe e mais se exalça a especie humana.
Nova serie de cousas eis que assoma,
E o orbe inteiro nova face toma.
Aplanadas dos golphos as passagens
Novos meios se abriram, mil vantagens
Aos tratos mercantis; e os bons talentos
Dictaram-se de luzes e de inventos.
Tocaste a meta da terraquea esphera,
Rasgado o veo dos sec'los que a esconderna,
Então do Creador novos primores
Resplenderam, pregões de seus louvores.
Que quando o seu saber mais patentea,
Delle nos cresce o amor, crescendo a idea.
Emfim, mostrada em parte a natureza,
Agora tu lhe expões toda riqueza;
Mas confessa que a honra assim o ensina,
Que apprendeste os segredos e a doutrina
Dos bravos, dos afoutos Lusitanos,
Que primeiros traçaram te os teus planos.

É tamaninho o payz, tam vasta o solo
Que se estende de um polo a outro polo.
Alli vegetam varias alimarias,
Varios troncos e frutas, flores varias.
Aham-se ricas pedrarias finas,
Ouro e prata, e mil drogas peregrinas.
Os tres reinos aqui, que a opulencia
E bases são da humana subsistencia
Em minas, animaes e vegetantes,
Tão uberrimos são e tão prestantes,
Que não resolve o sabia subtiliza
Para onde mais pendeu a natureza.

Cria tudo que o mundo velho envia,
E o mais que o velho mundo jamais cria.
Porque, como uma e outra zona apanha,
Produceo Licio e a fruta d'ouro estranha,
No jardim das Hesperides nascida,
Por quem foste, Atalanta, ja vencida.
E o caixo, que de Rhodes gera o seio,
Melhor tornado neste clima alheio.
Abrilhanta o ananaz, sazoua a péra,

E o pomo, que discordia já tecera
 Entre as deosas do Olympo no monte Ida,
 Que fez Dardania em cinzas reduzida.
 Os dons da Ceres loura, em competencia
 C'os celeiros Egyptios na affluencia.
 Quando o provido Hebreo amontoava
 Nelles o grão, que arêas igualava.
 Alem das farináceas e raizes,
 Que os povos fazem fartos e felizes.
 Que direi desse reino vegetante,
 Em dilatar a vida tão prestante?
 Aqui colheita salutar descobre
 O Phármaco em vigílias uteis nobre.
 Rica mina por certo, gran thesoiro
 De mais alto valor, que a prata, o ouro,
 E o lustre vão de pedrarias finas;
 Do nume de Epidauró prendas dignas.
 A palmachristi, a nova Ipecaeuania
 Do velho Dioscorides estranha.
 Da Cupahiba o oleo precioso,
 Que vence a dor e o golpe mais prigoso.
 Hervas, plantas em succos, e virtude
 Ferteis de vida, fontes de saude.
 Encontrão-se tambem tribus errantes
 Nos bosques: que entre si belligerantes
 Vivem de singular e estranho povo,
 Que parece outra raça, germe novo.
 Antropophagos são, que á tão sobido
 Grão de horror chega humano embrutecido!
 Pintam o rosto seu mal encarado
 De verde, croceo, rocho e de encarnado.
 E por fugir á vespa o corpo todo
 De resinas agrestes, ou de lodo.
 Tecer ignoram, mas as suas téllas
 São as plumas das aves, cores bellas.
 A vida passam em continuas festas
 De crápulas e danças inhonestas.

A cidade, que alli vedes traçada,
 E que a mente vos traz tão occupada,
 Será nobre colonia, rica, forte,
 Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.
 Será pelo seo porto desmarcado
 A feira do ouro, o emporio frequentado.
 Aptissimo ao commercio; pois profundo
 Póde as frotas conter de todo o mundo.
 Será de um povo excelso, germe airoso
 La da Lizia, o lugar mais venturoso.
 Pois dos luzos-brasilicos um dia
 O centro deve ser da monarchia.
 Alçarão outras no porvir da idade

Os tropheos que tiverem por vaidade.
 Umás nas artes levarão a palma
 De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.
 Outras irão beber sua nobresa
 Nos tratos mercantis. Tal que se présa
 De ver nas suas scenas e tribunas,
 Maior brazão, mais inclytas columnas.
 Aquella dos Timantes o extremoso
 Pincel com estro imitará fogoso.
 Muitas serão mais destrás no compasso,
 Que as linhas mede do celeste espaço.
 Mas cuidar de seu rei, ser sua côrte,
 Dar ás outras a lei: eis desta a sorte.

Gravaram do rigor de impostos novos
 Os dynastas cruezis a terra, e os povos
 Egyptios por alçar massas estranhas.
 Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas.
 Fosse superstição ou so vaidade
 Da fama dilatar por longa idade;
 É certo que o sentio o povo santo,
 Que tanto alli gemeo por tempo tanto.
 Hoje busca o viajor o immenso lago
 De Méris e só topa um campo vago.
 E se restam taes obras peregrinas,
 São sobejos do tempo, so ruinas.
 Aqui pelo contrario poz natura,
 Por brazões da primeva architectura,
 Volumes côlossaes, corpos enormes,
 Cylindros de granito desconformes;
 Massas, que não ergueram nunca humanos,
 Mil braços a gastar, gastar mil annos.

Vedes na foz aquelle, que apparece
 Pontagudo e escarpado? Pois parece,
 Que deo-lhe a providente natureza,
 (Além das obras d'arte) por defeza,
 Na derrocada penha transformado
 Nubigena membrudo; sempre armado
 De face negra e torva; e mais si o croa
 Neve e trovões e raios com que atroa.
 Que co'a frente no ceo, no mar os rastros
 Atrevido ameaça o pego e os astros.
 Se os delirios da van mythologia
 Na terra inda vagassem, dir-se-hia,
 Que era um desses Alóidas, gigante
 Que intentou escalar o ceo brilhante.
 Que das deozas do Olympo namorado
 Foi no mar por audaz precipitado.
 E as deozas por acinte la da altura
 Lhe enxovalham de neve a catadura.
 Do seio pois das nuvens, onde a fronte

Esconde, vendo o mar até o horizonte :
Mal que espereita surgir lenho inimigo,
Prompto aviza e previne-se o perigo.

Por uma e outra parte ao ceo subindo
Vão mil rochas e picos; que existindo
Desde o berço do mundo e d'então vendo
Os seculos renascer e irem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza,
Deozes parecem ser da natureza.
Ossos da grande mãe que ao ar sahiram
Na voz da criação: e mal que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fôrmas e extensões em que se acharam,
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros Tipheos petrificados.
Ao resto sobresahe co'a frente erguida
Dos Orgãos a montanha, abastecida
De grossas matas de sonoras fontes,
Que despenhando-se de alpestres montes,
Vem engrossar o lago da agua amara
Do gran Netherohy, do Ganahára.
Tal a fabula diz de Alfeo, que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio
Tê Ortygia, em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.

Então, Brasil, virá tua ventura :
O seculo d'ouro teu, tua cultura.
Pelas largas espadoas penduradas
Não te-verão mais setas aguçadas.
Nem de penas multicolôr textura
Teus braços cingirá, tua cinctura.
Debalde o caiman se pinte enorme
De roxo á suas plantas, qual o inforne
Do Ichneumon rival, que gera o frio
Em lodosos paúes septemfluo rio.
Correo-se o panno á scena: roçagante
Estellifero palio, auriflamante,
Desenho do primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço e adusto,
Sceptro na mão terás, e na cabeça
Corôa donde santa resplandeça
Com raios de rubis a cruz erguida;
A cruz que é tua crença recebida.
Os frutos de teus bosques, de teus prados,
Mais doces hão de ser: porque cantados
Dos Tityros serão na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fruta que unida
Nasce á casca da rama: a denegrida

Jaboticaba doce, que bem vinga
Nas frescas varzeas da Piratininga.

Vós também, ó alados, que em plumagens
Da filha de Thaumante sois imagens;
Vós sereis celebrados que gyrando,
Lindos jardins no ceo andais pintando.
O psitaco loquaz, gro-sas araras,
Os loiros canudês de plumas raras;
O trombudo tucano que no peito
A côr formosa traz daquelle geito,
Que Daphne ja trouxera nos cabellos,
Em crespos fios d'ouro rico e bellos:
A Irapouga nivea que nos montes
Arremeda em tinir sordidos brontes.
Os ceruleos sahys e também verdes,
Onde tu, esmeralda, o preço perdes.
Os rozeos colhereiros e os vermelhos
Guarás que pennas trajam sendo velhos
De escarlata, si bem que negros nascem.
Mas quando as saúas conxas do mar pascem,
Rubras côres recebem tam sobejas,
Que tu, rei dos jardins, ó cravo, invejas.
O raro carajoá, que gran thezouro
Tem na gorja de azul, de roxo, e d'ouro.
Que beatifica os goytacazes prados
De sons angelicos e de mil trinados,
E as tuas margens ama e as agoas liba,
O sereno e austrino Paraíba.
E o tyê que o murece escurece,
Com que a praia de Tyro se enobrece:
E outras muitas enfim, que são diversas
No canto e fôrmas pelo ar dispersas.

Tambem colonias mil serão fundadas
De praças e lugares: affamadas
Por nobresa e commercio; de maneira
Que qualquer julgará ser a primeira.
Da latitude austral no gráu trezeno,
N'um rico e fertilissimo terreno,
A primeira cidade o navegante
Saudará do mar, ninho importante:
Que no cume de um monte se sublima.
Qual o da aguia que alturas tanto estima.
Mãe de nobres colonias, que algum dia
Serás, ó Soteropole Bahia;
É da qui que tu, inelyto Janeiro,
Tomas o berço e o fundador primeiro.

Assim matrona illustre, grave e amosa
Vê, prolifica em fructos gloriosa,
Cem filhos dos seus filhos despoçados,
Egalhos de um só tronco derivados.

Assim arvore exotica estimavel,
Que restou singular, inexgotavel
De si reparte garfos a milhares
Para mil hortas, para mil pomares.
Do porto seu baixéis empavezados
Irão cortando mares empolados.
O paiz demandar fronteiro a este,
Por onde corre o Zaire, sopra o leste.
Conservando no seio em seu proveito
O ouro das nações, como tem feito
Antes de se abraçar, Tyro, e Carthago:
Esta em ausonio, aquella em grego estrago.

Subindo um pouco mais, verao Olinda
Surgir das ondas marcial e linda:
Cujos tropheos soberbos escurecem
Os tropheos, com que as dunas se ennobrecem.
Em vão o leão fero das Asturias
Castigar jure belgicas injurias.
Inutil tentativa! vão reforço
Só Olinda arrostar pôde a tanto eslorço.
Ao resto do paiz, como engrenhadas
Mattas tiver, cidades isoladas,
(Prosegue o archanjo) e Amphitrite em meio,
Todo o ardil será vão, todo o bloqueio.
Se algum porto ou lugar for esbulhado,
Não será pelas hostes conservado.
Que tendo além dos mares a esperança,
Não sollre o instante mal menor tardança.

Mais a cima a cidade se descobre
Em lares não humilde, em copia nobre
Do arminho vegetal, da casca ardente,
Com que tu, Maranhão, és excellente.
Colonia que o Gaulez sagaz fundara,
E dos Brasís corrido não gozara.
Quando do Ebo seguia a infausta estrella
A princeza do Tejo, Lízia bella.
Viuva de legítimos senhores
No jugo e nos grilhões de usurpadores.

Mais la por onde a noite iguala o dia,
Linha equinocial na hydrographia,
Por ultimo a cidade nobre impera,
Com o nome, onde o Verbo á luz viera.
Bem sobre a foz de um rio que no mundo
E capitão das agoas sem segundo.
O Tejo que ja perolas da aurora
E hyaspicos mares houve outr'ora:
O Tybre que nos gyros que rodêa,

* Bellem cidade capital do Pará.

Tropheos volvia como agora arêa,
O Rheno, cujas margens se gloriam
Do roxo nectar que fecundas criam;
À vista do Amazonas, representam.
Quaes ramos sobre os troncos que os sustentam.
O' nautas, que contaes couzas tammanhas,
Vendo extranhos paizes, novas manhas,
Dizei ao morador do velho mundo
Que n'outro um rio vistes tam profundo,
Que no seu vasto seio uma ilha aponta
Que tres vezes cincoenta milhas conta.

Paiz quasi ao desdem até que um dia
Lhe imprima dextra mão nobre energia.
Analogo rival, quadro imitante
Do cheiroso terreno do abundante,
Que o Indo rega, morador da aurora,
E o Ganges, cuja fonte em Eden mora.
Aqui as plantações tam lindas crescem
Do extremo Chím, que indigenas parecem.
A estomacal raiz, acre e pungente;
A negra pipereira, o cravo ardente;
O muscado adoriferante fructo,
De que as aves recebem gran tributo.
E aquelle, cuja amendoa cria a massa
Da botagem balsamica, que passa
Em dilicias o nectar delicado,
Dos immortaes nas mezas só brindado.
A camphora, antivermis precioso,
O aloes, o sandalo cheiroso;
E a salutar cortiça da canella,
Com que tu, Taprobana, és rica e bella.
Bem poderiam pois ser transplantadas
Estas substancias todas, trasladadas
Aqui vantagens taes e deste geito
Mais prolifico o Brasil, de mais respeito.
Quem ousára affrontar golphos tam altos,
Expondo o peito a tantos sobresaltos?
Quem ver quizer a horrenda catadura
Do gigante, ao presente rocha dura;
Tendo aqui lastro prompto, fresco e certo,
Por mar mais social, rumo mais perto?

Voltando ao Austro, os bosques senhorea
A illustre povoação de Paulicea;
Aprazivel lugar, cuja campanha
O Tamandahy cercando banha.
Cujos alumnos fortes e briozos,
Rios transpondo, montes escabrosos,
Atropos insultando e os seus perigos
Sem rotina segura, sem abrigos,
De Pantheras e serpes assaltados,

E do indigena bruto; emfim cançadas
 Darão com as terras pingues e abundantes
 Das veias d'ouro ricas e diamantes.
 Aquelles que forrando o peito duro
 De triplicado bronze, o mar escuro
 De Helle na aventureira faia arando
 Voltam de Colchos ledos, transportando
 D'ouro a lan, não disputem as conquistas,
 Que hão de tentar os inclutos paulistas,

Contigua a esta terra a terra pega
 Do metal que a fortuna a muitos nega.
 Tudo quanto de Ophir se tem fallado.
 E de riquezas d'ouro exagerado;
 Em grau aqui se encontra tam sobejo,
 Que pode terminar qualquer desejo.
 Nunca tammanhas, tam exuberantes
 Copias de metaes finos e diamantes
 Em cofres eclipsaram chapeados
 Da riqueza os heroes, nem celebrados
 Senhores foram ja de tanto preço,
 Atalo em Pergamo, e no Lydia Cresso,
 E se nada exagero ou dissimulo,
 Em vão se aggrave contra mim Luculo.

Descendo á costa um pouco ao meio dia
 A ilha Linda se verá que um dia
 Nomeada será florente, e culta
 Da illustre martyr, que o Sinai sepulta.
 Por quem a antiga Grecia se esquecera
 De Chipre, Chio, Samos e Cithera.
 Emfim nas margens de um soberbo rio,
 Quasi termino austral do senhorio
 Luzo; em gentis e deleitosos prados
 Dos dons da flava Ceres lourejados;
 Ficará Port'alegre, cujo nome
 Natura deo-lhe, que ninguem lho tome
 E tu, incluta villa da Victoria,
 Que ja em teu nome ostentas tua gloria,
 Não penses que de ti se esquece a musa,
 Que o merito exaltar jamais recusa.
 Tu ergueste soberba os teus pavezes
 Contra o belga e o Tamoio muitas vezes.
 Tu abundas de aromas e rezinas,
 E, o que é louvor, de mentes peregrinas,
 Mas se alguém contradicta quanto allego
 Venham vingar-te as musas do Mondego.

A bella estatua, que com bello arranjo
 Sobre aureos serafins prosegue o archanjo)
 É levada entre a turma, que abrazada
 De amor, laudes lhe rende em voz alçada;
 Já mostra que será da vencedora

Do Erébo a cidade gran cultura.
 E é por esta razão e é neste intento,
 Que mereceo aqui distincto assento.
 Ella fará subir á elara esphera
 Em seu nome tropheos, onde a arte impera.
 Soarão pelos lares e nas ruas
 Hymnos mil e canções em glorias suas.

Não vedes acolá como apartada
 Colina, ora de silvas erriçada,
 Ninho de serpes, placida guarida
 De feras? Será então no cume erguida
 Casa á Virgem, mediocre na altura,
 Mas no risco primor da architectura.
 Que ostentará por timbre de memoria,
 O titulo pomposo desta gloria.
 Tropheo que inda será da piedade
 Do trato mercantil desta cidade,
 Celebrarão a volta deste dia
 Nella os povos com fogos do alegria.
 Por marmoreas escadas a subida
 Conduz ao alto e ao portico da ermida.
 Sobre lagedos de granito em quadro
 Descança a base, que alli tem um adro.
 Dos lados peitoris descanzo e meio
 Dos olhos pastearem seu recreio.
 Situação risonha, sobranceira
 Ao mar, entre a vaidosa cordilheira
 De rochas e de serras mil esguidas,
 De palmas e arvoredos abastecidas,

Oh que novo fulgor! Oh que serena
 Luz inunda e abrilhanta a rica scena!
 De piedade inuzitado exemplo
 Eu vejo, eu vejo neste augusto templo,
 Este dia, Brasil, com typos d'ouro
 Transmittão teus annaes até o vindouro.
 Marcha a pompa dos nobres e senhores,
 Brilha o ouro e o ostro e os seus primores.
 Entre todos levanta o magestoso
 Collo o principe, qual ergue frandoso
 Plátano a verdejante copa ingente
 Sobre a vergontea debil. Eis que contente
 Vem ao templo offertar com fé que espanta,
 A nova imperatriz dos ceos a planta
 Bragantina. Dicando agradecido
 A quella, por quem tinha recebido.
 Arde a Panchaia, sobe o odor aos ares,
 Descança a linda offerta nos altares.
 Entre as grimpas da torre ao ceo erguidas
 Festejam bronzeas bocas retangidas.
 A varia cor purpurea das bandeiras

Nutre os olhos, dá vistas mil fagueiras.
 Ribomba pelo espaço do oceano
 Em crebras explosões rouco vulcano.
 Sobem votos de amor ao ceo propicio
 Porque ria de cima ao natalicio.
 Clama o povo, e no longe os arredores
 Vão repetindo os echos dos clamores.
 Emfim tudo é festivo, e prazenteiro
 Nas venturosas ribas do Janeiro.
 Aqui nautas virão cumprir o voto,
 Trazendo em hombros o velacho roto:
 Co'a roupa mal enxuta, inda assustados
 Dos euros e escarceos encapellados.
 Virão tambem Romipetas, trazidos
 Da devoção, de offertas opprimidos
 Assim que por tal fé, tão extremada,
 Bem podéra esta praça ser chamada
 A cidade da Virgem: bem como ella
 É cidade de Deos risonha e bella.
 E tu, fausto lugar, que inda algum dia
 Nobre assento serás da monarchia;
 Tu que ja foras inclyto e florente
 Nas artes, na riqueza e illustre gente;
 Escuta agora os dons esclarecidos,
 Que a ti do ceo estão apercebidos.

Verás soberbas filhas do oceano,
 Prenhes de rico peso, que cada anno
 Feudos te pagarão das ricas téas
 Das plagas orientaes, das Europeas.
 Verás do reino physico aclarados
 Seus segredos, té'li não revelados,
 Madeiros de fabrico primorosos,
 Cascas de tintas, oleos preciosos,
 Tantas rezinas, massas e perfumes
 Que ora desprezam barbaros costumes.
 E outras mil raridades descobertas,
 Reduzidas á classe e a regras certas.
 Thesouros a meu ver mais importantes,
 Do que teu ouro, do que teus diamantes.

Verás brilhar as artes, florecendo
 Novos inventos, machinas nascendo:
 O premio honrando do talento o zelo,
 E este o premio a honrar com merecel-o.
 Respeitado o cinzel dos Praxitelles,
 Com letras de nobresa a arte de Apelles.
 Verás das santas leis ao doce abrigo
 Da donzella o thezouro sem perigo.
 A orfãa lacrymosa consolada,
 A viuva de insultos resguardada.
 Do avido tutor o desvalido,

innocente pupillo protegido.
 Verás, verás então com grande lustre,
 Renascer do teu seio prole illustre;
 Nova raça de heroes, bravos guerreiros,
 Dos heroes da nação filhos e herdeiros,
 Rivaes dos Magalhães, rivaes dos Gamas,
 Que farão renascer as luzas famas,
 Que farão respeitar a patria cara,
 Tornando-a por seus feitos grande e clara;
 Levando, a ser preciso, o logo e a guerra
 A' ilha mais longiqua, aos fins da terra.
 Verás de santo culto a lei sagrada
 No ultimo esplendor depositada.
 Ao ceo subir sagrado, puro incenso,
 Por mãos mais puras dado ao Deos immenso,
 O santo sacerdocio irreprehensivel,
 O templo venerando, o altar terrivel.
 Que todos estes bens emfim se esperam
 Quando as virtudes n'um lugar imperam.
 Verás...mas ah não quer o ceo que a humanos
 Eu revele inda mais os seus arcanos!
 Porem si tudo que na claridade
 Divina eu posso ver, é so verdade;
 Si os destinos e seculos futuros
 Não me podem faltar por longe e escuros;
 Tu, cidade, (dizei por derradeiro)
 Tu has de ser o Rio de Janeiro.

Assim os dous se estavam recreando
 Com o nuncio do ceo sereno, quando
 A Virgem mãe desperta, e a equipagem
 Dos anjos se dispõe para a viagem.
 Mas o vate de Thesbe impaciente
 Mostrou inda uma vez o estro ardente:
 Em fogo o peito e os olhos, meneando
 A cabeça tres vezes; como quando
 Vaticinava a impia Samaria,
 A' pompa, que se vai, assim dizia:
 « Abri-vos, ó São; portas eternas,
 Salas das alegrias sempiternas,
 Abri-vos: dai lugar, rompa-se a entrada
 A' princeza, por vós tão suspirada.
 É tempo, é tempo já que o ceo vingado
 Seja na sua herança; e espoliado
 O mundo no seu roubo: ó pompa! ó filha
 Do empenho angelical! Ah! não, não brilha
 O apparato assim dos vencedores,
 Que a frente orlando o louro, entram senhores
 Nas capitaes, sem se lembrar, entrados,
 Que os louros molham olhos lacrymados.
 E tu, filha do Eterno, obra primeira

Do Archetypo exemplar ; tu estrangeira
Sempre na terra , fuge do desterro :
Foge o mundo , de tigres gruta e serro :
Apressa-te em fugir , desaparece ;
Não é digno de ti , não te merece.
Não beberás jamais succos amargos ,
Que elle te fez beber a sorvos largos.
Conheça esse malvado , esse perverso
Quem és no ceo , na terra , no universo.
Sóbe com pompa , ó radiante aurora ,
Ergue a cabeça , mostra-te senhora.
Orna-te dos listões d'ouro fulgentes
De mil virtudes , de mil dons ingentes.
Sacode o negro pó do abatimento,
Quebra os grilhões do antigo soffrimento ;
Enxuga as rubras faces , veda o pranto ,
Amanheça em teu rosto prazer santo
Torne outra vez a calma , torne o rizo
A teus labios , paineis do paraizo.
Eis o dia feliz , ó mulher forte ,
Dos mimos receberes do consorte.
Hoje entregou-te do segredo a chave
De suas graças , teu poder suave.

Como um astro novel , teu nome agora
Vai brilhar desde o occaso até a aurora.
Não verge o pólo em tão remoto canto ,
Que ouse desconhecer teu culto santo.
O morador do Syrio , o do Carneiro ,
Os que vêm ou por ultimo ou primeiro
Nascer o sol do mar , n'elle immergir-se
E aquelles , que se folgam de tingir-se
Nas ondas do Phison , que enchendo banha
Da Thebas de cem portas a campanha ;
Os da Scythia , e tambem da Libia quente ,
E os que habitam as filhas do tridente ;
Todos celebraram tua memoria ,
Teus combates , teu nome , tua gloria.
Vós mesmos , vós talvez desconhecidos
Do soldado feroz , cujos ouvidos
Inermes inda não foram troados
De aguias bifrontes , carretões falcados ;
Vós cobrireis , ó povos , suas aras
De ricos dons , de victimas preclaras.
Emfim. prínceza , emquanto vão passando
As raças florescendo ou já murchando
Emquanto o grão pharol , luz do universo
No oeste esquife achar , no leste berço ;
Emquanto os rios para o mar correrem ,
O tributo a pagar-lhe ; emquanto houver em
No ceo estrellas , na campina flores :

Vivirão sobre a terra teus louvores.

Mostra-te pois ao ceo , ao orbe inteiro ,
Que és a esposa de um Deos , mãe do cordeiro.
O' bemaventurança ! ó gloria ! ó sorte !
Eu vejo o ceo revoltado ... eu vejo a côrte
Dos anjos toda em gala eu vejo a Trina
Magestade Suprema , que se inclina.
Para te dar o premio : ah premio incrível !
Premio da mão de um Deos , fiel , sensível.
Entretanto serena vai passando
Os assentos do Empyreo ; atrás deixando
Os choros purpurados dos valentes
Martyres , e das virgens innocentes.
Deixa as cadeiras dos leaes monarchas
Deixa os apostolos , deixa os patriarchas.
Passa os prophetas , passa as jerarquias ,
Distinctas pelas nove companhias ,
Elevando no teo pomposo carro
Do lacrymoso Adão o feliz barro ;
No mais alto lugar do firmamento ,
Vizinho quasi a Deos , da-lhe o assento.

CANTO SETIMO.

ARGUMENTO.

Torna o inferno a urdir novo dolo para desviar o sancto triumpho. Descobre-se o artificio , trava-se horriavel combate entre os anjos , e os ministros infernaes. Foram estes precipitados em varias partes do globo. Falla da Sancta Virgem. Reflexões dos anjos sobre os effeitos da soberba.

Outras palavras taes o grão vidente ,
Ferteis de predicções em estro ardente ,
Vociferava ; e os echos repetiam ,
Que já pela distancia mal se ouviam.
Trilhava a turba angelical a estrada
Do mais longiquo ceo ; a suspirada
Meta quasi a tocar , e eis no profundo
Outra vez brame e espuma o drago immundo.
Descontente do antigo dolo urdido ,
Que tão mal lhe sortio , e já esquecido
Da pena atroz , dos horridos tormentos ,
Que solfrêra , inda vem com vãos enventos
Tramar novos embustes , atro ingano
A' pompa virginal , tenta o tyranno
Na capa da virtude , nova farça ,
Se acaso é mais feliz : n'ella disfarça

Seus ministros de trevas, e escolhia
Sua amiga liél, a hypocrisia.
Era todo o seu plano e negro intento,
Desviar o celeste ajuntamento
Para plagas occultas e remotas,
Ao ceo impervias e da terra ignotas.
Pois não podia (com pezar interno)
Arrastal-os jámais para o inferno.

Ha no rabido chaos, na mais interna
Escuridão do abysmo, uma caverna
Vastissima; lugar espavorido,
Sempre da clara luz aborrecido.
Ar exala de si tão pestilento,
Que um vivo mataria n'um momento.
Ali aves lucifugas revoam,
Que de guinchos agudos tudo atroam.
Ali passeia de continuo um vulto,
Cujo semblante as trevas tem occulto,
Macilento, mui longo, deslocado,
Não se sabe se é a morte ou se o peccado;
De sombras vâas seguido, e de figuras
De feio ver, de horrendas cataduras:
Que apenas por um falso e mago lume,
Que mal fere das trevas o negrume,
Se deixam ver, como o lugar, tristonhas,
Sempre a contrafazer fôrmas medonhas.

N'este retiro habita o egoismo,
Monstro o mais execravel que ha no abysmo,
Em alvergue mais commodo e aceado,
Fertil de proviões, de luz banhado.
É grosso, pouco vê, não tem ouvidos
Por não ver prantos, nem ouvir gemidos.
O ventre volumoso, os braços curtos,
Mas longos e subltis para seus furtos.
Menos enorme pinta o mantuano
O sordido barqueiro do sumano.
A seu lado se via o seu recreio,
Mocho nogento de pennugem feio.
So para este animal é accessivel,
A pluma a lhe affagar meigo e risivel.
Em tudo mais o monstro inexoravel
É carrancudo. Sempre insaciavel
So cuida enriquecer; e em tal cuidado
Tem quasi todo o averno expoliado.
Reter o alheio em paz é seu socego,
É todo seu prazer, seu doce emprego.
Não ha neste ferrenho negro peito
Briosas sênsações de honra, ou direito.
Jamaís ouviu a voz da humanidade,
Nem sabe, o que é prestar, nem amisade.
Em seu conceito patriabrio e gloria

É químera, ou das fadas vã historia,
Que as aias contam aos pequenos, quando
Estam indoceis e sem dôr chorando.
Como quer que em regalos, e tranquillo
Passe a vida, abastado em seu asylo,
E nem turbem-lhe o somno e nem a porta;
Que esteja, ou cáhia o inferno, pouco importa.
Duas ordens de sombras volteando
Em torno estam do monstro sempre. Um bando
Que é por certo o mais triste e mais avulta,
Que a rapina lhe exproba e audaz o insulta,
É desses malfadados desvalidos,
Cujos bens usurpára; e que retidos
Os pedem, mas em vão; pois quem reune
Grãa somma de dinheiro, é sempre impune.
Dos clientes é o outro que ali ferve:
A que o bruto promette e nunca serve:
Que se nutrem de esperas largos annos,
Nunca avisados pelos desenganos;
E no longo esperar e na tardança
Perdem o tempo, mas nunca a esperança.
De continuo a mão traz delgada eana,
Com que afugenta a debil chusma insana
Das sombras importunas que o rodeiam,
E seus insultos avidos lhe afeiam.
Taes, assim que as estróphades chegavam,
Do Teucro os companheiros afastavam
C'os ferros nus as sordidas Harpias,
Que vieram manchar-lhe as iguarias.
Não sei porque segredo do destino
O antro deste aborto tão maligno
As fargas do cocyto esconde e encerra
Com que a gente do mundo o orco aterra.
Talvez seja este o prestimo no abysmo
Unico que exercita o egoismo;
Ou talvez porque assim se céva e nutre
A rapina e a avaresa deste abutre.
Nesta caverna entrava a hypocrisia
Para a trama ultimar que astuta urdia.
Aqui pois mil vestidos ha medonhos,
Que trajam os do averno, quando em sonhos
Se mostram aos viventes, ou se inventam
A sacrilega magia, ou quando tentam
Turbar com falsa luz, panicos sustos,
No fervor da oração os homens justos.
Pendentes ali estam discos e céslas,
Malhas, elmos, belligeros aprestos,
Para quando algum monstro toma o inteiro
Fantasma de um athleta, ou de um guerreiro
Qual vestido, que imita o vulto ingente,

Que o velho Antheo tivera; e juntamente
 O teu, monstro, que a Alcides já roubáras
 Os animaes que em Memphis tinham aras.
 Qual pinta as tres irmãs que se disiam
 Gorgonas, e de um olho se serviam.
 Qual o Jano bifronte, qual a Sfinge,
 Qual Proteo que mil fôrmas larga ou finge
 E as celenos de grifos espantosas
 Aos festins tão nojentas: quaes musgosas
 Do mar equoreas fôrmas, até o meio
 Mulher, e o mais de escamas peixe feio,
 Como são Acheloidas sereas,
 Que as salsas ondas cortam eritreas.

Dentro deste covil um outro havia
 Sem melhorar em uso; alli se via
 Rico deposito de preciosos
 Ornatos, no lavor mui primorosos,
 Varias larvas e varias joias ricas
 De mulheres formosas e impudicas,
 Que vestem os do Tartaro; se a empreza
 É teus lyrios murchar, santa pureza.
 Ou quando com taes vestes e matizes,
 Affectam ser celicolas felizes.

Quanto Asia tem de afeminado luxo,
 Que ao molle Sibarita forte influxo
 Já causára, e tambem em nossa idade,
 Irrita, e encanta a mulheril vaidade;
 Quanto inventa das artes a destresa,
 Ou por ornar a natural belleza,
 Ou já por garantil-a dos defeitos,
 A que o crime de um pai nos fez sujeitos,
 Tudo alli se apromptava e se trazia
 Para o enredo fatal da hypocrisia.
 Ricas arcaes despejam-se peçadas
 De anneis, brincos, pulseiras, arrecadas!
 Enfiaduras de aljofar, chamejantes
 Gargantilhas de perlas, ou diamantes.

Aqui pois os ignicolas tomavam
 As farças que a seu geito mais quadravam.
 Já aos cerastes crueis e outras serpentes,
 Que em tranças se lhes nastram pelas frentes,
 Vão succedendo circulos de rosas,
 Ou grinaldas de pedras preciosas.
 Uns os cintos apertam com dourados
 Fraldões de rica tela; outros malvados
 Abrocham refulgentes braceletes.
 Estes no peito provam os coletes,
 Em cujo campo as flores que esmaltavam
 Ricos fios de aljofar enlaçavam.
 Uns dourados cothurnos vão calçando

De rica filagrana; outros atando
 Estam ao colo fulgido adereço,
 Onde a arte a materia vence em preço.
 Aquelle pulverisa a crespa coma
 De popolina d'ouro: est'outro toma
 Nos hombros rubro manto de veludo,
 Brincando perolas e ouro em tudo.
 Alguns se impunham toucas elegantes
 Da transparente garça, mui brilhantes
 Pela rica espeguilha d'ouro fino,
 Que ali traçara risco peregrino.
 Nem falta em cima a pluma tremulante,
 Ultimo gosto, moda dominante.
 Não deitaram no rosto a cor mimosa
 Que imitaça cor da pudibunda rosa:
 Nem outros enfeitinhos ou levezas,
 Que tanto prezão femenis bellezas.
 Por temerem, que taes desenvolturas
 Trahissem seus enredos. Nas larguras
 Das espadas adumbram aureas pennas,
 Que o vasto azul do ceo varrem serenas.
 Qual avido colono que da herdade
 Vem tratar seus litigios á cidade,
 E os passos para o artista dirigindo,
 O traje idoneo á cõrte está vestindo:

Ora prova este ornato, ora exprimenta
 Se tal, ou tal vestido bem lhe assenta;
 Assim a negra Sthyge florescia
 Nas cavernas da infame rouparia
 Já muitos vão tomando das delgadas
 Hasteas d'ouro, no extremo sublimadas
 As memorias da Virgem, arranjando
 Ala dupla vistosa; concertando
 Com passo grave a marcha, e desta sorte
 Vai encontrar-se a infernal cohorte.
 Vinham primeiro os mais ennobrecidos,
 Das gerarchias posthumas seguidos.
 Os que gozaram mór celebridade
 Nas aras vãs da vã gentilidade.
 Os deozes que em Sidonia, Tyro e Egypto
 Templos houveram já, cultos e rito.
 O que por deoza Cypria recebera
 Incenso em Guido, Paphos e Cithera.
 Onde, o culto insultando a Divindade,
 Eram as oblações impuridade.
 Aquelle que com titulo de Astarte
 Arasteve na Syria: grande parte
 Dos idolos de Amon, dos Moabitás,
 Fataes tropeços dos Israelitas.
 Não deixou tambem vir e com justiça

O monstro que inspirara a Pythonissa.
Os que gesticularam fórmulas fêas
Nas Sybillas de Cumas e Eritreas.
E os que de sanha encheram as Bacchantes,
O Druida, Gaulez, os Coribantes
Que com tições accezos e atra orgia,
Os povos inquietavam noite e dia;
E toda a Ilha Gnossia, e a selva Idea
Deste rito immoral festa tão fêa;
Tambem vieste ali rico e affeitado,
Cruel Moloch, que lá no detestado
Valle de Henon co' as bronzeas mãos ardentes
Reduzias a cinza inda viventes
Victimas tenras, cujo enternecido
Lamento de estridor não era ouvido.
Emfim mil outros vi não disfarçados,
Em cargos, e nobreza abalisados:
Que como era de empenho a tal empreza
Erro fora não vir toda a grandeza.

Ao som acompassado dos accordes
Mil instrumentos musicos, concordes
Vão entoando em prosa solta, ou verso
Encomios á Princeza do Universo.
« Quanto ostentou da lei a prisca idade
(Um monstro já cantava) em santidade
« No sexo feminino, Sara e Anna,
« Judith e Esther, Abigail, Suzana,
« Foram preconios já de ti, Senhora,
« Saudosas madrugadas dessa aurora,
« Tu foste o lenho guardador do humano,
« Quando esfaimada a boca do oceano
« Toda a terra engolio, sanha divina,
« Que attrahio a peçonha serpentina.
« Tu foste o monte santo assignalado
« Monte pingue de um Deus, monte coalhado,
« No qual, bem como em thalamo florido
« Mezes nove eclipsou-se submergido.
« Tu foste essa vergontea generosa,
« Que a flor abrolha de Jesse mimosa.
« Mas porque fatigar meu peito rudo?
« Tu foste a Mãe de um Deus! Tu foste tudo. »
« Salve, germe feliz (outro doloso
Acrescenta) por vir de um venenoso
« Tronco velho fatal, em que a riqueza
« Da graça prevenio a natureza.
« Pomba nivea sem mancha, que a virente
« Oliva da paz trouxe á mortal gente
« No diluvio do crime, que primeiro
« Que o das agoas crestára o globo inteiro.
« Salve, lyrio risonho entre os espinhos

« Sempre igual, sempre santo em teus cami-
« Ouro sem liga, vara sem tortura nhos;
« Lua sem phases, nova creatura,
« Canal da salvação, porta da vida
« Da triste humana raça já perdida.
« Salve, gemma do empyreo (outro insolente
Continuava), dom do omnipotente,
« Maravilha fatal, que inda adumbrada
« Era ao chãos já terrível o teu nada.
« Esmagando a cabeça da serpente
« Escabrosa teu pé não existente.
« Nunca a morte de um Deos fora baldada,
« Sendo só tu da nodosa preservada. »
Bem contra seu querer isto diziam.
Porem melhor dest'arte se encobriam.

Assim obsequios placidos e amigos
Recolhe dos seus feroz inimigos,
E das sulphureas fauces da mentira
Triumphante verdade a Virgem tira.
Fingia ser o hypocrita cortejo
Lá do empyreo estellifero ao festejo
Dizendo vir por ordem veneranda
D'aquelle alto poder, que ao Orco manda.
Não deram logo os celites na teia,
Que quem o mal não faz, não o receia.
Antes reciprocavam á porfia,
Hymnos de gloria, cantos de alegria.
E com os novos chóros exultavam,
Pois alheios do ardil jamais cuidavam
Que o inimigo fatal da santidade
Uma vez a trajasse por maldade.
Viram com tudo, que nenhum trazia
O Thau da redempção, nem proferia
Aquelle nome augusto, a cuja alteza
Curva o joelho e acata a redondeza.
Isto fez novidade e fez reparo
No claro habitador do Olympo claro.

Em tal desconfiança finalmente
O sagaz Gabriel vio claramente
Que emergiam das furias mascaradas
De quando em quando bagas abrasadas.
« Alerta, bradou logo, alerta amigos
« Contra os traidores, contra os inimigos.
« Ah! coragem e esforço, que atacados
« Somos de mil tartareos condemnados.
« Não são lumes do empyreo, não desceram
« Dos outeiros eternos, nem vieram
« Gozar connosco de prazer tam puro.
« São vampiros do Estix, é o flami-escuro
« Chãos que torna com leuco atrevimento

« A vir paralisar dos ceos o intento ;
 « E' piedosa actriz , a hypocrisia
 « Que na capa se embuça meiga e pia
 « Por melhor pôr em praxe e exercicio ,
 « Da tartarea vingança o artificio. »
 Não acabava , quando de improviso
 Mud a-se a farça , desaparece o riso :
 Não faz mais um mysterio o negro enxame
 De seu ardil , de seu projecto infame.
 Taes como são se mostram : braseados ,
 E em turbilhões de fumo ennovellados.
 Sem ninguem presentir , em um momento
 Transmuta-se o falsifico ornamento
 Em lanças , capacetes , ferreas maças ,
 Espadas , arcos , frechas e couraças.
 Tal nos nossos theatros de repente,
 Erguida a aulêa a scena é diferente.

« Até quando , ó dragões , a sorte acerba
 (O Archânjo lhes bradou) da vã soberba
 « Vos impedirá ver com razão pura
 « O grão , em que jazeis da desventura !
 « Que lucros tirar pôde , que partido
 « Contra seu Deos , o ente enfraquecido !
 « Que tentar ousa o nada realizado
 « Contra o pulso de um braço illimitado ?
 « Desde o instante fatal , em que perjuros
 « Vos vistes e proscriptos dos ceos puros ,
 « Descaidos da graça , e da belleza
 « Natal , ja conseguistes uma empreza ?
 « Acaso a contumacia extravagante ,
 « Que vos caracteriza , um só instante
 « Vos salvou do naufragio miserando ,
 « Que de continuo estaes experimentando ?
 « Ou emlim fazeis flor , fazeis jactancia
 « De vosso opprobrio e dor , vossa ignorancia ?
 « Oh cegueira fatal ! oh sorte dura !
 « Fazer das trevas luz , do mal ventura ! »

« Refrea a lingua audaz , ó raça ignava
 « Do atroz Emphyreo (um monstro lhe tornava
 Por nome Bel , que teve antigamente
 Incenso e altar na Babilonia gente)
 « Calai-vos , que vós fostes só creados
 « Para arrastar grilhões. Ah malfadados !
 « Nós outros somos livres , nosso peito
 « É indocil ao jugo , temos feito
 « Igreja e reino a parte , não queremos
 « Que estranho leis nos dê , nem entendemos.
 « Somos reis e senhores , temos culto
 « Sem soffrer , como vós , eterno insulto. »
 « Oh ! Igreja . . . (o celeste respondia

Com sardonico riso) Oh! monarchia. . .
 « Oh! liberdade. . . Sim tendes altares
 « Não soffreis damno algum , nenhuns pezares ;
 « Nós vemos , oh ! Nós vemos , quando accessos
 « Nadais sobre um sulphureo estagno ; presos
 « Sem recurso e opprimidos pelo austero
 « Braço de um Deos que é vingador severo.
 « Ouvi , trevas do abysmo e sua escoria ,
 « É a nosso humildade nossa gloria ;
 « Nós tributamos doce rendimento
 « A'quelle , a quem se humilha o firmamento.
 « Se o amor lhe prestamos , se o cortejo ,
 « Não nos resta a dever um só desejo.
 « E servir a quem honra em tanto extremo
 « O servo não é servo , é rei supremo.
 « Mas isto vós sabeis , ó infames ,
 « Ao principio eram estes os dictames
 « Vossos ; e se o negaes , fazeis se veja
 « Quanto em vós o rancor , ou pôde a inveja. »

Não acabava e ja pavor é tudo :
 Se um mortal visse gelaria mudo.
 Negreja o vasto ceo , tremidos riscos
 Traçam na esphera rubidos coriscos :
 Crebros ribombos dos fuis atroam ,
 E os echos reiterados desentoam ,
 Nunca trovões tam feros remugiram
 Do polo , quando as aguas submergiram
 A terra no seu seio , os altos montes ,
 Os palacios dos reis e as claras fontes.
 Nem quando os salsos monstros e os peixinhos
 Viram das aves naufragas os ninhos.
 Rugia um borborinho ao longe vago
 Dos Euros , que luetavam com estrago ;
 E querer pareciam do eixo eterno
 Sacar a terra , o mar , o mesmo inferno.
 A tamanho tumulto , a tal bravura
 Descóra o chãos , erriça-se a natura.

Voam serpes de fogo , espectros feios
 No ar exercem bellicos torneios.
 Não de outra sorte la na idade antiga
 Os Asmoneos sentiram crua briga
 No ar tinir , de escudos e de malhas
 Feros encontros , fervidas batalhas.
 Emfim investem-se de parte a parte
 Com estranho rancor , não visto Marte
 Bate o ferro no ferro sem tardança ,
 No broquel o broquel , na lança a lança ,
 Na malha a malha com fatal ruido
 Medonho , estrepitoso , nunca ouvido.
 Eo choque era tão rude e furibundo ,
 Qm e julgareis desloear - se ao mundo

Nunca o tufão do Oeste pregoeiro
Da turbida procella, tal nevoeiro
De ramos e de folhas arrebatada
Com ellas a juncar o ar e a mata;
Como os golpes que os Anjos descarregam
Sobre as fúrias, que em mal já mais socegam

No meio deste horror, que o execrando
Orco palido excita um drago infando,
Que lá no abysmo ignipotente impera;
Lusbel por nome, nome que trouxera
Antes de ser das nuvens fulminado,
Sahindo a campo, eis que exbraveja ousado:
E com voz de trovão, que a esphera espanta,
Taes blasfemias vomita da garganta;
« Se dessa turba laxa, vil, malquista,
« Por onde com horror estendo a vista,
« Ousa alguém arrostar-me e não receia
« Comigo se medir, venha té a areia:
« Venha que o espero: e já de agora juro,
« Que a coragem decida do futuro.
« Mas que digo? Ousa alguém fazer-me frente?
« A mim? Conquistador Omnipotente?
« Amim? pue cultos tenho, tenho altares
« Fumando o incenso? A mim? a quem milha-
« Se prostam lá no Estix, que nada temo, (res
« Que sou Nume do cháos, um Deus supremo?

Os incolas do ceo com taes sarchasmos
Estremeceram, e ficaram pasmos
Quando ouviram um Deus fora d'quelle
Do orbe author e quanto existe nelle.
Tal no valle se lê do Therebinto
Que um Philistheo membrudo, armado o cinto
De bronzeas malhas contra o ceo bradava:
Mas a furia brutal que blasfemava
Do Jeovah, acabou no debil braço
De hum inerte pastor sem peito d'aço.

Recusaram os anjos o duello
Por faltar igualdade. Mas o zelo,
Que a Michael inflama, não podendo
Mais moderar-se, que lhe está fervendo.
Fê-o pular e o collo da altiveza
Espezinha sanhudo. Tal presteza
Mostra aôr se de um vôo em terra tomba,
E entre as garras empolga a incauta pomba.
O monstro suffocado, inutilmente
Revolve o resto do volume ingente
Tal a cobra no collo se é calcada,
A cauda enrola e desenrola irada.
Rabido arqueja, tumido assovia,
E em vão contra o celeste o dente alia.
Não podendo escapar, com mil atrozes

Ardis passa a inventar methamorphoses
Agora em fogo, agora em agoa fria
Agora em lodo vil se convertia.
Umás vezes o corpo dividindo
Em particulas mil, está fingindo
O mineral voluvel prateado,
No solo derretido, ou boleado.
Outras em pó, fumaças e graniso
Volvia-se o maldito d'improviso:
Mas o celeste campião com peso
Debaixo de seus pés sustinha-o preso.

« Insolente, lhe diz, porque te alçaste
« Contra o Senhor e resistir-lhe ousaste!
« Vaso de orgulho, se do artista houverdes
« Tudo o que tens, e delle recebeste
« O ser, porque entumeces atrevido,
« Como se nada houveras recebido?
« Quem como Deos, quesopra, e n'um momen-
« Se apaga o sol, se enluta o firmamento, (to
« E volta o antigo cháos? Quem como Deus?
« Que espreita o Orco, que previne os teus
« Embustes, e projectos sempre impuros,
« Sejam presentes, sejam so futuros?
« Quem como Deos? que aos olhos escondido,
« Não visto em tudo, em tudo é conhecido?»
Emquanto assim dizia, o monstro irado
É de golpes horriveis tão malhado,
Como em ferros malharam sujos Brontes
Outr'ora em Lypari, atroando os montes.
Neste extremo fatal o rei das fúrias
So blasfemias soltava e so injurias.

Assanhou-se o tumulto, redobrados
Feros golpes tiniram: os malvados
Foram dos celites tão perseguidos
Que em lugar de bater forão batidos.
Excita o odio á raiva, não descança
De fileira em fileira a atroz vingança.
Viam-se os anjos com os braseados
Moradores do fogo misturados.
Anjos, demonios, tudo juntamente
Em tumulto, em montão, em sanha ardente.
Alguns se alevantavam mais terriveis
Da derrota mortal, quaes invenciveis
Antheos membrudos, que cahindo em terra,
Fazem a Alcides mais cruenta guerra,
Outros perdendo no conflictio braços,
Cabeças, pernas, mãos, a poucos passos
Cobráo tudo outra vez, e endurecidos
Parecem ser de novo renascidos.
Assim dos dentes do dragão já morto
Vio Cadmo renascer, oh raro aborto!

Dura cohorte de noveis soldados
 Ferozes, aguerridos, e ja armados.
 Baquea sobre os montes da soberba
 Trisulca chamma com saraiva acerba;
 E em tanta quantidade baqueava,
 Que da saraiva o numero igualava.
 Muitos tinham a cara chamuscada
 Do fogo dos fusis; carapinhada
 Da mesma chamma a coma: vera copia
 Dos indigenas brutos da Ethiopia.
 Na confusão um monstro la nos ares
 Estoirou; eu não sei porque desares;
 So sei que foi esta explosão tão fera
 Que o mundo estremeceo, nutou a esphera.
 Por muito tempo esteve enfumaçado
 O ar, como de enxofre ali queimado.

Blasonava um maldito do impudente
 Ter ao Orco arrastado copia ingente
 De almas por sugestões, quando tremendo
 Raio arrojou-lhe um celite, dizendo :
 « Se a tantos tens no Averno sepultado ,
 « Eis o premio , sê la tambem lançado : »
 Dispara e fere , e o perfido ferido
 Nas vorageus do Estyx foi submergido.
 Outro, que veio despicar o amigo,
 Teve igual paga. Mas um inimigo
 Que era um demo brutal, de talhe enorme,
 De quem o capacete era um informe
 Tigre de olhos em fogo, e de aguçadas
 Prezas, de desengrar nunca abastadas :
 Monstro que ao mesmo cháos causava medo
 Achou, onde não sei, grosso rochedo;
 E depois de improperios insultantes
 Vomitar contra o ceo, com as mãos possantes
 Ambas nos anjos deita, mas sem damno,
 Que em vão contra o Senhor lucta o sumano.
 Todavia, com doze destes creio
 Que o combate seria inda mais feio.
 Tal na Trinacria o grão pastor gigante
 Monoculas fazia, quando avante
 Do Peloro penedos arrojava
 No Ithaco baixel, que lhe escapava.
 A rocha foi cahir la no gelado
 Mar austral, junto ao cabo de Horn achado.
 As ilhas augmentando, cujos cumes
 Sempre algidos de neve arrojam lumes.

Foi quando Gabriel, que se interpreta
 Fortaleza de um Deos, divino Athleta,
 Que so pesava um esquadrão inteiro
 Desempenhou seu nome. Este guerreiro,

Por trez vezes o dardo sopesando
 Bradou em ira acceso : » La vos mando ,
 « Amigos aceitai este presente :
 « Ê do Empyreo, vos vem do omnipotente. »
 Disse, arremessa, e tendo arremessado,
 Um milhão de infernaes foi derrotado.
 Se é paradoxo o canto, que da terra
 Um dos bravos Terrigenas, na guerra
 Contra os deozes, de um golpe disparava
 Cem frexas por cem mãos; a sanha brava
 Do paranymphe aqui contra o sumano,
 Foi, sem fabula ser, d'um centimano.

Se a bicha, cujos pés bronze calçava,
 Tyrinthio immola; se da sua aljava
 A setta o monstro traspassou, que espanto
 Derramara no bosque de Erimanto;
 Se a hydra virulento, que a embascada
 Houve no lago Lerneio, e esquamea e armada
 De cem cristas medonhas, serpe incrível,
 Não afrouxou seu arco irresistivel;
 Se Antheo aborto que abortara a terra,
 Tocando a mãe, tornava-se na guerra
 Contra o heroe mais audaz, e alevantado
 Expirou-lhe entre os braços esmagados
 Não fez Alcides mais que este guerreiro
 Inda que Alcides fora verdadeiro.

Muitos cabos do Empyreo se illustraram
 Nesta acção com valor: elles contaram,
 Que um dos collegas seus de encantadora
 Face, dito dos mais o anjo da aurora,
 Com flammigera espada tanto estrago.
 Causou nas hostes, que no Aonio lago
 Vates, que bebem do licor ardente.
 Deverão celebra-lo eternamente.
 Pode bem ser que fosse, o que o juizo
 Do Eterno poz de guarda ao paraizo :
 Des que nelle o sacrilego attentado
 Fez o credulo par recém-creado

De uma virgem porém escudo e guia,
 Que pelo Ceo viadora inda gemia
 Um outro, que entre os seus não tinha fama
 Por estes claros feitos que ella aclama.
 Foi um raio esta vez; e por taes modos
 Distinguio-se que encheu de assombro a todos.
 Foi o filho de Nave celebrado
 Por talhar Canaan, foi invejado
 O rival de Saul, quando immolava
 Dez mil, e o Rei somente mil cortava.
 Levi tambem o foi, que só co'archeiro.
 De Sichem desolara o povo inteiro.

Mas nem estes, nem outros por espanto,
Tem mesmo os Machabeos fizeram tanto,
Mas o velho voraz que os filhos come,
Não nos quiz conservar, oh dor! seu nome.

Tambem da tropa imiga um monstro entre
Chamado Leviathan, bem como aquelles, felices
Que os mares glaciaes dos polos criam,
Vendo que os seus aos golpes succumbiam
Dos anjos, elle so co'a molle ingente
Julgou-os vingar, julgou inutilmente.
E tu, a quem o Syro culto e altares
Consagrou por proezas não vulgares;
Tu manchaste, Astharoth, tua memoria,
Pois fugindo da acção, fugiste á gloria.
Mas foi só nesta vez que o gelo e o susto
Demou teu coração feroz e adusto.

Largo espaço indecisa esteve a luta,
Tanto das fúrias foi a sanha bruta!
Mas um genio feliz tendo a lembança
De baixar sobre a terra, e sem tardança
Trazendo um resto sacro soberano
Do tropheo destructor do jugo humano,
Apresentou, e mal que o apresenta,
Todo Estyx se debanda e se affugenta.
Ja vão deixando o campo, e com rugidos
Fazem desbaratados e vencidos.
Emfim restou a fama da victoria
Pelas milicias inclytas da gloria.

Dos ignícolas uns sendo apanhados,
Ao alto Egypto foram relegados.
Outros ardendo se precipitaram
Nos lagos e nos rios que seccaram.
Alguns deram no mar com choque horrivel,
E o damno, que causaram, não he crível.
Pois foi tal o calor, que converteram
Em cinzas as producções, que ali se geram.
Qual fervura, que faz o ferro em brasa,
Seguro do tenax na escura casa
Do sordido ferreiro, qua o mergulha
Na agua para esfriar, tal era a bulha
Dos impios no oceano: e assim fervia
Tartarea chuma que no mar cahia

Do alto em gyros vem, e bate um bruto
Sobre o Athos, entao de coma hirsuto;
Que o verdor desceou e combustivel
Tanto o fez, que ardeo sec'los, caso incrível.
Nunca explosão se viu, nem tal fracasso
No monte de Parthénope aueço,
Quando lavas de fogo arroja a boca,
Que a terra esculda e torres mil soffoca.

Jamais pedras tao grossas dardejara
De acceso encofra, quando sepultara
Machado em seu seio o Mongilello,
Que viu Pachino, e estremeceo de vel-o,
Nem tu, vulcanico chimborazo, ateas
Tam fataes erupções, quando incendeas
Dos Andes os cabegos empilhados,
Triste herança dos Incas mafiadaños!
Convulsa esteve a massa da montanha
Longo espaço, tremeo toda a campanha,
Tremorara os vizinhos arredores
E chegarara té Lemnos os tremores.
E este o monte celebre, que ouzara
Propor ao Macedonio mente rara.
Para o atalhar em colossal figura
Maravilha do engenho. Esta escultura,
Da dextra pegaria uma cidade
De nobres edificios, oh vaidade!
Da esquerda um copo enorme, onde estariam
As aguas, que do monte ali corriam.
Se acaso assembro foi varar um grosso
Pinho infundado as bases do colosso,
Que a fama inda aprezoa em toda parte,
Um dos sete tropheos do engenho e arte:
Que seria a cidade e esta figura?
Mas isto, ou era brinco ou foi loucura.
Uma faria porém da cavalgada
Que sahia mais que todas maltratada,
Com horrivel fracasso o mechanismo
Cahio junto ao xadrez do escuro abysmo.
E vendo-o neste estado o grao porteiro
Do averno que era amigo, em tom fagueiro,
Por lhe adegar a affronta, eis que dizia:
« O bravo Beellegor, ó alegria
« Dos povos de Moab, e desta corte,
« Ah! não arguas, não a tua sorte;
« Nem te pene o dezar deste successo;
« Que feito vil não foi antes de preço.
« Que emulação excita esta aventura,
« No que estima o valor, preza a bravura?
« Ah! victima não foras do insolente,
« Se foras no valor menos valente,
« Como heroe immortal eternizaste
« De teu despota o nome: sustentaste
« Teu decoro, dos teus jamais trahiste,
« Não foi logo por laxo que cahiste:
« E ser cabido assim não é victoria,
« Que longe de rubor, causa antes gloria?
« Esse infame agressor, esse homicida
« Ah! que ultraien em nome: pela vida

« Minha juro e meu cargo, (isto dizendo,
 « Enorme chave ergueo de um peso horrendo)
 « Juro e torno a jurar, que sem tardança
 « Meu ferro provará, minha vingança,
 « E que as lividas manchas que em ti vejo,
 « Lavarei no seu sangue e com sobejo. »

Assim rosnava aos membros estendidos
 Do triste que roncava sem sentidos.

Com effeito era digno este malvado

De lastima, se um demo é lastimado:

Deitava sangue negro a herbotões

Pela boca e narizes: os pulmões

Mal arquejavam; tinha deslocado

Um braço; o enorme corpo amortisado:

Em fracturas o dorso, e no fendido

Cranéo se via o cerebro aluido.

Qual no curro espaçoso, e rodeado

De espectadores mil, o touro irado,

Depois de crebros golpes e feridas,

E de farpas de ferro ao couro unidas

Para fora é tirado; e o triste exangue

Não tarda a expirar; tal no seu sangue

Envolto, e inda peor era o inimigo,

Que no infernal xadrez foi dar consigo.

Vio a Phenix da graça a furia tanta

Do horrisono chaos, e meiga e santa

Vendo os perigos que o mundano corre;

Movida de piedade, assim discorre:

« Se contra mim feliz, e da ventura

« Já no seio tranquilla, ha tal bravura;

« De maneira que á voz do mesmo Eterno

« Ousa recalcitrar o infame averno;

« Quaes serão destas hydras os rancores,

« Contra os fracos mortaes inda viadores?

« Que enredos urdirão? Que cavilosos

« Tropeços, porque caíam desditosos?

« Quem poderá salvar-se dos perigos,

« Trahido de tão feros inimigos?

« Como em seu throno estar pode a virtude

« A' lucta exposta, tão prolixa e rude?

« Não ha de ser assim: escudo eterno

« Dos mortaes eu vou ser: de affecto interno

« Sou mãe do peccador, e não me pesa

« De ser: (dice co'a face em chamma accesa

« Deste cargo Jesus me decorava

« Quando da inveja o ferro o immolava.

« Foi mysterio esta voz e qual preceito

« Altamente arreigou-se no meu peito

« Ella vai ser no Empyreo minha gloria,

« Como já foi na rota transitoria.

« Verá dos seculos a longeva idade

« Se soube, ou não encher a dignidade.

« Venham pois ter comigo os assustados,

« Nos mais cerosos charcos atufados.

« Venham sem hesitar, não desesperem

« Sou seu recurso, sou: em mim esperem.

« Tentem primeiro, e de tentar não deixem

« E se eu faltar, consinto que se queixem.

« Protesto que dos tristes os gemidos

« Serão por meus disvellos recolhidos,

« E apresentados ante o Eterno Lume.

« Em pyras d'ouro fino, qual perfume;

« Pois tudo enfim acabarei com elle,

« Uma vez que já o Filho alcancei delle. »

Disse e jurou. E o sacro ajuntamento

Dos anjos invejou o juramento.

Desfeita a liga enfim do averno escuro,

Já os anjos respiram ar mais puro

Os successos passados discutiam,

E os prestigios do orgulho, que podiam

Transformar em terrificas figuras,

Anjos de origem, nobres creaturas.

« Tal é, um accrescenta, o triste e feio

« Fructo da vil soberba. Foi no seio

« Das espheras do ceo, que o berço teve,

« De la brotou raiz crestando breve

« Os incolas noveis do Paraíso.

« Antes disto a candura, e o doce riso

« Era a mortal partilha; erão diotsos.

« Da justiça, e da paz filhos mimosos

« Colhendo os fructos da mimosa idade,

« Em que puro era amor, lisa amizade.

« Dias do ceo, idade tão florida,

« Pelo seculo d'ouro conhecida.

« Em que o homem da fome e dependencias

« Não via o rosto, nem as consequencias,

« Quando a terra sem relhas, nem culturas,

« Dava regalos, dava mil doçuras.

« Contento cada um com sua sorte,

« Ignorando as paixões, sem susto á morte.

« Então inda a bigorna não gemia

« Debaixo do martello que tinia,

« Forjando a espada, que na dura guerra

« Devora os homens, despoeva a terra.

« A discordia civil, a fraude, a intriga,

« E a má fé, que a desordens mil obriga,

« E que ora abortam seculos de ferro

« Inda bramiam no seu vil desterro.

« Era tudo commum: não se sabia

« O peso da medida, o que valia.

« Nem a effigie do rei no cunho impresso ,
 « Mostrava estimação , nem o seu preço.
 « Desconhecida a imparcial balança ,
 « Que tira aos tractos a desconfiança.
 « Mas depois que do orgulho o atro veneno
 « O gangrenou, té li puro e sereno
 « De males mil cobrio-se a natureza
 « De que brinco elle foi, e foi a preza.
 « Então nada bastou, tudo foi pouco
 « Ao hydropico orgulho. O fausto louco
 « Invento luxo, e precisões crescidas,
 « A que o vão pondunor não põe medidas.
 « Os grandevos pinheiros eucamados,
 « Tão velhos como a mãe, que os mostra alga-
 « Deixando de intrincar copa frondosa dos,
 « Na aprasivel campanha, ou mata idosa;
 « Do agudo ferro o golpe experimentaram,
 « E em veligeros páos se transformaram.
 « Taes se contou, que em Tibarinas Lymphas
 « Voltarã-m-se os baixéis do Teuro em Nymphas
 « Já lá vão as náos impias profanando
 « O mar sagrado, nelle perpetrando,
 « Os sacrilegos crimes e attentados,
 « Já sobre a terra iniqua perpetrados.
 « E voltando dos terminos remotos,
 « Vendo estrangeiros ceos, climas ignotos,
 « Ao paiz paternal enfim chegam
 « Co'as estranhas riquezas que pejam,
 « Tendo dado por troca e recompensa
 « Novos usos e leis, a praga lãtina
 « De contagios e mortes infelizes
 « Desconhecidas pelos seus paizes:
 « E o que é mais a chorar, a crua guerra
 « As inermes nações dos fins da terra.
 « Os fúnebres reptis já mais previam,
 « Que seus ninhos aos olhos se exporiam.
 « Nem as feras também, que nas escuras
 « Brenhas dos bosques fossem tão seguras.
 « A panthera sauhuda, o urso horrivel
 « Não vio seu esconderijo inacessivel,
 « Tudo o homem soberbo, já deposta
 « A vergonha, e o decoro tenta e arrosta,
 « Por ensacar sem termos o sublimae
 « Precioso metal, fonte do crime.
 « Ouro sacrilego, que em seu conceito
 « É o deos favorito do seu peito.
 « Julgando-se immortal zomboa da morte;
 « Os rios vadeou, afoito, e forte,
 « Não se temeo das escarpadas minas,
 « Que comigo se sepultam nas ruinas.

« Armou-se astuto laço ao innocente
 « Castor que estima as margens da torrente
 « Que habita em lares de salões dobrados,
 « Nos tractos, e no acciaio sublimados.
 « E á rica Moscovita pelle fina
 « Nos gelos boreaes da Zebelina.
 « Pesquisou-se com ancia o niveo dente
 « Da besta enorme no Ceilão frequente.
 « Não escapou no fundo da onda fera
 « O fino aljófar, que a conchinha gera.
 « Nem singular thuriferante massa,
 « Que os fumos Nabatheos em cheiro passa.
 « Nem o murice Tyrio, que orna e tinge
 « E que pinturas mil brincando finge
 « Na opa da Cezarea magestade;
 « Não ha segredo enfim para a vaidade.
 « Então não coube em si mais a soberba:
 « Novas prosapias tece altiva e acerba:
 « E sendo o sangue um só, teve a finura
 « De crear outro sangue, outra natura.

CANTO QUINTAVO.

ARGUMENTO.

*Vai a comitissa angelica vendo as diversas
 ematell'as celestes. Ao passar pelo signo
 do Astrea, se lhes antolha de improviso
 uma figura, que t'ee um elogio sobre a pu-
 reza virginal, confessando, que nas espheras
 celestes ella era o signal da futura virgini-
 dade de Senhora. Entretanto desce Christo a
 receber sua illustre mãe. Lê-se um decreto,
 que a condacora: Descobre-se finalmente a
 cidade de Deus: Descripção de seus muros.*

Entretanto os do olympo já o formoso
 Cão de crystal pisavam. No radioso
 Espago e vasto seio estam rolando
 Grossos golphos de luz; bem como quando
 Pelas restas do sol em sala escara
 Brillam atomos varios em figura.
 Quasi uns se ajuntam, outros quasi aberram,
 E nos orbes inhospitos se encerram.
 Gyros traçando dentro d'outros gyros
 Alheios, como fazem crebros tiros
 Dos seixinhos nas agoas estagnadas,
 So um leve bafio as deixa socegadas.
 Nunca se turbam, nunca enfim se chegam,
 Cada um pelos orbes, que lhe tocam.

Argumento fiel da força immanente
Para o philosofo, que humilde pensa !
Ceo das estrellas : onde se evapora
A mente humana , e o grão Mistor adora.
De soes alvergue , immensos no luzeiro ;
Ante os quaes nosso globo e tenue arguelho.
Nitidas perolas , que o manto escuro
Da noite desabroxa no ceo puro.
Onde não raia Eoe ; e se conclue ,
Que a luz é propria , e nellas nada indue.
Mares de fogo que de tanta altura
Tremulos vibram fulgida pintura.
Psalterio e notas , onde de continuo
Cantar deve o mortal o ser divino.

Deixa o genio sublime patrio berço ,
E errar affolto vai pelo universo ;
Como intente ditar os seus talentos
De altas ideas , de altos pensamentos.
Peragra o mundo , exposto a mil fadigas ;
Que tu , ó sapiencia , á mais obrigas.
Corre as saturnias plagas , e os vaidosos
Campos da Ausonia ; e onde os preciosos
Partos dos Lacios Eideas e Timantes ,
Licções nobres lhe offrecem , leis prestantes.
Absorto vê pedaços , ou thesauros ,
Que restam para inveja dos vindouros.
Que as artes consagraram ás virudes ,
Ou lisonja tambem á peitos rudes.
Ledo bebendo exemplos delicados
Em taes originaes , em taes traslados.
Peregrino ja vai pelas campinas ,
Onde atrevidas massas , e ruinas.
Sofregos olhos nutrem ; e inda existem
Indomitos ao tempo , a que resistem.
De Sesostris o carro onde puxaram
Mimozas mãos , que sceptros empunharam.
Vê depois os estragos de Palmira ;
E vendo estragos taes , pasma e suspira.
Alcaçares por terra da princeza ,
Digna de melhor sorte : Que a grandeza
Da romulea fortuna vira eltiva
Inhospita viver , morrer captiva.
Chama prodigios inelytos das artes
Os padrões que encontrara em varias partes.
O colosso do sol : nos ares pensos
Os jardins de Semirames immensos.
A pedra sepulcral , fúnebre , honrosa ,
Que a feminil saudade ergueo chorosa.
O fanal , com que luz , e alvo tranquillo
Ao naufrago baixei a ponta o Nilo.

O delubro Efézino ; os embaraços
Dedaleos , que houve Minos em seus paços.
Onde ao Semifero escapando , e á fome ,
Que a flor juvenil attica consome :
Vencedor de Medusa , sahés illeso
Pelas traças de amor por ti ja acceso.
Tudo enfim o viajor pasma e admira :
Mas o bello esquadrião que nos ceos gyra,
Não : e se o olha , mira com villosa
Tão soberbos trophéos , tanta belleza.

Ja pois ja tocando a comitiva
Estes corpos flamigeros na altiva
Aurea cinta gentil : que mil figuras
Finge d'homens e feras nas alturas.
Assim pensa a celeste astronomia ;
Se é , que restos não são da idolatria.
De quicios d'ouro a roda , aqui fechada,
De Phebo tem a Ecliptica estrellada.
Marcando nas entradas que fizera,
Estio , outono , inverno e primavera.
Vende pois vami no vacuo prateado ,
Os que brilham no Arcturo congelado :
Esses , que o Austro tem ; e as partes , onde
Fazte o disco do sol , e o sol se esconde.
Eas do meio , em que Delio mais dardeja,
E faz que aqui no dia a noite seja.

O bidente do pello precioso ,
Que com a irmã de Frixo o procelloso ,
Golfo nada , e a puella naufragando
Co'a morte , aquella mar nome foi dando ;
Foi visto dos Ceticas , eravado
No oitavo ceo : de estrellas doze orlado.
Se so por este feito a bruta fera.
O erro collocou na azul esphera ;
Christados fleis , que radiantes
La sereis , sendo os vossos tão prestantes ?
Lizem , que esse farol , que no ceo gyra,
Neste signo do archetypo sahira.

O teu ro serpendo de grimaldas ,
Não ja de rosas , mas das esmeraldas
Astripheras , ali tambem brilhava
Garboso , como quando carregava
Pelas ceruleas ondas do oceano
A prole de Agenor : ah , deshumano !
A incauta dama deixa em praia affeoa ,
Qu'eliva do seu nome hoje se ardeia.
Deste exemplo fatal , não desmandas
Com vãos de verdade , com vã gloria
A donzella se erande , e sempre astuta
Recebe a fúria do fúto fero bruta.

Vos tambem rutilaveis, ó brilhantes
Tyndarides, luzeiros nunca errantes,
Que os gemeos desenhais; lucido signo.
Ao flebil navegante astro benigno.
Dous infantinhos são, tenros, formosos,
Que se abraçam amigos e amorosos.
Prole de Jove, em Cysne transformado,
Quando por Leda andou louco e abrasado.
Fazendo igual entre ambos a divina
Partilha; por fugir á Libitina.
Quando Jovens, voaram denodados
A roubar a lã d'ouro, acompanhados
Do Cytharedo Orpheo; dos Mynias: nautas,
Que a fama inda publica os argonautas,
São desolto os brilhantes luminares,
Que este ceo formozeam: nos seus lares
Entre o Apollíneo facho e accezo raia
No mez dicado á dea, linda Maia.

Rutilo o Cancro vem, de estrellas cheio;
Retrogrado na volta em seu rodeio.
Desta meta Flegon o raio envia,
Quasi sem força, ao ceo da ursa fria.
O testaceo lhe abrasa ardor sobejo,
Ja quando o agricultor do ameno Tejo
Recolhe a nova pera: testemunho,
Que chega São João no mez de junho,
E tambem neste signo prazenteiro,
Que o colono do campo brasileiro
Começa a doce ceifa e ledo corta
A loira canna, que, se passa, a borta.
Ja se expurgam os pastos da erva estranha,
Que o graniceo verdor cresta. Campanha
Onde tem de pascer o boi tardio,
Isento do tabão, e quente estio.
O boi do jugo ha muito ja folgado,
E ora a novas fadigas parelhado.
Repara-se o edificio, ja se accliam
Os grossos vasos encos, que marcam
Bo fabrico passado com as fezes:
Ou tambem co'descanso de seis mezes.
Junto a eira da fabrica se acama
A grossa lenha, destinada á chamma.
E em vizinho deposito descança
Bo camponez em melhos a esperanza.
Ja os ferros cylindros de herva e flores
Se enramam: e se implora ao ceo favores.
Trabalha a mole enfim: gyrnam as rodas,
Gemem com grão fragor as peças todas:
Calhe com ruído a agoa que se encana:
Voltea o rolo, estala o doce canna.

Ferve a gente, parece uma anarchia:
Mas toda esta mogão causa alegria.
Na graa fornalha ja se a flamma agita,
Coja boca do averno á boca india.
E nos vasos enortaes borbulhando
Ferve o nectareo sumo, evaporando
Grato aroma subtil e tão ingente,
Que perfuma dos campos o ambiente.
Corre o aureo licor, qual o thesouro
Meliffuo, que correio na idade d'ouro
Das colmeas na terra e assucarado,
Ou em niveos pedagos coagulado,
É no rico dezer, festim altivo,
Em varias confeições grato incentivo.
Soam longe as agrestes cantilenas
Nas madrugada mortas e serenas.
Desta sorte a cagar co'a voz singella
De Tytiro a Morfeo a sentinella.
Reina enfim o prazer: reina a abundancia
Do saboroso mel por toda a estancia.
Mas ah! ó cego eu, que me desvio,
Cantando o meu paiz, do antigo fio.
Musa, perdoa a quem a patria exalta.
Se é culpa, a culpa é leve, é leve a falta.
Dirige-me outra vez, põe-me na estrada,
Donde sahi, da empreza começada.

Outras estrellas iam divisando
Em grupos, e que os ceos estam bordando,
Como flores. O Leo truculento,
Que na salva Nemea o corpulento
Alcides esmagara: uma victoria
Das doze, que sublimam sua gloria.

Tu tambem, ó Chiron, centauro illustre;
Da solar zona d'ouro eterno lustre:
Foste ao longe nos Orbes descoberto
Da turma angelical. De ti mui perto
O thuricremo altar jamais falece
Entre a cabeça da hostia e onde fenece
Do Escorpião a cauda: alto argumento
De teu culto ao motor do ethereo assento.

Sim: não foi dos Nubigenas que ousaram
O sacrilego arrojo; e que emendaram
o Pelion, Ossa, e o olympo soberano,
Contra o que lança os raios de Vulcano.
Antes por ser cultor piedoso, e justo
No Ceo ter aras, nas estrellas lusto.
É fama, que gozou preeminencias
Nas artes de Minerva: as excellencias.
E salutar virtude conhecendo
Das berceiras, que ao prado vão nascendo.

E os succos salutiferos, que achava,
 Ao som da lyra eburnea celebrava.
 Feliz! que mereceo de ter por mestra
 A bella Trivia, caçadora dextra.
 Debaixo de seus olhos e cuidados
 Dous Indigetes foram educados.
 Um, que jurou sanguinolenta guerra
 Aos monstros, expurgando toda a terra.
 Ao Gerião triforme, Antheu terrivel;
 Aos Centauros, á Cáco, monstro horrivel;
 A' Hydra, ao Javali? Mas ai que o bravo
 Tyrinthio heroe de Omphale vio-se escravo!
 Porque tu, fero amor, tu tens sugeito
 De cera um coração, ou de aço hum peito.

E a quanto obrigas, ou quem vive isento
 De teu furor, de teu poder violento?
 Por ti arbitro do Olympo o mesmo Jove
 Em vez de raios gotas d'ouro chove.
 E seu solio de trevas e inviolavel,
 Não é dos tios teos invulneravel,
 A sordida cabana, o paço augusto,
 Victimas são de teu grilhão injusto.
 Por ti se vê no mundo um grão segredo,
 Duro de decifrar-se; e é o enredo:
 Que do femineo sexo o peito humano
 É mil vezes escravo, é mil tyrano.
 Por ti se fecha da ventura a porta
 Mais de uma vez; e prematura aborta
 A esperanza que o lar se prometera
 D'um joven na fortuna, a ver-lhe a esphera.
 Por tido ferro do assassino impuro
 O pai, o esposo, o irmão não é seguro.
 Tu, és fonte de estupro e adulterios
 Semente de discordias e improperios.
 Por teus encantos, ou antes fraqueza,
 Foi Frigia desditosa em chama acceza.
 Pois quem desceo ás sombras do profundo
 A inquietar ali Dite iracundo?
 Dos escarceos do Borphoro acaso,
 De Abydo o nadador fez algum caso?
 Dem a resposta com dizer cinsero
 Peritoo, e Theseo, Leandro, e Hero.
 O outro Achilles foi, raio de insanió;
 Que os muros pôz por terra de Dardania.
 Só tu podeste, só, mandar a morte
 A Hector; dos Teucros o broquel mais forte.
 E huma vida a vingár sublime, e clara,
 Outra sacrificaste, inda mais clara.

Eis que aos celestes olhos se apresenta
 O monstro singular que representa

O semicapro peixe. Antigo Egyptio
 Nesta forma voltou-se; quando o exicio
 Vio, e pasmou, com que Tipheo da terra
 Contra os nunes tentava a bruta guerra.
 Estupefacto Jove com a scena
 De figura tão horrida; de pena
 Tocado, como tu ó Egypto, assellas;
 O collocou no ceo entre as estrellas.
 Vinte são as que esmaltam a figura:
 Duas no peito, seis tem a postura
 Sobre o ventre: nos pés duas se contam;
 Uma engasta o nariz: duas apontam
 A cauda do animal: sete estam postas.
 Pela parte do dorso, sobre as costas.
 Tal, em ponto pequeno, d'ouro o artista
 Da avidex famenil expõe á vista
 Riscos em novidade extravagantes.
 Cravejados de perlas, ou diamantes.

La rodava tambem entre as estrellas
 O joven mais gentil, que as deozas bellas,
 Que, pela ave de Jove arrebatado,
 Entre os signaes do ceo foi numerado.
 Inberbe, cujo rosto lisongeiro
 Do Deos do raio obteve ser copeiro.
 Aos immortaes em urnas d'ouro fino
 Deita o grato licor, nectar divino.
 E por emprego tal tão honorario,
 Entre os astros é tido pelo Aquario.
 Daqui não longe brilha o bruto alado,
 Cujá pata feroz tendo rasgado
 A penha; brota a fonte cristalina,
 Que bebe o vate; és tu, ó Cabalina.

Os peixes tambem viram, que aos gemidos
 Da formosa Dione condoidos,
 E da prole gentil, em si os tomando,
 Do Eufrates os caudaes forão cortando.
 Desta sorte a salva-os da ousadia
 Do gigante brutal, que os perseguia.
 Viram Libra, o Escorpio, as trites Hyadas
 E ensifero Orion, e as sete Pleiadas;
 As pleiadas, que brillhão la na esphera
 Sobre a fronte do toiro á primavera.
 A Hydra, o Cysne, a Lyra, o altar sagrado,
 Em que tinhão os deoses protestado
 Rebater dos Terrigenas a guerra.
 Finalmente se erguendo ca da terra
 Os olhos: ás estrellas das alturas
 A fabula deo nomes, e figuras;
 Certo se infere; e a prova é concludente;
 Que malara o clarão á humana gente

Das artes; quando o cáhos da idolatria.
 Ja a terra de seu manto denegria.
 Mas quando pela esphera atravessaram,
 Que de virgo os astrónomos marcaram;
 E é neste mez, que o sol astro benigno
 Sahindo do Leão abraza o signo.
 De Astrea; aconteeço o encontro ledo,
 Que não convem passar aqui em segredo.
 E foi que de improviso uma figura
 No ar se lhes antolha linda e pura:
 De aspecto virginal; e nesta idade,
 Que dous lustros avança á puberdade.
 Dentro de um globo vinha transparente,
 Diafano, e formoso: e assás fulgente
 Pelo luzeiro d'um montão de estrellas,
 Grossas, miudas, porém todas bellas.
 De roupa cor do ceo vinha trajada,
 De pequenos colibrios d'oiro orlada.
 Cujo campo brincavam mil primores
 De um vistoso lavor de varias flores.
 Tinha os olhos vendados: uma espada
 De aço lino na dextra: equilibrada
 Da esquerda de oiro puro uma balança:
 Emblemas da justiça e da vingança.
 E disse assim: « O' inelyta belleza,
 « O' prodigio da graça: vem Princeza,
 « Vem tambem alegre á pura esphera
 « Que eu presido, e que ha muito te espera
 « O' Virgem singular, Virgem primeira
 « De quantas vão brilhando na carreira
 « Dos évos: pois, se os fastos bem contemplo,
 « Jámais antes de ti se aponta exemplo.
 « É custoso, eu confesso, á humanidade
 « Conservar illibada a virgindade.
 « A virgindade, flor tão milindrosa,
 « Que o menor bafo impuro a torna idosa.
 » Que perde a côr, e o cheiro tão mimoso.
 « Se é tocada de um dedo criminoso.
 « Que não nasce entre o luxo, entre as vaidades
 « Das grandes côrtes, das fataes cidades.
 « Ninives peccadoras denegridas,
 « Pentapoles nos lagos submergidas.
 « Com tudo tão angelica virtude
 « Mais que humana; e aos mortaes penosa, e
 « No teu seio intrincou mimoso ninho (rude,
 « Da debil pluma do mais branco arminho.
 « Filha celestial, plata estrangeira
 « Na terra, ah! tua face lisongeira
 « Não roubes ao mortal, mostra teu berço,
 « Que te venha adorar todo o universo.

« Sei que innocente meio se concede,
 « Com que possa sedar-se ardente sede.
 « Mas tu, ó Mãi do destructor da morte.
 « Com bronzeo coração, com peito forte
 « Nem succumbiste á farça tão armada,
 « Nem usaste da graça tolerada.
 « Ousando aventurar as regalias
 « De consaguinea ser do Alto Messias
 « Antes, do que de manchar tua inteireza,
 « E as niveas acucena da pureza.
 « Mas esta nobre rama do ceo vinda,
 « Que quanto mais exotica, mais linda;
 « Que d'outro solo desconhece o seio,
 « Como roubada do terreno alheio;
 « Este lirio, que langue, e murcha os brios
 « Pelas margens mortíferas dos rios
 « De Babilonia; nem fragrante impera
 « Nas fontes de Amathunta, ou de Cythera:
 « Esta flor, que detesta as assembléas,
 « E os gestos criminosos das choreas;
 « Que o leito d'ostro, que a baixella impura
 « Deseca sem humor, torra a frescura;
 « Cujo paiz natal, se bem acerto.
 « E o fundo da brenha, ou do deserto;
 « No Judeo era, como infame carta,
 « Que da estirpe de um Deos desherda, e apar-
 « Ties luas pranteou de magoa pura (ta.
 « A linda Hebreia a barbara loucura
 « Do voto, que degrada desse accito
 « Doce nome de Mãi; que dá o direito
 « Natural; e a donzella assim corrida
 « Passou em luto, e pranto a triste vida.
 « Qual foi pois teu liceo? A lei escripta?
 « Na lei a virgindade era proscripta.
 « Ah! foste de ti mesmo a linda aurora,
 « Das virgens luz, da virgindade authora.
 « Mas onde me arrebatão meos ardores?
 « Em vão afino a voz, traço louvores:
 « Se a minha bocca languida te exalta,
 « Quanto mais digo, mas dizer me falta. »
 Ja mais proseguindo o vulto, quando
 Michael perguntou-lhe, a voz açando,
 « Quem és tu? que me tem maravilhado
 « Esse gesto, e esse traje desuzado?
 « Como galgaste alturas tão distantes,
 « Inhospitas da terra aos habitantes?
 « Nunca ideei, pois era idea insana,
 « Ver vestigios aqui de raça humana. »
 « Eu sou (lhe torna a espectro refulgente,
 Como quem da pergunta era contente:

« Eu sou aquella virgem tão sabida
 « Pelo nome de Astrea; cuja vida
 « Foi tropheo da justiça, hoje exulada :
 « Que inda sou das Camenas celebrada
 « Se cantam com saudosa competencia
 « A idade d'ouro os dias da innocencia.
 « Horrorisada em ver, quanto a impureza
 « Avilta a mente, e ultraja a natureza;
 « Fugí da terra : vendo-a assim manchada.
 « E do sangue dos justos ensopada.
 « Por força pois occulta transferida
 « A esta esphera fui; e aqui retida,
 « Porque fosse meu nome alvo, e memoria.
 « Da illustre Virgem, que hoje sobe a gloria.
 « Mil figuras contavam, e mil schemas
 « Suas bellas acções; só nos emblemas
 « Fallava a divindade um monumento :
 « Eu fui : de longe data o documento :
 « E agora, que a missão vejo acabada,
 « Sou fabula, sou sombra, não sou nada. »
 Disse; e subito aos olhos se esvaece;
 E apenas se anniquilla, e desaparece
 Um orvalho celeste, e recendente
 Borrifa toda a pompa de repente.
 Se já viste no ar o cristalino
 Globo vão dissipar-se; que o menino
 Soprou do tubo; e rozeo, e prateado;
 Sereno sobe a esphera, e socegado;
 Não de outra sorte a maquina brilhante,
 E a figura sumio-se em um instante.
 Os anjos foram pasmos, no que viram :
 E a Deos immensas graças dirigiram :
 Pois diziam, que até de ananimadas
 Boccas, verdades tira, e sublimadas.

Dissipado o fantasma apologista
 Dos Irios virginaes; eis que imprevisa
 Luz serena no eco rizonha briha;
 Qual nunca traz de Hyperionio a filha.
 Era o sacro cortejo ovante, honroso,
 Do assolador do crime, que briozo
 Com rica pompa a receber baixava
 A doce Mãi, que a gloria já abordava.
 No scio de uma nuvem refulgente
 D'ouro, e carminim desceia : tao ingente
 Clarão a transbordar de divindade;
 Que divina tornava a humanidade.
 Piava d'ouro puro um escabello
 De alados serafims, mui rico : e a vello,
 Nunca vira das artes a destreza
 Chefe d'obra melhor, igual bettera.

Marchavam a seus pés, fazendo corte.
 Seus ministros fieis, o tempo, e a morte.
 Que n'um golpe de vista, ou inda em menos,
 Cumprem de seu querer os seus accenos,
 Era a fragancia, que se presentia.
 Certo do altar do Eterno, pois vencia
 Os aromas sabeos, e a fina massa
 Que cria o mar, e a Arabia em cheiro passa.
 Vião-se aqui, e ali no ar dispersos
 Grupos gentis de Celites diversos;
 Alternando concertos de harmonia
 Tal, que um vivo de alegre morreria.

Nubeculas se vião multicores
 Pelo ceo, que feridas dos fulgores
 Da presença do Verbo, que ali passa :
 Reflectem um matiz do estranha graça.
 Taes nos terrenos fogos, ou nas bellas
 Illuminações, hém como as estrellas,
 Tintas mil em crystaes deita o artista,
 Que faz ao longe um ver de encanto á vista
 Dez mil Santos dos grãos os mais subidos,
 Quaes nobres, e senhores, que os vistidos
 A' moda dos astriferos trajavam;
 A grave corte celica formavam.
 Isa chusma festival se distinguiam
 Os Santos Patriarchas, que diziam
 A' filha encomios mil, como em reclamo,
 Avitos troncos de tão alto ramo.
 Ali se via o casto, e nobre Esposo,
 Mortal entre os martaes o mais ditoso;
 Na vara presa a candida açucena,
 Do virgínio candor seu claro emblema.
 Via-se a voz tambem, que abriu caminho
 Ao verbo no deserto : o cordeirinho
 Nos braços não fallece : hostia bemdita,
 Que o crime prescreveo da mãi proscripta,
 O sceptrigero vate ao som cantava
 D'arpa d'ouro, nem mais já profetava.
 « Subi, Senhor, ao lucido repouso
 « Vós, e o vosso deposito formoso.
 « Arca Santa, ditosa, sublimada
 « Por vossa mão bemdita, e preparada. »
 Pintava ainda o ceo por mais primores
 Varios Ires pulcherrimos nas cores.
 Affectando talvez nestes brilhantes
 Vistosos arcos, arcos triumphantes;
 Proprios para o triumpho, que convinha
 A Mãi do Rei dos ceos, dos ceos Rainha.
 Jamais se vio de pompa igual idea.
 Des que a terra germina, e o sol clareia

Perdoe o bello, o casto Israelita,
Se cre que esta asserção desacredita
A sua gloria: quando aliviado
Das algemas se vio no carro alçado
Do despota do Nilo, o povo em grito
Ledo acclamando-o salvador do Egypto.
E tu, clara heroína, que soubeste
Salvar a patria, e interrita podeste
Truncar o collo do brutal soldado,
Que arraza-la no chão tinha jurado;
Tu não entraste com tamanha gloria
No patrio lar, depois da grã victoria.
Da linda Hebreia o pedagogo austero,
Se no nedio frisão do rei severo
Em triumpho é levado ao som da trompa:
Tambem da Virgem não desenho a pompa.
Emfim se o esplendor, com que os poderes
Do mondo solemnisam seus prazeres
Podesseis confrontar com tal riqueza:
Dirieis que eram sordida pobreza.

Um anjo juvenil de tenra idade
Eram o porta-signal da liberdade:
Das ternuras de um Deus tropheo, e arcano,
Cruzado immenso do resgate humano.
Que mortal ser podera nesta vida
Interprete da voz, jamais ouvida,
Com que os dois corações se entretiveram,
E mesmo no silencio se entenderam?
Que Angelica, e serena cortezia
Naquelle por Santissimo áporfia?
Que modo de saudar tão novo e bello
Neste encontro de amor, neste duello?
Em Jesus, que mellifluis doguras!
No seio de Maria, que ternuras!
Que grossas labaredas deitariam
Os dois vulcões de amor, que se reviam!
Eram, por me exprimir humanamente,
Hecla, e Vesuvio accesos frente a frente.

« Emfim chegou (diria o generoso
Verbo do Eterno) o instante precioso
« De se rasgar a sombra, e o veo espesso,
« Que eclipysava mysterios de alto preço.
« A tua vida, ó Mãi, ignota, e inculta,
« De minha face no segredo occulta,
« O sacrilego mundo, usado á crimes,
« Jamais reconheceo teus dons sublimes.
« Antes curvada ao peso, e á dura lida
« Da sorte mais chorosa, aborrecida
« De continuo arrastaste a ferrea massa
« De dias de amargura, e de desgraça

« Dias do descontar, que o pensamento
« No vaso negro pôe do esquecimento.
« Nos teus pomposos dotes ignorada,
« De tuas regalias degradada,
« No abandono total, na displicencia
« De teu destino occulto, na vehemencia
« Da mais dura afflicção, da dor mais dura,
« Sem esplendor, sem nome, sem ventura.
« Taes sacrificios devorou teu peito,
« Por ver se me obrigavas deste geito;
« Obrigaste-me: e agora exponho ao dia,
« Quem és tu, qual teu merito, e valia.
« Colhe o lairo immortal, a immarcessivel
« Palma, que te plantara um Deos sensivel.
« Empunha o septro, singe a e'roa ingente
« É um Deos teu filho, que te adorna a frente.
« Ninguem desceo por elle a tal baixeza
« Como tu, sobe agora a mór alteza.
« Foste na terra a imagem da desgraça,
« Sê no ceo da ventura, que não passa.
« Blasone o Empirio, saiba o mesmo inferno,
« Que es Princeza da gloria, e Mãi do Eterno.
« Celebre o teu cultor teu doce abrigo,
« E inveje o teu lugar teu inimigo.
« Lugar, que nem revezes, nem haveres
« Jamais arrancaram de teus poderes.
« A aurora eu fabriquei: equilibrado-
« Tenho em meu dedo os montes mais alçados.
« As massas de valor, que elles sepultam,
« Ouro, prata e rubins, que tanto avultam
« A' sofrega avidez do vão terreno;
« Ao meu poder custaram só o aceno.
« Eu decido dos reis: dou paz ás gentes.
« Aos arbitros inspiro leis prudentes.
« Eu mando ao mar, e o mar á meu mandado,
« Faz navegar-se o arido alagado.
« No mirrado verdor succos derramo;
« Desato a flor; sasono o fructo ao ramo.
« Por mim coagula o raio, que nos rastros
« Berroca a torre, que ameaça os astros.
« Por mim germina a terra; do ceo chove,
« E sem o meu querer, nada se move.
« Tu pois, se és minha mãi, o que eu confesso:
« Calcule o Orbe, se puder teu preço.
« Emfim por todo o premio, ouve dizer-te
« Que sou Deos, e consinto obedecer-te. »
Oh mysterio de amor! Oh infanda alteza!
Oh premio! Oh grão da feminil fraqueza!
Outras caricias ferteis d'honra, e brilho
A' terna Mãi diria o terno Filho.

Docees vozes de um Deos, dons ineffaveis,
Pela terrena voz inexplicaveis.

Se eu tivera uma bocca, ou tal garganta
De tão forte vigor, de força tanta,
Que emitasse a explosão que o duro Marte
Nos ferreos tubos faz do baluarte;
Ou se das grimpas retinisse ao longe,
Qual bronze enorme, que desperta o monge
Nas horas mortas de repouso brando,
Por cantar, quem de tudo tem o mando:
Ou se troasse, como o grão ruído,
Que o raio faz, das nuvens expellido,
Pelas furnas das terras, e dos mares
Tremendo os montes, e atroando os ares,
Ou se rugisse, como as aguas rugem
Da Nilo, quando saltão, e remugem
Por fragas ingrimas com tal fracasso,
Que leguas ouvem de mui longo espaço:
Inda assim tal garganta, ou esta bocca
Era debil, franzina, inepta, e rouca
Para exprimir os sons dulcissonantes,
Que alternaram no encontro os dous amantes.
Não mostra nem natura, nem artista
Exemplar, que desenhe esta entrevista,
Duas mãos, a salvar-se mutuamente,
Imagem são de estrepido affligente.
Duas aves, no prado em desafio,
E' simil pueril, é exemplo frio.

As graças do monarcha, as mais fagueiras,
São idéas de um pobre, e mui rasteiras.
Confesse pois a mente, que é mysterio,
E adore, onde não chega seu imperio.

Então um cherubim, que o averno assola,
O pergaminho d'ouro desenrola,
Onde escrevera do eternal o dedo
Letras de amor de um Deos, de um Deos se-
Emmudeceu o orbe: e attento ouvia (greco,
O decreto do ceo, que assim dizia: —

« Apraz ao alto Pai da eternidade;
« E é também meu poder, minha vontade;
« Que este germe de Adão, ceo animado,
« Que em sou vergineo seio humanizado
« Transportou-me; e que impavida tragara,
« A largos sorvos, minha taça amara;
« Reconhecida seja desde agora
« Asylo dos mortaes, do ceo senhora.
« Outrosim: que, do humano desvalido
« Sendo eu mediador pelo subido
« Preço da minha cruz, e soffrimento;
« Ella seja também por valimento.

« Que no meu reino o pé ninguém arrede
« Sem ordem sua: e nem jamais se cede
« Graça alguma, ella invicta: que é primeira
« Dos frutos de meu sangue dispenseira.
« Assim tenha entendido o Orco horrivel:
« Tudo o que sente, todo o insensivel:
« Assim ordeno, esta é minha vontade:
« Cumpra-se pois por toda a eternidade.»

Saltaram de prazer o mar, e a terra,
Salta o vivente que qualquer encerra.
Os anfiões alados gorgearam
Novas áreas, que as silvas alegraram.
Os frendosos cylindros do perfume
Evaporaram, fora do costume.
Tornou-se em prata o mar, quêdo, e sereno:
Como costuma a ser o campo ameno.
E sobre a flor das aguas crystalinas
Luziram as cohortes argenteas.
So o averno remuge, e os suas furias
Blasfemando de dór, soltam injurias.
Appladio a celeste gerarchia;
Bateu palmas o Empyreo; e parecia
Ofano receber nova realza
C'o a presença da nova alma Princeza.
Ella, que vio o angelico, e sereno
Rosto do Filho em regosijo pleno,
De heroica gratidão reconhecida,
Em vesuvios de amor foi convertida.

Os anjos, que de novo eram chegados,
Famintos de a mirar não saciados,
Todos juntos n'um tempo a rodeavam,
E por vê-la em montão se atropelavam.
Tal na manhã de Agosto lisongeira,
Junto á copa da verde laranjeira
Branquejada de flor, anda girando
Grosso enchame de abellas, susurrando.
Ou das hortas demandam as falenas
O claro lar; e vão entre as serenias
Lucernas revoar, fugindo a escura
Noite, a gozar da luz formosa, e pura.
Um porém, que impedido pela turba
Não a vê com vagar, pois tudo o turba,
Da massa etherea crystalina inventa
Novo crystal, que objectos representa;
E neste espelho só, bem a seu gosto,
Contempla o virginal celeste rosto.

« Eis a Jerusalem nova, escondida,
(Uns aos outros diziam) que vestida
« De graças mil, de luz, de formosura,
« Remonta, e vem da solidão escura.

« O sol, que lá do Archetypo sahindo ,
 « Rio-se toda a natura, ao ver tão lindo ;
 « O sol, astro de influxos bemfeitores,
 « Que, Oceano de luz e resplendores,
 « Empresta aos outros astros claridade ;
 « Nunca ostentou tão linda magestade.

« Mas tambem esta rara formosura
 « Não é para aggravar ; que é fero e dura
 « Contra o Orco fatal, contra o inimigo .
 « A favor do infeliz, que implora abrigo.
 « Tal o aspecto do ceo é rutilante
 « Com o seu esquadrão, por elle errante :
 « Mas as vezes torvado, ár feio encerra,
 « Que o vasto mar assusta, assusta a terra. »
 Nunca os orpheos do prado verdejante ,
 Abrindo a aurora as portas de diamante ,
 Festejaram com tantas cantillenas
 O seu novo nascer : nem as serenas
 Abobedas do altar, quando é chegado
 O pontifice augusto, circumdado
 De gloria, e mil Levitas ; rompe a orchestra
 Tão varios sons da consonancia destra ;
 Como a Virgem louvores consagravam
 Os anjos, e a porfia os alternavam.

Mas um, que atraz se tinha demorado,
 Chegou em fim ; da pressa fatigado.
 E foi da comitiva, o que em segredo
 Eclipsou-se, e tramara o santo enredo
 Da falsa virgem, que na sua esfera
 Aos jasmims do pudor enconios dera.
 Assim festivo, e ledo fielmente
 Depoz aos companheiros ; e igualmente
 Com prazer foi dos outros applaudido
 Da idea que a ninguém tinha occorrido.

Entretanto um ceo novo já se via
 De um ether mais subtil : já se sentia
 Suavissima fragrancia, signal certo ,
 Que a cidade de Deos estava perto.
 Tal ao longe no mar presente o cheiro
 Da Taprobana o luzo marinheiro ,
 Procedido da mata abastecida
 De caneleiras, por ali nascida.
 Já se vião os altos frontespicios,
 Os aurocos corucheos dos edificios :
 E as torres, que por longe inda eraõ finas,
 Alcaçares de um Deos, torres divinas.
 Cada vez mais avultão, parecendo,
 Que do seio dos ceos vinhão nascendo.
 Tal nos golfos immensos do Oceano
 O lenho, que foi visto altivo, e ufano

No horisonte : a medida que vem vindo
 Parece, que das ondas vai sahindo.
 — Vale-me agora, ó musa, tu somente ,
 Tu so me tens valido até o presente.
 Que aquelles mesmos, que nos meus suores
 Deveriam ter parte, são peiores.
 Surdos se tem mostrado, e indifferentes
 A' tão nobres vigílias. Vê que gentes,
 Que estima pelas musas, que alto brio
 Produz do teu Janeiro o illustre rio.
 Não tem em seu conceito prego a rima ;
 Pois quem ignora a arte, não a estima.
 Se esta valer as filhas da memoria,
 Não sei que jus teram á nossa gloria.
 Mas vingó-me, que o fim deste projecto
 E' somente cantar tão raro objecto.
 Guia-me pois, e audaz e venturoso
 Faze, que eu corte mar tão procelloso.
 Nós não temos da Grecia a liberdade ,
 Que sonhava a seu geito, e por vaidade
 Os seus Elysios ; campos mentirosos ,
 Moradas de seus manes, já ditosos.
 A fé so quer, e soffre que cantemos
 O que ella revellou, e nós o cremos.
 Tu pois, que és o deposito ditoso
 De sua voz, seu cofre precioso,
 Consente agora abrir-m'o ; por que temo
 Que o meu baixel se alague neste extremo.
 No Apocalypse adoro so espalhadas
 Sombras terriveis, trevas mil sagradas
 Da cidade de Deos as maravilhas
 Narra pois ; de que és parte, e tanto brilha.
 Não digam teus rivaes, que és tu mesquinha,
 O que não soffrerei, nem te convinha.

Era esta architectura construida
 De pedra : pelo ferro assás polida
 Da mortificação ; era quadrada,
 Desde a origem do mundo começada.
 Um anjo a mensurava de continuo
 Com longa debil cana d'ouro fino.
 Do mesmo os muros são, que é a pureza
 Dos justos. A celeste fortaleza
 Mostrava doze portas preciosas,
 Maravilhas do engenho, obras pasmosas.
 Qual porta, que o pyropo compozera,
 Que faulhas flamantes reverbera.
 Qual era da esmeralda rutilante,
 Que de Amphitrite azul é semelhante.
 Qual da amethysta, cor, que ao pensamento
 Roxa a idea nos traz do sentimento.

Qual do berillo, que nas ondas desce
Do Phison, que da fonte se ennobrece.
Qual em lim d'outras massas crystalloas,
Nos preços grossas, e nas cores finas.
Doze bases contém por fundamento
Dos bem aventurados o aposento,
Que os apóstolos são; e, por grão preço.
Mostram de cada um o nome impresso.
Os justos são as pedras, que teciam
A celeste estrutura; ali se viam
Os doutores da lei, padres conscriptos
Que aclararam a fé com seus escriptos.
Dispostos pelo muro em varias artes,
Formando torreões, formando partes.
Os quatro evangelistas na fronteira
Traçando estão faxada lisongeira.
E bem mostrava ser a maravilha
Risco de um Deos, de sua idéa filha.

N'um lugar mais distincto, e sublimado
O humano seraphim se via alçado;
Sombra fiel do Redemptor Divino;
Singular joia, ornato peregrino:
Pois nos cinco rubins, que blasonava,
Em clarão outras pedras eclipsava.
La se via um festão de refulgentes
Perlas, que erão os tearos, e innocentes
Meninos, que ao raiar o eterno lume,
Immolara de um despota o ciúme.
As molduras das portas são formadas
Das crianças, que morrem baptisadas.
Gemas finas, lindissimas pedrinhas,
Novo asterismo d'outras estrelinhas.
Tal na pedra annular o destro engenho,
Toda a magia a mostrar de seu empenho;
De aljófares enervava a cercadura,
Seu chefe d'obra, e da arte a formosura.
Tambem formava ali distincto lustre
Dos piedosos pontífices o illustre
Coro: os bispos, que a grei edificaram,
E edificando os dias consumaram.
E os claros patriarchas fundadores,
Que deixaram milhões de imitadores.

Aquellas heroínas, que atrevidas
Triumpharam do mundo, e as escolhidas
Virgens intactas, cujos membros castos
Pelo esposo, das chammas foram pastos;
Lavram, por tão arduo sacrificio,
Primores mil no fulgido edificio.
Que direi en dos cores numerosos
Deuses milhões de athletas generosos?

Que zombavam do ferro dos tyranos
Por e-fôrço, e triumphos mais que humanos?
Que estrutura faziam? Que ornamento
Na cidade do Santo, eterno assento?
O ceo puro e sereno, cravejado
De seus crystaes rotantes, e banhado
Da difusa luz; mui fraca, e escura
Ideia pôde dar desta pintura.

Outros justos em fila de differentes
Graos de boas obras eminentes,
Pelo vasto edificio se espalhando,
Columnas, arcos, tribos vão formando.
E qualquer rica pedra ali fazia,
Conforme o que requir a symetria.
Os vastos pavimentos da cidade
Eram, por mais grandeza, e raridade,
D'ouro puro, e crystal xadrezes varios.
Que compunham os justos ordinarios,
E os poucos, que a merer se converteram
E na paz do Senhor enfim morreram.

Tal era a perspectiva rica, e nobre,
Que por fora de longe ja descobre
A nova Hierosolima triumphante,
Do cordeiro de Deos esposa amante.
Que mais dita ia ter, que mais belleza
Com a mãe de seu Deos, sua princeza.
Pouco, e pouco estas cousas divisando
Vinha a pompa ditosa: ja abordando
As moradas empyricas, e augustas,
Em que Deos embriaga as almas justas.
O resto, que por dentro está patente,
Somente dizer pôde, quem o sente.
Nem elles mesmos bem explicariam
A visão, com que eternos se gloriam.
Ja vão entrando nos portaes luzidos,
Ja nos paços de Deos são recebidos:
O carro, que brilhante a pouco viste,
Terminado o mister ja não existe.
Não transponhas além, ó clara musa,
Porque ainda o entrar se nos recusa.
Suspende a lyra d'ouro, o eburneo plectro
Guarda tambem; por ora cesse o metro.

Enquanto a mim, Bemdita, se eu tivera
O ouro, que da terra o seio gera;
As massas, que em seu fundo crystalinas
O avaro escava de mil pedras finas;
E essas lagrimas puras, que odorosa
Nos bosques chora a Arabia venturosa;
Deste rico thesouro to era alguma
Um Fana, um traço plácido ali queima a

Aquelles fragrantissimos perfumes,
Em aureas piras de inextinctos lumes.
Mas pois que o meu poder não chega a tanto,
Recolhe os votos, abençoa o canto
No metro intonso, no conceito obscuro,
Mas que tu sabes, que é sincero, e puro.
Nem sempre as arcas da riqueza abertas
O preço fazem das fiéis offeas.
Olha, que engenhos andam em cobertos
Com pueris objectos distractidos
Cantando assumptos de tão pouca conta,
Que affronta o metro, que a razão affronta.
Vê outras cobrindo em toda a parte
Os estragos, que deixa o fero Marim;
Chamando heróes, chamando heroidade,
O flagello, que assola a humanidade.
Outros co'a musa elares, e cantando
Vão á lisonja infame: profanando
Com sacrilegos feios sacrificios,
Os dates, que lhe deram cres propicios.
Mas enquanto estas agulhas tão sublimes
Cantão desgraças, e celebram crimes;
Enquanto prostituem seus louvores
A infames patêes, a mil horrores:
Eu só procuro com meus versos rudes
Teus triumphos cantar, tuas virtudes.
E' este meu brazão, minha alegria.
Nada mais me infatua a fantasia.
Oh! queiras tu, que lá no eterno templo
Com doce rima de não visto exemplo,
Por teu louvor eu trace, em estro ardente,
Grandiloqua Epopéa eternamente.

N. de São Carlos.

SONETO (4).

Eu vejo o furacão, a tempestade
Contra mim atra e fca derramada;
Eu vejo os ceos, a terra transtornada,
Dos elementos vejo a potestade.
Dos relampagos vejo a claridade,
Dos mares vejo a onda encapellada,
Lobriço a não... ah! misera! encravada
Pra não mais resurgir em viada idade!
Que vejo... oh! coos!... Armia desmaiada?...
Ah! não temas, não temas, cara amante,
Minha vida vem a ser a tua!

(4) *Inde.*

Se a onda nos sorver em breve instante,
Se for nossa amizade desgraçada,
Tal fido amor ledo o vindouro cante.

L. F. Abreu.

AO DIA 7 DE SETEMBRO EM 1833.

ODE.

*Jure solemnis mihi, sanctior que
Pene nato li proprio...*

HORAT.

Dia de gloria é este!
Desta inspiração me assoma á mente:
Eu a sinto, — é minha!
Oh! da-me, ó patria, cantos mais sublimes
Quaes não deu inda a fonte d'Hypocrene!

Oh sete de setembro!
Dia tão grato ao Brasileiro livre,
Dia da patria, salve!
O cysne implume que tentava o canto
Ja nas asas do estro aos ceos se eleva.

Ouves que gritos são?!
Brados, roucos, horrorosos brados
Em contorsões tremendas
Exalta o monstro que arquejando espuma
Que co'as serpes da cauda agoita a terra.

Eil-o o monstro, — é elle!
Da patria os filhos livres agrilhão,
Sacode a coma em cholera,
Contrahe as fauces, escancara a boca,
Vomita a morte involta com as cohortes.

Co o peso das algemas
As plagas d'ouro de Colombo tremem:
Estes pulsos 'stão roxos!
Pulsos d'heróes, americanos pulsos!...
Inda com ferros!... sette de setembro!

O' dia de prodigios!
Ao crime infausto te dardeja Apollo
Da independencia as luzes:
Aos raios seus derretem-se as algemas,
Ardem as Quinas, brota a liberdade

Prole de brio e d'honra
La corre ao brado que troará ingente
Nas margens do Ypiranga:
La vai, la vai, la pelega, e vence:
Oh! sim, vence. — que é prole da victoria

Inda os échos ribombão
Nos de Piratininga livres plainos;
Esses échos de gloria
Que a mente abalão, dão rebate n'alma
Fazem passar do tempo — á Eternidade.

Eu os escuto ainda,
Que em quanto o peito palpitar co'a vida
Sobra no peito esforço,
Sobra denodo, que as phalanges prostre,
E feitos sobraão, que encadeiem sec'los.

Que harmonia nos cantos,
Nos hymnos da victoria, se remorsos
As aras lhe não tingem!
Se esparze no porvir alegres ditas,
Se algum povo emancipa, e fal-o livre.

Livres, sim, ja o somos!
Hymnos ao ceo, á liberdade, á patria!
Em extasis de jubilo
Eia saudemos no apogeo das glorias
O dia do Brasil da patria o dia.

Francisco Bernardino Ribeiro.

SONETOS (1).

Se acaso aqui tomares, caminhante,
Meu frio corpo ja cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e ja sujeito
O feio tronco ao corpo altivolante:

Que de um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte,
Porém que allivio busque à dor amara:

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.

B. F. Tenreiro Aranha.

(1) Este soneto foi feito a Mameluca Maria Barbara, mulher de um soldado do regimento de Macapá, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, por não querer adular.

Qual em tenro botao a melindrosa
Flor á cyprina deosa consagrada,
Abrindo o rubro seio envergonhada,
Em risonha manhã deliciosa:

Tal, ou mais lèda inda, e mais formosa
Que a mesma Delia de farpões armada,
De encantos, graças mil e mil ornada,
E' Carlina gentil, pura, mimosa.

Dos ceos o gesto seu é copia amena,
Seus olhos astros dois; amar só ella
Aos ternos corações; prescreve, ordena;

Sem logo suspirar quem pôde vê-la?!...
De quantas nymphas ha na vasta scena,
Mais linda não se dá, não ha mais bella.

B. F. Tenreiro Aranha.

A' ILLM. SRA. D. FRANCISCA LUIZA SOARES.

ODE (1).

*Seur des vierges du ciel, ton ame est pour mon ame
Le reflet de leur feu et l'écho de leurs chants!*

VICTOR HUGO.

O primeiro clarão que a roxa aurora
Espalha no horisonte,
Das virgens do altar a voz canora,
O suspiro d'um peito que se adora
O amor d'alma iusonte,

Um afago da terna irmã querida,
Um osculo de mãe ao filho amado,
De um amigo o adeos da despedida,
O soluçar da rola enterneçada,
Um cantico arroubado,

D'harpa sublime o som harmonioso
Que extrahе terna donzella,
E o sosurro de um rio vagaroso;
Tão grato me não é, tão primoroso
Qual é Francina bella.

Eu temo, ao proferir seu nome caro,
De profanal-o alguma araje impura;
Eu temo que o veneno o mais amaro
Entre em seu coração, terno e preclaro,
E lhe manche a candura.

(1) Inedita.

Temo de a vêr tão joven, tão mimosa
Neste mundo de enganos ;

Possa sua virtude primorosa,
Do ceo diva faisea portentosa,
Fortalecer seus annos !

E vós, meu Deos, a paz a f'licidade
Dai á sua alma, e puro amor ao peito ;
Ella é, Senhor, em toda a immensidade
A obra prima, um anjo de bondade,
Do ceo mimoso feito.

Narciso José da Costa.

A FRANCINA (1).

Nasce a rosa, o prado esmalta,
Do ceo o orvalho a soccorre,
Porém pende, e murcha e morre
Do estivo sol ao queimor,
Sem das auras nem das brisas
Colher um beijo de amor !

E a rosa era bella,
E da rubra aurora
Que o horizonte colora,
Da cor se tingio.
Porém so no prado
Seu viço ostentou,
Depressa murchou
E secceca cahio,
E a aragem da tarde
Ao longe a levou ! . . .

Tens a belleza da rosa,
Tens a sua formosura,
Seu pudor, sua brandura,
Seu encanto, seu langor,
Porém muito á rosa excedes :
Sabes em que ? — No amor !

Ama, ó bella, ama,
Para amar nasceste,
Para amar tiveste
Esse coração !
Que esperas ? O tempo
Caminha apressado,
Ah ! seja abrasado
Teu peito em paixão,
No mundo se goza,
No tumulo . . . não !

F. J. Souza e Silva.

(1) Inedito.

A IMPERATRIZ D. MARIA LEOPOLDINA.

ode (1)

Da gloria o enlevo não subira a tanto,
Sem a doce esperanza dos agrados
Da fagueira belleza.

Sem os carinhos da adorada esposa,
Suportaveis não foram penas, lidas
De que se a vida mina.

Além da tumba que emportara a Fama,
Se na prole (inda um mimo da consorte),
Não continuasse o homem ?

Sexo querido, da virtude imagem,
A delicia é contigo ; se não foras,
Fera o mundo um deserto.

Se na choupana estaes, lá stão deleites ;
E se ao lado do heróe o throno occupas,
Abrilhantas o throno.

Dado fôra som ti vestir a purpura
A justiça, o valor, mas não vestira
As graças, a clemencia.

Heróe sem Leopoldina Pedro fôra,
Mas o Brasil o heróe deificando,
Gemera em orphandade.

De Santa Cruz o Imperio não tivera
Sem Leopoldina, as pendas preciosas,
Que lhe asseguram seculos.

Nossas tenrinhas flores brasileiras,
Guardai ó Deos ! . . . sómente um pai conhece ! . . .
Mas que sagrada aurora ! !

Dando a filha dos Cezares ao mundo,
A' realza meio mundo deste,
Dia grato aos monarchas !

La do Danubio as nimfas te saudavão,
Quando as nimfas bahianas o seu Pedro
A vez primeira viram.

Como lhe envesga os olhos a anarchia ! . . .
Io ! de Leopoldina a prole augusta
De Pedro a obra firma !

Io ! Dia sem par ! são obra d'outros
Tropheos e Independencia, tuas Graças,
E a duração do Imperio.

V. da Pedra-Branca.

(1) Recitada aos 22 de janeiro de 1825,
em Paris, em casa do viador J. M. Gonsalves.

AO IMPERADOR DO BRASIL

D. PEDRO I.

ODE (1).

No incauto povo os crimes embriam
 Por lábios embusteiros enfeitados,
 Maculando a fogueira liberdade
 Demagogia astuta.

As mimosas feições, as lindas formas
 Do viçoso Brasil já se afayam,
 Sob as sanguentas garras com que anciosa
 A anarquia o empolgava.

As mãs choravam já, tremia o esposo,
 Os degraus do patíbulo a virtude
 Contava já, e aos urros da revolta
 Jubilava o perverso.

La cabe o Imperio de aluidas bases!...
 No ameno vale, na floresta virgem,
 La se estende o ribombo surdo, e rouco
 Do mugido do crime.

Rasgado o coração!... ai! Pedro! Pedro!
 Morre, se tardas, o Brasil, acude!
 Defendel-o juraste, o voto cumpre,
 Se não, aos ceos insultas.

Onde os punhaes? e o halito empestado,
 Que em negra nuvem sobre nós pesava
 Eis o ceo azulado, o ar suave
 Que dá vida ás delicias.

Salve! querido brasileiro dia!...
 Tu, que em dote ao Brasil seu Pedro deste,
 No circulo dos eves preguiçoso
 Volve, puro, e risonho.

V. da Pedra-Branca.

A PRIMAVERA.

CANÇÃO.

O campo reverdece,
 Os cravos purpuream,
 As açucenas de candor se asseiam,
 As violetas formosas,
 Vestem diversas cores por lustrosas,
 A Venus reconhece
 Quando a rosa amanhece,
 Com tanta ostentação que é nos verdores
 Mais que de Venus flor, Venus das flores.

(1) Recitada aos 22 de Outubro de 1823.

Celebra alegremente
 O volatil concerto
 Da primavera o verde nascimento
 Sendo os rios sanoras
 Instrumentos gentis a varios côros,
 Cantando brandamente
 Saltando airoosamente
 Nas doces vozes desiguaes mudanças
 Cantos se entoam e se alternam dancas.
 O sol, rei luminoso
 Entre o estrellado imperio
 Enthronisa esplendores no hemispherio
 Vendo com luz amada
 A provincia do gyro delatada:
 Despendendo piedoso
 Favores de lustroso
 Ficando per rebelde e per querida,
 A sembra desterrada, a luz valida.
 Oh como alegre flora,
 De flores adornada,
 Faz no leito das hervas recostada!
 Oh que beijo amoroso
 Favonio lhe repete delitoso!
 Se o prado n, se chora
 Vítas per las o Aurora,
 Dando de vario estado mudo aviso,
 Da Aurora o pranto vô, do prado o riso!
 Canção, na bella Nise
 Quando em seus maos seu verdor se esmera,
 Podes ver retratada a Primavera.

Botelho do Oliveira.

SONETO

Chovem nuvens do céu, exulta a terra;
 Brilha Phebo hoje mais que em outro dia;
 E do Pindo a suave melodia
 Efluvios melancolicos desterra.
 Qual o arcano será, o que isto encerra?
 Nova sorte aos mortaes do ceo virá?
 Ou da parca cruel se extinguiria
 O rigido poder, que tudo atterra?
 A mim mesmo, isto em sonhos perguntava:
 « O que pensas não é, me respondeu
 « Amor, que junto ao leito occulto estava.
 « Esse, que arcano julgas, é só meu,
 « Pois de unir dois amantes acabava
 « Nos laços sacro-santos de hymenco.»

M. J. da Motta.

A TRES ENFORCADOS, DOUS PRETOS
E UM PARDO.

SATYRA.

Jogarão a espadilha
Tres cansarrões co'a justiça;
E como o demo os inguica,
lão sempre á cascarrilha.
Não acharam na cartilha
Cartas de geito e feitio
Para triumpharem com brio
Jogo fizeram nefando,
Que um quarto d'hora jogando
Perderao seis maos a fio.

Não sendo de perder fartos.
Pareceo total destroço;
Perdido o dinheiro grosso,
Perderão tambem os quartos.
Mas depois de azares artos
Virão os tres jogadores,
Que a justiça destra em flores.
Em jogando com marãos,
Sempre ganha com *tres páos*
Aos maiores *matadores*.

Ao tempo que os tres sentirão,
Que o tal jogo os embarranca,
Todos se virão sem branca
Mas sem *alva* não se virão:
Do jogo se despedirão
Sentidos do espalhafato;
Mas tão nús do esfólagato.
Que de pura compaixão
Lhes veio da Relação
Uma fralda de barato.

Tanto ali se entristecerão,
E tanto se transpassarão,
Que a todos nos admirarão,
Quando assim se *suspenderão*.
Finalmente os tres morrerão
Uma morte tão veloz,
Que ao veneno mais atroz,
Nenhuns tão presto acabarão,
Como estes, quando cheirarão
As entre-pernas do *algoz*.

Jogar sobre mesa rasa
Com seis desembargadores,
Isso não, que aos *matadores*
Nunca deixão fazer vasa.
Se aos tres escaudou a braza,

Aos mais sirvão de exemplar,
E quando queirão jogar,
Joguem, mas o truque não,
Que os *tres páos* da Relação
Sempre é truque de ganhar.

Com bécas qualquer joguinho
Sempre é muí prejudicial;
Pois com jogo tal ou qual
A mão levão de codilho;
Tem cartas de *garrotinho*,
Porque tem cartas de *agarro*,
E os que cuidando que é barro,
Jogao com ministro inteiro,
Se esperão rodar dinheiro,
Hão de rodar sobre um *carro*.

Os que na cidade vistes
Tantos *quartos*, e tão artos,
Entendei, que tão máos *quartos*
Resultão d'horas tão tristes:
E os que de vel-os fugistes
Crede que a hora não tarda
A' quem a má sorte aguarda,
Antes deveis entender,
Que toda a casa ha de arder
A' quem seus *quartos* não guarda.

Alerta, pardos do tracto,
A quem a soberba emborca,
Que pode ser hoje forca
O que foi hontem mulato;
Alerta, que o apparato
Daquelle *pendente pé*
Que na parede se vê,
Vos prêga com voz sincera
Que se sois o que elle era,
Podeis ser o que elle é.

Grigorio de Mattos.

A FIRMEZA.

Primeiro verás, Eilena,
Enregelar-se o fogo,
Mover-se o duro monte,
Cahir esse horisonte,
Que em meu amante rogo
Se encontre o variar:
Se pois amor ordena
Que adore essa belleza,
Será minha firmeza
Eterna em te adorar

Antonio Jos.

A UMAS NUPCIAS.

SONETO (1).

Se o perfido Danão temorisado
Pelo aviso do orac'lo, cruelmente,
Com o sangue dos genros, innocente,
As vestes de hymeneo tinha manchado. . .

O Deos, de insulto tal, estimulado,
Amor em seu soccorro, felizmente,
Convoca, e lhe pediu fosse o agente
Do laço que lhe era consagrado.

Desde então, mil consortes vão ao Templo
Logo que amor se incumba desta empreza,
Para as nupcias vindouras dando exemplo.

Taes são estes que vejo, digna presa
Do travesso menino, que contempla —
O prodigio maior da natureza —.

M. J. da Motta.

A JLL.^{ma} SR.^a D. MARIA JOSE
DESSE BOURBON.

No dia de seus annos.

ONE.

Inexperto menino os molles annos
Icaro apenas a contar chegava

Quando o pai se esforçava,
Artifice infeliz de mortaes damnos,
A tecer-lhe na cera a debil penna
Dando-lhe as asas de que usar lhe ordena.

Pelos espaços da região via
Dirige o tenro moço o vôo incerto,

E já das chammas perto
Se derrete a materia que prendia
As delicadas pennas d'uma em uma;
Caihe, e se afoga na encrespada espuma.

Immortal o padrão do atrevimento
Aos vindouros ficou; sim esta ha sido

Do orgulho concebido
A memoria que resta ao pensamento;
Mas eu que a triste historia á idea trago
Como o exemplo despreso, e busco o estrago.

Destro mentor meus passos encaminha
Ao polo excelso da attenção mais alta,

A experiencia falta
Se não falta o conselho á musa minha;
Ah! como eu devo recear que tome
A patria terra de meu caso o nome!

(1) Lucido, improvisado em 1817.

Mas se a empreza é tão digna que de gloria
Pode servir-me o mesmo precipicio,

Eu farei sacrificio

Da tragedia igualmente e da victoria,
Quero cantar d'uma heroína os annos,
Cantar quero os seus dotes soberanos.

Birei que da memoria as castas filhas,
Emulas deste dia no cortejo,

Desde a margem do Tejo
Vem tributar-lhe as raras maravilhas
De seus farteis crystaes, de seu thesoiro,
Riundas sacudiudo as tranças d'ouro.

Que as Briades formosas, e as Napeas
Dando-se as mãos em linsongoiro agrado,

Vão pelo verde prado
Divididas de gosto em mil ideas
Colhendo os goivos, os jasmims, as rosas,
De que grinaldas lhe tratam mimosas.

Birei que na feliz doce lembrança
De tão alegre suspirada aurora

Pude ver alguma hora
Respirar toda a paz, e toda a esperanza
Do reino luso enchendo os seus projectes
Na serie angusta dos vindouros netos.

Sim, Noronhas invictos, sim, Menezes,
Este dia nos trouxe o fausto auspicio.

O horoscopo propicio
Nos fez ver os escudos, e os arnizes,
Que das vossas virtudes dando abono
Nos seguravão sobre o Tejo o trono.

Com providencia o ceo creado havia
De troncos taes um ramo florecente,

Ea o tenho presente
Ao lado da suavissima Maria
O que tem neste laço eu imagino,
Que mais que a eleição pode o destino,
Se Maria do sol não visse a face,
Quem de Rodrigo o coração prendera.

E quem a merecera?
Sim, Rodrigo no mundo tambem nasce
Prevenio, eu o vejo, cuidadoso
A tal esposa o ceo tão grande esposo.

Amor, misero amor, eu sei que um dia
Colhendo flores pelo prado andavas,

Uma rosa tiravas,
Quando uma abelha o dedo te mordia,
Choraste então, e te queixaste afflicto,
Ouvio-te a mãe, e consolou teu grito.

Ah! não sabias tu que aquella fera
De ordem de Venus viajava as rosas?
Estas flores mimosas
Não as dá para ti a primavera,
Sente e lamenta amor, chorar ostens damnos,
Devem-se as rosas de Maria aos annos.

Contenta-te dos louros que roubaste,
Já que a formosa mai na selva idea
De vencer se gloria:
Este triumpho a tuas glorias basta,
Quando infeliz tu foras se Maria
Concorresse das deusas na porfia.

Contenta-te de que fada geime o Xanto
Da roubada belleza o triste caso,
E que o Pergamó raso
Deve-se ás Phrygias mãos tão terno pranto,
Contenta-te de ver ao carro preso
Heitor dos Grogos infeliz despreso.

Contenta-te... mas onde me arrebató?
Da grande empreza o meu valor desisto,
Esmorece-se a vista
Treme, e vacila o pé destino ingrató
Inutilmente de calcar presume
A debil planta do Parnaso o cane.

Se em molles palhas a bater começa
Curtas asas o leve passarinho
Não se aparta do ninho,
Tê que as pennas se encrepem, se endureção;
Tempo virá, se elle a voar se ensaia,
Que suba aos cedros, e á copada faia.

Claudio Manoel da Costa.

NÃO TE RETIRES.

Deixa que eu morra
D'esta ferida
Do cego amor.
Que é doce vida
Morrer por ti;
Mas si me queres
Da morte isempto,
Não te retires;
Pois so me alento
Com ver-te aqui.

Antonio José

QUADRO

DAS DORES DE MARIA SANTISSIMA.

Eia! Mater, fons amores,
Me sentire vim doloris,
Fac, ut tecum lugeam.

HYMN. STAB. MAT.

Ah! Permite, ó Mai de amor,
Que eu, sentindo intensa dor,
Possa unir meu pranto ao teu.

Alma tibia e froxa, acorda,
Estremece... ó peccador.

Solitaria pomba geme,
Quando exprime acerba dor;
Virgem, Mai, formosa, e pura
(Que silencio! Que saudade!)
Se concentra em magoa, e dor
Pelo horror da soledade,
De fiel reminiscencia
O verdugo lhe annuncia,
Que segundo a profecia
Eis o prazo de alliegao,
Que lhe foi annuciado
Pelo velho Simeao.
« Este menino ha de ser
Objecto d'ira, e de amor,
De ruina, e salvacao
Para muitos d'Israel.
Elle vem salvar a todos;
Mas nem todos hão de ter,
Por força de obstinação,
A gloria de o conhecer.
Tê que o barbaro furor
Dos impios lhe arranque a vida;
Em teu seio amargurado,
Centro de angustia, e de amor,
Sentirás, Mai affligida,
O coração traspassado
De aguda espada de dor.»
Alma tibia e froxa, acorda,
Estremece... ó peccador. (1)

(1) Deste modo acabão todas as sete divisões. E quando se pretenda meditar cada uma de per si, começar-se-ha pela epigraphie.

Ah! Permite, ó Mai de amor,
Xe. Xe. Xe.

E se terminara com a Jaculatoria, que vem no fim.

Tu que aspiras meditar
 Neste abysmo de aflição,
 Foge aos prestígios do mundo.
 Entra nesta solidão.
 Tão formosa, como afflicta,
 Consternada, e macilenta
 É uma Virgem solitaria,
 Que a teus olhos se apresenta.
 Tem no seio virginal
 Um mysterio de agonias;
 Para ao menos, e contempla
 N'amargura de seus dias.
 Com que dor! Com que aflicção
 Ella vio ensanguentado
 O pequenino Jesus
 Quando foi circumcidado!
 Cruenta furia de Herodes
 Pretendeo tirar-lhe a vida;
 A Mãe c'o Filho nos braços
 Foge, oh dor! espavorida!
 Jerusalem, que exterminas
 Os profetas do Senhor,
 Se não te humilhas agora,
 Teme o raio vingador.
 Alma tibia e froxa, acorda,
 Estremece... ó peccador.

Entre os doutores da lei
 Falla o Justo; a Mãe, que o chora
 Perdido, errante, saudoso...
 Do mysterio a causa ignora.
 Eis se lhe apressa o momento,
 Em que a saudade o detem;
 Bethania o vê partir,
 Recebe-o Jerusalem;
 Como em triumpho o recebe.
 Suspendei, Senhor o raio.
 «Hosanna» agora lhe entoão;
 E depois «Crucificai-o».
 Do alarido o som rebenta,
 Como em ondas bate o mar;
 Entre confuso ruído,
 Qu' estrondoso fere o ar,
 Que silencio! Que amargura!
 Os corações estremece...
 São dous amantes saudosos,
 Que se encontrão... e emmudecem.
 Que scena o Golgotha exprime
 Tão diversa do Thabor!
 Uma de jubilo e gloria.

Outra de sangue e de horror.
 Alma tibia e froxa, acorda,
 Estremece... ó peccador.
 Que situação dolorosa!...
 Ali a Mãe compassiva,
 Vendo aberto em chaga viva
 O corpo do seu Jesus,
 Por grossos cravos de ferro
 O vio pregado na cruz.
 Dilacerando-lhe o peito
 Vio da blasfemia o punhal.
 A natureza, opprimida
 C'o afflicção do Author da vida,
 Deo signal de mudo horror,
 Deo o de ruina signal.
 Os insensiveis presentem
 Que padece o Creador.
 Alma tibia e froxa, acorda,
 Estremece... ó peccador.
 O Justo... já não existe,
 Sobre o Golgotha expirou!
 A triste Mãe, que saudosa
 Perde o Filho, e perde a luz,
 Sempre firme ao pé da cruz,
 Absorta, immovel ficou.
 Não é geral o prestigio.
 De que se antolha a razão,
 Ao través da irreligião,
 Quando a impiedade esbraveja,
 A luz, e a paz se diffundem
 Pelo horizonte da igreja.
 Nasceo no Golgotha a Esposa
 Do Cordeiro immaculado.
 Se a feresa de um soldado
 C'o a lança o peito lhe abriu.
 De heroica, e rara virtude
 A intrepidez acodio.
 Um discipulo fiel,
 Arrostando a Synagoga,
 Chega a Pilatos, e roga
 Que lhe conceda o cadaver
 De Jesus de Nazareth;
 Outro previne os aromas,
 Com que o deve embalsamar.
 Chegão escadas á cruz,
 E o cadaver despregando
 Pouco a pouco, suspirando...
 Fazem baixar o despojo
 Do exangue, e frio Jesus.

A Mãe, que afflica o reclama,
Que o tem nos braços, e o beija,
Em vão procura, forceja,
Por ver se encontra, e descobre
Um signal, ou similitão,
Que apresente em morte-cor,
Senão a copia fiel,
Ao menos viva lembrança
Do objecto digno de amor.
Alma tibia e froxa, acorda,
Estremece... ó peccador.

De negra nuvem se tolda
O coração maternal;
E o piedoso funeral,
Que em suspiros o acompanha,
Pelas abas da montanha
Desce ao lugar do sepulchro.
Eis se redobram gemidos...
Junto ao mármore saudoso
Tudo parece animado
De um suspiro doloroso.
Foi ali depositado
O despojo Sacro-Santo:
E depois d'embalsamado,
Envolto em linho, e coberto
De um sudario humedecido
Em terno, amoroso pranto,
Com que dor! Com que saudade
A campa se revolveo!
E aos olhos da afflicta Mãe,
De seu unico thesouro,
O frio resto escondeo;
Que scena triste e piedosa!
Qu'espectaculo! Que dor!
Alma tibia e froxa, acorda,
Estremece... ó peccador.

De sensação dolorosa,
Que alonga o tragico fim,
De quando em quando resoa
Esta expressão maviosa:
« Compadecei-vos de mim!
Se é que vós... sois filhos meus.»
Quer proseguir, e não pôde;
Porque a dor inda de longe
Apresenta aos olhos seus
A solidão do sepulchro,
Ao dar-lhe o ultimo adeos.
« Compadecei-vos de mim!
Prosegue a Virgem saudosa,

Porque sou Mãe amorosa,
E vos gerei n'afflicção.
Se vós sois filhos do pranto,
Não me negueis compaixão!
A dor se nutre em silencio,
Do tumulto retirai-vos.
E da força de oppressão,
Que desafia o temor,
Eis o recurso, lembrai-vos
Ao menos da minha dor.
Alma tibia e froxa, acorda,
Estremece... ó peccador.

JACULATORIA.

Se um filho ingrato
Detesta o crime
Como é sublime
Do ingrato a dor!
A Mãe piedosa,
Que o filho aggrava,
Perdoa, e lava
Crimes de amor.

Os meus delictos
Eu bem conheço;
Quando os confesso,
Tremo de horror!

Oh Mãe! Oh Virgem,
Doce esperança,
Do mar bonança,
Do ceo penhor!

Dá que me acolha
Sob o teu manto,
Banhado em pranto
De viva dor.

José Elói Ottoni.

AO DIA DE FINADOS.

Hodie mihi eras tibi.

Oh sol! não surjas!... teu surgir é triste...
Mesclear teu igneo fogo vem o pranto
Que desliza da triste humanidade!...

O mundo envolve o pranto de amargura
Lagrima em bagas pressurosas tombão
Do ente submisso á lei de ferro
Imposta pelo rei potente e justo!...
De lucto o tabernaculo se reveste...
Nega a fragancia o incenso... escasso brilha

A mortuaria alampada diffunde ! . . .
 Oh ! como se erguem mausoleos sem conto...
 Como adeja da morte o anjo funereo
 Per cima das cabeças... « Visitante ,
 « Mudo e quedo teguardo... a extreme attinges
 « Hora fatal !... que tu da terra erguido ,
 « Terra, terra serás , voltado á terra !... »
 Oh ! sabio , oh pensador , vinde comigo
 Teus passos guia á desalegre estancia...
 Que reflectes ?... q'dizes ?... tudo é sonho...
 Sonho sem despertar , infundo sonho !...
 Tu , marmoreos padrões , mortos ciprestes
 Lugubres circumdando-o , não lobrigas
 Em seus amagos , ossos alvejantes ?...
 Tu não vês , oh desdita ! a cara esposa ,
 A custo as negras vestes arrastando ,
 Seu peito lacerado , gemebunda ,
 Em lágrimas amargas deulhada ?...
 Tu , esparzas as cãs , não vês o velho ,
 Pela fria velhice tardo os passos ,
 Pelo pezar o peito retalhado
 Carpir a filha que lhe foi roubada ?...
 E por quem ? e por quem ? poupai-me o pranto
 Erguei-vos , mausoleos , por quem dizei-o .
 Forças não tenho , succumbido existo !... »

« Oh ! ali vejo o corpo exangue e frio
 « Do esposo que me deste e que o roubaste !
 « Reccebe , caro esposo , oh ! sim , recebe
 « Mercenorias saudades que te offrego !... »
 A triste esposa perpassando amostra
 Em pallido semblante desalegre
 Locubrações que , preenhe o peito , a ancía.

Para , despota... vê , prediz a meta
 Em que tens de passar... cessa se é tempo...
 O sangue poupa que enrubece a terra.
 A qui vês dos heroes quebrada a lança ,
 Dos vates sepultada a eximia pluma
 Que dictara lieções , que a vinda idade ,
 Ebria de gloria , a bemdirá um dia.
 O salgueiro contempla , que entornadas
 As vergontas p'ra terra , morte ! morte
 So parece dizer... A pulchra virgem
 Rissonha , do poder mortal zombando ;
 A esposa , que com labios simi-abertos
 Pelo esposo so chama... Benção dando
 Encascado velho aos tenros netos !...

Oh lei de ferro ! oh deos omnipotente ,
 A vida dando ao home' a vida errancas ?...

Desgraçada da terra a prole infausta !
 Desgraçada da triste humanidade !...

L. F. Abreu.

BOFÃO DE ROSA.

• Se maligno
 Tei destino.
 Quer que as bellas companheiras
 Não mais vejas nas roseiras ,
 Outras rosas
 Mais mimosas
 Tu verás

M. DE PARANAGUA.

Inda ha pouco tao viçoso ,
 Tão formoso
 Na roseira ,
 Junto á rosa companheira
 Parecias innocente
 Mui contente
 Desbroxar.

Mas agora enlanguecido
 Qual ferido
 De tristeza ,
 Te diviso sem belleza ,
 Pouco e pouco desbotando ,
 Te inclinando
 Té murchar !

Nessa jarra crystalina ,
 Pura e fina
 Mergulhado ,
 D'onde brilhas pendurado ,
 Vim guardar-te cuidadoso ,
 E orgulhoso
 Te julguei.

No pendão teu delicado
 Despresado ,
 Sem amores
 Aqui achas estas flores ,
 Onde imperas de formoso ,
 Mais ditoso
 Do que um rei !

La do sol raios e ardores
 Tuas cores
 Murcharião ,

Do odor te privarião ;
 Aqui achas fresco amigo

Neste abrigo
 Protector.
 Mas que tens que tão tristonho
 De risonho
 Te tornaste?
 Ah! já sei!... La tu amaste!
 E não achas flor tão bella
 Como aquella
 Teu amor!...

Uma rosa delicada
 Adorada
 Era por ti;
 E não achas rosa aqui
 Que ame, e engrace-se contigo;
 Vem comigo
 Que a terás,

Reanimou-te a esperança,
 Que mudança
 Experimentas!
 Com a idea te alimentas
 De inda seres venturoso;
 Vem, ditoso
 Tu serás!

Ali tens duas formosas,
 Bellas rosas
 Duradouras,
 Mais suaves seductoras,
 Mais coradas feiticéiras,
 Nas roseiras
 Nunca vi.

Ambas puras, lindas, bellas,
 Ambas ellas
 São iguaes;
 Qual das duas amas mais?
 Por qual dellas te descambas?
 Eu por ambas
 Já morri!...

Tu por ambas?... Não são rosas
 As mimosas
 Que mostrei-te;
 De proposito enganei-te;
 Essas flores tão vivaces,
 São as faces
 De meu bem.

Tambem auras namoradas,
 Enganadas
 São por ellas,

Que umas faces assim bellas
 Tem das rosas a frescura,
 E a candura
 Tambem tem.

Fai tyranno p'ra contigo,
 Mas comigo
 Sê piedoso;
 Ah! não murches, vai ditoso
 De Francina sobre a fronte
 Casta e insonte
 Feneceer!...

Este beijo nao impuro,
 Porém puro
 De-te vida;
 Outro beijo da querida
 Sobre ti, ó innocente,
 Accrescente
 Teu viver!...

F. J. Souza Silva.

AO DR. C. J. BARATA DE ALMEIDA.

OBE.

I.

Quem de meus hymnos rapido arrebatá
 A magica harmonia? e os fios de oiro
 Da lyra consagrada á liberdade
 Magôa sonoro?...
 És tu, és tu, divino amor da patria,
 Que o peito m'endeóças quando a mente
 Me queima a fêbea flamma,
 E me arde o coração a tí votado.

II.

Rabido impulso de paixões vehementes
 Não me circunda?... atropelados vícios
 De entorno de mim fogem quando os olhos
 Irosos meus vibrando
 Serteiros raios da moral sublime
 As trevas rompem que a virtude enlutão!...
 A victoria cantando
 Exalço heroes condignos d'alto apreço.

III.

Prendendo os povos na brutesa o despota,
 A' seu capricho atropelava Themis:
 Gemia a natureza, e os cadafalsos
 Inundados se vião
 Muitas vezes do sangue do innocente,
 Do honrado cidadão que firme esp'rava

Da virtude o triumpho ;
Do sabio e justo, e premio merecido.

IV.

Raiou emfim o dia desejado !...
Tremem Hyparcos, Hippias, e Caligulas ;
Neros baqueião !... e ao clarão terrivel.

A liberdade assoma ;
Pesados ferros, e tricas masmorras
Ao brado ingente se espedação, quebrão-se !

Reluz de leis proficuas
No patrio came o código sagrado !

V.

Contrastada mil vezes, mil ovante
Surge apezar dos despotas sanguinios !
Diga-o Iberia, diga o Pensilvania ;
E mesmo a Gallia que hoj
Os sceptro quebra dos Bourbons soberbos !...
Dize-o tu, oh Brasil !... mas não, não digas.

Teu Regulo só basta !
Elle os projectos meus preenche agora.

VI.

Quem de Lisia no seio a voz soltando
Entre ameaças vis de um povo armado,
Primeiro os teus direitos pugna egregios
Seus punhaes desdenhando ?...
Quem denodado, em patrio amor ardente,
Ao filho teu traidor, rija pancada
No infame rosto imprime,
E aos pes o prosta sem temer-lhe as iras ?

VII.

Q' em c'o a penna na mão, no peito a chamma,
Da liberdade a sentioella firma ?
E em premio d'honra, de fadigas nobres,
Hergastulo horroroso
Cruéis ministros dão !... negra sentença
O condemna a soffrer martyrios tantos !...
Venaes mimos lhe offertão
Mas a alma grande taes ficções despresa.

VIII.

Oh tu dever sagrado, esforço patrio !
Esquecido talvez, talvez inerte,
Deixas assim cortar de acerbos damnos
O da firmesa norma ?...
Emfim, rasgou-se o véo medonho ! é livre !
Parabens, parabens, Brasil ! ja gozas
Sobre o teu seio o martyr,
O modello de heroes, teu digno filho !

IX.

Sim, oh Barata illustre, a gloria tua,
Mesmo os trabalhos teus firmarão hoje !

E o ceo prouvera que na patria minha,
No Brasil bemfasejo,
Houvessem muitos que imitar-te ousassem !
Então de heroes, de numes fora o herço,
E eu na lyra emdeosada
A patria minha dera novo esmalte !

J. J. Pinto Vedras.

SONETOS.

Alçando a dextra que desprende o raio
Setimo dia de setembro avulta !
Prodigios verte a gloria que resulta
De tio divino portentoso ensaio !!!

De março vinte e cinco ao tres de maio
Crescem padrões que o tempo não insulta !
E o Fado que de Jove a lei consulta
Lança o fero poder em vil desmaio !!!

Santo patriotismo alente a chamma
Q' ao passo dos heroes franqueia o norte !
Onde a razão a liberdade acclama !!!

Marque o Brasil do servilismo a sorte,
Despotas gemão quando a patria clama
« Razão, justiça, independencia ou morte. »

A. J. Pereira.

De parras verdejantes coroado (1).
Filtrando o doce nectar saboroso,
Eu vi Baccho contente, e pressuroso,
Mal do sol o esplendor tinha raiado.

Apollo no Parnaso, vi sentado
Das Musas entre o choro glorioso ;
E ao som do plectro seu harmonioso,
As mais bellas canções tinha entoado.

Fiquei de pasmo cheio, e não sabendo
A causa porque tanto se empenhavam
Ao Templo da Memoria fui correndo,

De uns consortes os nomes se gravavam
(Segundo vi Amor inda escrevendo,)
Que em laços de hymeneo se vinculavam.

M. J. da Motta.

(1) Inedito, improvisado em 1813.

Dr. padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

Vio a luz do dia no Rio de Janeiro, aos 24 de novembro de 1762, o sabio e honrado Brasileiro Dr. padre Antonio Pereira de Souza Caldas. Aos 13 annos de idade patten-teou, apesar de terriveis males phisicos que o opprimiam, que o aguardava um futuro de fascinante brilho. O fogo da mocidade, escaudando-lhe o cerebro, fê-lo menos reservado na expressão de suas ideas, que, apesar de serem fundadas, em principios solidos, deu causa a que a já começada inveja tomasse vigor, e o entregasse, com alguns collegas seus do curso litterario ás garras do Santo Officio! Graças porém ao seu espirito não vulgar, elle soube ostentar-se superior ás desditas, e triumphar calcando aos pés a inveja que já o considerava sua vitima. Regressando a Portugal, tomou o grão de bacharel, e recusou em Lisboa o despacho de juiz de fora para a cidade do Rio de Janeiro, por julgar não de sua vocação a carreira da magistratura.

Depois de ter recebido em Roma ordens sacras não accitou o bispado do Rio de Janeiro, offerecido pelo marquez de Ponte de Lima. Quiz vir ao seu paiz natal afim de visitar sua estremosa mãe, á quem sempre tributou dedicação e amor; porém sua estada nesta cidade foi de pouca duração, evoltou a Portugal, deixando a saudade e a magua em todos os corações.

O Dr. Caldas, definhando pouco a pouco, por continuas vigílias e apurados estudos, e morreu no Rio de Janeiro, a 2 de março de 1814.

A' ILL.^{ma} SR.^a D. F. L. S.

A MINHA ESTRELLA.

Plus douloureux est mon martyre
Loin de l'objet de mon amour;
Et mon cœur désolé soupire,
Soupire nuit et jour.

PARSY.

Nasci em tempos de guerra
De mil desgostos cercado,
Ao som de crebros soluços
Foi o meu berço embalado.

Sempre sonhando venturas
A minha infancia passei,
Cheguei á idade de amar
Nunca ventura encontrei.

Amei do campo uma flôr,
Que a natureza adornou
Das mais delicadas cores
Que no seu reino creou;

Mas quando um dia abrazado
A minha amada busquei,
Dispersas pela campina
Secceas folhas encontrei.

Ainda amei com ternura
Dos ares uma habitante,
Deixou-me sem piedade,
Foi como a outra inconstante.

Então amei uma estrella
De um brilho fascinador;
Jurei-lhe eterna firmeza
Sagrei-lhe cultos de amor.

Se ternos versos compunha,
Se frescas rosas colhia,
Com extremada ternura
A' minha estrella off'recia.

Imaginando mil glorias
Lido, de amor transportado,
Julguei ser ella a mais firme
Do ceo azul estrellado.

Porém n'um dia horroroso
Atroz tormenta se armou,
E pelas serras e valles
Rouco trovão retumbou.

Medonho espesso negrume
Tudo em seu manto envolveu,
De tantos astros brilhantes
Nenhum mais appareceu.

Em vão buscarei meus olhos
A minha amada encontrar,
Em vão corri delirante
Por ella sempre a chamar.

Um fuzil, um berro ingente....
Após, silencio horroroso....
Mais e mais apavoravam
Meu coração temeroso.

Depois, passada a borrasca,
Limpido o ceo se tornou.
Porém jamais a meus olhos
A minha estrella brilhou.

Agora é fama que habita
Outro lugar mui distante,
Faz radiar no Subaio
Seu brilho de diamante

Essa estrella, minha prima,
Que eu de joelhos adoro,
Ah! perdoa-me que o diga,
E's tu por quem gemo e choro.

Narciso José da Costa.

AO HOMEM SELVAGEM.

ODE (1).

Strophe 1.^a

O' Homem, que fizeste? tudo brada:
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz dourada,
A Liberdade em ferros se vê presa,
E a pallida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
Do Deos, que te creou, a imagem pura

Antistrophe 1.^a

Na cythara, que empunho, as mãos grosseiras
Não poz cantor profano;
Emprestou-m' a verdade, que as primeiras
Canções nella entoára: e o vil engano,
O erro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo enfim banido

(1) Esta ode, onde brilha um estro superior ao que distingue as mais bellas composições que nesse genero tem sido escriptas no idioma portuguez, e talvez mesmo em todos os idiomas vivos, foi composta em 1784, tendo o autor apenas 21 annos de idade, por occasião de uma disputa que se levantou casualmente em uma conversação amigavel entre elle e o general Stockler, acerca das vantagens da vida social.

Epode 1.^a

Des ceos desce brilhando
A altiva independencia, a cujo lado
Ergue a razão o scepto sublimado;
Eu a ouço dictando
Versos jamais ouvidos; reis da terra,
Tremei á vista do que ali se encerra,

Strophe 2.^a

Que montao de cadêas vejo alcadas;
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas!
A natureza simples e constante
Com penna de diamante
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis que lhes tem feito,

Antistrophe 2.^a

O teu firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sobre o tremendo
Altar do calvo tempo se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véo da antiguidade
Que á luz esconde a tua vera idade.

Epode 2.^a

Da dor o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me.
E as tremulas entranhas apertar-me.
O'ceos! que immenso espaço
Nos separa daquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos!

Strophe 2.^a

Salve, dia feliz, que o louro Apollo
Risonho alumiaava,
Quando da natureza sobre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava,
E o despota ao aceno enforcido
Que inda a terra não tinha conhecido.

Antistrophe 3.^a

Des fervidos Ethontes debruçado
Nos ares se sostinha,
E contra o tempo de furor armado
Este dia alongar por gloria tinha;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando
A noite foi do averno afronte alçando

Epode 3.^a

Sahio do centro escuro
Da terra a desgrenhada Enfermidade ;
E os braços com que unida á Crueldade
Se aperta em laço duro ,
Estendendo ás campinas vai talando
E os miseros humanos lacerando.

Strophe 4.^a

Que Augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura !
Nu ; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Fea mão da ventura :
No rosto a liberdade traz pintada
De seus serios prazeres rodeada.

Antistrophe 4.^a

Desponta, cego Amor, as setas tuas ;
O pallido Ciúme ,
Filho da Ira, com as vozes suas
Num peito livre não accende o lume.
Em vão bramindo espume
Que elle indo após a doce natureza,
Da fantasia os erros nada preza.

Epode 4.^a

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando ,
Que, de espectos cingindo avil figura,
Do sabio tornão a morada dura.

Strophe 5.^a

Eu vejo o molle somno sussurrando
Dos olhos pendurar-se
Do froxo Caraíba que, encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,
O sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços
Entregar-se de Amor aos doces laços.

Antistrophe 5.^a

O' razão, onde habitas? na morada
Do crime furiosa,
Polida, más cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro? Dize . . . aonde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

Epode 5.^a

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos valles já sombria
Apenas apparece; assim me prende
O homem natural, e o estro accende.

Strophe 6.^a

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyranno,
Que primeiro, enrugando o torvo aspecto,
Do meu e teu o grito deshumano
Fez soar em seu damno
Tremeu a socegada natureza
Ao ver deste mortal a louca empreza.

Antistrophe 6.^a

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo crusando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio seu lançando
Os crueis erros e a torrente impia
Dos vicios que combatem noite e dia.

Epode 6.^a

Cobriram-se as virtudes
Com as vestes da noite: e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então so rudes
Engenhos cantam o feliz malvado
Que nos roubou o primitivo estado.

A. P. de S. Caldas.

FOI PORQUE O NÃO QUIZ.

Se vejo o teu rosto
E lembro o passado,
Por bem empregado
Dou tudo o que fiz.
Fiz minha vontade;
Saibam meus rivaes,
Que se não fiz mais.
Foi porque o não quiz

Alvarenga.

A FLOR DA LARANJEIRA.

Imitação de Corneille.

D'aqui deste palacio de esmeralda,
No qual formada fui, e aonde impero,
Eu idolatro, Tirse encantadora,

A tua formosura!

Formosura immortal e sem segunda!
Inveja o mesmo sol teus attrativos,
Confessa humilde ser dos teus encantos
Uma fraca pintura.

Ah! não tenho o esplendor dos rubros cravos,
Que Flora traz ao peito gracioso,
Variado matizes não me cerea

O calix, e corolla. (1)

Porem, que doce, magico perfume,
Delicioso encanto dos sentidos,
As petalas (2) gentis, ternas exalão!
Quem é, que não m'inveja?

(1) O calix (calix), no maior numero das flores é o tegumento externo dos órgãos sexuaes de cor verde ou menos corado do que corolla (o jasmim crovo, e goivo). Derão-lhe este nome, por se assemelhar n'algumas flores a um copo, como se vê nas labiadas, leguminosas e muitas outras. Corolla (corolla), é um tegumento dos órgãos sexuaes da flor immediatamente contiguo a elles; e de ordinario mais corado e mais delicado, do que o calix; tal é por ex. a do jasmim, açucena, rosa, cravo &c. O calix é o thalamo nupcial das flores, e a corolla a rica armção d'elle. Chamou-se assim, por se assemelhar, em algumas flores, a uma pequena coroa real aberta, como é a da açucena. Sobre estas denominações veja-se no Compendio de Botanica de Brotero, Tom. 2.º, Diccionario Botanico pag. 154, a palavra calix.

(2) Petala, é folha de uma corolla petaleada. Columna foi o primeiro Botanico, que usou deste termo, para significar o tegumento corado da flor, a que Linneo substituiu o de corolla. Eu sei que algumas pessoas traduzem a palavra *petalum* por pétalo; mas os que reflectirem, que traduzimos *folium* por folha, e que *petalum* é uma folha da corolla, certamente reco-

Nem o candido arminho tão mimoso
Os meus encantos tem, pureza, e garbo;
Assombraram-se os ceos, formado vendo
O meu formoso seio!

O destino das bellas infelizes
Offende aos meus encantos e perfumes,
Qual mais diga de Tirse, mais perfeita,
E qual mais engraçada?

A flor d'Alexandria, a flor de Venus
Acaso é sempre bella e delectosa?
Respeita-lhe Saturno a formosura,
O ephemero perfume?

Symbolo da soberba e da inconstancia,
Em vão ostenta ser d'amenos bosques
O olho scintilante, e amor dos campos,
E d'alma doce enlevo.

Lindo botão apenas desabrocha,
E' dos ventos tyrannos o ludibrio.
Ve no leito de amor roubar-lhe as graças
A voraz mão do tempo.

Oh! quanto feliz sou e suspirada!
Agradavel, gentil, maravilhosa!
Raios de ingratidão jurar se atrevem
Privar-me da existencia?

Minha essencia é vital, restaura as forças,
Tonica, antispasmodica, anodina,
Geral transpiração move proficua,
Dou liquidos suaves:

Objecto encantador! Tirse adorada!
Dos olhos teus risinhos serei digna?
Oh! deosa, immortalisa minha gloria,
Sim, jamais me desprezes.

Ve de meu nascimento o brilhantismo,
Meu formoso palacio esmeraldino;
O meu halito o mundo purifica,
No peito amor inflamma.

A pura candidez dos ceos imagem,
Minha innocencia e formosura exprime:
Tributão-me os mortaes doce amisade,
Gratidão e respeito.

nheceram, que é mais conforme ao genio da lingua portugueza dizer petala, do que petalo. O Dr. Tavares, lente da Universidade de Coimbra, usa da palavra petalo, por petala.

Lisongear-me atrevo, e offerecer-te
Os meus votos ardentes, indeleveis:
A magica belleza dos teus olhos
Toda me tem roubada.

Esta c'roa mimosa, immarcescivel,
Mais que o cinto de Venus recendente
Tão nitida, gentil, tão invejada,
E' digna só de Tirse.

Se meu formoso brinde, Tirse, accitas,
Esta c'roa requissima e fragrante,
Em mares de prazer deliciosos,
Viverei engolfada!

De amor então vaidosa e delirante,
Verias contemplar-te, bella Tirse,
Remdizer meu destino, teus portentos
Oh! deosa do universo!

Ventura singular! prazer sem termo!
Ja devoram meus olhos cobiçosos
Os encantos de Tirse incomparaveis,
As graças inexhaustas;

Os olhos tentadores, fuzi-lumes,
As faces divinaes de leite e rosas,
Os levantados pomos tremulantes,
A divina cintura!

E para minha gloria eternisar-se,
Hei de ver Jonio afflicto, acceso em furias
De ciume lethal exasperado,
Pedindo aos ceos mil mortes!

Porém, Tirse, se glorias tão sublimes
Só me é dado gozar na fantasia,
Ah! pune com rigor o meu desejo
Pune, oh! Tirse, eu consinto.

Proibição severa então me ordene,
Que eu só deva habitar nesse teu seio:
Esta pena será vaidoso premio
De meus delirios ternos.

J. de B. T. de A. Maranhão.

O POETA DESTERRADO.

ODE. (1)

Oh lyra brasileira, que inspiravas
Com teus hymnos, no peito amor de gloria,
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
Ja não accendes de Mayorte o fogo:
Nem cantas os tropheos da patria amada
Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo; ou temperada agora
Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estylo.

Ah não digas, ó zoilo, mal do vate,
Se procurando lenitivo á magoa,
Sob a copada rama solitario,
Enseja amor na lyra.

Um mayioso coração afflicto
Que abandonado em terra estranha geme,
A qual recorrerá propicio nume
Se não á Venus meiga?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita,
E'tambem de Narcinda a santa causa:
Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito
De dor e de saudade.

Os suspiros que a lyra aos ares manda,
Ella com seus suspiros acompanha;
E se um sorriso de esperança enceta,
Sorri com ella o vate.

Oh de Narcinda angelico sorriso!
Mais balsamico és ao triste esposo,
Que o sorriso da lua, que embellece
Da negra noite o manto!

Não do regato o placido sussurro;
Nem o travesso zephyro, que esperta
Do lethargo da sombra a flor cheirosa,
Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil, qual matutina rosa
Pelas gotas de maio rociada;
Assim do teu dilecto olhos e peito
Arrebatas sorrindo.

Ah não digas, ó zoilo, mal do vate,
Se ainda se ocolhe de Narcinda ao seio
Pois no meio do sonho dos amores,
Tambem co'a patria sonha.

Para a molleza não nascera o vate:
Em mais ditosos dias chamejava
Sua alma ardente, de heroismo cheia,
Quando uma patria Unha!

A corda que sicia docemente
Sobre a dourada lyra malfadada,

(1) Escrip'ta em Bordeos em 1825.

Ou'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida setta:

Os labios, que ora movem molles versos,
Ja levantar souberam da vingança
Grito tremendo, á despertar a patria
Do sono amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria:
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brasil, hoje immudece
Entre grilhões e mortes.

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil infame bando.

Ah não digas, o zoilo, mal do vate
Se aos lares seus não volta acicalado
Subito ferro afogaria o grito,
Que pela patria erguesse.

Ali da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restão, fugidios
Vivem inglorios; pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vedes
Que o facho horrivel, que allumia a senda
Das falsas honras, accendeis no fogo
Que abraza o Brasil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,
E calca aos pés o merito e virtude,
Uma lagrima se quer não vós arranca
A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vos, almas damnadas!
A taça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas (1)
Da cysphatina plaga.

Suspirai pelo ceo, morrei no inferno
Contente! Paz e gloria de vós fujam!
Como as aguas de Tantalos fugiam
No Tartaro dos Gregos

Ah não digas, ó zoilo, mal do vate
Se á paphia deosa algum consolo pede;
Se a aguda dor que pela patria sente,
Sonha abrandar um pouco.

Que um raio de esperança o fado accenda,
Que um relampago so penetre as trevas

Que o seu Brasil involvem, nesse instante
Em pé se alçará forte.

Então seu coração no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lyra; — então com nova murta
Coroará a espada.

Ah quanto é forte um vate, se nutrido
Entre perigos foi! se denodado
Da morte os brados retumbar ouvira
Com não mudado rosto!

Que um Trasibulo novo se levante
Cum punhado de heroes, a tyrannia
No ensanguentado throno ja nutante
Cahirá aos pés exangue.

Mas enquanto o Brasil adormecido
Brilhantes dias renovar não sabe,
Repita ao menos o seu nome amado
A lyra dos amores.

Da dor profunda, que a seu vate opprime
Estranhos se condoão; e os suspiros
Da lyra, que atravez dos mares voam,
Façam chorar a patria.

Adeos, ó lyra, basta: ja se embruscam
Cada vez mais os ares — sombra espessa
Involve em torno a placida ramada,
Em que teu vate geme.

Fica pois suspendida do alto cheupo;
Nem mais allicta mão as cordas fira:
Ao murmurio da fonte so responde;
Os zephyros te movam.

Aos apartados echos da collina
Mescela teus sons; e do pastor a gaita
Frenito doce em ti somente excite,
Ou zunidora abelha.

Adeos enfim, adeos, lyra piedosa
Ah quantas vezes o teu pobre vate
Armeigava contigo a dor profunda
Em disvelladas noites!

Se tantos males supportou constante,
A ti deveu, ó lyra — Ja não podes
Ora mais consolar dobradas magoas,
Adeos, em paz descança.

L. B. de Andrada e Silva.

(1) Polistes Lechuguena de Latreille

O INCENDIO DO PALACETE, E A SENTIDA MORTE DE FRANCISCO DE ASSIS PEREGRINO.

Era noite. Envolvida em seus deleites
A Princeza do Valle (1) em amplo quadro
Nobre espectac'lo desdobrava altiva!
A fronte soberana lhe adornavam
Soberbos obeliscos, e pyramides,
Entre altos torreões, triumphaes arcos,
De milhões de festivas luminarias
Clarão, que ao sol pleitea a luz diurna,
Españcava do valle o horror da noite;
E a ufana princeza recostada
Em veludos, em ouro, de seu seio
Mandava aos montes o clarão das festas,
E ao ceo os echos de exclamados vivas!
Pesa mais grave a noite. Os nobres filhos
Da princeza do valle então repousam.
E do joven, que em prova o seu talento
Vai pôr em breve, o que é feito agora?
Dorme!... e talvez tranquillo não cuidoso
No dia de amanhã!... Como elle dorme!
Talvez, tranquillo agora, em suas veas
Seu sangue gyre, e socegado bata
O seu pulso; talvez neste momento
Sem presagio, sem dor, manso palpíte
Seu coração!... O'horror!... Mas que futuro,
Que futuro o espera... amanhã mesmo!
E que dor a su'alma agora opprime?!
Qual pensamento lhe ramina a mente?
Nem dor, nem pensamento! Ora tranquillo
Dorme o somno do justo! Como dorme!
Oh! repousa, infeliz! E quem te ha dito
Que esse é da vida o derradeiro somno,
E que o teu despertar amanhã mesmo
E' despertar extremo?! Quem te ha dito,
Que n'ampulheta do ligeiro tempo
Impende sobre a arêa deslisada
O teu extremo bago? Quem te ha dito,
Que as azas desdobrando temerosas
Revôa em torno a ti o anjo da morte,
E que o genio dos tum'los levantára
A lapida terrivel, que p'ra sempre
Vai pesar sobre ti! Oh! quem te ha dito,
Que abri'a a eternidade a porta immensa

(1) Mui apropriadamente chamou a cidade do Rio de Janeiro Princeza do Valle em uma Nenia o Illm. Sr. Br. Firmino Rodrigues da Silva.

Para feixal-a sobre ti? — Acaso
Teu anjo guardador n'um so presagio
Mostrou-te ao coração fatal destino?
Dormes? Dormes! E sonhas com teu fado?
Dormes; porém não sonhas, e, se sonhas,
O teu sonho é feliz; doce e teu somno!

Desperta, deixa o leito, é dia, é dia!
Ultimo despertar: outro te espera
Para mais não dormir. Vigilia eterna!
Deixa o leito da vida: outro te aguarda
P'ra mais o não deixar. Somno de ferro,
Qual no fundo do mar derme o lagedo,
Se dorme nesse leito. E' dia, é dia!
Mas esse dia, que tem noite em breve,
Vás deixar por feliz manhaa sem tarde!
Desperta, o sol ja luz sauda a aurora
Do dia vinte e dous, tão cato á historia!
Mas sabes que este sol triste, e sombrio
Sauda do teu tum'lo a fria lousa?
Sabes qu'este é teu dia derradeiro?
Hoje tem de se ouvir um ai de morte!
Amanhã! .. amanhã por um finado
Nessa arca funeral tinta de sangue
Tem de soar o cantico funéreo!...
Esse extincto infeliz serás tu mesmo!...

Estrondo pavoroso atroa horrivel;
Roto mugindo oar treme em cem partes,
E os trem'los edificios longe expelem
Os retalhados vidros. Chamma intensa
A' pós de horrivel explosão medonha
Do centro do edificio se levanta;
Rangendo aos ares fracturados voam
Os tectos abrasados, que de emtorno
A' mole accesa de estilhaço cobrem
A fumegante relva. Sobem ás nuvens
Entre rolos de fumo cor do inferno,
Em retalhadas crepitantes linguas,
Labareda, que horrenda as auras lambe!
Ardem d'qui d'ali pesadas traves;
Qual estala, se abate, e cahe. Rangendo
Rebentam-se as paredes retinindo
De roldão sobre o campo. Horrido tombo
Faz palpitir a terra, e horrivel manda
O echo pavoroso á serra, ao monte!

Que medonho espectac'lo lastimoso!
Eis o Inferno ali!... Que resta agora
Desse regio edificio? As sos paredes,
Chammas, ruinas... Logo a so lembrança!

E elle ? Onde está elle ?... O jove', o joven ?
 Onde está ?... Onde está ?! .. Quereis sabel-o ?
 Na eternidade jaz : — seu corpo é este....
 Ves aquella parede , que em ruínas
 As rotas moles dispersou no campo ?...
 Pois o joven ali sob o seu peso
 Deu á vida o — adeos — e o osc'lo á morte !
 Ah !... dai , dai compassivos Flaminenses
 Um suspiro de dor ao desgraçado !
 Honrai-lhe, honrai-lhe a campa c'uma lagrima;
 Dai-lhe um — ai de saudade — elle o merece !
 E a gloria ? elle ardente a demandava ,
 Longe dos caros paes , da patria long' ,
 (A provincia de Minas que o gerara !)
 Entre saudades , privações soffrendo ,
 Perigos affrontando entre as procellas ,
 Que entre as ondas revolve o noto horrivel ,
 Vai sciencia buscar , titulos p'ra gloria ,
 E gloria cobijando , e alto renome ,
 Ao patrio imperio volta. Ell-o entre amigos ,
 Entre os braços do pai , entre os parentes ,
 Já tocando da gloria o ingente portico :
 Já c'um pé nesse templo magestoso
 Desconhecida mão delle o arranca....
 Que mão fatal é esta ? Espera.... E' tarde !...
 E' do anjo da morte a mão funesta !
 Ah ! choremos sobre elle.... Desgraçado !...
 Quam moço , quam gentil , quam talentoso !
 Morre !... e morre sem gloria aquelle , aquelle ,
 Que so p'ra gloria desejara a vida !...
 Vida , que dera pelo trono , e a patria ,
 E que ingloria lhe fuge !... Oh ! não permitta
 O ceo , que tão funesto , e horrivel caso
 Seja ainda p'ra nós fatal pre-agio !...
 Brasileiros choraí.... Supra-lhe o pranto
 A illustre gloria que usurpou-lhe a morte !
 Pedro , o joven monarcha , tambem chora ,
 Qu' é do solio a piedade o esmalte eximio !
 Acompanhai na dor vosso imperante ,
 Que de um subdito chora a morte infausta.
 Honrai-lhe, honrai-lhe a campa c'uma lagrima
 Dai-lhe um ai de saudade — elle o merece.

Teixeira e Souza.

Se é certo , Marília bella
 Que em mim pensastes em sonho ;
 Eu em ti penso acordado
 Nestes versos que componho.

Pode ser que um sonho tal
 Fosse causar-te amargura :
 A sorte talvez nem queira
 Em sonhos dar-me ventura.

Mas não um anjo da terra ,
 Que tem da innocencia o gozo ,
 Um sonho máo não se atreve
 Pertubar o seu repouso.

Marília , se com teu sonho
 A sorte p'ra mim está rindo ;
 Da-me accordada , a ventura
 Que me dás quando dormindo.

H. S.

A ULTIMA DE QUATRO SOLTEIRAS (1).

A o lugar nativo afeitás ,
 Quatro flores existiam ,
 Q'aos primores excediam
 De quatro rosas perfeitas :
 Mas como fossem sujeitas
 Uma colheita a soffrer ;
 Vio-se logo apparecer
 A tres , tres mãos cubiçosas ;
 E de flores tão mimosas ,
 So resta uma a colher.

M. J. da Motta.

SONETO.

Grande festa, senhora, lá se fez
 Onde vóa no mar muito aleatraz ;
 Foi o bom pregador um frei Thomaz ,
 Sendo so os cantores pargos tres.
 Dous gallos, cada qual por sua vez ,
 Com vinte chareletes mais atraz ,
 Dera sotta, codilhq, seis e az ,
 O peixe de que gosta o rei francez.
 A' funcção não faltaram tres goriz
 Que dentro em quatro mil cascas de noz
 Lhe servirão de pages dous seriz.
 Mas tem mão , musa minha , á tua voz ,
 Que quasi me parece por um triz
 Que o soneto lá vai de foz em foz.

J. J. da Silva.

(1) Posthumo.

O MEU RETIRO.

Se Deos propicio os votos me attendesse ,
 Certo não me daria copia de ouro ,
 Nem levantar nas orgulhosas praças
 Egregios torreões , alvo da inveja :
 O tronco a que meu pai se recostava ,
 O sitio em que nasci , o pomar fresco
 Onde a primeira vez a amor sorrio-me,
 De tão longe me chamam , me convidam ,
 Que no patrio regaço va lançar-me.
 Sem enxergar o fumo da cidade ,
 Sem lhe ouvir o estampido das borrascas ,
 Meus alvos dias gozarei inteiros
 Sob a choça de palmas enramada.
 Soltar-me anção em valle solitario ,
 Não porque odio professe á tão mesquinha
 Progenie da mulher , mas á franqueza
 Entrada veda trivial perfidia ,
 E ali me acerco de familia estreme,
 Entro-a no peito , estreito-me com ella :
 E o costume de amar guia á virtude.

O movedor eterno dos destinos
 Largo espargio no orbe os bens e os males ;
 Não lhe indago a razão : melhor me fora
 Que o tempo , para quantos me são caros ,
 Se devolvesse perennal remanso ;
 Porém , se algum primeiro a campa cobre ,
 Se entra-lhe á casa a misera desdita ,
 Para ornar meu retiro , o ceo me outorgue
 O orphão que á tosca sombra de meus tectos
 Guarida encontre , e em vinculo sagrado ,
 Do pai , do amigo , a geração estenda.
 Embora então me arroje no sepulchro
 O fatal gume , não estranho a fronte
 Contento curvo , que me sobra em annos
 Quem minhas cinzas regue , e a longos brados
 Quasi do ferreo somno me desperte.

Se ao homem descompanha a molle inercia ,
 Farto banquete os genios campesinos
 Em frugiferos troncos lhe apresentam
 Esquallida mulher aduladora ,
 Fel vertendo dos beijos , a pobreza
 Se lhe aproxima á porta , mas recua
 Ao reluzir da careomida enxada.
 Enquanto aos pés dos grandes , o opulento ,
 Aos pequenos soberbo , honras mendiga ,
 Da sofrega ambição contra as lançadas
 Ergue o agreste adamantino muro ,

Seguindo a trilha da vivaz natura.
 Comparte o leito seu , limpo e fecundo ,
 Donde a Themis , a Ceres , a Mayorte
 Tem de manar alumnos prestadios.
 Por guapas companhias bocejantes
 O insomne regosijo não revoa
 Na pacifica aldeia ; mas he grato
 Observar o horizonte ao romper d'alva ,
 Escutar o gemido da floresta ,
 Beber o alento nos delgados ares ,
 E em derredor da ovelha , em leves saltos ,
 Ver o viçoso folgazão cordeiro.

Não gostas de uma esposa ? Dessas brenhas
 Na filha attenta : as faces lhe avermelha
 Frugal mesa , trabalho moderado ,
 E , mais que tudo , a candidez e o pejo.
 Boa mãe , amadora da simpleza ,
 Os filhinhos do seio pendurados
 Não lhe murchão as graças ; no semblante
 Ledos sorrisos lhe derrama o jubilo ,
 Quando póde affagar com mão mimosa
 A tão cruenta chaga do infortunio.
 Oh ! que intimo alvoroço as fibras d'alma
 La me tem de abalar , se inesperado
 Eu avistasse no arvoredado proximo
 O meu querido Ernesto , que em demanda
 Do meu retiro placito caminhe.
 Mal que eu tão doce nome balbucie
 Entalado em suspiros , a consorte
 Ha de entre os braços apertar o amigo
 Que honrou minhas desgraças com seu pranto ;
 Do hospede , então , conforme á singeleza
 Tenho de preparar festim campestre
 Que o coração profundo lhe lateje.
 Assim que a luz aponte matutina
 As filhas mandarei dessas florestas
 Nymphas louças , tecer uma capella ,
 Chamar as companheiras do contorno
 Que , com suaves cantos e tangeres ,
 Espalhem pelos ares a alegria.
 Depois que dermos volta ao deleitoso
 Breve jardim , na sobeavada gruta
 Lhe mostrarei o tumulto paterno :
 La juntos versaremos no futuro ,
 Grande , condigno assumpto q' em dous animos
 Amizade maior entranha e arreiga.

Debaixo de odorifera latada
 Altar de relvas hei de ter ja pre tes,
 Onde , enfeitado de gentis boninas.

O quadro se colloque magestoso
Da que deu na masmorra virgem leite,
Fonte de vida, ao já caduco velho,
Do filial amor exemplo nobre.
Posta no amavel hospede a corôa,
Aves pousadas nos arborios topos
Os quebros naturaes entremeando,
Farão mais consonante o cêro alpestre
Quando o cantico rompa mavioso:

« Semelha o amigo nosso á ingenua moça:
« Ama e se acolhe ao pai, com tanto anhelô,
« Como a seu ninho a ruladora pomba.
« Feliz quem pode em braços dos penates,
« Com os olhos de morte carregados,
« Adormecer. So deixa uma lembrança,
« E transita do mundo á etherea patria.
« Por quem nos procreou affecto summo
« Sentimos todas; mas prendeu-se no amago
« Do affavel peregrino uma ternura
« Que a querer nos ensina com mór brio.
« Semelha o amigo nosso á ingenua moça:
« Ama e se acolhe ao pai, com tanto anhelô,
« Como a seu ninho a ruladora pomba.»

E força entre os prazeres vir a magoa
Sentar-se. Deixarás nossa cabana,
Meu bom amigo, e em lagrimas envoltas
Arvore na collina plantaremos
Que denote o saudoso apartamento.

M. Oderico Mendes.

SONETOS.

Em versos não cadentes, ó leitores,
Vereis os males meus, vereis meus damnos:
Da primavera as galas e os verdores
Não brilharam p'ra os meus primeiros annos.

Mesmo na infancia exp'rimentei rigores
De meus fados crueis sempre inhumanos,
Que so me destinaram dissabores,
Mil males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxilio da luz, que o sol envia,
Versos dignos de vós tecer não posso:
D'sculpai minha ousada fantasia.

Com estes cantos meus, mortaes, adoço
A magoa que o meu estro so resfria
Se merito lhe dais, he todo vosso.

B. Delfina B. da C.

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro rosto seu mostrado havia,
Quando um terrivel mal, que então soffria,
Me tornou para sempre desgraçada:

De ver o ceo e o sol sendo privada (1),
Cresceo a par comigo a magoa impia;
Desde a infancia a mortal melancolia
Se vio em meu semblante debuxada.

Sensivel coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre comigo,
Me negou toda a sorte de ventura:

Nem sequer um prazer breve consigo,
So para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, o sepulchral jazigo.

D. Delfina B. da C.

SUPPLICA A MARILIA.

Consente meu caro bem
Ter parte em teu coração,
Minha alma por ti padece
Grande, violenta paixão,
Muito embora me não ames,
Nem metigues minha dor,
Eu te juro, eu protesto
O mais puro e firme amor.

H. S.

LYRA (2).

Deixa, Amor, meu peito isento
Não me queiras ferros dar;
Muito amei, mas já não posso
Penas, males supportar:
Vai no peito de Marilia
Teu ferro agudo cravar.

Me fizeste amar a Nise
Com desmedida paixão;
Offreci-lhe o que possuo,
Um amante coração:
E julgas que premio tive?...
Pagou-me com vil traição!...

(1) A autora, cega desde a idade de dous annos e versejando desde a de doze com bastante conhecimento da historia e outros ramos philologicos, é sem duvida um assombro!

(2) Inedita.

Me apontas de Anarda o rosto
De belleza revestido ;
Sua face, seu composto
A seus pés me fez cahido ;
Teu poder tua grandeza
De novo me fez rendido.

Porém que prazer encontras
Em me fazeres soffrer ?
Acaso não 'stás contente
Com meu longo padecer ;
Inda tens negra pegonha
P'ra me dares a beber ?...

Alfeno já não feriste ,
Destes montes um pastor ,
Não fizeste que na faia
Lhe jurasse eterno amor ?
E meu pranto não pagaste
Com desprezo , com rigor ?...

Floridas capellas teço
Para a Marília offertar ;
Amante naquelle freixo
Vou gostoso pendurar ;
Para que mandas teus Faunos
As florinhas machucar ?...

Na cortiça embalde busco
O seu nome e o meu traçar ;
Nossos nomes, mãos impuras
Dos Faunos vão apagar :
Acaso tu, so Marília
Me buscas arrebatat ?...

Ao écho vãamente entrego
Minhas penas minha dor ;
A' mansa fonte confesso
O fogo de ingente amor...
Mais estas queixas augmentão
Meu pezar, meu dis-abor !

Traze, ó deos, a cara amante
Ao meu não distante lar ;
Que braços, dizê-lhe, tenho
P'ra ferventes a abraçar ;
Um peito, solido throno,
P'ra qual rainha imperar.

Si Marília me negares ,
Tu deos não poderás ser ;
Pois me fazes dar mil mortes
Por continuo padecer ;
Teus ferros, louco, desprezo
Pois p'ra mim não tens poder.

L. F. Abreu

A D. ANTONIO FILIPPE CAMARÃO ,
NATURAL DE PERNAMBUCO , E SEU
RESTAURADOR EM 1634.

ODA.

Strofe 1.^a

Dulcisono instrumento ,
Que de claros heroes levaste o nome
Ao alto firmamento ,
Quando o cantor do Ismeno
O plectro audaz vibrava ;
Eleva agora ao Templo da Memoria
Novo heroe , que brilhou no ceo da gloria.

Antistrofe 1.^a

De sacro enthusiasmo arrebatado
Alem da humana esphera ,
O argivo cysne em metro não ouvido
Celebra o combatente ,
Que o bravo Corredor domou valente ;
Ou nos pithyas combates valeroso
O triumpho colheo victorioso.

Epodo 1.^a

No Pegaso correndo o vasto campo
Dos nobres feitos do Erasilio Marte ,
Vou colher sem demora
Flores em toda a parte ,
E tecer-lhe depois em Dirce bella ,
Ao brilhar do meu canto , uma capella.

Strofe 2.^a

D'entre larga espessura ,
Ouvindo a voz da patria , a quem opprime,
A tyrannia dura ,
Salve Viriata forte
Invicto Lusitano ,
E clamando vingança , e liberdade ,
Resoa a voz na etéria immensidade.

Antistrofe 2.^a

Qual da Sicilia o monte pavoroso ,
Que , chammias vomitando ,
Entre nuvens de fumo tudo abraza ;
Qual Boreas furibundo ,
Que , aberta a porta ao carcere profundo ,
Com estampido atroador soando ,
Vai as altas montanhas abalando.

Epodo 2.^a

Tal Viriato , a patria defendendo ,
O Quirino soberbo desbarata ;
E , tigre furioso ,
Fere , atassalha , e mata.
O imperio quirinal ao vel-o geme ,
Do susto cheio e Capitolio treme.

Strofe 3.^a

O Camarão potente ,
 Indio famoso, illustre Brasileiro ,
 Negro Aquillão fremente ,
 E' dest'arte , que busca
 O Batavo em Goyanna ;
 E, um dia inteiro em horrida batalha ,
 Chovendo mortes , o inimigo espalha.

Antistrofe 3.^a

Tanto valor não tem , constancia tanta
 O grande heroe troiano ,
 Quando montado no veloz ginete
 Pela Patria peleja ;
 Troveja mortes , damnos mil troveja ;
 Brilha o ferreo pavez auribordado ,
 Açoita as ancas o cocar deurado.

Epodo 3.^a

Patrocolo denodado , que atrevido
 Ante os muros troianos apparece
 Cedendo ao braço duro ,
 Sucumbe , desfallece ;
 E o bravo heroe , inda apezar dos annos ,
 Marcha na frente dos heroes troianos.

Strofe 4.^a

O Scipião famoso ,
 O Belga em Santo Amaro derrotando ,
 Cinge o louro ditoso ,
 Seu aspecto annuncia
 A fugida , ou a morte
 De um lado a outro qual pelouro voa
 Soa a victoria quando o bronze soa.

Antistrofe 4.^a

Mais velozes não foram na Sicilia
 De Pompeo os triumphos ,
 Que avassalou inumeras cidades
 Com deshumano estrago :
 Nem do heroe , q'de gloria encheo Carthago ,
 E que , sendo o terror da invicta Roma ,
 Flamiudo , Scipião , Marcello doma.

Epodo 4.^a

Não pôde estar em ocio descansado
 O heroe , a quem Mavorte inflamma o peito ,
 Na illustre Parahyba
 O Hollandez é desfeito ;
 Cunhaú , onde o Belga é triplicado
 Vê Camarão , o Belga subjugado.

Strofe 3.^a

Sobre teu alto cume ,
 Erguido Guararapé , altivo mente ,
 Qual fulgurante lume
 Por Jove dardejado ,
 Brilhar tambem o viste
 Quando todo em furor , desfeito em ira ,
 Vingança , e liberdade so respira.

Antistrofe 5.^a

Quanto é grato suster da patria cara
 A fugitiva gloria !
 Deste modo se alcança no futuro
 Cobiçoso renome ,
 Que o tempo estragador jamais consome.
 E' credora de inveja , é feliz sorte
 Pela patria acabar em doce morte.

Epodo 5.^a

Agora , musa minha , em Porto-Calvo
 Colheremos a flor mais fresca , e bella ,
 Que ha de ornar do guerreiro
 A brilhante capella :
 Escape de uma vez o heroe famoso
 Do cego tempo ao ferro sanguinoso.

Strofe 6.^a

Vibrando a longa espada ,
 Ao lado marcha do brasilio esposo
 A nobre esposa amada.
 No campo dos Troianos
 Camilla furiosa ,
 Voando sobre a grimpá da seara
 Mais triumphos á morte não prepara.

Antistrofe 6.^a

Assoberbão o Batavo nefando ,
 O quente sangue espuma ;
 Qual Belga foje , qual Brasilio fere ;
 Quem evita o Mavorte
 Na espada feminil encontra a morte ;
 Ambos assim cobertos d'alta gloria.
 Alcanção do Hollandez clara victria.

Epodo 6.^a

Brasilio Camarão , indio Movorte ,
 Recebe com prazer esta capella ,
 Que te consagra o vate ;
 Com ella adorna a frente ;
 E da fama loquaz no excelso templo
 Aos futuros heroes dá nobre exemplo.

Natividade Saldanha.

AOS COSTUMES DA BAHIA.

SATYRA.

Destes que campão no mundo
Sem ter ingenho profundo,
E entre os gabos dos amigos
Os vemos em papa-figos
Sem tempestade, nem vento;
Anjo bento!

De quem com secretas letras
Tudo o que alcança he por tretas
Bacolejando sem pejo
Por matar o seu desejo
Desde manhã até a tarde,
Deos me guarde!

Quem passeia tão farfante,
Todo presado de amante,
Por fóra luvas, botões,
Insignias, armas, galões,
Por dentro pão bolorento;
Anjo bento!

Destes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos
Sendo nas caras huns Janos
Fazem dos vícios alarde,
Deos me guarde!

Que vejamos teso andar,
Quem mal sabe engatinhar,
Muito inteiro, e presumido,
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento,
Anjo bento!

Destes avaros molinos,
Que põe á mesa pepínos,
De toda a iguaria isenta
Com seu limão e pimenta
Porque diz, que queima, e arde,
Deos me guarde!

Que pregue um douto sermão
Um alarve, um asneirão,
E que esgrima em demasia
Quem nunca lá na *Sophia*
Soube pôr um argumento;
Anjo bento!

Deste santo emascarado,
Que falla do meu peccado,

E se tem por Santo Antonio,
Mas em luta com o demonio
Se mostra sempre cobarde;
Deos me guarde!

Que atropellando a justiça
Se com virtude ostiga
Se preme o delinquente,
Castigando o innocente
Por um leve pensamento;
Anjo bento!

Grigorio de Mattos.

A O DIA 7 DE SETEMBRO.

ELOGIO (1).

Quel Dieu, quelle nouvelle aurore
Nous ouvre les portes du jour?
Un plus beau soleil vient d'éclorre
Et devolle un brillant séjour.

GRESSET.

De pomposa roupage ataviada,
Emblematica, risos derramando,
Da filha de Cabral nas ricas plagas
Assoma grata aurora, e espanca as trevas:
Qual Eihoute fogoso quer d'um salto
A estancia demandar, que Helio espera;
Qual o planisto fulgente arrastra, leva,
Insolitos fulgores diffundindo,
Ao zenith, onde Apollo estampa, divo,
Em caracter symbolico de fogo,
Pedro, Brasil, Independencia ou Morte.

Dia sem par na duração dos epos!
Eu te saúdo, dia magestoso!
Da cadeia das eras desatado
Enquanto a gloria for, serás risonho!
De lustros cinco *ultimatum* ditoso
Qu' a brasilico rei has outorgado,
De prospero porvir sê grato horoscopo,
Risonho precursor de mil venturas,
Venturas que á Toscana deu Leopoldo,
Em ti contemplão, superando o Tibre,
O Soberbo Amazona, o rico Prata!

(1) Por occasião do festejo que se fez em casa do commendador Borges de Barros, em Paris.

Brasil feliz estancia prasanteira !
 Rival de Roma em epocas de Numa !
 Banida a sonha, os bellicos feroces,
 Eiras ferteis o campo de Mavorte,
 Um Ceerops tu verás em curto espaço
 Da ordem rematar arduo projecto !
 Sem Hippias, sem Hippaques (torpes fructos
 D'hypocrita Pisistrate nefando)
 Simonides virão, Anacreontes,
 Tuas Napéas encantar, mayiosos,
 E ja nove Homeros serão lidos
 No famoso Panatheneo d'America ;
 Pasmosos Phidias, Rraphaeis eximios,
 (Alavio, esplendor das nações cultas)
 Formosear veras teus lindos lares ;
 As sciencias, estio dos reis livres
 Do despotismo infando horror, imigas,
 Volveram ao teu centro ca da Europa :
 Gallussac immortal, do Brasil filho,
 Irá sondar as regiões ethereas
 Enquanto que os Broussais, os Phomasinis,
 Do Brasil oriundos, d'elle adorno,
 Prescrutarão mysterios d'Hypocrate.
 Brasil ditoso, Pedro, augusto joven !
 Manarcha invicto, sê prestante, e justo !
 Este dia, que marca nos teus fastos,
 Nos fastos do Brasil o acto solemne
 Da tua aclamação, da independencia,
 Cunho indelevel, sobranceiro ao nada,
 Vividouro derrame sempre copias
 De jubilo, de graças, de delicias
 No grato coração dos Brasileiros !
 Da patria o bem (thermometro de Tito)
 Da biographia tua seja a marca,
 O Signal que colloque a par de Codro
 Teu nome egregio que abrilhante a historia,
 E levante perenne, forte muro
 Entre Pedro piedoso, e Nero duro.

A. P. Maciel Monteiro.

SONETO (4).

Eis ja dos mausoleos silencio horrendo
 Me impede o respirar, a voz me esfria;
 Eis chega a noite eterna, eis morre o dia
 E ao nada a natureza vai descendo.

(4) O marechal Luiz Paulino fez este bello soneto duas horas antes de morrer.

No da anniquilação passo tremendo
 Escudo-me da sã philosophia,
 Terror humilde o rosto não me enfia;
 Como Catão morreu, eu vou morrendo.

Mas ah! tu d'alma nobre qualidade
 Saudade cruel, com o soffrimento
 Me arremesso á mares d'anciedade.

Mulher, filhos, amigos n'um momento
 No momento do adeos p'ra a eternidade
 Vós sois o meu cuidado, o meu tormento.

L. Paulino.

A HENRIQUE DIAS NATURAL DE PERNAMBUCO E SEU RESTAURADOR EM 1854.

ONE.

Strofe 1.^a

Não posso, egregio Henrique, em larga copia
 As lagrimas da aurora offerecer-te;

Nem de marmor luzente

Padrões eternos contra o tempo erguer-te;
 Porém ao som do plectro que desfiro,
 Com aureo canto eternisar-te posso:

Dom de maior valia,

Que cem columnas do opulento Efiro.

Antistrophe 1.^a

Quando no olimpio circo,

Não mortal, todo nune o argivo cysne

Da atropellada boca

Novos vibrava audaciosos hymnos,

Quando a rival Corina

Raiyava de escutar-lhe a voz divina!

Quanto o mesmo ginete que a victoria

Conseguiu ao senhor, se encheo de gloria!

Epodo 1.^a

Nem so de Ilío bateu neptunios muros

O indomavel Achilles,

Quando em torno correu do argivo campo,

Largo ribeiro, o sangue de Patroclo:

Nem o velho Nestor, que honrara Pylos,

Transpoz somente á vida o curto espaço.

Strofe 2.^a

Oh! mil vezes ditoso, o que da lyra

Tirando sons, milagres de harmonia,

Que o Patareo inspira,

Rouba os heroes do tempo á foice impia

Pitoso, o que n'um frio esquecimento
Nao deixa sepultar a patria gloria!
Assim Camoes divino
Ergueo-te, ó Gama, eterno monumento.

Antistrophe 2.^a

Assim out ora Elpino,
Atropellando os evos fugitivos,
Da immensa eternidade
As biliores abriu formosas portas
Quanta d'alí rutila
Brilhante gloria em Azamor, e Arzila!
Viste de novo Adamastor, ferrenho
Sulcar teus mares, lusitano lenho.

Epodo 2.^a

Qual furor divinal de mim se apossa!
Que sacro enthusiasmo
Em grossos turbilhões me assalta a mente!
Onde me elevas, impeto divino? !
Oh passado! Oh futuro! eu vejo tudo:
Abrem-se os penetraes aos meus accentos! ! !

Strophe 3.^a

Henrique! la me assoma em densa treva
Do fero Belga a alta trincheira invicta!
Que clamor, que se eleva!...
Que terror nos cercados, que se excita!...
O bipene entello a parca afia
No fuzilo dos elmos, das espadas;
Troa o bronze inflammado,
Que em chuveiros a morte despedia.

Antistrophe 3.^a

Como debalde intentas,
Belga soberbo, te esquivar ao raio!
Como!... Já se arremessao
Altas escadas ás trincheiras altas;
Já tremula a primeira
Sobre as muralhas portuguez bandeira;
Já curvas, Hollandez, com fado escasso,
Activa frente do Brasileiro ao braço.

Epodo 3.^a

Freme na estancia o bellico Mavorte
Fulminando ruínas.
La Dias aparece... ah! quão azinha
Foge ao vel-o a batavia atrocidade,
Assim de Heitor fugia o Grego imbelle,
Que as muralhas de Troja accommettia.

Strophe 4.^a

Que confusao, ó musa, que alarido!
O ceo se encobre de nemume horrendo!
Que estrondo nunca ouvido!
Que sangue pela terra vai correndo!...
Que é isto!... Mas la soa... « O Belga forte,
« Nas Salinas fugir em vão intenta;
« Henrique os atropella,
« E a seu lado se espalha a negra morte. »

Antistrophe 4.^a

Eal do heroe de Cambray
Fugia a vista a quítrinal coorti-
Quando em Tresslia valeate
O consui atrevido derrotara.
Tal foge temeroso
Do agorriento a garra furibunda
O aereo bando de mimosas pombas.
Tanto do Heitor brasileiro assusta o braço!

Epodo 4.^a

Como la foge ao vel-o nas taboas
O Batavo medroso!
Como sem cor, sem vida, espavorido...
Te susto cheio, no Afogado foge!
Como tresua navegando es morto
Na fea barca o sordido Chevalote!

Strophe 5.^a

Guarapést abaixa o n.º bre cume;
O illustre Scipiao la vai subindo.
Que nunca visto lume
Da fulgurante espada ve a sahinda!
Reincha o nitridor atre clado,
Sangue e fogo e o eio mastigando;
La se... la comeca
Dos pelour... estrondo repetido!...

Antistrophe 5.^a

Qual do cavallo voa;
Qual sem abega corpo vai rolando;
Qual decepado braço,
Jnda trenando aperta a quente espada;
Qual sem dono ginele
Pisa e repisa galopando o campo.
La dá costas o Belga, la procura
Nas densas matas o mesquinho abrigo.

Epodo 5.^a

Musa!... porém já basta descancemos
Um pouco a lyra, d'ouro;
E entretanto conheça o mundo todo
Que entre o remoto povo brasileiro
Tambem se erio peitos mais que humanos,
Que não invejam Gregos nem Romanos.

Antistrophe Saldanha.

A MEU AMIGO J. NORBERTO DE S. S.
O SONHO.

Curvado ao peso d'impressões bem tristes
Qu'em minha alma gravou recente sonho,
Vou, meu charo Norberto, no teu peito
Parte dellas depor; — que he grande allivio
Ter-se amigo com quem se desabafe.

Profunda noite escurcia a terra,
Qual a em que Josabeth predisse á filha
Que o raio de Jehovah faria cinzas
Do templo de Baal ja vacillante.
Era a hora em que o gallo rouquejava,
Segundo antiga crença, meia noite.
Cançado do Besout e do Legendre
Porque mal vindo exame á porta bate,
As palpebras fechei, rendi-me ao somno.

Figurei-me entao na phantasia,
Estraga por circulos e rectas
Que em vasto campo de sarças coberto,
Todo estrepes e sylvas, eu me achava.
Amena veiga se estendia ao longe
E ao meio borbulhava uma corrente
Mais doce e pura que o maná e o nectar.
A custo avizinei-me, e n'uma volta
De scrutadores olhos divisei
Com raros — mas alegres — companheiros
A's margens desse rio passeando.

Correr aos braços meus a grã rã
Do unico lugar que me aprazi
Eis o meu pensamento nesse instante
Porem — qual s'ennuvia o ceo, e á vista
Rouba do nauta o desejado porto —
Do repente barreira inaccessible!
Separou-me da veiga, em que te eu vira;
E no duro terreno pouco a pouco
Os sentidos perdi, tornei ao nada.

Emtanto vinha o dia despontando;
E do leito fugindo entrestecido
A um velho dirigi-me. Encanecera
Esse ancião no gremio da sciencia;
Vinte lustros, que nella despendeu
Franquearão-lhe mil conhecimentos,
Mesmo até no segredo do futuro.
Sonhos interpretava, não fingindo
Ser do ceo inspirado, mas ligando
As idéas do sonho á natureza.
« Mancebo, respondeu-me, o pensamento

« Que de tal narração deduzir pude
« He duro para ti.... ser-te-ha funesto...
— Dize, lhe proferi, dize o que pensas;
« Animo para ouvir-te não me falta —
« Pois bem joven audaz; escuta e treme.
« É o mundo, em que estás, sarçal somente;
« E a unica ventura que offerece
« É a sabedoria; doce leiva
« Por onde manso a manso o prazer d'alma
« Não turbado um so atomo, murmura.
« Licito — nunca — ser-te-ha goza-lo;
« Não és delle credor; a vida ingloria
« Terás de supportar. Teu fado é este.....

Inda o velho dizia; mas notando
Que a pallidez da morte me alvejara,
E gelido meu corpo vacillava,
Sua voz suspendeu compadecido,
E da morte á existencia revocou-me.
Será verdade a predicção do velho?...
Uma voz me profere: « Oh! sim, verdade! »

F. Octaviano de A. R.

O AMOR PERFEITO (1).

Bardo, se o ceo te concede
Saber arcanos de amor,
Tu és vate e és amante
Comprehende os desta flor.

Mal no peito a collocaste
Pendeu logo ao coração,
Tu és a flor que symbolisa
A mais perfeita paixão!

Se Francina casta e pura
Tal offerta te d'ou,
Recorda a mão que outorgou-a,
E o dia em que t'a enviou;

E grava no pensamento,
E no intimo do peito,
Que o primeiro de seus mimos
Foi, bardo, um amor perfeito!

Conserva-o por toda a vida,
Pela mão que te offertou;
Que em teu coração revira
Pelo amor da que o enviou!

L. J. Souza Silva.

(1) Inedito.